**UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO
FACULDADE DE FILOSOFIA, LETRAS E CIÊNCIAS HUMANAS
DEPARTAMENTO DE LETRAS MODERNAS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LÍNGUA ESPANHOLA E
LITERATURAS ESPANHOLA E HISPANO-AMERICANA**

MICHELE COSTA

**Instrumentalização e (des)colonização linguística: estudo
discursivo do *Diccionario integral del español de la Argentina***

Versão corrigida

São Paulo
2014

MICHELE COSTA

**Instrumentalização e (des)colonização linguística: estudo
discursivo do *Diccionario integral del español de la Argentina***

Versão corrigida

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Língua Espanhola e Literaturas Espanhola e Hispano-Americana do Departamento de Letras Modernas da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo, para obtenção do título de Mestre em Língua Espanhola.

Área de concentração: Línguas Estrangeiras Modernas – Espanhol

Orientadora: Profa. Dra. María Teresa Celada

De acordo,

PROFA. DRA. MARÍA TERESA CELADA

São Paulo
2014

Autorizo a reprodução e divulgação total ou parcial deste trabalho, por qualquer meio convencional ou eletrônico, para fins de estudo e pesquisa, desde que citada a fonte.

Catálogo na Publicação
Serviço de Biblioteca e Documentação
Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo

C837i Costa, Michele
Instrumentalização e (des)colonização linguística:
estudo discursivo do Diccionario integral del
español de la Argentina / Michele Costa ;
orientador María Teresa Celada. - São Paulo, 2014.
226 f.

Dissertação (Mestrado) - Faculdade de Filosofia,
Letras e Ciências Humanas da Universidade de São
Paulo. Departamento de Letras Modernas. Área de
concentração: Língua Espanhola e Literaturas Espanhola
e Hispano-Americana.

1. Língua Espanhola. 2. Discurso. 3. Instrumentos
linguísticos. 4. Lexicografia Hispânica. 5.
(Des)colonização Linguística. I. Celada, María Teresa,
orient. II. Título.

FOLHA DE APROVAÇÃO

Michele Costa

Instrumentalização e (des)colonização linguística: estudo discursivo do *Diccionario integral del español de la Argentina*

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Língua Espanhola e Literaturas Espanhola e Hispano-Americana do Departamento de Letras Modernas da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo, para obtenção do título de Mestre em Língua Espanhola.

Área de concentração: Línguas Estrangeiras Modernas – Espanhol

Orientadora: Profa. Dra. María Teresa Celada

Aprovado em:

Banca examinadora

Profa. Dra. María Teresa Celada (Orientadora)

Instituição: DLM/USP

Julgamento: _____

Assinatura: _____

Prof. Dr. José Horta Nunes

Instituição: UNICAMP

Julgamento: _____

Assinatura: _____

Profa. Dra. Neide Maia González

Instituição: DLM/USP

Julgamento: _____

Assinatura: _____

Suplentes:

Profa. Dra. Cláudia Regina Castellanos Pheiffer (UNICAMP)

Profa. Dra. Heloisa Pezza Cintrão (DLM/USP)

Profa. Dra. Marisa Grigoletto (DLM/USP)

*À minha mãe, por ser quem é
e me ensinar a ser quem sou.*

Agradecimentos

Agradeço à Maite, pela confiança que depositou em meu trabalho e por compartilhar generosamente seu saber e me orientar nos caminhos da pesquisa. Sou grata por seu apoio e por sua amizade sem os quais certamente este estudo não teria sido possível.

Ao Prof. Adrián Pablo Fanjul, pelas diversas contribuições em diferentes fases desta pesquisa, especialmente na ocasião da qualificação do trabalho, e à Prof.^a Neide Maia González por sua presença e por suas valiosas intervenções no momento da defesa.

Ao Prof. José Horta Nunes, pelas ricas interlocuções que em diferentes momentos foram fundamentais para a concepção e o desenvolvimento desta pesquisa.

Ao Prof. Luis Fernando Lara, por todas as lúcidas reflexões que me permitiram começar a compreender alguns dos sentidos da Lexicografia Hispânica.

À Susana Nothstein e à Andreína Adelstein por terem me ajudado a entender a elaboração de meu objeto de estudo.

Ao querido amigo e companheiro de muitos trabalhos, Alexandre Fiori, pelo imenso apoio ao longo deste processo.

Ao Zé Maurício Rocha, pela valiosa interlocução no desenvolvimento desse projeto e por acreditar sempre em meu trabalho.

À Dani Ioná, pela amizade e por todas as inquietações compartilhadas em relação aos dicionários e seus muitos sentidos.

Às queridas amigas Bruna Macedo, Larissa Locoselli, Laura Sokolowicz, companheiras de muitos momentos.

À Rogéria Costa, pelo carinho que sempre soube compreender minhas muitas ausências.

A toda minha família e, especialmente, a minha mãe, pelo amor e dedicação incondicionais desde sempre e em todos os momentos.

Ao Edson, pela paciência e pelo companheirismo com que amorosamente vem me acolhendo.

Por fim, agradeço a todos aqueles que me apoiaram ao longo desse processo e que, de maneira mais ou menos direta, contribuíram para a realização deste trabalho.

*“una lengua no se puede partir en dos:
el español se habla integralmente,
en cada región del mundo hispánico”*
(Lara, 2011, p. 336)

Resumo

Este trabalho apresenta uma análise discursiva de alguns aspectos do *Diccionario integral del español de la Argentina* (DIEA), produção lexicográfica publicada em 2008 na Argentina e considerada o primeiro dicionário não diferencial elaborado e publicado em um país hispano-americano. Ao tomarmos o DIEA como objeto de estudo, situamo-nos, teórica e metodologicamente, na articulação entre a Análise de Discurso de linha francesa, tal como vem sendo desenvolvida no Brasil, e o campo da História das Ideias Linguísticas. Dessa forma, concebemos o dicionário ao qual nos dedicamos como um instrumento linguístico e o abordamos como um objeto discursivo elaborado em um *espaço de enunciação* que, de nossa perspectiva, é atravessado por um processo de *(des)colonização linguística*. Tendo em conta que nesse espaço a língua espanhola funciona sob um efeito de injunção à homogeneidade, partimos da hipótese de que a análise discursiva do DIEA nos permitirá detectar marcas do modo como nesse instrumento é significada a separação ou a “disjunção obrigada” à qual o real da história submete uma língua em um espaço de *(des)colonização*.

Para o desenvolvimento da análise à qual nos propomos, colocamos o DIEA em relações de sentido com uma série de outros instrumentos, em especial com o *Diccionario de la lengua española*, comumente conhecido como *Diccionario de la Real Academia española*, e o *Diccionario del español de México*. Como base para a construção de nossa reflexão, primeiramente, tratamos questões relativas à lexicografia em língua espanhola que entendemos como essenciais para considerar as *condições de produção* de nosso objeto de estudo. Abordamos, portanto, algumas obras relativas ao território político da atual Espanha; refletimos sobre a publicação de dicionários *integrals* na América Hispânica e construímos um panorama da produção de dicionários na Argentina. A partir das considerações acerca da conjuntura da lexicografia hispânica, analisamos alguns aspectos do paratexto do DIEA – a capa, a quarta capa, a apresentação e o prólogo – e um recorte de verbetes que compõem a nomenclatura da letra *P* do dicionário. Tratando-se de uma aproximação a esse objeto, este estudo apresenta uma leitura interpretativa do DIEA com base na qual detectamos diferentes posições que esse instrumento ocupa no processo de *(des)colonização linguística* e a partir das quais produz diferentes efeitos de sentido.

Palavras-chave: espanhol, instrumentos linguísticos, lexicografia hispânica, discurso, *(des)colonização linguística*.

Abstract

This master's degree study presents a discursive analysis of some aspects of the *Diccionario integral del español de la Argentina* (DIEA), lexicographical work published in 2008 in Argentina and considered the first non-differential dictionary elaborated and published in a Hispanic American country. As we take DIEA as an object of study, we situate ourselves, theoretically and methodologically, on the relationship between the Discourse Analysis with its French origin, as it has been developed in Brazil, and the field of the History of Linguistic Ideas. Thus, we understand the dictionary to which we dedicate this work as a linguistic instrument and approach it as a discursive object drawn in a *space of enunciation* that, from our point of view, is crossed by a process of linguistic (de) colonization. Taking into account that in this space the Spanish language works under the tendency to homogeneity, we assume that the discursive analysis of the DIEA will allow us to detect traces of how the separation or "compulsory disjunction" is meant in this instrument, in which the "real" of the history submits a language in a space of (de) colonization.

For the development of the analysis that we propose, we put the DIEA in sense relations with a number of other instruments, in particular the *Diccionario de la lengua española*, commonly known as *Diccionario de la Real Academia Española*, and the *Diccionario del español Mexico*. As a basis for the construction of our reflection, first, we deal with issues related to lexicography in the Spanish language that we understand as essential to consider the *production conditions* of our object of study. Therefore we address some works on the political territory of present-day Spain; reflect on the publication of comprehensive dictionaries in Hispanic America and build an overview of the production of dictionaries in Argentina. From considerations about the situation of Hispanic lexicography, we analyze some aspects of the DIEA paratext - the cover, the back cover, the presentation and the prologue - and a cutting of entries that compose the nomenclature of the letter *P* from the dictionary. Since this is an approximation to this object, this study presents an interpretive reading of DIEA under which we detect different positions occupied by this instrument in the *linguistic (de)colonization* process and from which it produces different meaning effects.

Key-words: Spanish, linguistic instruments, Hispanic lexicography, discourse, linguistic (de)colonization.

Lista de Siglas

AAL	Academia Argentina de Letras
ASALE	Asociación de Academias de la Lengua Española
DA	Diccionario de Americanismos
DEM	Diccionario del español de México
DIEA	Diccionario integral del español de la Argentina
DiHA	Diccionario del habla de los Argentinos
DPD	Diccionario Panhispánico de Dudas
DRAE	Diccionario de la Lengua Española
GDA	Gran diccionario de los argentinos
RAE	Real Academia Española

Sumário

Introdução.....	12
Pré-texto.....	29
Capítulo 1 - Condições de produção do DIEA no horizonte da Lexicografia Hispânica	36
1. Os dicionários e a formação dos Estados nacionais	38
2. A produção lexicográfica na Espanha	40
3. A produção lexicográfica na América Hispânica.....	54
3.1. A produção lexicográfica na Argentina	61
3.1.1. O <i>Diccionario integral del español de la Argentina</i>	81
3.1.1.1. O projeto editorial do DIEA	83
3.1.1.2. Desdobramentos da publicação do DIEA	87
Capítulo 2 - No paratexto do DIEA: memória, sentidos e novas projeções	
1. A capa e a quarta capa.....	93
1.1 A capa.....	93
1.1.1. O título do DIEA	94
1.1.1.1. Reformulações e processos de determinação	95
1.1.1.2. Em relações de sentido com títulos de outros dicionários do universo hispânico	101
1.1.1.3. Em relações de sentido com os diversos títulos de um projeto editorial.....	105
1.1.2. Letras, formas e cores	108
1.2. A quarta capa	115
2. <i>Presentación</i>	117

3. <i>Prólogo</i>	135
Capítulo 3 - A nomenclatura e a microestrutura do DIEA: uma amostragem.....	153
1. Primeira subsérie: vocábulos compostos ou derivados.....	158
2. Segunda subsérie: inscrições do inglês e do português	165
3. Terceira subsérie: marcas de uma colonização	178
Considerações finais.....	188
Referências bibliográficas.....	196
Anexo I: Capa do DIEA	203
Anexo II: Lombada do DIEA	204
Anexo III: Outras obras do catálogo da <i>Voz activa</i>.....	205
Anexo IV: Página da letra <i>a</i> do DIEA	209
Anexo V: Capa GDA.....	210
Anexo VI: Página da letra <i>a</i> do GDA.....	211
Anexo VII: A quarta capa do DIEA	212
Anexo VIII: <i>Presentación</i>	213
Anexo IX: <i>Prólogo</i>	222

INTRODUÇÃO

*“Al final me puso el mamotreto en el regazo y me dijo:
–Este libro no sólo lo sabe todo, sino que es el único que nunca se equivoca.
Era el diccionario de la lengua [...] – ¿Cuántas palabras habrá? – pregunté.
–Todas –dijo el abuelo.”
(Gabriel García Márquez¹)*

Neste trabalho, apresentamos uma análise discursiva de certos aspectos do *Diccionario integral del español de la Argentina* (doravante DIEA), repertório lexicográfico lançado na Argentina no ano de 2008, considerado o primeiro dicionário não contrastivo ou não diferencial elaborado e publicado em um país hispano-americano. Isso significa que, pela primeira vez, nesse espaço, interrompe-se uma prática: a de produzir dicionários que definem regionalismos ou vozes próprias ou específicas em contraste com as formas pensadas como “alheias” ou como “gerais”. A produção do DIEA se apresenta, portanto, como a realização de uma possibilidade: definir um certo recorte da língua em funcionamento tomando como referência um determinado espaço que não é colocado em relação de subordinação (materializada no contraste ou na diferencialidade) a respeito de um outro ou de outros nos quais se “fala a mesma língua”. Dito espaço é referido, em nosso objeto, como “de la Argentina” e, no recorte não contrastivo a partir dele determinado, poderão entrar tanto vocábulos “gerais” – como “padre” ou “país” – quanto aqueles que carregam um “sabor local” – como “pibe”, “paisanada” ou “pajita”.

Compreender o percurso que nos leva a essa proposta de estudo exige que façamos algumas considerações prévias acerca da relação que em geral os falantes de uma língua – seja

¹ Prólogo do *Diccionario Clave* assinado pelo escritor colombiano. ACEDO, N. A. (Coord.) *Diccionario Clave*. Madrid: Ediciones S.M., 1999.

essa materna, nacional, segunda ou estrangeira, para mobilizar algumas das possíveis designações – estabelecem com os dicionários.

Na cena descrita por Gabriel García Márquez no texto que nos serve de epígrafe, vemos funcionar o imaginário que os sujeitos da linguagem mais regularmente projetam sobre o dicionário numa determinada formação social: é a obra que “contém todas as palavras” e “nunca se equivoca”. De fato, raramente um falante médio que consulte uma palavra em um dicionário de língua questionará sua definição. Como consulentes de dicionários de português e espanhol, reconhecemos que durante muito tempo recorremos passivamente a diferentes obras sem nunca considerar a possibilidade de pôr em questão a verdade de suas definições ou as palavras que registram. A propósito desse efeito de verdade produzido pelos dicionários, o lexicógrafo mexicano Luis Fernando Lara (1996, p. 16) afirma que estes são concebidos:

[...] como catálogos verdaderos de la lengua de la comunidad lingüística, no como obras de autores particulares, sujetas a gustos, modas y biografías, sino como lengua en sí, como la lengua de la sociedad en su conjunto. Por eso *se cree en ellos, o se les cree* [grifos do autor].

O dicionário é, portanto, comumente entendido como uma “obra de referência”, cujo repertório e definições parecem não ser passíveis de objeção – projeção imaginária que notamos funcionar inclusive nos âmbitos educacional e acadêmico. A título de exemplo, observamos que, de maneira geral, as propostas didáticas para o uso do dicionário no âmbito escolar se limitam ao desenvolvimento de estratégias para incluir esse material nas aulas, ou de métodos para ensinar os alunos a utilizá-lo em suas consultas. Quanto ao âmbito acadêmico, não raramente nos deparamos com estudos científicos (teses e dissertações, por exemplo) nos quais as definições de dicionários são tomadas como referência ou como se trouxessem a “última palavra”, chegando a ser atribuídas a elas, em alguns casos, um certo valor conceitual.

O efeito de incontestabilidade produzido por obras lexicográficas reverberou também, e de modo específico, em nossa trajetória como estudantes. Como falantes de português no

Brasil, aprendemos, já no início de nossa vida escolar, a consultar dicionários de grande difusão como o Dicionário Aurélio e o Houaiss, e jamais cogitamos a possibilidade de que fossem produzidos em outro espaço que não o nacional, “muito menos em Portugal”, a ex-metrópole colonizadora. Fazemos questão de marcar aí um certo efeito de sentido que se apresentava como dado, como natural. Já na universidade, como estudantes de espanhol, em inúmeros momentos recorremos ao *Diccionario de la lengua española*, conhecido como o dicionário da *Real Academia Española* sem nunca pensarmos em questionar sua composição ou perguntarmo-nos sobre a existência de obras publicadas em países hispano-americanos. Para nós, que naquele momento nos preparávamos para ser professores de língua espanhola no Brasil, a consulta a esse dicionário, bem como a autoridade outorgada à instituição a ele tão fortemente vinculada, também funcionava sob um efeito de “naturalidade”, como funciona para muitos falantes e, inclusive, para professores e até – em alguns casos – para estudiosos dessa língua nos diversos países. Assim, a “assimetria” que aí se colocava – pensando na imagem do “espelho” (para mobilizar uma metáfora expressiva) no qual se refletem essas duas línguas por serem línguas de colonização no espaço da América Latina – não nos atingia, não sendo capazes, naquele momento, de reconhecê-la. De fato, fomos tomados, no campo da língua, para nós, estrangeira, pela “naturalização” de que um dicionário produzido na metrópole colonizadora fosse “o dicionário” com o qual resolvíamos as questões que tínhamos acerca de textos produzidos em diferentes pontos do espaço hispânico.

Dessa forma, surpreendeu-nos sobremaneira tomar conhecimento de que “só” em 2008 fora publicado na Argentina o primeiro dicionário que não se propunha a definir exclusivamente aquelas palavras projetadas como “específicas” ou “próprias do espanhol desse país”². Assim, soubemos que o DIEA era a primeira produção lexicográfica “integral” e, portanto, “não

² Tivemos conhecimento da publicação do DIEA por meio da conferência “La identidad lingüística de la Argentina: logros y deudas”, ministrada pelo Prof. José Luis Moure, da Universidade de Buenos Aires, no Memorial da América Latina, em 29 de abril de 2009.

diferencial” elaborada nesse espaço e, então, descobrimos que a obra representava também o primeiro dicionário desse tipo publicado em um país hispano-americano. Pouco depois, conhecemos o projeto lexicográfico, iniciado em 1972, por Luis Fernando Lara, iniciativa que originou diversos trabalhos acerca do espanhol mexicano, entre eles a publicação, no ano de 2010, do *Diccionario del español de México* (doravante DEM) – ademais do DIEA, único dicionário integral publicado em um país da América hispânica. Naquela ocasião, esses saberes causaram-nos um certo estranhamento que agora reconhecemos ser expressão de uma determinada falta de simetria – dando continuidade à metáfora do espelho – entre a produção lexicográfica brasileira e a hispano-americana.

A partir desse momento, a publicação do DIEA no contexto da lexicografia hispânica que começamos a conhecer nos trouxe uma série de questionamentos acerca das especificidades dessa obra, tais como entender de que maneira esta se diferencia daquelas elaboradas em outras regiões hispanofalantes e, também, quais são os elementos que revelam e delimitam o que é nela caracterizado como “español de la Argentina”, sintagma que já consta em seu título.

Esse estranhamento nos impulsionou a lançar outro olhar sobre os dicionários e, a partir de então, pudemos conhecer o trabalho de diversos estudiosos³ que vêm, com base em diferentes perspectivas teóricas, colocando em evidência – mediante variadas análises e reflexões – o funcionamento do imaginário que circula não apenas no senso comum, mas também em outras instâncias, inclusive da academia, segundo o qual o dicionário seria apenas um objeto de consulta e o detentor da verdade. Em especial, destacamos os trabalhos de Collinot & Mazière (1997), Mazière (2008) e, de maneira especial, os estudos desenvolvidos por José Horta Nunes⁴ (2006, principalmente) que, a partir de uma perspectiva centrada na Análise de

³ Podemos citar alguns deles como Collinot & Mazière (1997); Lara (1990, 1996, 2009); Lauria (2010); Nunes (2003, 2006, entre outros) e Mazière (2008). Ao longo deste trabalho, faremos breves esclarecimentos em relação ao lugar teórico a partir do qual enunciam os autores citados.

⁴ As pesquisas do autor em relação à lexicografia brasileira são fundamentais para o desenvolvimento deste estudo.

Discurso (doravante AD) de linha pecheutiana, produz um agenciamento do dispositivo teórico para analisar obras lexicográficas. Seus estudos mostram que os dicionários são discursos sujeitos aos efeitos da história e que analisá-los pode revelar aspectos relevantes de sua constituição.

Neste trabalho, ao tomarmos o DIEA como objeto de estudo, situamo-nos, teórica e metodologicamente, na articulação entre a AD de linha francesa, fundada na década de 60 pelos trabalhos de Michel Pêcheux⁵, tal como vem sendo desenvolvida no Brasil⁶, e o campo da História das Ideias Linguísticas (doravante HIL).

Nosso objeto de análise

Os princípios teóricos e metodológicos da AD possibilitam uma forma específica de abordar e compreender os objetos de linguagem, relacionando o linguístico, o histórico e o ideológico. Nesse sentido, Orlandi (2000, p. 19-20) – ao retomar formulações de Pêcheux e Fuchs (2010 [1975]) – afirma que a língua tem “sua ordem própria” mas que é só relativamente autônoma pois seu funcionamento é determinado pela história, observando ainda que “o sujeito de linguagem é descentrado” e “funciona pelo inconsciente e pela ideologia”. Justamente por buscar a relação entre essas três dimensões, a AD, desde seu início, caracteriza-se como uma ciência que articula saberes de várias áreas. Pêcheux e Fuchs⁷ afirmam que a AD se constitui na articulação de três regiões do conhecimento: o materialismo histórico, a linguística e a teoria do discurso, “atravessadas e articuladas por uma teoria da subjetividade”, esta última, como os próprios autores esclarecem, de natureza psicanalítica. Assim, Orlandi (2006, p. 13-14) chega a caracterizar a AD como uma “disciplina de entremeio” que se relaciona com a linguística, o marxismo e a psicanálise, sem se confundir com nenhuma dessas áreas. Por isso, ao trabalhar

⁵ Em especial, a publicação em 1969 de “Análise Automática do discurso” (AAD 69).

⁶ Destacamos especialmente os trabalhos de Eni P. Orlandi e dos grupos de pesquisas que de alguma forma dão prosseguimento ao trabalho por ela impulsionado no Brasil.

⁷ Ibidem, p. 160.

no ponto de convergência dos três campos do saber citados, a AD constitui um novo objeto: o discurso – entendido como “efeito de sentidos” entre locutores (PÊCHEUX⁸, ORLANDI⁹).

À luz desses pressupostos teóricos, concebemos o dicionário como objeto discursivo e buscamos compreender seu funcionamento na relação que estabelece com sua exterioridade. Conforme propõe Orlandi (2002, p. 103), “na escuta própria à análise de discurso, podemos ler os dicionários como textos produzidos em certas condições”, por isso, “seu processo de produção [está] vinculado a uma determinada rede de memória” no caso específico, observamos nós, de uma memória sobre a língua. Nesse sentido, Nunes (2006, p. 15) afirma que a leitura discursiva do dicionário nos permite observar e compreender o modo como são produzidos sentidos em determinadas conjunturas, considerando sua materialidade discursiva.

Como já antecipamos, neste trabalho, ademais dos conceitos da AD, mobilizaremos noções provenientes do campo da HIL. Segundo esclarece Orlandi (2001, p. 16), nessa área são desenvolvidas, por especialistas em estudos linguísticos, reflexões acerca da história do pensamento sobre a linguagem, mesmo antes da consolidação da Linguística moderna. Desde o fim da década de 1980, como registra a autora¹⁰, vêm se desenvolvendo no Brasil pesquisas que articulam a AD e a HIL, aliando a história da construção do saber metalinguístico à história da constituição da língua nacional dessa nação, com o objetivo de pensar e trabalhar questões relativas à língua de países colonizados. Em nosso caso específico, também é preciso observar que mobilizaremos saberes do campo da Lexicografia e, especificamente, do que se conhece como Lexicografia hispânica, tentando sempre que for possível ou necessário, criar interfaces entre esse campo e os estudos discursivos.

Assim como ocorre com o português no Brasil, o espanhol na América Latina é a língua de diversos países que compartilham uma história de colonização. Dessa forma, considerando

⁸ Ibidem [1969], p. 81.

⁹ Ibidem, p. 21.

¹⁰ Ibidem, p. 7.

o atual contexto do Cone Sul – atravessado por discursos de integração regional – no qual inclusive temos a obrigatoriedade da oferta do ensino do espanhol em escolas brasileiras¹¹, parece-nos fundamental que se elaborem, em nosso país, estudos acadêmicos que lancem um olhar questionador em direção à produção de dicionários em língua espanhola. Nesse sentido, filiamos o trabalho que aqui apresentamos a essa aliança entre a AD e a HIL, em nosso caso pensada numa ampliação específica ou, melhor, numa desterritorialização, posto que temos como foco instrumentos linguísticos de língua espanhola – língua essa que atravessa o espaço de enunciação brasileiro ora como estrangeira, ora como segunda, ora como de integração, de acordo com as diversas designações que recebe no Brasil.

No campo da HIL, Aurox (2009, p. 35 e 70) concebe gramáticas e dicionários como *instrumentos linguísticos de gramatização* que devem ser entendidos como ferramentas que prolongam a competência linguística do falante e que não supõem “uma simples descrição da linguagem natural”. Segundo o autor¹², a gramatização consiste no “processo que conduz a *descrever* e a *instrumentar* uma língua na base de duas tecnologias, que são ainda hoje os pilares de nosso saber metalinguístico: a gramática e o dicionário”. Aurox¹³ acrescenta que o processo de gramatização não termina nunca, pois, por um lado, as línguas evoluem e, por outro, é difícil definir até onde se pode levar esse processo. Tais noções serão importantes para o desenvolvimento deste trabalho uma vez que pensaremos nosso objeto de estudo como um instrumento linguístico e, portanto, como sendo parte de um determinado processo de gramatização.

¹¹ Essa oferta obrigatória foi determinada pela Lei 11.161, de 05 de agosto de 2005, muito conhecida como a “lei do espanhol”.

¹² Ibidem, p. 65.

¹³ Ibidem, p. 76.

O estudioso¹⁴ propõe, ainda, a noção de *hiperlíngua*, a partir da qual se considera que a língua não tem existência autônoma, podendo ser pensada somente em manifestações sonoras ou escritas sem se reduzir a elas:

[...] só existem, em determinadas frações de espaço-tempo, sujeitos, dotados de determinadas capacidades linguísticas ou ainda dotados de “gramáticas” (não necessariamente idênticas), envoltos por um mundo e por artefatos técnicos, entre os quais figuram (às vezes) gramáticas e dicionários. Em outros termos, o espaço-tempo, em relação à intercomunicação humana, não é vazio, ele dispõe de uma certa estrutura, conferida pelos objetos e pelos sujeitos que o ocupam. Denominaremos “hiperlíngua” a este espaço-tempo assim estruturado. Introduzir um novo objeto (por exemplo: um sujeito dotado de capacidades linguísticas desviantes, um dicionário, ou ainda o meio de comunicar a distância) muda a estrutura da hiperlíngua. Os *acontecimentos* na hiperlíngua (aquilo que chamamos “discursos”) mudam igualmente (mais ou menos) a estrutura [grifos do autor]¹⁵.

A partir dessa concepção, entende-se que os instrumentos linguísticos intervêm (produzindo efeitos) na hiperlíngua como artefatos teóricos dos quais dispõem os sujeitos. Tal consideração nos pareceu, inicialmente, profícua para pensar o caso do DIEA e as mudanças decorrentes de sua inserção na conjuntura lexicográfica hispânica. Entretanto, Diniz (2008, p. 42) afirma que os pressupostos do conceito de hiperlíngua apresentado por Auroux conflitam com noções básicas trabalhadas na AD. Segundo Diniz¹⁶, a noção de hiperlíngua desconsidera a possibilidade do equívoco, inerente a todo “processo de comunicação” e, além disso, não concebe um sujeito como subjetivado pela linguagem mas “dotado de capacidades linguísticas”. Ainda de acordo com esse estudioso¹⁷, essa noção não leva em conta os processos históricos e as antecipações imaginárias que funcionam nos processos discursivos. Assim, o autor¹⁸ considera o conceito de hiperlíngua inapropriado para seu estudo e opta por trabalhar a noção de *espaço de enunciação* proposta por Guimarães no quadro da Semântica do

¹⁴ Idem, 2010, p. 243.

¹⁵ Ibidem.

¹⁶ Ibidem.

¹⁷ Ibidem.

¹⁸ Ibidem, p. 44.

Acontecimento, noção que adotamos neste trabalho pelo fato de ela se apresentar como extremamente produtiva para nossa reflexão.

Guimarães (2005, p. 18) concebe os falantes não como indivíduos empíricos, mas como uma categoria linguística e enunciativa, como sujeitos de linguagem que habitam um espaço que denomina *espaço de enunciação*. Segundo o autor:

[...] os espaços de enunciação são espaços de funcionamento de línguas, que se dividem, redividem, se misturam, desfazem, transformam por uma disputa incessante. São espaços “habitados” por falantes, ou seja, por sujeitos divididos por seus direitos ao dizer e aos modos de dizer¹⁹.

Assim esses sujeitos estão constituídos pela(s) língua(s) e pelas relações que elas travam entre si. Guimarães²⁰ acrescenta, ainda, que o espaço de enunciação é um espaço *político*. De seu ponto de vista²¹, o político se caracteriza “pela contradição de uma normatividade que estabelece (desigualmente) uma divisão do real e a afirmação de pertencimento dos que não estão incluídos” e ainda acrescenta que o político é “um conflito entre uma divisão normativa e desigual do real e uma redivisão pela qual os desiguais afirmam seu pertencimento”. Neste estudo, conforme nossa filiação teórica à AD, optaremos por trabalhar, como Diniz, com essa noção, tal como foi proposta por Guimarães, para pensar o DIEA no espaço de enunciação atravessado pela língua espanhola em funcionamento e pela produção de instrumentos linguísticos a ela relativos.

Nesse sentido, começamos por observar que, para nós, se trata de um espaço marcado ou atravessado por uma memória de colonização. De acordo com as proposições de Mariani (2003, p. 74), a colonização é um acontecimento discursivo que não existe sem as línguas e, portanto, está fortemente vinculado à *colonização linguística*. Segundo a autora, no processo colonizador, circulam imagens sobre as línguas

¹⁹ Ibidem.

²⁰ Ibidem.

²¹ Ibidem, p. 16.

[...] de povos culturalmente distintos que se defrontam em condições de produção tais que uma dessas línguas, chamada de língua colonizadora, visa impor-se sobre a(s) outra(s) colonizada(s). Isso rege, no devir do processo de colonização, a forma como vai sendo construída uma relação muito singular: o lugar de onde o colonizado fala se constitui no entremeio da heterogeneidade linguística inerente à colonização²².

E – acrescentaríamos – esse lugar se constitui, também, numa relação de desigualdade, que é da ordem do político (GUIMARÃES, 2005), a respeito da língua do colonizador. Entendemos, portanto, que o processo de colonização determina o lugar a partir do qual os sujeitos colonizados significam (e se significam), lugar que a autora define, lançando mão de uma proposição teórica de Orlandi (2002), como estando no entremeio da “heterogeneidade linguística”. Orlandi²³, deslocando o conceito de *heterogeneidade enunciativa* de Authier (1987), propõe pensar em *heterogeneidade linguística* “toda vez que, no campo dos países colonizados, temos línguas como o português, ou o espanhol, na América Latina, que funcionam em uma identidade que chamaria dupla”. De acordo com a estudiosa²⁴, as línguas dos países colonizados, ainda que possam muitas vezes ser consideradas “as mesmas”, “se marcam por se historicizarem de maneiras totalmente distintas em suas relações com a história de formação dos países”. Assim, pensando o caso do português brasileiro, Orlandi afirma que se pode falar em *heterogeneidade linguística* porque:

[...] joga em “nossa” língua um fundo falso, em que o “mesmo” abriga no entanto um “outro”, um “diferente” histórico que o constitui ainda que na aparência do “mesmo”: o português-brasileiro e o português-português se recobrem como se fossem a mesma língua, no entanto não são. Produzem discursos distintos. Significam diferentemente. Discursivamente é possível vislumbrar esse jogo de prestidigitação pelo qual no mesmo lugar há uma presença dupla, de pelo menos dois discursos distintos, efeitos de uma clivagem de duas histórias na relação com a língua portuguesa: a de Portugal e a do Brasil. Nós, brasileiros, ao falarmos o português estamos sempre nesse ponto de disjunção obrigada. A nossa língua significa em uma filiação de memória heterogênea. Essas línguas se filiam a interdiscursividades distintas como se fossem uma só. Esse efeito de homogeneidade é o efeito da história da colonização²⁵.

²² Ibidem.

²³ Ibidem, p. 23.

²⁴ Ibidem.

²⁵ Ibidem.

Partindo das proposições de Orlandi²⁶, mas abordando o caso específico do espanhol, Celada (2002, p. 161) afirma que:

Essa língua espanhola, cuja “homogeneidade” é efeito do processo de colonização, está clivada, em vários sentidos, por processos históricos que trabalham sua heterogeneidade, que talham nessa língua diversos “pontos de disjunção” [...]

De fato, no caso das línguas de colonização – seja do português ou do espanhol – a própria historicização (isto é, os diferentes processos históricos que as afetam e atravessam) contribui, segundo Orlandi (2009, p. 72), para o processo de *descolonização linguística*:

Esse fato da historicização da língua concorre para o que trataremos aqui como **processo de descolonização linguística** que pode ser definido como esse imaginário no qual se dá também um acontecimento linguístico desta vez sustentado no fato de que a língua faz sentido em relação a sujeitos não mais submetidos a um poder que impõe uma língua sobre sujeitos de uma outra sociedade, de um outro Estado, de uma outra Nação [grifos do autora].

De acordo com a estudiosa²⁷, em um processo de *descolonização linguística*, o lugar de memória a partir do qual se significa passa a ser o espaço outrora colonizado. Cabe ressaltar, ainda, que Orlandi²⁸ destaca que a *endogramatização*²⁹ pode explicitar a historicização e ser um instrumento no processo de *descolonização linguística*.

Com base no dispositivo teórico exposto anteriormente, e especialmente ancorados nas contribuições de Mariani (2003) e Orlandi (2002), compreendemos o DIEA como um instrumento linguístico de *endogramatização* da língua espanhola da Argentina, elaborado em um espaço de enunciação que entendemos estar marcado por um processo de *(des)colonização linguística*.

²⁶ Ibidem.

²⁷ Ibidem.

²⁸ Ibidem p. 173.

²⁹ Segundo Auroux (2009, p. 76), deve-se pensar a *endogramatização* e *exogramatização* de acordo com a situação dos sujeitos que realizam o processo de *gramatização*, segundo sejam ou não eles locutores nativos da língua.

Para explicitar o que pretendemos expressar mediante a mobilização desse termo, é importante esclarecer que entendemos tanto a *colonização* quanto a *descolonização linguística* como movimentos que não têm necessariamente correspondência direta com os respectivos processos de conquista e de independência política dos países hispano-americanos, ainda que estejam a eles fortemente vinculados. Nesse sentido, poderíamos dizer que a colonização política da América Hispânica é um gesto, dentre tantos outros (alguns deles menos “identificáveis”) no movimento que vai na direção de uma *colonização linguística*, como também o é a fundação da *Real Academia Española*, em 1713, e a criação da *Asociación de Academias de la Lengua Española*, em 1951. De forma análoga, a independência dos países hispano-americanos é fundamental (porém não suficiente, pois nos levaria a uma leitura que não contempla a contradição histórica que atravessa esses processos³⁰) para pensar o movimento de *descolonização linguística*, assim como o são as publicações de instrumentos linguísticos que permitam que os sujeitos falantes desse espaço ocupem um lugar de saber sobre suas línguas³¹. Dessa forma, cabe perguntar-nos sobre os efeitos de sentido produzidos pelas publicações do DIEA e do DEM e o lugar ocupado por essas obras nesse processo. Assim, entendemos que esses movimentos (aos que aludimos mediante a menção de apenas alguns fatos) não são nem unívocos nem fazem parte de uma história linear que traça uma teleologia; na verdade, eles se entrelaçam fazendo parte de um processo complexo. Por isso, neste trabalho, para fazer referência a essa relação intrínseca, falaremos em *(des)colonização linguística*.

³⁰ Para o conceito de contradição e seu caráter histórico, cf. Pêcheux (1990).

³¹ Ademais da publicação de instrumentos linguísticos de *endogramatização*, consideramos que a produção de certificações de espanhol como língua estrangeira são um importante movimento no processo de *descolonização linguística*, posto que representam um lugar altamente simbólico de saber sobre a língua. Nesse sentido, convém ressaltar que além do *Diploma de español como Lengua Extranjera (DELE)*, outorgado pelo Instituto Cervantes e pelo *Ministerio de Educación, Cultura y Deporte* da Espanha, o único país que certifica o conhecimento de espanhol como língua estrangeira é a Argentina, mediante o *Certificado de español lengua y uso (CELU)*, elaborado pelo “Consortio Interuniversitario de Español como Lengua Segunda y Extranjera” (ELSE).

Por considerarmos que o DIEA é um instrumento inscrito nesse processo e que, portanto, trabalha uma língua submetida ao efeito de homogeneidade do qual falamos, partimos da hipótese que seu estudo – levando em conta desde seus paratextos até o universo de palavras que recorta e os enunciados que as definem – nos permitirá detectar aspectos relacionados ao modo como esse instrumento significa a separação específica, a “disjunção obrigada” à qual o real da história submete uma língua em um espaço de (des)colonização: em nosso caso esse dicionário legitima a memória do dizer da língua espanhola no espaço que em seu título fica delimitado como “español de la Argentina”. Acreditamos também que esse estudo nos permitirá determinar o lugar que o DIEA ocupa na produção lexicográfica hispânica e, especificamente, argentina; isto é, detectar a quais redes de memória se filia e se sua enunciação é capaz de agitar determinadas rotinas ou interromper séries de sentidos estabilizadas. Cabe dizer ainda que, ao abordamos a análise desse instrumento nuclear, submeteremos nossa hipótese de trabalho a uma determinada especificação mediante a seguinte pergunta: como opera nesse objeto que consideramos discursivo a determinação *de la Argentina*, que aparece já no título de nosso dicionário fortemente enlaçada a uma outra especificação, a operada pelo significante “integral”?

Começar a compreender esse objeto – posto que este trabalho só pode ser entendido como uma possível leitura e, no caso específico do lemiário, como a interpretação de uma amostra – nos demandará conhecer suas condições de produção – desde as mais mediatas até as imediatas – e esse será nosso movimento inicial para, depois, passarmos a interpretar aspectos de seu paratexto e, finalmente, analisarmos como funcionam alguns de seus verbetes. Essa série de gestos de nosso estudo será realizada na relação (e na tensão) que o DIEA estabelece com outras obras lexicográficas: especificamente, o *Diccionario de la Lengua Española* (doravante DRAE), o *Diccionario del español de México* (doravante DEM) e, oportunamente, em determinados movimentos de análise, o *Diccionario del habla de los*

argentinos, o *Diccionario Panhispánico de Dudas* e, finalmente, o *Diccionario del español usual en México*. Por fim, é importante esclarecer que essa série central de instrumentos linguísticos³² – cujo núcleo é o DIEA – também será colocada em relação com textos provenientes de diferentes campos teóricos³³ e, em determinados momentos, com textos que fazem parte do projeto editorial no qual nosso dicionário se inscreve. Dentre eles, mobilizaremos algumas produções lexicográficas que derivam de nosso objeto de estudo (como veremos oportunamente) e um documento elaborado pela equipe responsável pelo projeto lexicográfico, *Guía de estilo del Diccionario de lengua del Español de Argentina*, ao qual tivemos acesso por meio de uma entrevista, realizada em Buenos Aires, a Andreína Adelstein, professora da *Universidad Nacional de General Sarmiento*, pesquisadora de CONICET³⁴ e uma das pessoas responsáveis pela assessoria teórica, pelo desenho de corpus, pela redação de planta e pelo lemiário do DIEA³⁵. Deste modo, fica configurado nosso corpus que, tendo como objeto nuclear o DIEA, articula uma determinada série de instrumentos que consideramos expressivos pelos diferentes modos como se inscrevem no processo de (des)colonização do qual falamos.

Neste ponto, para concluir o presente item, reafirmamos a inscrição desta dissertação na aliança travada, de modo tão produtivo, entre a AD e a HIL no Brasil no que se refere ao português desse espaço. Parece-nos que nosso estranhamento inicial, produzido a partir de

³² Cabe esclarecer que, quanto à conformação do corpus, Nunes (2003, p. 22) – cujo trabalho consideramos base do nosso – indica três possibilidades de recorte: (i) análise de um dicionário ou de uma série de dicionários, (ii) análise de um domínio ou (iii) análise de palavra ou tema. De acordo com o autor, no caso da constituição de séries de dicionários, estas poderão ser *sincrônicas*, análise de diferentes dicionários em circulação em uma mesma conjuntura, comparando suas definições; *históricas*, análise de um conjunto de dicionários tomados historicamente; ou *heterogêneas*, análise de diferentes tipos de dicionários. Quanto ao recorte dos verbetes a serem analisados, o estudioso (ibidem) ressalta que se pode trabalhar com a análise de uma letra ou a amostragem de uma letra ou efetuar um recorte de um domínio específico. No entanto, Nunes (ibidem) esclarece que com a análise de um determinado domínio, não se objetiva conhecer ou caracterizar dicionários específicos, mas sim saber como são constituídas as definições de um determinado campo, bem como a análise por palavra ou tema, posto que não se produz um conhecimento geral sobre o dicionário. Considerando as proposições desse autor (ibidem), neste estudo, como já esclarecemos, optamos por trabalhar com um dicionário, colocando-o em relações de sentido com outros, e dele recortamos uma mostra de verbetes, como veremos imediatamente, dado que o escopo deste trabalho é conhecer o DIEA e não um conjunto específico de suas definições.

³³ Como já antecipamos, referimo-nos, fundamentalmente, ao campo da AD, da HIL e da Lexicografia.

³⁴ Consejo Nacional de Investigaciones Científicas y Técnicas.

³⁵ Cabe esclarecer que a entrevista, realizada em 12 de julho de 2012, não foi documentada.

nosso lugar de sujeitos da linguagem afetados, justamente, por uma língua de colonização, o português brasileiro, trará luz e potencializará a possibilidade de conhecermos um dicionário que instrumenta a língua espanhola de um país do Cone Sul, produzido num contexto outro de (des)colonização linguística. Apostamos, assim, na produtividade da reflexão que promete o olhar no espelho, metáfora à qual nos levou nosso estranhamento inicial e no qual vimos investindo ao longo desta Introdução.

Estrutura da dissertação

Considerando os pressupostos teóricos que conformam o olhar que lançamos sobre nosso objeto de estudo, o DIEA, e que determinam a maneira como o concebemos, dividimos esta dissertação em três capítulos. Neste ponto, gostaríamos de ressaltar que essa divisão não representa uma cisão entre partes, posto que em cada uma delas, e num movimento gradativo, são tratados aspectos que consideramos fundamentais para avançar na compreensão do instrumento linguístico do qual nos ocupamos. Esses três capítulos que apenas escandem um *continuum*, serão precedidos por uma seção que denominamos Pré-texto, cujo propósito é apresentar alguns dos conceitos da AD que já serão mobilizados numa primeira aproximação à análise e que, de certa forma, atravessam toda a reflexão desenvolvida ao longo deste estudo.

No primeiro capítulo, tratamos alguns aspectos relativos à Lexicografia Hispânica que entendemos como essenciais para considerar as *condições de produção* do DIEA em um movimento que vai do mais mediato ao imediato. Nele, primeiramente, apresentamos alguns aspectos vinculados ao surgimento dos dicionários monolíngues e a sua relação com a formação dos Estados nacionais. Num segundo momento, com base nessa reflexão, passamos a realizar um histórico específico – fortemente relacionado a nosso objeto de estudo – da produção lexicográfica em língua espanhola no âmbito hispânico, onde delimitaremos três espaços: o que fazemos coincidir com o território político da atual Espanha, o que recortamos como a América Hispânica e, por fim, aquele que se conformaria quando pensado como Argentina. Esse trabalho

nos permitirá, por um lado, compreender o lugar ocupado pelas publicações da *Real Academia Española* no que concerne à produção de instrumentos linguísticos e, por outro, conhecer a tradição lexicográfica argentina e poder, desta maneira, situar nela o DIEA. Assim, ao tratarmos de aspectos relativos à produção lexicográfica em cada um desses espaços, nosso gesto será ir do mais geral ao mais específico num movimento que deságua em cada um dos três instrumentos linguísticos que articula nosso corpus central. Cabe observar que o desenvolvimento deste capítulo será fundamental para justificar sua delimitação e a articulação que propomos.

A partir dos saberes mobilizados nesse capítulo inicial, os dois seguintes estão atravessados pela inflexão, exposta no item anterior, à qual submetemos nossa hipótese central: como opera nesse objeto que consideramos discursivo a determinação *de la Argentina*, que aparece já no título de nosso dicionário, em clara relação com a especificação que introduz o significante “integral”? Nesse sentido, o segundo capítulo dedica-se à análise de alguns aspectos do paratexto do DIEA, especificamente: a capa, a quarta capa, a apresentação e o prólogo, com o objetivo de interpretar alguns sentidos produzidos pelo dicionário. Assim, abordaremos o modo como nessas textualidades é projetada a imagem do dicionário, da língua e do leitor. Essa análise nos permitirá ir detectando, na textualidade desses domínios, determinadas posições simbólicas.

Já no terceiro capítulo apresentamos – seguindo critérios propostos por Nunes (2003, 2006) – a análise de uma mostra da nomenclatura do DIEA que nos permitirá detectar marcas de como é tratada a heterogeneidade linguística no dicionário. Para delimitar o recorte que analisamos foram necessários alguns movimentos. Primeiramente, isolamos as cem primeiras entradas que compõem a letra P do DIEA; esse conjunto foi colocado em relação com o DRAE e o DEM e dele foram isoladas as entradas que só constavam no dicionário que é nosso objeto central de estudo, o DIEA. Assim, chegamos a um recorte de dezesseis vocábulos que

impulsionaram uma série de outros movimentos, ao nos permitir estabelecer um conjunto de relações e avançar na interpretação dessa produção lexicográfica, fundamentalmente a partir da pergunta – já explicitada – que nos fazemos sobre o sintagma que destacamos em seu título *Diccionario integral del Español de la Argentina*.

A modo de conclusão, esta dissertação se encerra com as Considerações Finais, parte na qual retomaremos as reflexões desenvolvidas neste ponto de partida e aquelas formuladas em cada capítulo. Por fim, apresentaremos as Referências Bibliográficas mobilizadas neste estudo e, na seção de Anexos, incluiremos alguns recortes essenciais para nossas análises, especificamente as que serão desenvolvidas no terceiro capítulo, razão pela qual, oportunamente, falaremos da organização dessa seção.

PRÉ-TEXTO

Tal como acabamos de antecipar na Introdução, esta seção pre/cede ou ante/cede a série de capítulos que conformam nossa dissertação. Nela, daremos continuidade – já que alguns foram sendo tratados ao longo da Introdução – à apresentação de conceitos teóricos fundamentais da AD que nos permitem abordar um dicionário como um objeto discursivo. Tal movimento, justamente, também nos servirá de *pretexto* para realizar uma primeira aproximação ao funcionamento de um verbete nos três instrumentos que compõem a série central de nosso corpus: o DIEA, o DEM e o DRAE. Assim, a mobilização de noções da teoria ficará fortemente enlaçada a um, também, primeiro gesto de análise³⁶.

A abordagem discursiva do dicionário mobiliza princípios e conceitos fundamentais da AD e permite que algumas noções próprias dos estudos de Lexicografia sejam abordadas discursivamente. Para pensar a mobilização do aparato teórico da AD, interessa-nos retomar a diferenciação proposta por Orlandi (2000, p. 27) entre *dispositivo teórico* e *dispositivo analítico* de interpretação. Segundo a autora³⁷, o primeiro é geral, refere-se ao método e ao alcance teórico da AD; o segundo, particular, relaciona-se aos conceitos mobilizados pelo analista em vista da questão que põe em movimento seu gesto de análise e dos objetivos que com ela se colocam.

Para a mobilização de nosso dispositivo analítico, optamos por selecionar um vocábulo muito vinculado a um termo crucial em nosso trabalho. Como ficou claro na Introdução, pensamos o espaço no qual o DIEA é produzido como atravessado por um processo de

³⁶ Tal como foi antecipado na introdução deste item, deixamos aberta a possibilidade de que ao longo das análises outras noções teóricas sejam mobilizadas.

³⁷ Ibidem.

(des)colonização linguística. Nesse sentido, parece-nos significativo e produtivo buscar a entrada *colonizar* no DIEA e colocar sua definição em relação com os respectivos verbetes do DEM e do DRAE, dicionários que, como já dissemos, fazem parte das *condições de produção* de nosso objeto nuclear.

Antes de observar os verbetes aos quais no referimos, parece-nos oportuno explicitar a maneira como compreendemos a noção de *condições de produção*. Segundo propõe Orlandi (2000, p. 30), as *condições de produção* podem ser consideradas em sentido estrito, relacionando-se às circunstâncias da enunciação, ou em sentido amplo, referindo-se ao contexto sócio-histórico ideológico. Nunes (2003, p. 12) considera profícua essa diferenciação para pensar o caso do discurso dicionarístico. Segundo o autor³⁸, em sentido estrito, “temos as circunstâncias enunciativas relacionadas ao discurso lexicográfico: quem fala, o quê, para quem, em que situação?”, e em sentido amplo “a consideração das condições de produção conduz a mostrar a relação de um ou outro dicionário com a conjuntura sócio-histórica em que ele aparece”.

Pêcheux (2010 [1969], p. 78) já afirmava que o funcionamento dos fenômenos linguísticos superiores à frase não é integralmente linguístico e só pode ser definido em relação às *condições de produção* do discurso entendidas como “mecanismos de *colocação* dos protagonistas e do objeto do discurso”. Assim, compõem as condições de produção os lugares ocupados por sujeitos em uma determinada formação social, lugares esses que se encontram *representados* nos processos discursivos. Por isso, na análise de uma superfície discursiva o que podemos detectar tem a ver com marcas que deixa um sujeito – aí presente mas transformado, como diz Pêcheux³⁹ - e que nos permitem designar posições simbólicas ou posições sujeito.

Compreender o conceito de condições de produção implica, como vimos, entender que

³⁸ Ibidem.

³⁹ Ibidem.

nos processos discursivos há relações de sentido, relações de força e antecipações imaginárias que determinam as posições em jogo. Os trabalhos de Collinot & Mazière (1987, p. 55) e Nunes (2003, 2006) indicam que, ao estudar as *condições de produção* do discurso lexicográfico, é fundamental considerar a posição do lexicógrafo, entendido não como um sujeito psicológico, mas como uma posição sujeito historicamente determinada.

Passemos a observar, então, as *sequências discursivas*⁴⁰ correspondentes aos verbetes registrados pelo DIEA, DEM e DRAE para o vocábulo *colonizar*.

DIEA	DEM	DRAE
Sd1: colonizar 1. <i>tr.</i> Referido a un Estado, ocupar un territorio extranjero para dominarlo y explotarlo económica y políticamente: <i>Estos países luego irían colonizar los territorios africanos.</i> 2. <i>tr.</i> Referido a un conjunto de personas, establecerse en un territorio diferente del de origen para poblarlo y trabajar en él: <i>Junto con un grupo de galeses exploraron y colonizaron los valles andinos.</i> 3. <i>tr.</i> Referido a un organismo, establecerse y dominar un nuevo territorio: <i>La bacteria coloniza el tubo digestivo y libera la toxina.</i>	Sd2: colonizar v tr (Se conjuga como <i>amar</i>) 1 Establecer un país su dominio económico, político, militar o cultural sobre otro 2 Establecerse un grupo de personas en un lugar distinto al de su procedencia con el fin de explotar sus recursos.	Sd3: colonizar 1. <i>tr.</i> Formar o establecer colonia en un país. 2. <i>tr.</i> Fijar en un terreno la morada de sus cultivadores.

Já de início, nota-se que o verbete do DIEA (Sd1) é o mais extenso dos três, sendo o único a elencar três acepções. Uma rápida observação das definições registradas pelos dicionários em questão permite identificar variações significativas entre as formulações apresentadas em cada caso.

Ao observarmos os verbetes registrados pelos diferentes dicionários, notamos que há determinados sentidos explicitados nas definições do DIEA (Sd1) e do DEM (Sd2) que não são

⁴⁰ Com base em Courtine (2009, p. 55), mobilizamos a noção de *sequência discursiva* para designar os diversos fragmentos que vamos recortando em nosso *corpus*.

enunciados no DRAE (Sd3). Com base na AD sabemos que os silêncios são significativos. Orlandi (2007, p. 53) propõe duas caracterizações das formas do silêncio: o silêncio fundante, que indica que “todo processo de significação traz uma relação necessária ao silêncio”, e a política do silêncio, que demonstra que, ao se dizer um sentido, a partir de uma determinada posição sujeito, não se diz outros sentidos. A autora acrescenta⁴¹

Há, pois, uma declinação política da significação que resulta no silenciamento como forma não de calar mas de fazer dizer “uma” coisa, para não deixar dizer “outras”. Ou seja, o silêncio recorta o dizer. Essa é sua dimensão política.

Entendemos, portanto, haver no verbete apresentado pelo DRAE (Sd3) um silenciamento no que se refere a certos sentidos relacionados à colonização que são explicitados no DIEA (Sd1) e no DEM (Sd2). Nas definições registradas pelo DIEA (Sd1), é possível identificar uma posição sujeito (referida ao lugar do lexicógrafo) a partir da qual *colonizar*, quando referido a um Estado, vincula-se a sentidos como “dominação” e “exploração econômica e política”. É semelhante à posição que podemos detectar nas definições apresentadas pelo DEM (Sd2), nas quais *colonizar* se relaciona ao domínio econômico, político, militar ou cultural, bem como à exploração de recursos de um país por outro. Entretanto, no DRAE (Sd3), os sentidos selecionados na definição são outros, e o verbo *colonizar* é definido como formação e estabelecimento de uma *colônia* em um país, apresentado como um processo naturalizado. O mesmo dicionário registra como primeira acepção para a entrada *colônia* a seguinte definição: *conjunto de personas procedentes de un territorio que van a otro para establecerse en él*. Podemos detectar, portanto, duas posições sujeito distintas: uma a partir da qual se empreende a colonização, e para a qual *colonizar* significa ir e se estabelecer em um determinado país; e outra que sofre o efeito da colonização, e a partir da qual o processo é entendido como domínio e exploração em diversos níveis.

As variações detectadas na formulação dos enunciados definidores do vocábulo

⁴¹ Ibidem.

colonizar nos dão elementos para pensar a constituição desses discursos. O estudo discursivo da definição lexicográfica busca compreender as relações entre a *formulação* do enunciado definidor e sua *constituição*. De acordo com nossa perspectiva teórica, os discursos são constituídos pelo *interdiscurso*, que está ligado àquilo que já foi dito antes, em outro lugar, e que sustenta a possibilidade do dizer, influenciando, assim, sobre o que se diz na atualidade, o *intradiscurso* (ORLANDI, 2000, NUNES, 2003). Nesse sentido, Orlandi (2000, p. 33) afirma que os sentidos se constroem no jogo entre a *constituição* e a *formulação*.

O conceito de *interdiscurso* foi definido por Pêcheux (2009, p. 149) como o “‘todo complexo com dominante’ das formações discursivas”. Para o autor, entende-se por *formação discursiva* aquilo que, em uma dada formação ideológica, determina “o que pode e deve ser dito”⁴². Orlandi (2000, p. 43) indica que as formações discursivas podem também ser entendidas como regionalizações do interdiscurso e permitem compreender o processo de produção dos sentidos.

A respeito da análise discursiva de dicionários, Nunes (2003, p.14) afirma que os sentidos da definição podem ser detectados quando o enunciado definidor é colocado em relação com outros enunciados em determinadas *formações discursivas*. À luz do conceito de formação discursiva (doravante FD) e das contribuições teóricas de Nunes, podemos notar, ao observarmos os enunciados definidores do DIEA em relação com os do DRAE e do DEM, que os sentidos detectados parecem corresponder a saberes não coincidentes. Em outras palavras, o que é dito a partir da posição sujeito ocupada em um dicionário, parece não ser possível (porque não pode ou não deve ser dito) nos outros.

Quanto à posição ocupada pelo sujeito do discurso, Pêcheux (2009, p. 198), estabelecendo um forte diálogo com a teoria althusseriana de ideologia, afirma que “os indivíduos são ‘interpelados’ em sujeitos falantes (em sujeitos de *seu* discurso) por formações

⁴² Ibidem, p. 147.

discursivas que representam 'na linguagem' as formações ideológicas que lhes são correspondentes”, e acrescenta que “a interpelação do indivíduo em sujeito de seu discurso se realiza pela identificação (do sujeito) com a FD que o domina”. O autor propõe⁴³ um desdobramento da *forma-sujeito* em “sujeito da enunciação e sujeito universal” que podem assumir diferentes modalidades. Em sua reflexão, Pêcheux⁴⁴ explicita três dessas modalidades: (i) a primeira é a da superposição, na qual ocorre um recobrimento entre o sujeito da enunciação e o sujeito universal (nesta modalidade o interdiscurso determina a FD com a qual o sujeito se identifica, sofrendo, assim, “cegamente essa determinação”); (ii) a segunda modalidade se caracteriza por uma “tomada de posição” do sujeito da enunciação que se coloca contra o sujeito universal, provocando uma separação (nesta modalidade o sujeito se contra-identifica com a FD imposta pelo interdiscurso); (iii) a terceira, é subjetiva e discursiva e se caracteriza “pelo fato de que ela integra o *efeito das ciências e da prática política do proletariado sobre a forma-sujeito*, efeito que toma a forma de uma *desidentificação*, isto é, de uma *tomada de posição não-subjetiva*”.

A respeito da noção de sujeito da AD, Indursky (2008) propõe considerar duas formas de desidentificação: (i) na primeira, o sujeito do discurso se desidentifica de uma forma-sujeito e se identifica com outra forma-sujeito já existente (temos a passagem de uma FD a outra); (ii) na segunda, o sujeito do discurso rompe com os saberes de uma determinada forma-sujeito com a qual se identificava para identificar-se com outra ainda em processo de constituição (temos o surgimento de uma nova FD). Neste segundo caso, estamos diante de um *acontecimento discursivo*. A autora⁴⁵ afirma que, no entanto, nem todo deslizamento de sentidos provocará mudanças dessa ordem, reconhecendo casos nos quais há uma *contra-identificação* em relação aos saberes de uma determinada FD que permite a instauração de uma nova posição sujeito no

⁴³ Ibidem, p. 199.

⁴⁴ Ibidem, p. 199-202.

⁴⁵ Ibidem.

interior de uma mesma FD, processo denominado pela autora como *acontecimento enunciativo*.

A partir das observações que fizemos a respeito das definições do vocábulo *colonizar*, podemos afirmar que a noção de *forma-sujeito*, bem como a de *formação discursiva*, será fundamental para as análises que desenvolveremos neste estudo. As diferenças e semelhanças detectadas mostram que a mobilização do dispositivo teórico da AD na análise de dicionários permite observar que os sentidos das definições lexicográficas, ao contrário do imaginário que funciona no senso-comum, não são únicos nem estáveis, e que os dicionário não são simples objetos de consulta nem detentores da verdade. De fato, de acordo com a perspectiva da AD, sabemos que os sentidos dependem das posições ocupadas pelos sujeitos em determinadas formações discursivas; e, segundo Pêcheux (2009, p. 146): “as palavras, expressões, proposições etc., mudam de sentido segundo as posições sustentadas por aqueles que as empregam”.

Ao longo dessa seção, tivemos uma amostra de como o dispositivo analítico pode ser mobilizado na análise de nosso corpus. A partir da observação do funcionamento dos enunciados definidores do vocábulo *colonizar*, vimos conceitos-chave para o desenvolvimento deste estudo, tais como *condições de produção*, *interdiscurso*, *intradiscurso*, *silêncio*, *formações discursivas* e *formas-sujeito*. Cabe ressaltar, ainda, que as variações observadas entre Sd1, Sd2 e Sd3 e os diferentes sentidos a partir delas detectados podem ser diretamente relacionados à história de colonização na América conhecida como espanhola e, com base nela, interpretados e justificados. Entretanto, é imprescindível considerar que se trata de um caso, entre os muitos possíveis, que explicita diferenças de sentido que certamente habitam o vocabulário da língua projetada como "comum" entre as diversas regiões hispanofalantes.

Assim, à luz das considerações expostas neste item, e já não tendo outro(s) *pretexto(s)*, passemos ao corpo de nosso trabalho.

CAPÍTULO 1

CONDIÇÕES DE PRODUÇÃO DO DIEA: NO HORIZONTE DA PRODUÇÃO LEXICOGRÁFICA HISPÂNICA

*Cuando bien conmigo pienso, mui esclarecida Reina, i pongo delante
los ojos el antigüedad de todas las cosas, que para nuestra
recordación y memoria quedaron escriptas, una cosa hállo y: sáco
por conclusión mui cierta: **que siempre la lengua fue compañera
del imperio [...]***

(Antonio de Nebrija. Prólogo à “Gramática de la lengua castellana”, grifos nossos)

À luz dos conceitos trabalhados na seção anterior, este primeiro capítulo tem o objetivo de apresentar alguns aspectos da Lexicografia Hispânica considerados fundamentais para a compreensão do objeto que analisaremos neste estudo. Nessa direção, trataremos aspectos que nos permitirão conhecer as *condições de produção* do DIEA, a fim de que possamos detectar com quais sentidos e discursos essa obra entra em relação e, dessa forma, interpretar – ao menos em parte – a constituição desse objeto discursivo. Para tanto, empreenderemos um movimento que irá do contexto mais mediato ao mais imediato, e nos permitirá compreender a constituição de nosso *corpus* de análise.

Esse *corpus*, como antecipado na Introdução, articula-se ao redor de uma série central de instrumentos, pois colocaremos o DIEA em relação com outras publicações monolíngues de relevância no contexto da lexicografia hispânica que já foram designadas: trata-se, fundamentalmente, do DRAE e do DEM. A exposição que apresentaremos neste capítulo, como também acabamos de adiantar, nos permitirá justificar o recorte dessa série central e o fato de que o elemento articulador seja o DIEA; e, finalmente, nos levará a compreender por que determinados outros instrumentos entrarão em relação, ocasional e oportunamente, com essa série.

Passando a explicitar como será a estrutura deste capítulo, começamos por observar que, antes de abordar um determinado recorte da produção lexicográfica hispânica, trataremos em uma espécie de introdução – “Os dicionários e a formação dos Estados nacionais” –, de cunho mais teórico, a relação entre o surgimento dos dicionários monolíngues e a formação dos Estados nacionais, a partir da articulação entre os saberes provenientes, por um lado, da História das Ideias Linguísticas (HIL), fundamentalmente mediante os estudos desenvolvidos por Auroux, e por outro, da Lexicografia, com base, especialmente, no trabalho de Lara.

Já num segundo momento, nos seguintes itens que compõem este capítulo, construiremos um registro que nos possibilitará, como anunciamos acima, ir do contexto mais mediato ao mais imediato e conhecer, assim, aspectos cruciais das condições nas quais é produzido o DIEA. Nesse sentido, nosso gesto será – sempre a partir de estudos já realizados por diferentes autores, principalmente do campo da Lexicografia – o de apresentar determinadas tendências no domínio das produções lexicográficas no universo hispânico no intuito de compreender tais condições. Na projeção dessas tendências, às vezes, apresentaremos determinadas “sucessões lineares” – como diria Foucault (2009) – traçadas a partir de certos gestos de interpretação já realizados pelos estudiosos que citaremos. Em outros momentos, focalizaremos especificamente alguma obra ou uma série delas. Cabe esclarecer que esses dois movimentos serão realizados a partir de uma perspectiva marcada pelos objetivos deste trabalho que tem como horizonte mais amplo analisar certos instrumentos dentro de um processo de *(des)colonização linguística*, tal como afirmamos em nossa Introdução.

Faremos, assim, no item denominado “A produção lexicográfica na Espanha”, um percurso por algumas das principais produções de dicionários realizadas no espaço que atualmente consideramos como Espanha até a publicação da primeira edição do dicionário então publicado pela *Real Academia Española* (doravante RAE) – obra que compõe nosso

corpus, tal como foi assinalado na Introdução e retomado no Pré-texto⁴⁶. Com esse movimento, objetivamos reconhecer e compreender o lugar que essa obra e essa instituição ocupam, desde seu surgimento até os dias atuais, no contexto da produção de obras lexicográficas em língua espanhola. No item seguinte, “A produção lexicográfica na América Hispânica”, refletiremos sobre a produção realizada nesse espaço e apresentaremos, de modo específico, o DEM, obra que também conforma nosso *corpus*. Já, no próximo item, “A produção lexicográfica na Argentina”, apresentaremos alguns dos principais instrumentos linguísticos relativos ao espanhol desse espaço até a publicação do DIEA. Por fim, abriremos um item especial – “O *Diccionario Integral del Español de la Argentina*” – no qual nos propomos fazer a primeira caracterização desse objeto. Este capítulo se encerrará com algumas considerações parciais que nos permitirão dar continuidade a nossa reflexão.

Acreditamos que abordar o conjunto dessa produção lexicográfica nos proverá de saberes para compreender a conjuntura na qual se elabora o dicionário que é nosso objeto de estudo e os sentidos que a ele se vinculam. Além disso, nos proporcionará elementos para refletir sobre diversos aspectos do processo de (des)colonização linguística de que falamos na Introdução. Passemos, portanto, à primeira parte.

1. OS DICIONÁRIOS E A FORMAÇÃO DOS ESTADOS NACIONAIS

Apesar do pouco tempo de existência dos estudos teóricos sobre a Lexicografia⁴⁷, sua prática remonta a séculos atrás. Aurox (2009, p. 72) afirma que se encontram registros de listas de palavras desde três milênios antes de nossa era, e que os glossários e dicionários latinos se multiplicam após o século VI. Com relação à tipologia das primeiras obras, Lara (1996, p. 21)

⁴⁶ Como veremos, esse dicionário atualmente é elaborado em colaboração com a ASALE.

⁴⁷ De acordo com observações de Lara (1990, p. 22; 1996, p. 17), a Lexicografia se consolida como uma ciência linguística a partir de 1970, com a publicação dos trabalhos de Josette Rey-Debove, *Étude linguistique et sémiotique des dictionnaires français contemporains*; de Jean y Claude Dubois, *Introduction à la lexicographie*; e de Ladislav Zgusta, *Manual of Lexicography*.

salienta que os mais antigos dicionários conhecidos são obras bilíngues ou multilíngues. O autor⁴⁸ relaciona o surgimento desse tipo de produção lexicográfica às atividades comerciais, guerreiras, diplomáticas e religiosas dos povos de outrora. Diversos estudiosos, ainda que de diferentes perspectivas teóricas, como o próprio Lara⁴⁹, que trabalha no campo da Lexicografia, e Auroux⁵⁰, que atua no campo da HIL, coincidem em relacionar o aparecimento dos dicionários monolíngues, nos moldes como os conhecemos atualmente, a partir do século XVI, ao surgimento e delimitação dos Estados nacionais – formações políticas que propiciaram a aparição desse tipo de instrumento linguístico.

Lara⁵¹ considera que o surgimento dos dicionários monolíngues – diferentemente, segundo o autor, dos formatos anteriores, bilíngues e multilíngues, que se originavam na “necessidade objetiva”⁵² – tem, sobretudo, um sentido simbólico, relacionado à necessidade de forjar a unidade e de legitimar os Estados nacionais diante de si mesmos e dos demais. Nesse sentido, o próprio estudioso observa⁵³: “la reflexión sobre la lengua que ocurre en el siglo XVI es, claramente, una reflexión orientada y aprovechada por la política, ligada a las necesidades de los Estados nacionales nacientes”.

Auroux⁵⁴, a partir dos pressupostos teóricos da HIL, relaciona o aparecimento de instrumentos linguísticos à formação dos Estados e afirma que o surgimento das nações europeias significou uma profunda transformação das relações sociais e que sua expansão leva a uma luta entre elas e, conseqüentemente, entre suas línguas. O autor⁵⁵ acrescenta que a correspondência “uma língua, uma nação” passa a ter um novo sentido: “[...] as nações

⁴⁸ Ibidem.

⁴⁹ Ibidem.

⁵⁰ Ibidem.

⁵¹ Ibidem, p. 21-27.

⁵² De acordo com o autor (1996, p. 21), os primeiros dicionários bilíngues e multilíngues surgem a partir da necessidade de compreensão da língua do outro: “[...] su origen es una necesidad objetiva de los pueblos de distintas lenguas que entran en contacto: necesitan una clave que les permita comprender el discurso comercial, guerrero, diplomático o religioso del otro pueblo”.

⁵³ Idem, p. 26.

⁵⁴ Ibidem, p. 53.

⁵⁵ Ibidem.

transformadas, quando puderam, em Estados, estes [sic] vão fazer da aprendizagem e do uso de *uma* língua oficial uma obrigação para os cidadãos”.

Assim, o surgimento dos dicionários monolíngues está entrelaçado à configuração das novas nações e, por conseguinte, à delimitação das línguas nacionais, aspecto esse essencial para a conformação do imaginário de unidade nacional. Convém ressaltar, ainda com base nas reflexões desenvolvidas por Auroux⁵⁶, que com o surgimento na Europa dos Estados Nacionais diversos reinos foram unidos e passaram a formar uma única nação. É justamente o caso daqueles que, sob o domínio de Castela, vieram a conformar o que atualmente se delimita como Espanha; assim, seus súditos, à revelia de suas possíveis diferenças, fizeram-se, então, cidadãos.

Concluimos este item considerando importante ressaltar o valor simbólico e o viés político do surgimento do dicionário monolíngue, que funciona como um instrumento que conforma as línguas nacionais. Este funcionamento será importante no momento de avaliar a produção de dicionários na América Hispânica.

À luz do exposto, vejamos, especificamente, como surgem as principais produções lexicográficas hispânicas – como dissemos, primeiramente na Espanha e logo na América Hispânica e Argentina – e de que forma elas entram em relação umas com as outras.

2. A PRODUÇÃO LEXICOGRÁFICA NA ESPANHA

De acordo com Lara (2011, p. 317), um dos momentos definitivos para a conformação da história da língua espanhola é o surgimento das obras lexicográficas de Elio Antonio de Nebrija. Segundo Gemmingen (2003, p. 167-169), Nebrija publica o *Diccionario latino-español* em 1492 e o *Vocabulario español-latino* por volta de 1493. A estudiosa⁵⁷ destaca, de modo especial, a importância dessa última publicação para toda a lexicografia europeia, pois

⁵⁶ Ibidem.

⁵⁷ Ibidem.

pela primeira vez uma língua romance era a língua de partida de um dicionário bilíngue⁵⁸. Cabe acrescentar, ainda, que nesse mesmo ano, sendo de autoria do próprio Nebrija, também foi publicada a *Grammática de la lengua castellana*, a primeira gramática da língua espanhola.

Auroux (2009, p. 52)⁵⁹ destaca que o processo de gramatização da língua espanhola – no qual pensamos, retomando a afirmação de Lara com a qual abrimos este item, que a obra de Nebrija é fundamental e significativa – é simultâneo a outros acontecimentos decisivos para a história do que se constituiria como a nação espanhola: “o casamento dos reis católicos, a Queda de Granada, e a viagem de Colombo, isto é, a unificação, o fim da Reconquista e o início da construção de um império colonial”. O estudioso⁶⁰ adverte que a Reconquista marcará o término da coexistência entre culturas diversas, pois os reis católicos assinaram, em 1492, uma ordem de expulsão dos judeus e, em 1502, promulgaram uma lei para expulsar do território espanhol os muçulmanos não-convertidos. Convém aqui recuperar algo que já afirmamos anteriormente: no novo espaço político da Europa das nações, os sujeitos deveriam passar de súditos a cidadãos, e esse movimento tem um impacto sobre eles. Segundo Gadet & Pêcheux (2010, p. 37), a formação dos Estados nacionais implica uma nova relação com as línguas: “para se tornarem cidadãos, os sujeitos devem portanto *se liberar* dos particularismos históricos que os entravam: seus costumes locais, suas concepções ancestrais, seus ‘preconceitos’ ... e sua língua materna”. Entendemos que, no caso da Espanha, as ações dos reis católicos tinham como objetivo eliminar (até chegaríamos a dizer “exterminar”) a diversidade e forjar o efeito de unidade dessa nação.

Considerando essa conjuntura, as produções de Nebrija marcam o início da gramatização da língua espanhola e corroboram um movimento de unificação nacional. Entretanto, como indicamos, os dicionários desse autor eram bilíngues. Seriam necessários,

⁵⁸ A autora (ibidem) esclarece que, até então, a língua de partida dos dicionários bilíngues havia sido o latim.

⁵⁹ Ibidem, p. 52.

⁶⁰ Ibidem.

ainda, pouco mais de 100 anos para que a Espanha conhecesse seu primeiro dicionário monolíngue. Conforme documenta o trabalho de Ruiz & Duque (2003) sobre o início da lexicografia espanhola monolíngue, e dando continuidade – dizemos nós – ao processo de gramatização da língua, no ano de 1611, Sebastián de Covarrubias publica o *Tesoro de la lengua castellana o española*. Notamos no título uma disjunção entre os adjetivos que se referem à língua – *castellana* ou *española* – que interpretamos como marca da maneira como, no discurso, materializa-se a relação com uma exterioridade, isto é, de como aquilo que é da ordem da história se materializa na ordem da língua ou do discurso. No caso, tais marcas nos remetem ao processo de unificação de um espaço, no qual “*lengua castellana*” referiria àquela região que encampou tal processo, e não ao todo, isto é, à recente nação espanhola. Nessa obra, em uma nota dirigida ao rei Felipe III, percebemos a relação da publicação do dicionário de Covarrubias com a nação formada há pouco e também vemos as antecipações que aí se projetam do lugar que a língua castelhana deveria ocupar.

Todo lo daré por bien empleado, con que V.M. reciba este mi pequeño servicio con grato ánimo, dándome licencia le ponga nombre de *Tesoro*, **por conformarme con las demás naciones que han hecho diccionarios copiosos de sus lenguas**; y que éste no sólo gozará la española, pero también todas las demás que con tanta codicia procuran deprender nuestra lengua, pudiéndola ahora saber de raíz, **desengañados de que no se debe contar entre las bárbaras, sino igualarla con la latina y la griega**, y confesar ser muy parecida a la hebrea en sus frasis y modos de hablar [COVARRUBIAS, 1995, p. 1101, grifos nossos].

Na primeira sequência que destacamos no fragmento acima, o sujeito do discurso, enunciando a partir de uma posição de autoria, apresenta uma justificativa para o título da obra, afirmando que esta poderá ser denominada *Tesoro* por estar em conformidade com outros trabalhos semelhantes que nas nações se publicavam sobre as línguas que então iam se forjando como nacionais. Confirmamos aqui o que observávamos no primeiro item deste capítulo, ao refletir sobre o caráter político do surgimento dos dicionários monolíngues e sua relação com a formação dos Estados nacionais. Já a segunda sequência que destacamos tem a ver com o lugar que aí se projeta para a língua espanhola que deve, segundo esse fragmento, ser considerada entre

as clássicas. Assim, vemos que o *Tesoro* opera politicamente como um instrumento que visa conformar um lugar para o espanhol, negando que possa ser tratada como “bárbara”.

Diversos estudiosos da lexicografia hispânica, como Seco (1987) e Lara (1996), reconhecem na obra de Covarrubias uma grande preocupação com a etimologia, característica muito difundida na Idade Média, época que, de acordo com esses pesquisadores, via no étimo o objetivo central do trabalho lexicográfico. Segundo Ruiz & Duque (2003, p. 221), o *Tesoro* trazia citações de autoridades de outros idiomas e as apresentava em sua língua original, aspecto que os leva a afirmar que a obra estava dirigida a um público seletivo: “Covarrubias escribe para los doctos, los que dominan lenguas de la Antigüedad, o al menos el latín, por lo que cita las autoridades clásicas en su lengua original, sin traducirlas”.

Parece-nos relevante, neste ponto, reproduzir a capa do *Tesoro* porque nela materializam-se uma série de sentidos que nos permitem compreender melhor as condições de produção nas quais surge:

Imagem 1: capa do *Tesoro* de Covarrubias.

Nessa capa, de um lado, são enunciadas alguns dos lugares sociais ocupados pelo autor da obra: Sebastián de Covarrubias era capelão do rei e consultor da Inquisição; de outro, um fragmento como *dirigido a la magestad catolica* funciona como marca que filia a obra e seu autor à religião católica e à coroa.

De acordo com Ruiz & Duque⁶¹, o *Tesoro* é considerado o primeiro dicionário monolíngue de língua espanhola, título que lhe é outorgado pela RAE no prólogo de seu *Diccionario de Autoridades*, obra que abordaremos mais adiante. Essa publicação inaugura, como veremos imediatamente, a produção acadêmica que será fundamental para compreender a conjuntura da produção lexicográfica hispânica.

A RAE foi fundada, sob o reinado de Felipe V, no ano de 1713, pelo marquês de Villena, Juan Manuel Fernández Pacheco⁶². Conforme consta no site da própria instituição⁶³, sua fundação se inspirou no modelo da Academia Francesa inaugurada em 1635, e seu objetivo era “trabajar al servicio del idioma” e elaborar um dicionário da língua espanhola. A instituição declara que desde que foi criada “[...] se ha dedicado a preservar —mediante sus actividades, obras y publicaciones— el buen uso y la unidad de una lengua en permanente evolución y expansión, una aspiración también recogida en sus estatutos vigentes, de 1993”. A seguir, reproduzimos o emblema da RAE, utilizado pela instituição desde sua fundação até os dias atuais:

Imagem 2: emblema da RAE.

⁶¹ Ibidem, p. 230.

⁶² Os dados que apresentamos foram consultados no *website* oficial da Instituição. Disponível em: www.rae.es no link *La institución*. Último acesso em: 27/10/2013.

⁶³ Ibidem.

Cabe observar que, inscrita no simbólico, uma série de formações imaginárias relacionadas à regulação linguística que marcam o lugar que essa academia projeta para si fica materializada no enunciado que acompanha esse emblema: “Limpia, fija y da esplendor”.

Em 1726, a RAE publicou o primeiro volume de seu dicionário intitulado *Diccionario de la lengua castellana, en el que se explica el verdadero sentido de las voces, su naturaleza y calidad, con las phrases o modos de hablar, los proverbios o refranes, y otras cosas convenientes al uso de la lengua*. Na textualidade do título dessa obra, conhecida como *Diccionario de Autoridades*, podemos detectar a antecipação que aí se faz sobre o próprio instrumento: uma obra que detém o “verdadeiro sentido” das palavras. Nesse fragmento é possível identificar a tendência reguladora da RAE que, segundo Lara (2011, p. 320), se institui como “el primer agente claramente normativo y hasta prescriptivo de la lengua española”. Para ampliar nossa reflexão acerca dos sentidos que se vinculam a essa obra, observemos sua capa:

Imagem 3: capa do *Diccionario de Autoridades*.

Tal como detectamos no caso do *Tesoro* de Covarrubias, alguns fragmentos da capa do *Diccionario de Autoridades* podem ser vinculados à coroa – como o enunciado *dedicado al rey nuestro señor Don Felipe V* – e aparecem, de novo, fortemente entrelaçados com dizeres ou com sentidos ligados à religião – como a inscrição *que Dios guarde*⁶⁴.

Segundo Lara (2009, p. 173), o *Diccionario de Autoridades* foi, para sua época, uma obra inovadora, pois incluía em sua nomenclatura vocábulos de diversas procedências, como, por exemplo, as assim denominadas “vozes americanas”. Entretanto, o próprio estudioso⁶⁵ assinala que, por efeito de uma “atitude depuradora” que rapidamente se expande, a RAE se inclina para a língua escrita e literária, em uma posição reguladora “normativa”, que dará lugar a concepções como as de “desvio da norma” e “vulgarismo”. Acerca dessa publicação, Lara também destaca que:

Quizás se pueda sostener la idea de que el **único acervo original de documentos en la lexicografía hispánica** ha sido, hasta hace casi treinta años, el de la Academia Española; y este acervo descansa, sobre todo, en el que recogió para la elaboración de su primer diccionario, llamado *de autoridades*. De entonces para acá la Real Academia ha venido acrecentando su acervo de vocablos con la ayuda de las academias hispanoamericanas. En cambio, los diccionarios que han venido publicando diferentes casas editoriales en España y en Francia desde el siglo XIX no parecen haber acopiado información original por sí mismos, sino que han seguido los procedimientos acostumbrados de refundición de los datos que ofrecen los diccionarios académicos⁶⁶ [grifos nossos].

A afirmação do estudioso nos permite mensurar o “peso” dessa obra quando consideramos o conjunto de dicionários em língua espanhola: o discurso dessa publicação será constitutivo da produção lexicográfica hispânica, pois a ele se filiarão muitas das publicações posteriores. Apesar da importância e do inquestionável valor histórico do *Diccionario de Autoridades*, Lara (1996, p. 46) afirma que, composto por seis volumes, foi uma obra de pouca difusão e de difícil acesso, ficando circunscrita ao ambiente da corte e à leitura de eruditos.

⁶⁴ A propósito da filiação à coroa, note-se que na própria estrutura que nomeia a instituição aparece a especificação “real”: *Real Academia Española*.

⁶⁵ Ibidem, p. 174.

⁶⁶ Ibidem, p. 98.

Então, em 1780, a RAE publica um compêndio do *Diccionario de Autoridades* denominado *Diccionario de la lengua castellana, reducido a un tomo para su más fácil uso*. No prólogo dessa versão reduzida, que atualmente está disponível na página da RAE ⁶⁷, a Academia menciona a dificuldade que os leitores haviam enfrentado para adquirir os seis volumes da obra anterior, sendo poucos os conjuntos completos do *Diccionario de Autoridades* encontrados ao final da publicação do último volume. Essa é uma das justificativas apresentadas pela instituição para a redução da obra, como podemos observar no seguinte fragmento:

Entretanto, el Público carece de un *DICCIONARIO* completo, porque se ha acabado del todo la primera edicion, y quando llegue el caso de concluirse la segunda, habiéndose de publicar los tomos cada uno de por sí conforme se vayan acabando, serán regularmente muy pocos los juegos completos que queden al fin, como sucedió con la primera impresion, y es preciso que suceda con toda obra, que constando de varios volúmenes, se publican sucesivamente. [RAE, 1780, p. 2]

A leitura desse fragmento nos permite detectar a imagem de leitor que aí se projeta: notamos que a publicação de 1780 era dirigida a um público de renda provavelmente mais baixa que o do *Diccionario de Autoridades*. Dessa maneira, era importante que a obra fosse oferecida a um preço “cômodo”, como veremos no próximo recorte do prólogo que estamos citando, o que indica um movimento no sentido de ampliar o público que tivesse acesso a esse instrumento linguístico.

Por todas estas razones, creyó la ACADEMIA hallarse en el caso preciso de deber reimprimir desde luego todo el *DICCIONARIO*, para ocurrir por de pronto á esta necesidad: y deseando hacerle de mas fácil uso, y que el Público pueda tenerle por un precio cómodo, determinó reducir los seis tomos á uno solo; pero sin quitar ninguna voz, ni alterar la obra en cosa substancial. [RAE, 1780, p. 2]

Para reduzir o dicionário de seis a um volume, reproduzindo integralmente a nomenclatura original, a Academia declara (RAE, 1780, p. 3) ter se valido de todas as economias possíveis em relação ao espaço: aumento do número de colunas e linhas por página,

⁶⁷ A versão digital da edição de 1780, bem como outras publicações acadêmicas, está disponível em www.rae.es, no link nomeado *Nuevo tesoro de la lengua española*. Último acesso em: 10/11/2013.

diminuição do tamanho das letras, uso de abreviaturas, e retirada das autoridades, das etimologias e das anomalias dos verbos. O movimento de ampliação do público-alvo de que falamos fica claramente materializado num dos sintagmas (“Reducido á un tomo para su mas fácil uso”) que aparece na capa da edição de 1780, que vemos a seguir:

DICCIONARIO
DE LA LENGUA CASTELLANA
COMPUESTO
POR LA REAL ACADEMIA
ESPAÑOLA,
REDUCIDO Á UN TOMO
PARA SU MAS FÁCIL USO.

M A D R I D.
Por D. JOAQUIN IBARRA, Impresor de Cámara de S. M. y de la Real Academia.
MDCCLXXX.

Imagem 4: capa do compêndio de 1780.

O cotejo entre essa capa – a da publicação de 1780 – e a de 1726 (imagem 3) nos permite detectar marcas de reformulações relevantes. Recordemos que no *Diccionario de Autoridades* a figura do rei ocupava um lugar de destaque, pois a obra era dedicada a ele e seu nome, escrito em letras maiores que quase todas as demais, exceção feita à palavra *diccionario*, estava

localizado no centro da capa. Na mesma edição, a referência à Academia era feita de maneira discreta: na parte inferior da capa, debaixo do nome do rei, informava-se que a obra havia sido realizada pela *Real Academia Española*. Observando a capa do compêndio publicado em 1780, percebemos uma mudança nos lugares ocupados pela imagem da coroa e pela academia. Apresentando menos informações, a capa da publicação de 1780 privilegia a autoria do dicionário, estando no centro a designação *Real Academia Española*. Note-se, ainda, que nesta edição não se faz referência explícita na capa a sentidos ligados à religião católica, diferentemente do que vimos em relação ao *Diccionario de Autoridades*; e, nessa mesma direção, cabe observar que há nesta capa um tímido registro ou menção à realeza, mediante o fragmento “Impresor de Cámara de S.M.” [grifos nossos] relacionada, no caso, à impressão da obra.

Com o objetivo de conhecer melhor as condições de produção do compêndio de 1780, pareceu-nos relevante colocá-la em relação com publicações realizadas em outras nações da Europa contemporânea. Dentre essas produções, é importante ressaltar que poucos anos antes, em 1751, publicava-se, na França, o primeiro volume da *Encyclopédie ou dictionnaire raisonné des sciences, des arts et des métiers*, obra considerada como um dos monumentos do iluminismo. De acordo com Díaz de la Serna (2009 p. 163), o projeto inicial da enciclopédia francesa consistia em traduzir, acrescentando-lhe alguns elementos, a obra inglesa *Cyclopædia or an Universal Dictionary of Arts and Sciences*, de Ephraim Chambers. Segundo o autor⁶⁸, a responsabilidade pelo projeto de tradução e publicação da obra, inicialmente idealizado por três livreiros franceses, ficou a cargo de Jean le Rond d'Alembert e Denis Diderot. Ao examinar a capa da publicação francesa, notamos haver certas coincidências com o compêndio de 1780 da RAE. Vejamos ambas as capas reproduzidas lado a lado:

⁶⁸ Ibidem.

DICCIONARIO
DE LA LENGUA CASTELLANA
COMPUESTO
POR LA REAL ACADEMIA
ESPAÑOLA,
REDUCIDO Á UN TOMO
PARA SU MAS FÁCIL USO.

Imagem 5: capa do compêndio de 1780 e da *Encyclopédie ou dictionnaire raisonné des sciences, des arts et des métiers*.

É possível detectar alguns pontos em comum entre as capas: a posição e o estilo dos nomes *encyclopédie* e *diccionario*; a disposição dos emblemas; a indicação da referência geográfica no final da página, *Paris* e *Madrid*, além das linhas que as separam das datas de publicação e da menção aos respectivos reis. Isso nos permite pensar que, na capa do dicionário da RAE haveria um movimento de retomada de certos sentidos e que a tendência à concisão que nela reconhecemos (tendência que se reitera em outros aspectos da “economia” dessa produção) poderia estar filiada a certas formas regulares no “discurso iluminista” já presentes na publicação da *Encyclopédie*.

A propósito da redução dos verbetes registrados pelo compêndio de 1780, Seco (1987, p. 9) – que, cabe observar, é autor de dicionários e atual membro da RAE – comenta que:

[...] en lugar de continuar a ahondar lo alcanzado en esta espléndida obra [Diccionario de Autoridades], la Academia se contentó, ramplonamente⁶⁹, con hacer de ella una versión abreviada sin “autoridades”, esto es, con pretensiones puramente utilitarias y no científicas. Es a esta versión, el *Diccionario* llamado “vulgar” o “común”, a la que la Academia ha consagrado su atención preferente desde 1780 hasta hoy.

O chamado *Diccionario común* é considerado como a primeira edição do atual DRAE. Atualmente em sua 22ª edição⁷⁰, essa obra ocupa um lugar de peso para toda a lexicografia de língua espanhola, servindo de referência tanto para a produção de dicionários gerais – e este é caso do *Diccionario de uso del español*, de María Moliner, que, como declara sua autora, segue a nomenclatura do dicionário acadêmico – quanto para a produção de dicionários diferenciais que, antes de incluir um determinado vocábulo no conjunto de suas entradas, devem certificar-se de não encontrá-lo no DRAE – como a obra coordenada por Richard, cujo título é especialmente expressivo: (2000) *Diccionario de Hispanoamericanismos no recogidos por la Real Academia*⁷¹. Cabe observar que muitos dicionários “diferenciais” ou “parciais” se constroem, justamente, na diferença e no contraste em relação a uma determinada variedade do espanhol entendido como “geral”, materializada nas publicações acadêmicas.

No que concerne a esse lugar de peso e ao papel ocupado pelo DRAE no contexto da lexicografia hispânica, Lara (2009, p. 97) assevera que:

La historia de los diccionarios de la lengua española ha estado determinada, hasta ahora, por la actividad de la Real Academia Española. Debido a la manera en que la Academia adquirió su papel de principal agente normativo en todo el mundo hispánico, todos los diccionarios que se han escrito hasta épocas recientes, tanto los integrales españoles como los diferenciales peninsulares y americanos, han derivado su validez de los diccionarios académicos.

⁶⁹ Como o leitor terá notado, não fazemos traduções das citações em espanhol. No entanto, neste caso, parece-nos fundamental explicitar alguns dos sentidos que o advérbio “ramplonamente” pode ter nesta passagem: de maneira pouco cuidada ou pensada, de forma vulgar ou de mau gosto.

⁷⁰ Segundo a instituição, a 23ª edição está prevista para o ano de 2014. Disponível em: www.rae.es. Último acesso em: 27/10/2013.

⁷¹ Lembramos que há, na Espanha, publicações de dicionários que afirmam estar baseados em *corpus* linguísticos e não seguir, portanto, o DRAE, tal é o caso do *Gran Diccionario de uso del español actual*, projeto dirigido pelo Dr. Aquilino Sánchez, da Universidade de Murcia. Editora SGEL: Madrid, 2001.

Considerando o exposto ao longo deste item do capítulo, bem como a reflexão de Lara, entendemos que a publicação do DRAE, claramente filiada às obras anteriormente tratadas e atualmente elaborada em colaboração entre a RAE e a *Asociación de Academias de la Lengua Española* (doravante ASALE)⁷², configura-se como fundamental para refletir acerca das condições de produção de nosso objeto de estudo. Dessa forma, ao longo de nossas análises, como já foi antecipado, colocaremos o DIEA – objeto nuclear da série central do *corpus* que analisamos – em relações de sentido com esse instrumento. Para tanto, consultamos a versão *on-line* da obra que corresponde a sua vigésima segunda edição impressa, publicada no ano de 2001. Cabe ressaltar que na série dos três dicionários centrais com a que trabalhamos (DIEA – DEM – DRAE), essa será a única obra que consultaremos a partir de uma versão digital⁷³.

Segundo a RAE, a nomenclatura da atual edição de seu dicionário está composta por 88.431 entradas, das quais 12.122 são artigos com acepções americanas⁷⁴. A versão digital da obra apresenta uma barra lateral com alguns itens que funcionam como seus paratextos: *Presentación, Cómo se hace el Diccionario; Sobre la 22ª edición (2001); Hacia la 23ª edición*⁷⁵. Na mesma versão, é possível acessar também as propostas de mudança, inclusão e supressão que estão sugeridas para a próxima edição do dicionário, prevista, segundo a instituição, para o ano de 2014⁷⁶.

⁷² Na página oficial da associação, afirma-se que, desde sua fundação em 1951, a ASALE tem como propósito “trabajar a favor de la unidad, integridad y crecimiento de la lengua española, que constituye el más rico patrimonio común de la comunidad hispanohablantes”. Disponível em: www.asale.org. Último acesso em: 20/11/2013). Atualmente, a associação, cuja sede coincide com a da RAE, está conformada pelas vinte e duas academias de língua espanhola e é presidida por José Manuel Blecua, diretor da academia espanhola.

⁷³ O DIEA e o DEM são consultados a partir de sua versão impressa.

⁷⁴ Dados disponíveis em: <http://www.rae.es/drae/>, item “El diccionario en cifras”. Último acesso em: 20/09/2013.

⁷⁵ Esses itens, por sua vez, se subdividem da seguinte maneira:

- *Avance de la 23ª edición*: (i) *¿Quién hace el Diccionario?*; (ii) *¿Cómo se actualiza?*; (iii) *¿Cómo se muestran las enmiendas y adiciones?*; (iv) *¿Cómo se revisan los americanismos del Diccionario?*; (v) *¿Con qué medios informáticos se revisa el Diccionario?*; (vi) *Cifras de actualización*; (vii) *Mejoras en la consulta del DRAE*; (viii) *Consulta de las modificaciones*.

- *La 22ª edición (2001)*: (i) *El Diccionario en cifras*; (ii) *¿Qué novedades presenta la 22ª edición?*; (iii) *Advertencias para el uso de este Diccionario*.

- *Otros diccionarios académicos*. Disponível em: <http://lema.rae.es/drae/>. Último acesso em: 20/09/2013.

⁷⁶ Disponível em: <http://rae.es/diccionario-de-la-lengua-espanola/hacia-la-23a-edicion>. Último acesso em: 20/01/2013.

Para ampliar nossa compreensão acerca das condições de produção do DIEA, são necessárias também algumas considerações no que se refere à produção lexicográfica hispânico-americana. Passemos, então, a esse tópico.

3. A PRODUÇÃO LEXICOGRÁFICA NA AMÉRICA HISPÂNICA

Se, por um lado, como vimos no item anterior, impõe-se o dicionário da RAE como uma referência para a produção lexicográfica hispânica, por outro, nos países da América Hispânica, como afirmamos na Introdução deste estudo, não surgiram, até fins do século XX, os primeiros projetos de dicionários integrais. A produção lexicográfica hispano-americana esteve, portanto, limitada aos dicionários de caráter regional, complementares aos produzidos na Península. Nesse sentido, Ávila⁷⁷ (2004) destaca que a lexicografia hispano-americana se dedicou, substancialmente, a definir *-ismos* – *americanismos*, *cubanismo*s, *mexicanismos*, entre outros. Para o autor⁷⁸, o léxico contemplado por um dicionário diferencial “no sirve para hablar”, pois representa uma parcela muito pequena do vocabulário empregado por um falante médio. Em sua reflexão, Ávila⁷⁹ assinala a importância e a urgência da produção de dicionários integrais que se proponham a redefinir o léxico efetivamente em uso em cada país de língua espanhola, tendo em conta as especificidades sociais, históricas e culturais das diferentes regiões.

De encontro às necessidades apontadas por autores como Ávila, ainda no ano de 2010, a ASALE publicou o *Diccionario de Americanismos* (doravante DA), obra diferencial elaborada a partir da contribuição de todas as academias correspondentes da RAE que registraram o léxico “próprio” de cada região. Lara (2011, p. 336) afirma que essa publicação:

[...] viene a confirmar que la Academia sigue estando convencida de que hay dos españoles: el metropolitano, que se registra en el DRAE, supuestamente general, y el de los países americanos, sin reconocer el hecho de que una

⁷⁷ Raul Ávila desenvolve pesquisas nas áreas de política linguística, linguagem dos meios, lexicografia e fonologia no *Colegio de México*.

⁷⁸ Ibidem, p. 13.

⁷⁹ Ibidem.

lengua no se puede partir en dos: el español se habla *integralmente*, en cada región del mundo hispánico [...] [grifo do autor].

Entendemos que a publicação do DA nega a “integralidade” do espanhol falado nas diversas regiões do mundo hispânico referida por Lara e mascara a necessidade de produção de dicionário integrais – também referidos como “nacionais”⁸⁰ – em cada país hispanofalante. Nesse sentido, cabe ressaltar uma passagem da apresentação do DA assinada pelo então presidente da ASALE, Victor García de la Concha:

El trabajo de construcción de este *DICCIONARIO* ha impulsado a la vez la preparación de diccionarios nacionales de cada uno de los países, y, pionero en muchos aspectos, se presenta así como fruto granado de esa política lingüística panhispánica que antes ha producido el *Diccionario panhispánico de dudas* o la reciente *Nueva gramática de la lengua española*, y que en los próximos meses alumbrará una nueva edición de la *Ortografía de la lengua española*⁸¹.

Com base nesse fragmento, compreendemos que a publicação do DA, inscrito na política *panhispánica* praticada pela RAE e pela ASALE, reafirma a limitação das nações hispano-americanas no que se prefere à produção de dicionários integrais. Segundo Del Valle (2007, p. 77), que estudou o *pan-hispanismo* de modo original e produtivo, essa política abraça a diversidade interna do idioma e a utiliza como embasamento teórico e político para a conformação da unidade linguística e cultural. De acordo com o autor⁸², essa é uma das “estratégias de auto-legitimação” utilizadas pela RAE para projetar um novo imaginário coletivo para a comunidade hispanofalante, através de um sistema linguístico-ideológico por ele denominado *hispanofonía*.

De nossa perspectiva, entendemos que a designação *Diccionario de Americanismos* produz um apagamento das especificidades linguísticas-discursivas que aparecem nas diversas regiões do espaço de enunciação que delimitamos como aquele formado pelos “países da

⁸⁰ Cf. LARA 1990, 2009.

⁸¹ ASALE, 2010, p. X.

⁸² Ibidem.

América nos quais o espanhol é língua oficial”. Tais especificidades se inscrevem nos respectivos processos de separação ou de disjunção que atravessam “a língua espanhola” dos quais falamos em nossa Introdução e que, em muitos casos, são trabalhados e até legitimados pelos distintos processos de gramatização encampados pelos diversos Estados nacionais.

A política linguística pan-hispânica pressupõe que todas as academias de língua espanhola, unidas pela ASALE, mantenham entre si uma relação de igualdade. Na versão do *website* oficial da RAE anterior à atual⁸³, era possível consultar um *link* dedicado à *política linguística panhispánica*, do qual extraímos o seguinte enunciado:

Una tradición secular, oficialmente reconocida, confía a las Academias la responsabilidad de fijar la norma que regula el uso correcto del idioma. Las Academias desempeñan ese trabajo desde la conciencia de que la norma del español no tiene **un eje único**, el de su realización española, sino que su carácter es policéntrico [grifos nossos].

A sequência acima nos fornece elementos para refletir sobre o imaginário que a política pan-hispânica visa produzir. Destacamos a negação *la norma del español no tiene un eje único*, no qual o fragmento que negritamos pareceria funcionar como um efeito pré-construído. Esse sentido é ainda retomado ou expandido mediante uma parentética, *el de su realización española* que, novamente, parece funcionar como outro efeito de pré-construído sobre o qual o primeiro predica. De acordo com Pêcheux (2009, p. 142, 158), o *pré-construído* irrompe no enunciado como se tivesse sido pensado “antes, em outro lugar, independentemente”, remetendo àquilo que todo mundo sabe. Nesse sentido, nega-se algo que opera como uma evidência e que iria na contramão dos sentidos que instala o significante “panhispánico”, explicitados pela própria Academia no item *política panhispánica* em sua página na internet, como já foi antecipado. Por

⁸³ A página da instituição (www.rae.es) foi reformulada em 10/10/2013, quando – em comemoração a seus 300 anos – a RAE lançou seu novo site, assim como o novo site da ASALE. Disponível em: <http://rae.es/noticias/la-academia-publica-la-version-beta-de-su-nuevo-portal-electronico>. Após as mudanças operadas no *web site*, não pudemos localizar o fragmento ao qual nos referimos neste estudo o que nos faz acreditar que haja sido suprimido. Último acesso em: 16/11/2013.

isso, funciona aí, por meio do operador *sino*, uma substituição: o caráter policêntrico estaria no lugar do pré-contruído negado.

Na atual página da RAE e da ASALE na internet, após a referida reestruturação dos *websites*, encontramos a seguinte afirmação acerca da política panhispânica⁸⁴:

La política lingüística panhispánica se refleja en la colaboración, difusión y actualización conjunta de las nuevas publicaciones, en las que ya aparecen la RAE y la ASALE como coautoras de las obras. En palabras de Víctor García de la Concha, director honorario de la RAE y uno de los principales impulsores de esta política a lo largo de los doce años de su mandato, «todo ello es obra de las veintidós academias asociadas en su trabajo al servicio de la unidad del español sin menoscabo de su rica y fecunda variedad».

Nesse fragmento, na estrutura que reproduz a voz do ex-presidente da RAE, “al servicio de la unidad sin menoscabo de su rica y fecunda variedad”, no qual ressoa o lema do IV *Congreso Internacional de la Lengua Española*, celebrado no Panamá em 2007: *Unidad en la diversidad*, é possível identificar um funcionamento semelhante ao que havíamos detectado um pouco acima, mas neste caso o movimento é de negação de que a variedade da língua possa ser afetada ou diminuída.

A propósito do modo como se organizam as academias de língua espanhola, Ludmer (2010, p. 190) afirma que

[...] el territorio de la lengua está organizado jerárquicamente como un imperio más o menos clásico, con un centro real, la Real Academia Española (la autoridad lingüística que legisla la lengua y la unifica: el poder legislador del territorio), y una cantidad de “correspondientes”: América Latina es el sitio de las correspondientes. La estructura del imperio en el territorio de la lengua: uno arriba, la autoridad (y una nación), y muchos abajo (una región).

Acreditamos que a perpetuação da estrutura do império no território da língua da que fala Ludmer fica materializada na recente publicação do *Diccionario de Americanismos*: o dicionário de uma “región”, dos “muchos de abajo”. Nesse sentido, Lara (2009, p. 190) ressalta que a perspectiva concêntrica, que permite a propagação de conceitos como *americanismos* e

⁸⁴ Disponível em: www.rae.es e www.asale.org. Último acesso em: 27/10/2013.

outros *-ismos*, deve dar lugar a uma concepção policêntrica e multipolar da língua espanhola, composta de variedades nacionais e regionais⁸⁵ que, devido a seu prestígio sócio-político e a seus meios de comunicação, funcionam como foco de irradiação de características linguísticas e normas de correção em determinadas regiões.

Como antecipamos na Introdução deste estudo, a língua espanhola, sob o efeito da homogeneidade que resulta do processo de colonização, está fragmentada por diversos "pontos de disjunção"⁸⁶. Nesse jogo de forças entre garantir o efeito de homogeneidade e buscar a legitimação do surgimento inevitável da heterogeneidade, os dicionários ocupam um lugar importante. De acordo com Lara (2007, p. 12), as obras complementares oferecidas à comunidade hispano-americana muitas vezes marcam o regional como barbarismos ou vícios, contribuindo para produzir um imaginário segundo o qual as variantes desses falantes significam no desvio com relação ao espanhol peninsular⁸⁷. Segundo o autor⁸⁸:

El control que realmente ejerce la RAE sobre las demás academias y sobre la idea de la lengua que se ha formado en las sociedades hispanohablantes no permite o inhibe la elaboración de diccionarios completos de las variedades nacionales del español, o “diccionarios integrales” [...]

O primeiro gesto que interrompe a sequência de publicações de dicionários regionais, parciais ou complementares na América Hispânica – sequência que operou e continua operando, como foi possível ver ao longo deste capítulo, sob o efeito de um duro pré-construído⁸⁹ – é o projeto de Lara que originará a publicação do *Diccionario del español de México*, obra que passaremos a caracterizar.

⁸⁵ De nossa perspectiva, interpretamos que essa especificação (“regional”) pode exceder as fronteiras nacionais.

⁸⁶ Cf. Celada, 2002, p. 161.

⁸⁷ Haja vista o site oficial da *Academia Boliviana de la Lengua* no qual se pode encontrar, em um item denominado *Uso del idioma*, dois links: *Uso correcto del español*, onde podemos acessar diversas publicações da RAE, e *Bolivianismos*, que nos remete a uma página com uma mostra de “bolivianismos” incorporados ao DA. Disponível em: <http://www.abolen.org>. Último acesso em: 20/10/2013.

⁸⁸ Idem, 2011, p. 337.

⁸⁹ Cabe observar que tal pré-construído é alimentado de modo específico, como já foi possível observar neste capítulo, pelo funcionamento da política pan-hispânica.

Publicado no ano de 2010, o DEM conta com aproximadamente 25 mil entradas, ordenadas alfabeticamente, disponíveis também para consulta digital na página do *Colegio de México*⁹⁰ na internet. Neste estudo, optamos por utilizar a versão impressa do dicionário, que apresenta uma divisão em dois volumes: o um registra as entradas de “A-Guzgo” e o dois, as de H-Zutano. O primeiro volume está composto, ademais do leatório, por uma série de paratextos divididos em itens que enumeramos da seguinte forma:

- (i) Abreviaturas y marcas de uso social, regional, gramatical, técnico y jergal;
- (ii) Introducción;
- (iii) Composición del Diccionario;
- (iv) Uso de los tiempos verbales;
- (v) Reglas de ortografía y puntuación;
- (vi) Modelos de conjugación regular;
- (vii) Modelos de conjugación irregular

É importante considerar que a publicação desse dicionário resulta de uma extensa pesquisa dirigida por Luis Fernando Lara, primeiro lexicógrafo a propor a produção de um dicionário integral elaborado em um país hispano-americano. Seu projeto para compor um dicionário integral da língua espanhola falada no México se inicia no ano de 1972, e para determinar quais seriam os vocábulos a serem definidos no dicionário, foi criado o *Corpus del español mexicano contemporáneo (CEMC)*. De acordo com Lara (2010, p. 20), o CEMC está composto por textos produzidos entre 1921 e 1974 – recorte temporal cujo ponto de partida é justificado pelo lexicógrafo pelo advento de:

[...] tres acontecimientos históricos casi simultáneos: el fin del período armado de la Revolución, que asentó la población; la publicación de *Los de abajo* de Mariano Azuela, primera novela del México contemporáneo; y el comienzo de las emisiones radiales de la XEW, principio de la difusión nacional de noticias, costumbre y símbolos ideológicos.

Para analisar o material linguístico reunido, o grupo de pesquisa de Lara desenvolveu o *Analizador gramatical automático del DEM*, primeiro programa automático de análise de

⁹⁰ Disponível em: <http://dem.colmex.mx/>. Último acesso em: 20/09/2013.

corpus de língua espanhola⁹¹. No ano de 1982, tem-se a primeira publicação resultante do trabalho coordenado por Lara, o *Diccionario fundamental del español de México*, obra composta por cerca de 2.500 entradas. De acordo com o próprio estudioso⁹², a publicação atendia a um pedido do então Secretário da Educação Fernando Solana e colaborava com a “Comisión Nacional para la Defensa del Idioma Español” criada pelo presidente José López Portillo nos últimos anos de seu governo. A urgência desse projeto, observa Lara⁹³, fez com que a equipe abandonasse o método de produção por “ordenação” (todas as entradas de uma letra seguindo a ordem alfabética) e partisse para uma produção concêntrica, trabalhando somente com os vocábulos com maior número de aparições em cada letra. Essa nova forma de trabalho permitiu que fossem publicadas outras duas obras ao longo do percurso do projeto. A primeira, o *Diccionario básico del español de México*, de 1986, conta com aproximadamente 7.000 vocábulos. A segunda, o *Diccionario del español usual en México*, tem cerca de 15.000 entradas, foi publicada em 1996 e sua nomenclatura está composta por vocábulos com ao menos dez aparições no CEMC, daí que no título apareça a especificação *usual*. Esse dicionário teve cinco reimpressões, sendo a última do ano de 2007 (cf. LARA, 1990, 2010).

O DEM, bem como o DIEA, caracteriza-se por ser um dicionário integral de língua espanhola produzido em um país hispano-americano, o que faz dele uma obra ímpar para pensar as condições de produção de nosso objeto de estudo. Como havíamos antecipado na Introdução, o DEM será uma obra que mobilizaremos, assim como o DRAE, nas análises empreendidas neste trabalho. Ademais, no DIEA, como veremos no Capítulo 2, são retomadas diversas proposições teóricas de Lara.

⁹¹ Cf. *ibidem*.

⁹² *Ibidem*.

⁹³ *Ibidem*.

À luz das observações expostas neste item, e a fim de considerar algumas das obras que conformam as condições de produção do DIEA, passaremos a nos ocupar agora especificamente da produção lexicográfica argentina.

3.1. A PRODUÇÃO LEXICOGRÁFICA NA ARGENTINA

O DIEA, como já referido em outras partes deste estudo, é o primeiro dicionário *integral* de língua espanhola produzido na Argentina. Como teremos ocasião de ver a seguir, a produção lexicográfica nesse país conta com uma massa importante de diversas outras publicações de vocabulários e dicionários, porém, todos eles podem ser caracterizados como “parciais”, para mobilizar uma metáfora, utilizada no campo da lexicografia hispânica, muito expressiva e que retomaremos em seguida.

Acreditamos que para o desenvolvimento de um estudo discursivo acerca desse primeiro dicionário, concebido como *integral*, é fundamental que se tenha em conta essas publicações, pois elas fazem parte das condições de produção – no caso, mais imediatas – do discurso que analisamos. Assim, apresentamos neste item um panorama (não exaustivo) da produção lexicográfica argentina e, para tanto, baseamo-nos, sobretudo, nos trabalhos de Pedro Luis Barcia⁹⁴ (2004) e Lauria (2010, 2012) estudiosos que – a partir de lugares teóricos diferentes – historiam e analisam tal produção.

Quanto ao modo como organizaremos a apresentação deste item, esclarecemos que, por não ser nosso objetivo analisar as obras, optamos por apresentá-las em oito gráficos que construímos e organizamos a partir do “tipo” de obra lexicográfica, tipologia que tomamos da classificação proposta pelo próprio Barcia⁹⁵:

⁹⁴ Cabe ressaltar que Barcia foi presidente da Academia Argentina de Letras entre os anos de 2001 e 2013.

⁹⁵ Ibidem.

- Gráfico 1: Glossários e auto-glossários
- Gráfico 2: Vocabulários e dicionários de ruralismos
- Gráfico 3: Dicionários de americanismos, indigenismos e de provincialismos (1853 – 1966)
- Gráfico 4: Dicionários de americanismos, indigenismos e de provincialismos (1971 – 2004)
- Gráfico 5: Dicionários de lunfardo
- Gráfico 6: Vocabulários especializados e de gírias (ou jargões)
- Gráfico 7: Dicionários normativos
- Gráfico 8: Dicionários de argentinismos

Em cada um deles, os respectivos instrumentos linguísticos serão expostos em uma linha do tempo de acordo com o ano de sua publicação. Pensamos que esse procedimento apresenta uma vantagem: permite-nos entrar em contato com uma volumosa produção lexicográfica, marcada pelo fato de se ocupar da língua numa relação de complementariedade (que implica contraste ou diferença), sobretudo, tal como observava Ávila (2004)⁹⁶, a respeito das obras produzidas na Península. Mesmo sabendo que quando falamos de “integralidade”⁹⁷, estamos sob o efeito de uma ilusão – a de achar que podemos definir as palavras todas de uma língua – o que cabe observar, no caso dessa produção lexicográfica feita na Argentina (e, de forma geral, daquela realizada em quase todos os países da América Hispânica) é o fato de que ela focalizou “a língua” *parcialmente*, com o objetivo de definir aspectos da mesma numa relação de contraste ou de diferença de um âmbito pensado como região e a respeito de um espaço de enunciação maior que poderíamos fazer coincidir com o universo de Estados no qual a língua espanhola é oficial, mas que pensamos que é melhor designar dizendo que se configura como vinculado a um processo de colonização linguística.

Passaremos a apresentar, portanto, algumas das principais obras elencadas por Barcia⁹⁸ em seu estudo seguindo a divisão de categorias proposta pelo autor. Em cada subitem, que será encabeçado por um título em itálico com o tipo de obras que será abordado de acordo com a

⁹⁶ Com as observações desse autor abrimos o item referente à produção lexicográfica na América Hispânica.

⁹⁷ A categoria de “integral” será explorada no capítulo 2, quando será abordado a partir do campo da lexicografia hispânica.

⁹⁸ Ibidem.

lista acima, o gráfico (ou gráficos) será precedido por alguns comentários que auxiliem na leitura dos dados expostos.

Glossários e auto-glossários

As listas de palavras são consideradas, segundo Aurox (2009, p. 25), como as primeiras manifestações do que seriam a filologia e a lexicografia. O autor assinala⁹⁹ que o surgimento desse “saber linguístico” se origina no fato de que a escrita (de um texto antigo ou de palavras ou textos estrangeiros) “*fixando* a linguagem, objetiva a alteridade e a coloca diante do sujeito como um problema a resolver”, e isso convoca a necessidade da produção de *glossários*. Entra aqui, então, a questão do encontro com a alteridade e, como veremos, em parte, muito vinculado ao processo de colonização.

No caso específico do território que hoje corresponde à Argentina, as primeiras anotações léxicas – a produção de glossários e auto-glossários – datam, segundo Barcia (2004, p. 29), dos séculos XVI e XVII e foram registradas, fundamentalmente, por escritores jesuítas. De acordo com o autor¹⁰⁰, ao longo do século XVIII, abundam breves glossários de línguas indígenas com equivalências ao espanhol incluídos em escritos de viajantes, tais como *Descripción de la Patagonia*, publicado em 1774, de Thomas Falkner ou *Diario*, de 1781, cuja autoria é de Antonio de Viedma.

Barcia¹⁰¹ destaca, ainda, a publicação do trabalho de Pedro de Angelis, *Colección de obras y documentos relativos a la historia antigua y moderna de las Provincias del Río de la Plata*, de 1835, e assevera que, nessa coleção, há somente um caso que pode ser considerado um precursor de vocabulários de argentinismos: *La Argentina*, de Ruy Díaz Guzmán.

⁹⁹ Ibidem.

¹⁰⁰ Ibidem.

¹⁰¹ Ibidem, p. 34

Dentre os autores do período romântico, o próprio Barcia¹⁰² destaca os trabalhos de auto-glossários de Esteban Echeverría, como em *La cautiva*, de 1837, e de Hilario Ascasubi, como *Los mellizos*, de 1850, e *Santos Vega o los mellizos de “La flor”*, de 1872. Cabe ressaltar que no século XIX, ainda de acordo com o estudioso¹⁰³, o médico Francisco Javier Muñiz reúne suas anotações lexicográficas no comumente conhecido *Vocabulario rioplatense*, obra publicada somente em 1885 por Domingo F. Sarmiento. Segundo Lauria (2010, p. 41), as anotações de Muñiz são consideradas por muitos estudiosos como o marco inicial da atividade lexicográfica monolíngue argentina.

¹⁰² Ibidem, p. 38.

¹⁰³ Ibidem, p. 43.

Gráfico 1: Glossários e auto-glossários

Vocabulários e dicionários de ruralismos

Segundo Barcia (2004) O projeto de Muñiz, com cuja menção encerramos o item anterior, precede diversos vocabulários e dicionários de ruralismos publicados ao longo do século seguinte, o XX. Dentre eles, ainda a partir da leitura do estudo de Barcia¹⁰⁴, consideramos conveniente destacar os trabalhos de Pedro Inchauspe, *Voces y costumbres del campo argentino* e suas obras procedentes; de Tito Saubidet, *Vocabulario y refranero criollo*, de 1943; de Mario López Osornio, a obra *Habla gaucha*, de 1945; além da obra de Juan Carlos Guarnieri, *Nuevo vocabulario campesino rioplatense. Con las locuciones más usadas en el Uruguay*, do ano de 1957, obra que, mesmo sem ser produzida no país, é válida para o Litoral argentino Também no século XX, encontramos diversas publicações dedicadas ao léxico de obras gauchescas, dentre as quais o próprio Barcia¹⁰⁵ destaca o trabalho de Eleuterio Tiscornia sobre o poema de José Hernández, *La lengua de Martín Fierro*, de 1930, entre outros.

¹⁰⁴ Ibidem, p. 47.

¹⁰⁵ Ibidem, p. 50.

Gráfico 2: Vocabulários e dicionários de ruralismos

Dicionários de americanismos, de indigenismos e de provincialismos

Ao longo dos séculos XIX e XX, abundam no espaço argentino as publicações de obras que se dedicam ao léxico americano, indígena ou provinciano. Em relação a esse tipo de obra, Barcia¹⁰⁶ destaca a publicação, em 1853, de *Apuntes para un Diccionario de americanismos e indigenismos*, de Benigno Teijeiro Martínez, obra que precede uma série de trabalhos que retomam, por meio do léxico, línguas indígenas. O incremento da produção dicionarística indigenista, como afirma Lauria (2010, p. 72) em seu trabalho, é favorecido por um contexto sócio-histórico no qual a figura do indígena ocupava um lugar de relevo. Conforme a estudiosa¹⁰⁷, o processo de independência e a consolidação do Estado exigiam a delimitação de fronteiras e a ocupação do território nacional, e na década de 1870, as campanhas da “Conquista do deserto”, impulsionadas por teóricos como Domingo F. Sarmiento e Juan Bautista Alberdi, expropriaram uma grande área de terras de povos indígenas e as incorporaram ao território argentino.

Outro tipo de produção lexicográfica desenvolvida na Argentina são os dicionários de provincialismos. O início da produção desse tipo de obra, como documenta o estudo de Barcia¹⁰⁸, data de 1898 com o trabalho de Samuel A. Lafone Quevedo, o *Tesoro de catamarqueñismos*.¹⁰⁹ Dentre os diversos dicionários de provincialismos publicados na região, o *Vocabulario rioplatense razonado*, de 1889, produzido por Daniel Granada, é considerado, conforme afirma Barcia¹¹⁰, como uma obra fundacional na lexicografia cisplatina. A esse propósito, Lauria¹¹¹ ressalta que a obra de Granada é uma das mais consultadas, citadas, copiadas e reformuladas ao longo da produção lexicográfica monolíngue da Argentina e da região.

¹⁰⁶ Ibidem.

¹⁰⁷ Ibidem.

¹⁰⁸ Ibidem, p. 62.

¹⁰⁹ Lembramos de “Catamarca” é uma das atuais províncias do território Argentino.

¹¹⁰ Ibidem, p. 83.

¹¹¹ Ibidem, p. 76.

A seguir, apresentamos as principais publicações de dicionários de americanismos, de indigenismos e de provincialismos divididas em duas linhas do tempo: a primeira de 1853 a 1966 e a segunda de 1971 a 2004.

Gráfico 3: Dicionários de americanismos, de indigenismos e de provincialismos (1853-1966)

Gráfico 4: Dicionários de americanismos, de indigenismos e de provincialismos (1971-2004)

Dicionários de lunfardo

De acordo com Fontanella de Weinberg (1987, p. 142):

La acelerada transformación social que tuvo lugar en las últimas décadas del siglo pasado [XIX] trajo como consecuencia, asimismo, el florecimiento en Buenos Aires de un ambiente delictivo propio de las grandes ciudades. En el aspecto lingüístico esto se vio reflejado por la aparición de un argot delictivo, el lunfardo, que surgió en esa época y algunas de cuyas formas pasaron al habla coloquial.

A própria autora observa que, no que se refere à caracterização do “lunfardo”, as definições variam muito: há aquelas que o consideram uma língua secreta exclusiva de delinquentes e há as que o identificam com a linguagem popular de Buenos Aires¹¹². O que cabe dizer aqui, dentro dos objetivos deste item, é que, como observado pela própria autora, o “lunfardo”, de fato, surge num âmbito de “contato linguístico”, por coincidir com o apogeu da etapa de imigração massiva/maciça que tinha lugar na Argentina na passagem do século XIX ao XX: muitos de seus falantes eram bilíngues, em especial de espanhol e de italiano¹¹³. Nesse sentido, a estudiosa dá destaque para esse traço do lunfardo: o da confluência linguística¹¹⁴.

Em relação aos dicionários de “lunfardo”, no final do século XIX, é publicada a obra que, segundo Barcia¹¹⁵, “inaugura a bibliografia sobre o lunfardo”, ainda que se identifiquem publicações anteriores: *Contribución al estudio de la psicología criminal. El idioma del delito*, datada do ano de 1894, do jurista e criminalista Antonio Dellepiane. Nos anos que seguem a publicação do trabalho de Dellepiane, são produzidas diversas obras que se ocupam do lunfardo, tais como *Los que viven de lo ajeno en Buenos Aires. Sus ardiles, sus prácticas. (Una excursión por el mundo del lunfardo)*, obra anónima de 1896; *Nuevo diccionario lunfardo*,

¹¹² Ibidem.

¹¹³ Cf. ibidem, p. 143.

¹¹⁴ Ibidem.

¹¹⁵ Ibidem, p. 91.

1913-1915, de José Antonio Saldías; *El lenguaje del bajo fondo. Vocabulario lunfardo*, de 1915, de Luis Villamayor; entre outros.

Como observa Barcia¹¹⁶, de suas origens até os dias atuais, o lunfardo passa por significativas mudanças relacionadas – como vimos acima a partir da reflexão de Fontanella de Weinberg – ao status que lhe é atribuído: inicialmente identificado com a linguagem criminal, ultrapassa, a partir da década de 1920, fronteiras geográficas e níveis socioculturais e passa a ser usado em países vizinhos, Uruguai e Chile, e no tratamento familiar da classe média. Nesse sentido, observe-se no gráfico deste item a renovação de obras mediante a realização de dicionários de sinonímia, de etimologia e, inclusive, de “novos” dicionários de lunfardo – como o de José Gobello, de 1994.

¹¹⁶ Ibidem, p. 95.

Gráfico 5: Dicionários de lunfardo

Vocabulários especializados e de gírias (ou jargões)

De acordo com Barcia¹¹⁷, desde o século XIX, diversos folcloristas avançaram na realização de estudos terminológicos. Seus trabalhos contribuíram, ainda de acordo com o autor¹¹⁸, para a publicação de obras posteriores como o *Diccionario folklórico argentino*, publicada em 1948, de autoria de Félix Coluccio.

A produção de dicionários e vocabulários especializados é vasta e abrange diversos campos léxicos como a hípica (*Equitación gaucha em la Pampa y Mesopotamia*, 1951, Justo A. Sáenz); atividades do homem do campo (*El guasquero. Trenzados criollos*, 1960, Luis Alberto Flores); atividades pecuárias (*El léxico ganadero en la Argentina: la oveja en la Patagonia y Tierra del Fuego*, 1959, Berta Vidal de Battini); esportes (*El fútbol y su lenguaje* 2001, Eduardo Rúben Bernal), entre outros¹¹⁹.

¹¹⁷ Ibidem, p. 103.

¹¹⁸ Ibidem.

¹¹⁹ Cf. ibidem.

Gráfico 6: Vocabulários especializados e de gírias (ou jargões)

Dicionários normativos

No final do século XIX e início do XX, de acordo com o estudo de Barcia¹²⁰, começam a surgir os primeiros dicionários de carácter normativo. Essa mudança na produção lexicográfica se relaciona, segundo o autor¹²¹, ao aumento do número de imigrantes no país. Nesse sentido, Lauria¹²² compreende que essa contextualização orienta opções teóricas e discursivas que dão lugar a uma nova modalidade dicionarística: os “dicionários de barbarismos”, nos quais se acentua a dimensão normativa. Barcia¹²³ considera que as obras normativas “son una voz de alerta preocupada por el purismo de la lengua y por la preservación del sistema al que se creía amenazado por la aluvional inundación de hablantes de otras lenguas europeas”.

Dentre as obras que conformam esse momento, destaca-se a publicação, em 1890, do *Diccionario de barbarismos cotidianos*, de Juan Seijas, obra que, segundo a própria Lauria¹²⁴, apresenta um forte carácter normativo que se pode verificar na estrutura da definição dos verbetes no dicionário, em marcações como *E – error* ou *errores* – ou *C – corrección* ou *corríjase con*. Sobre a mesma obra, Barcia¹²⁵ esclarece, ainda, que o material não corresponde à fala dos argentinos, estando, na verdade, baseado em exemplos venezuelanos, visto que seu autor era venezuelano e escreveu o dicionário após uma estadia de três meses na Argentina. Dentre outras, pode-se destacar também a publicação, em 1901, de *Voces y frases viciosas*, de Enrique Teófilo Sánchez, obra que, segundo Barcia¹²⁶, recolhe não somente vozes de uso argentino, mas também chilenismos, peruanismos, alguns bolivianismos e americanismos em geral.

¹²⁰ Ibidem, p. 117.

¹²¹ Ibidem.

¹²² Ibidem, p. 138.

¹²³ Ibidem.

¹²⁴ Ibidem, p. 107.

¹²⁵ Ibidem.

¹²⁶ Ibidem, p. 120.

Gráfico 7: Dicionários normativos

Dicionários de argentinismos

Segundo o estudo de Barcia¹²⁷, o primeiro projeto de produção desse tipo de obra é do ano de 1875¹²⁸ e foi apresentado pela *Academia Argentina de Ciencias, Letras y Artes*, criada em 1873 por iniciativa de um grupo de intelectuais portenhos. No entanto, o autor registra¹²⁹ que, quatro anos após sua fundação, a Academia teve suas atividades interrompidas ficando o projeto do dicionário inconcluso.

Quanto a esse tipo de produção lexicográfica, é importante ressaltar o projeto do *Diccionario de Argentinismos*, do ano de 1910, da *Academia Argentina de la Lengua*. De acordo com Barcia¹³⁰, a proposta de fundação dessa instituição é feita por Eugenio Sellés, membro da RAE e componente da comitiva real que visitava o país em função das comemorações do *Centenario de Mayo de 1810*. Fundada então em 1910, a Academia inicia suas atividades com o projeto de um dicionário de argentinismos, cuja primeira publicação é em 2005 com o *Diccionario de habla de los argentinos*¹³¹, obra que teve uma edição aumentada em 2008.

¹²⁷ Ibidem, p. 129.

¹²⁸ O projeto se intitulava *Diccionario de argentinismos o del lenguaje argentino o del lenguaje nacional* e, ainda que não tenha sido plenamente desenvolvido, textos como o *Reglamento de la Academia* e *Principios a que debe ajustarse la redacción del Diccionario del lenguaje argentino*, somados a uma pequena mostra de vocábulos publicados em *El Plata Literario*, publicação que funcionava como uma espécie de órgão de comunicação informal da Academia, permitem que se conforme uma ideia da obra (cf. BARCIA, 2004, LAURIA, 2010).

¹²⁹ Ibidem.

¹³⁰ Ibidem, p. 148.

¹³¹ Como antecipamos em nossa Introdução, essa obra poderá ser mobilizada na análise do DIEA, pois a incluímos na série de dicionários que fazem parte de nosso *corpus*.

Gráfico 8: Dicionários de argentinismos

Com esse gráfico, encerramos o item dedicado à produção lexicográfica na Argentina. Essa abordagem nos permitiu ver que há nesse espaço, desde o século XVI com os primeiros glossários, uma produção lexicográfica restrita à produção de obras que caracterizamos, no início deste item, como “parciais” e que, como foi possível constatar, abocou-se a tratar diversos tipos de *-ismos*, tendência que se faz presente na última das publicações abordadas no item anterior: *Diccionario de habla de los argentinos*, da *Academia Argentina de Letras*, lançado ainda em 2005 e novamente publicado – como também acabamos de ver – em edição aumentada no mesmo ano em que foi publicado o DIEA.

Fizemos questão aqui de explorar a capacidade metafórica do significante *parcial*, servindo-nos da contraposição que expressa com relação a “integral”. Este último aparece explicitamente no título da obra que trataremos a seguir e cuja publicação, de 2008, como já antecipamos, vem a interromper essa prática: o *Diccionario integral del español de la Argentina*, instrumento para o qual nos voltamos neste estudo. Vejamos, no próximo item, uma caracterização dessa obra dentro do projeto editorial no qual se inscreve.

3.1.1. O DICCIONARIO INTEGRAL DEL ESPAÑOL DE LA ARGENTINA

Como antecipamos na Introdução deste estudo, o conjunto de palavras definido por um dicionário “integral” não se limita a uma recorte contrastivo – tal como acontecia nos instrumentos linguísticos aos quais, neste capítulo, já nos referimos como “diferenciais” ou “parciais”. Assim, o leatório do DIEA está composto por aproximadamente 40 mil entradas selecionadas, segundo se informa no dicionário, a partir de uma determinada frequência de aparições em um *corpus* linguístico conformado para sua confecção, o *Corpus inicial del español argentino (CIEA)*. De acordo com as informações oferecidas no próprio dicionário, o CIEA reúne textos de diferentes áreas temáticas¹³² publicados a partir de 1981 (exceto os

¹³² De acordo com o DIEA, as áreas consideradas para a elaboração do CIEA foram "ficción; economía, finanzas

literários e religiosos)¹³³, sendo que deles 90% são escritos e 10% orais. Ainda de acordo com o dicionário, os textos que conformam o CIEA foram produzidos na Argentina e o *corpus* foi elaborado “con el objetivo de identificar con claridad la variedad del español estándar utilizado en nuestro país”¹³⁴.

Quanto a sua estrutura, o DIEA se compõe por seis partes: (i) prólogo; (ii) apresentação; (iii) guia de uso; (iv) índice de abreviações; (v) leamário; e (vi) apêndices. O prólogo é assinado por José Luis Moure, filólogo e professor da *Universidad de Buenos Aires*, pesquisador do CONICET e atual presidente da *Academia Argentina de Letras* (AAL)¹³⁵. Como se pode constatar com base nos dados editoriais, ele não fez parte da equipe que elaborou o dicionário, sendo, portanto, convidado a prologar a obra. A seção denominada *Presentación* explicita alguns dados relativos à concepção e elaboração do dicionário, foi escrita por Andreína Adelstein, uma das pessoas responsáveis pela assessoria teórica, o desenho de *corpus*, a redação de planta e o leamário do DIEA¹³⁶. O item titulado *Guía de uso* consiste na reprodução de alguns verbetes a partir dos quais se mostra, de maneira esquemática, quais são as partes que os compõem nesse dicionário. Finalmente, os *Apéndices* se dividem em sete itens que tratam diferentes questões relacionadas à língua espanhola: (i) *La conjugación verbal*; (ii) *La ortografía*; (iii) *Los marcadores del discurso*; (iv) *Los pronombres personales*; (v) *Los numerales*; (vi) *La formación de palabras*, e (vii) *Dudas gramaticales frecuentes*.

A produção do DIEA faz parte de um projeto editorial que envolve e origina outras publicações. A seguir, apresentamos alguns aspectos das concepções desse empreendimento editorial.

y comercio; ciencias sociales y política; creencias y religión; ciencias humanas y artes; ciencias exactas y naturales; tecnologías y oficios; ocio; salud; y otras." (DIEA, *Presentación*, p. 11)

¹³³ A razão dessa exceção não é explicitada na obra.

¹³⁴ DIEA, p. 11.

¹³⁵ Cabe esclarecer que no momento da publicação do DIEA, Moure era somente membro da AAL, tendo começado a atuar como presidente em 2013.

¹³⁶ Como expusemos na Introdução, tivemos a oportunidade de entrevistar Andreína Adelstein, contato que nos proporcionou importantes esclarecimentos em relação à obra que estudamos.

3.1.1.1. O PROJETO EDITORIAL DO DIEA

A confecção do DIEA se insere em um projeto editorial da *Voz activa*, marca da editora *Tinta fresca* que pertence ao *Grupo Clarín*, maior conglomerado midiático da Argentina atualmente. Na página da *Voz activa* na internet¹³⁷, em um item denominado *Quiénes somos*, apresenta-se uma definição da empresa, da qual destacamos a seguinte sequência discursiva:

Sd4: Voz activa es una marca de Tinta fresca ediciones S.A., una empresa del Grupo Clarín de Argentina. Con la coordinación de Beatriz Tornadú, esta unidad está integrada por un equipo multidisciplinario de especialistas que producen artículos originales para diccionarios lexicográficos y diccionarios enciclopédicos, siguiendo los más actualizados criterios y procedimientos de la lexicografía y la compilación de repertorios y tesauros, orientados a reflejar la cultura de circulación social en nuestro medio y en nuestro tiempo. Los repertorios de Voz activa se han elaborado pensando en la consulta de nuestros lectores.

Depreende-se da leitura de Sd4 que *Voz activa* – marca que conta com uma equipe coordenada por Beatriz Tornadú¹³⁸, diretora editorial responsável pelo projeto do DIEA – tem como objetivo o trabalho lexicográfico, seja relacionado a dicionários linguísticos ou enciclopédicos. É interessante notar que, em Sd4, há uma especificação relacionada às obras produzidas por essa equipe: *producen artículos originales*. A explicitação quanto à originalidade dos artigos lexicográficos elaborados pela equipe da *Voz activa* funciona como uma marca relacionada à memória da prática de recopilação de obras existentes, procedimento comum na elaboração de dicionários. De fato, a recopilação foi, e ainda continua sendo em muitos casos, bastante comum no campo da lexicografia, o que nos permite ler o fragmento de Sd4 como uma negação da prática de produção de verbetes a partir de obras já existentes, o que, de alguma maneira, se configura como um movimento de inovação na produção específica de

¹³⁷ A página oficial da *Voz activa* é: www.voz-activa.com.ar (Último acesso em 20/09/2013).

¹³⁸ Pesquisadora membro do CONICET.

dicionários de língua espanhola, posto que, como vimos no item anterior deste capítulo, muitas obras são elaboradas com base no repertório lexicográfico produzido pela RAE.

Em Sd4, mobiliza-se um fragmento que refere a um determinado leitor para o qual se destinam as produções elaboradas pela *Voz activa: nuestros lectores*. Ademais, detectamos uma dêixis espacial (*nuestro medio*) e outra temporal (*nuestro tiempo*), ambas remetem ao espaço geográfico determinado pela enunciação¹³⁹. No funcionamento do excerto do qual nos ocupamos, parece não estar explícita a referência do possessivo *nuestro* que compõe os sintagmas vistos anteriormente. No entanto, é possível que se estabeleça uma relação entre essas formas linguísticas e a denominação que se apresenta no início do fragmento, no qual explica-se que *Voz activa* é uma marca de *Tinta fresca ediciones S.A.* que por sua vez faz parte do *Grupo Clarín de Argentina*. Note-se que nesse enunciado, a denominação *Grupo Clarín* é acompanhada de um determinante *de Argentina*¹⁴⁰. Essa nomeação do espaço serve de referência ao possessivo e é retomado de maneira direta pelo sintagma *nuestro medio* e, de maneira mais indireta, pelos sintagmas *nuestro tiempo* e *nuestros lectores*. Assim, compreendemos que o DIEA faz parte um projeto editorial que, elaborado a partir do espaço da Argentina, propõe-se “refletir” a cultura em circulação nessa região e projeta um interlocutor que também faça parte desse espaço.

Com o propósito de compreender a rede de significações que envolve o projeto editorial do DIEA, buscamos conhecer, tal como fizemos em relação à marca *Voz activa*, a editora *Tinta*

¹³⁹ Observe-se que resulta dos sintagmas destacados um efeito de sentido que, por conta dos possessivos de primeira pessoa plural, apaga as fronteiras entre o eu e os outros e cria uma esfera da qual todos, sujeito e interlocutores, fazem parte.

¹⁴⁰ Pesquisando a partir de textos informativos disponíveis no site oficial do conglomerado, constatamos não ser usual a denominação com determinante de Argentina, pois, de acordo com nosso levantamento, a forma mais comum de nomeação é somente *Grupo Clarín*. Acreditamos, ainda, que seria possível ter-se optado pela denominação *Grupo Clarín S.A.*, pois desde o ano de 1999 o grupo tornou-se uma sociedade anônima, forma que manteria um paralelismo com *Tinta fresca ediciones S.A.* Considerando o que dissemos, teríamos três possibilidades de denominação: (i) *Grupo Clarín*; (ii) *Grupo Clarín S.A.* e (iii) *Grupo Clarín de Argentina*. Note-se que somente com a última forma, justamente a que encontramos no fragmento analisado, é possível referir-se diretamente a um espaço geográfico determinado, a Argentina.

fresca. Do website da editora¹⁴¹, de um elemento de hipermídia também denominado *Quiénes somos*, extraímos o seguinte fragmento:

Sd5: Somos una editorial creada especialmente para ofrecer a docentes y alumnos los mejores libros escolares, para todos los niveles del sistema educativo argentino y publicados en la Argentina.

Em Sd5, *Tinta fresca* é definida como uma editora que se dedica exclusivamente à produção de materiais didáticos voltados ao sistema escolar nacional argentino¹⁴².

O projeto de produção da *Tinta fresca* se vincula à atuação editorial do *Grupo Clarín*:

Sd6: Tinta fresca se inscribe en una tradición de compromiso con la educación que ha desarrollado durante toda su historia el Grupo Clarín al que pertenece, quien ha participado en múltiples propuestas editoriales como uno de los principales productores bibliográficos del país. A través de su compromiso editorial y con responsabilidad social, la educación se constituye como una prioridad y apoyarla es una de sus tareas básicas como grupo argentino de comunicaciones.

Em Sd6, são atribuídos ao *Grupo Clarín* uma tradição editorial e um compromisso educacional que expandem a atuação do conglomerado midiático para além do campo próprio da mídia chegando ao âmbito da educação. Esse movimento em relação à educação influi na concepção de língua e se relaciona com fragmentos que reproduzem a opinião de especialistas e que são apresentados na página da *Voz activa*, tal como a seguinte passagem atribuída ao já referido autor do prólogo do DIEA, José Luis Moure¹⁴³:

Sd7: una comunidad no es enteramente dueña de su idioma, concebido como patrimonio, hasta no haber hecho con él lo que ya ha cumplido con su geografía, historia y demás activos culturales: **delimitar su territorio, en este caso lingüístico**, aceptarlo afectuosamente **como un logro y no como un desvío**, y como paso fundamental en ese empeño, inventariar reflexivamente las palabras de que se sirve, definiéndolas desde y con su propia variedad estándar¹⁴⁴ [grifos nossos].

¹⁴¹ Disponível em: www.tintafresca.com.ar. Último acesso em: 20/09/2013.

¹⁴² É notável a valorização da produção de materiais que sejam publicados na Argentina, haja vista o fato de que a editora declara ter sido criada especificamente para oferecer a professores e alunos livros escolares publicados no país.

¹⁴³ Na página da empresa, figuram as seguintes referências: "Dr. José Luis Moure. Universidad de Buenos Aires; CONICET; Academia Argentina de Letras. Disertación en la presentación del Diccionario integral del español de la Argentina, MALBA, Buenos Aires, abril de 2009".

¹⁴⁴ Disponível em: www.voz-activa.com.ar. Último acesso em: 20/11/2013.

Na formulação de Sd7, a relação de “posse da língua” por parte de uma comunidade aparece vinculada a um processo de delimitação de um “território linguístico”. A interpretação dessa relação, de nossa perspectiva, exige que mobilizemos dois aspectos relacionados à língua espanhola nesse espaço de enunciação. Por um lado, é fundamental ter em conta o processo de *transferência*¹⁴⁵ dessa língua operado pela conquista e colonização, conforme antecipamos na Introdução, e, por outro, é necessário considerar a política linguística promovida historicamente pela RAE, posto que foi essa política a que constituiu o imaginário de norma monocêntrica e de desvio com relação a essa norma. Assim, em Sd7, identificamos a sinalização da necessidade de que se tome uma posição em relação à produção de instrumentos que legitimem a variedade nacional para que a comunidade possa ser “dona” da língua.

À luz dos sentidos detectados em Sd4, é significativo refletir a respeito da forma como se nomeia a editora que se dedica a materiais didáticos e a marca que trabalha com verbetes para dicionários e enciclopédias. No primeiro caso, o nome *Tinta fresca* permite que se estabeleça uma relação com aquilo que foi feito há pouco tempo, trazendo os sentidos do novo em oposição àquilo que é tradição, que se pensa como “velho”. No segundo, o nome da marca *Voz activa* parece entrar em relações de sentido com a história da produção lexicográfica na Argentina e ativar uma voz até então quieta, calada – se preferirmos, em silêncio ou silenciada. Dito de outro modo, lembremos que o primeiro lançamento da marca *Voz activa* inaugura, com a publicação de um dicionário integral, o DIEA, uma nova “categoria” na produção lexicográfica na Argentina: impulsiona uma voz, “capaz de fazer” com iniciativa própria e energia para atuar, intervir, como poderíamos dizer ao colocar esse fragmento – *voz activa* – em relações de sentido com alguns enunciados definidores do verbete “activo”, no próprio dicionário.

¹⁴⁵ De acordo com Orlandi (2001, p. 33), ao falarmos de colonização, é preciso reconhecer que “há trabalho da memória local, do saber discursivo” que produz deslizamentos; por isso a estudiosa afirma que nesses casos há uma *transferência*.

O projeto que origina a publicação do DIEA impulsiona uma série de obras que serão publicadas a partir dele. No item seguinte, trataremos essas publicações e suas principais características.

3.1.1.2. DESDOBRAMENTOS DA PUBLICAÇÃO DO DIEA

Acreditamos que, ainda que seja o primeiro dicionário de língua espanhola de caráter integral publicado na Argentina, o alcance de circulação do DIEA é bastante limitado devido a seu alto valor de comercialização¹⁴⁶. Não será essa obra, portanto, a que circulará no ambiente escolar, ou a que alcançará uma ampla difusão junto à sociedade argentina em geral, mas sim as publicações que dela derivam.

Após o lançamento do DIEA, a marca *Voz activa* lançou uma série de obras lexicográficas que, segundo nos informou Andreína Adelstein em oportunidade de uma entrevista a qual já nos referimos¹⁴⁷, derivam do projeto editorial que inclui esse dicionário, tendo, inclusive, sua nomenclatura como base. No catálogo da empresa, figuram as seguintes publicações¹⁴⁸:

- Diccionario Inicial Tinta Fresca. 1ra.ed. - Buenos Aires: Tinta Fresca - Voz activa, 2009.
- Diccionario Estudiantil Tinta Fresca. 2da. Ed. – Buenos Aires: Tinta fresca-Voz activa, 2010.
- Diccionario compacto del español actual. 1da. Ed. – Buenos Aires: Voz activa, 2010.
- Diccionario de sinónimos, antónimos y palabras relacionadas. Tinta Fresca. 1ra.ed. - Buenos Aires, Tinta Fresca - Voz activa, 2010.

¹⁴⁶ Na página de uma livraria argentina de grande difusão, o valor de comercialização do DIEA é de \$760 pesos (Disponível em: www.editorialelateneo.com.ar. Último acesso em: 20/09/2013). No Brasil, o atual valor de comercialização em uma livraria de grande porte na cidade de São Paulo é de R\$ 469 reais (Disponível em: www.livrariacultura.com.br. Último acesso em: 20/09/2013).

¹⁴⁷ Entrevista realizada em 12 de julho de 2012.

¹⁴⁸ Catálogo disponível em www.voz-activa.com.ar. Último acesso em: 20/09/2013.

- Una gramática para todos. 2da.ed. - Buenos Aires: Voz activa, 2011.
- Enciclopedia Mundo actual. 1ra. Ed. - Buenos Aires: AGEA, 2011.

O catálogo está, portanto, composto por seis obras além do DIEA, sendo que entre elas, quatro são dicionários. Como se pode inferir pelos títulos consultados, algumas são produções claramente voltadas para o âmbito escolar – dicionários *inicial*, *estudiantil*, *compacto* – tal como vimos ser a proposta da editora *Tinta fresca*. Além dos dicionários, fazem parte do catálogo da *Voz activa* uma gramática e uma enciclopédia¹⁴⁹.

Também com base na nomenclatura conformada para a confecção do DIEA, publicou-se, no ano de 2009, em forma de fascículos que acompanhavam o jornal *Clarín*, *El gran diccionario de los argentinos. El uso del español actual de la argentina* (doravante GDA), obra que apresenta diversas semelhanças com o DIEA: dentre elas, observamos que ambos os dicionários são prologados pelo mesmo texto¹⁵⁰ com algumas reformulações como a menção ao título da obra ou ao número de verbetes¹⁵¹. No entanto, Lauria (2012, p. 330) aponta em seu estudo que essa publicação também contém algumas diferenças em relação ao DIEA, tais como a inclusão de regionalismos, ruralismos, vozes lunfardas históricas e as seguintes marcas diatópicas: NO (Noroeste), NE (Noreste), CENT (Centro), CUYO (Cuyo), RPI (Río de la Plata), S (Sur).

Na página do *Grupo Clarín* na internet, apresenta-se a seguinte relação entre o DIEA e o GDA¹⁵²:

Sd8: Tinta Fresca creó la unidad **Voz activa**, integrada por un equipo multidisciplinario de especialistas que producen contenidos originales para obras de consulta, como diccionarios lexicográficos y diccionarios enciclopédicos. Una de sus más valiosas producciones es

¹⁴⁹ Note-se a *Enciclopedia Mundo actual*, ainda que figure no catálogo da *Voz activa*, não leva essa marca, mas sim a da *Arte Gráfico Editorial Argentino* (AGEA), também pertencente ao *Grupo Clarín*.

¹⁵⁰ Faremos a análise desse prólogo do DIEA no Capítulo 2.

¹⁵¹ No DIEA diz-se “El *Diccionario integral del español de la Argentina*, que estas páginas quieren prologar [...]” enquanto no *Gran diccionario* encontramos “El *gran diccionario de los argentinos*, que estas páginas quieren prologar [...]”. Ademais, no prólogo do DIEA, afirma-se que inclui 40.000 entradas e 85.000 acepções e no *Gran diccionario* os números passam a 50.000 entradas e 100.000 acepções.

¹⁵² Texto disponível em http://www.grupoclarin.com.ar/areas_y_empresas/voz-activa. Último acesso em: 20/09/2013.

el **Diccionario integral del español de la Argentina (2008)**. Se trata de una obra pionera producida en el país por lexicógrafos argentinos, que describe la variedad del español que utilizamos en la Argentina. Este diccionario integral fue el primero en América e inaugura el espacio lingüístico que se ha dado en denominar “diccionarios nacionales”. El diccionario contiene más de 40.000 palabras, 80.000 acepciones y ejemplos de uso, basados en documentos reales del español hablado en nuestro país. La obra fue editada en 2009 también en **18 tomos que acompañaron**, bajo la modalidad opcional, **la edición del diario Clarín**. Y desde mayo de 2011, está disponible su versión on line y gratuita en el sitio **Clarín.com**. Otra obra de gran valor, que fue producida íntegramente desde el inicio, es el **Diccionario Enciclopédico Ilustrado (2011)**. El mismo abarca 18 tomos, que el diario Clarín ofreció en forma opcional [grifos nossos].

A publicação do GDA é referida em Sd5 como uma edição do DIEA em fascículos. Cabe ressaltar que aí não são mencionadas as reformulações que se operam no título e na nomenclatura – no prólogo do GDA afirma-se que a obra conta com “50 mil elementos léxicos y casi 100.000 acepciones” (GDA, p. VII), o que representa dez mil entradas a mais que o DIEA. As obras são, portanto, tratadas como equivalentes, tal como ocorre em relação à versão *on-line* do dicionário, denominada *Diccionario Clarín.com*, disponível para consulta gratuita no site do jornal *Clarín* desde 24 de abril de 2011¹⁵³. Entretanto, sem que seja nosso objetivo analisar as reformulações entre as obras, gostaríamos de assinalar aqui um tipo de variação muito expressiva. A diferença entre as três publicações se materializa, entre outros, no caso da entrada *pacará* que compõe a mostra com a qual trabalharemos no capítulo três desta dissertação. O DIEA apresenta o seguinte verbete:

Sd9: pacará 1 *m* Árbol corpulento, que puede medir entre 8 y 30 m de altura y tener hasta 1 m de diámetro, de copa extendida como una gran sombrilla, corteza color gris claro, flores blanco verdosas y un fruto de color negro parecido a una oreja humana; se encuentra en las zonas subtropicales de la Argentina. § 2 *m* Madera del → pacará [1]; es blanda y se utiliza en la fabricación de cajones de frutos

¹⁵³ Cf. nota publicada pelo jornal *Clarín*, disponível em http://www.clarin.com/sociedad/Clarincom-lanza-diccionario-completo-Argentina_0_470353233.html. Último acesso em: 20/09/2013. De acordo com a notícia, cujo título é “Clarín.com lanza el diccionario más completo de la Argentina”, o *Diccionario Clarín.com* é uma versão *on-line* do *Gran diccionario de los argentinos* e é referido como sendo “imprescindible para los estudiantes”, enunciado que se vincula ao gesto de produção de materiais para o âmbito escolar identificado em Sd5, fragmento que define a editora *Tinta fresca*.

utensílios, artesanías, muebles, embarcaciones, etc¹⁵⁴.

O vocábulo *pacará* não é registrado pelo GDA e aparece reformulado no *Diccionario Clarín.com*:

Sd10: *pacará* 1 *m* Árbol fabáceo (*Enterolobium contortisiliquum*) de corteza color gris ceniciento y fruto en vaina chata, dehiscente, de forma arriñonada y color negra [sic] en su madurez. Es propio de Brasil meridional, Bolivia, Paraguay, norte de la Argentina y nordeste del Uruguay (≈ oreja de negro, timbó). § 2 *m* Madera del → *pacará* [1]; es blanda y se utiliza en la fabricación de cajones de frutos, utensílios, artesanías, muebles, embarcaciones, etc.

Entre o verbete do DIEA e o do *DiccionarioClarín.com*, há uma significativa reformulação da primeira acepção do vocábulo. Note-se que em ambos podemos observar a mobilização de saberes mais filiados a um discurso enciclopédico, porém, enquanto no segundo desses instrumentos, preponderam sentidos vinculados ao campo da ciência, – veja-se, por exemplo, o termo “fabáceo” que aparece aí e cuja entrada não está registrada na própria obra, fato que contribui a uma menor transparência ao pensarmos no consulente – no DIEA, prepondera um discurso mais vinculado à experiência de uma determinada “comunidade linguística” a respeito de um objeto do mundo, como diria Lara (1996). De fato, observamos aí marcas das antecipações que ambos os instrumentos realizam sobre seus leitores, projetando-os de modo diferente. Estas observações nos aproximam do objeto que neste trabalho tentamos começar a compreender, o DIEA.

As reflexões expostas ao longo deste primeiro capítulo nos permitem importantes detecções para o desenvolvimento de nosso estudo. Inicialmente, é importante considerar que os primeiros dicionários monolíngues surgem em uma relação intrínseca com a formação dos Estados nacionais. No caso específico da lexicografia hispânica, vimos que os instrumentos

¹⁵⁴ O verbete de *pacará* será retomado em nossas análises no capítulo 3.

linguísticos produzidos no final do século XV se relacionam a movimentos políticos importantes: a reconquista do território espanhol pelos reis católicos Isabel e Fernando e a consequente expulsão dos muçulmanos; e a chegada ao continente americano, que dará lugar a pelo menos três séculos de conquista e colonização. Ademais desse aspecto, o breve histórico apresentado neste capítulo nos dá elementos para compreender o lugar que a produção da RAE ocupa no que se refere à lexicografia hispânica e a consequente produção lexicográfica hispano-americana. Como vimos no item dedicado à lexicografia argentina, nesse país, essa produção esteve, até a publicação do DIEA, limitada exclusivamente a obras diferenciais ou específicas, não havendo nenhum gesto no processo de formação desse Estado nacional que fosse na direção de – sob o efeito de um imaginário capaz de dar corpo a uma tomada de posição – definir *integralmente* a língua espanhola, projetada aí como nacional, mediante a produção de instrumentos linguísticos “integrais”. Por fim, termos focalizado este último instrumento, atentando para seu contexto mais específico – sua editora, a coleção na qual é incluído por esta, os outros dicionários aos que deu origem – nos permitiu compreender, numa aproximação ainda inicial, aspectos relativos às relações de sentido que ele trava no espaço de enunciação delimitado como “Argentina”.

Esse percurso nos fornece elementos fundamentais para compreender as condições de produção de nosso objeto de estudo e nos auxiliará a interpretar, a partir das marcas detectadas na superfície discursiva, a formulação dos enunciados com os quais trabalhamos ao longo de nossas análises, permitindo que os relacionemos ao interdiscurso que os atravessa. A partir dessas considerações, passaremos ao próximo capítulo, no qual começaremos a análise do DIEA, instrumento que será colocado em relação com outros que fazem parte da série de nosso *corpus*, especialmente o DRAE e o DEM.

CAPÍTULO 2

NO PARATEXTO DO DIEA: MEMÓRIA, SENTIDOS E NOVAS PROJEÇÕES

O segundo capítulo deste estudo, como já adiantamos na Introdução, tem como objetivo a análise de alguns elementos que circundam o leuário do DIEA – tais como a capa, a quarta capa, a apresentação e o prólogo da obra.

De acordo com Nunes (2006, p. 33), a análise discursiva do texto dicionarístico leva à mobilização de noções provenientes dos estudos da Lexicografia e da Lexicologia – tais como *prefácio*, *verbetes*, *nomenclatura*, *definição*, *contextualização*, *etimologia* e *marcação* – e nos permite tratá-las discursivamente. Dentre esses domínios, o estudioso considera os prefácios como materiais fundamentais para analisar as condições de produção dos dicionários e a posição do lexicógrafo, visto que neles os autores se colocam e constroem, assim, uma determinada imagem de leitor, de língua e de dicionário¹⁵⁵. Nunes¹⁵⁶ ressalta ainda que “tratar esses domínios como discursivos leva a considerar a historicidade” da constituição dos dicionários e a colocar os sentidos que ali surgem em relação com “outros domínios” dentro de um *corpus*¹⁵⁷.

Nossa análise visa abordar os elementos *paratextuais* do DIEA de maneira a compreender sua constituição e a detectar os sentidos que a eles se vinculam. A noção de *paratexto* é definida por Genette (2009, p. 9) como “[...] aquilo por meio de que um texto se torna livro e se propõe como tal a seus leitores, e de maneira mais geral ao público”. Para o autor¹⁵⁸, o paratexto funciona como uma zona de limite entre o texto e o seu exterior, que

¹⁵⁵ Ibidem.

¹⁵⁶ Ibidem.

¹⁵⁷ Em nosso caso, ademais dos elementos paratextuais, trabalharemos com uma mostra de verbetes cuja análise será apresentada no próximo capítulo.

¹⁵⁸ Ibidem.

oferece a cada leitor a possibilidade de entrar ou retroceder, e na qual se dão uma série de ações sobre o público que visam uma determinada "recepção" da obra.

A partir de nosso lugar teórico, tomamos a definição proposta por Genette¹⁵⁹ e compreendemos que o paratexto funciona como um antecipador, que convoca determinados sentidos de uma memória discursiva e possibilita que o leitor projete uma antecipação sobre o dicionário. Dito de outro modo, entendemos que os elementos paratextuais são fundamentais no jogo de formações imaginárias inerente a todo processo discursivo¹⁶⁰. Esse jogo se enlaça indefectivelmente às relações de sentido que aí são propiciadas e, portanto, ao próprio jogo das relações de força que, em determinadas condições de produção, opera.

Quanto à estrutura, dividimos este capítulo em três seções. Na primeira, apresentamos a análise da capa e da quarta capa do DIEA, na qual incluímos também o estudo do título da obra; na segunda, analisamos o texto da *Presentación*, seção que contém uma série de dados sobre o projeto e a publicação do dicionário; e, por fim, na terceira, analisamos o *Prólogo* da obra. Passemos, portanto, à primeira parte desse conjunto.

1. A CAPA E A QUARTA CAPA

Com o objetivo de organizar nossa exposição, subdividimos esta seção em dois itens. No primeiro deles (item 1.1.), abordaremos diversos aspectos relacionados à capa do DIEA, movimento que nos levará a algumas subdivisões que exporemos imediatamente. Já no segundo (item 1.2.), apresentamos algumas considerações acerca da quarta capa do dicionário.

1.1. A CAPA

Na capa¹⁶¹ do DIEA, considerada em sua totalidade, começamos por notar três aspectos, totalmente entrelaçados, da materialidade verbal, que aqui nos levarão a organizar esta parte de

¹⁵⁹ Ibidem.

¹⁶⁰ Cf. Pêcheux, 2010 [1969].

¹⁶¹ Em alguns casos, para melhor visualização, as imagens analisadas neste capítulo também serão reproduzidas em tamanho maior em anexos cujos números indicaremos oportunamente.

nossa análise: o título da obra (item 1.1.1. “O título do DIEA” e as demais subdivisões dessa seção), as letras *a* e *z*; e a logomarca da *Voz activa* (item 1.1.2. “Letras, formas e cores”). Observemos a capa do dicionário e passemos, assim, à sua análise.

Imagem 6: Capa do DIEA¹⁶²

1.1.1. O TÍTULO DO DIEA

Por conta das diversas relações que estabelecemos a partir da nomeação da obra, subdividiremos nossa análise em itens que respondem a três movimentos que empreendemos a partir de seu título: em relação a suas projeções (item 1.1.1.1. “Reformulações e processos de determinação”); em relação a outros dicionários (1.1.1.2. “Em relações de sentido com os títulos

¹⁶² Imagem reproduzida no Anexo I.

de outros dicionários do universo hispânico”); em relação a um projeto editorial (item 1.1.1.3. “Em relações de sentido com os diversos títulos de um projeto editorial”). Passemos ao primeiro item.

1.1.1.1. REFORMULAÇÕES E PROCESSOS DE DETERMINAÇÃO

Em relação à disposição dos diferentes aspectos que podemos identificar, notemos que o título ocupa um lugar significativo, pois aparece no centro da capa. Ao isolarmos essa sequência

Sd11: Diccionario integral del español de la Argentina

podemos observar que ela traz em si marcas de uma determinação do dicionário sobre si mesmo. Vejamos, primeiramente, o caso do determinante *integral*¹⁶³. Trata-se, por um lado, de uma especificação que indica uma determinada classe de dicionário e nos remete à área de estudo da Lexicografia. Por outro, é também um vocábulo não técnico que, no imaginário de um leitor médio não especializado, pode entrar em relação com uma série de sentidos que procuraremos explicitar.

Para tanto, no que se refere aos sentidos mais gerais, aqueles que circulam no senso comum, consultamos a definição que o próprio DIEA registra para a entrada *integral*:

Sd12: integral 1 *adj* Que es completo y abarca todos los aspectos o elementos necesarios: *una visión integral del problema / el desarrollo integral del pueblo / una reforma laboral integral*. § 2 *adj* Aplicado a un cereal, que no se le ha sacado su cáscara: *El arroz integral conserva toda su riqueza porque no sufre procesos de refinamiento*. § 3 *adj* Aplicado a un alimento, que está hecho con harina obtenida de un cereal → *integral* [2]: *pan integral*. § 4 f ► *integral* indefinida [1]: *la integral es una función escalar*. **integral definida** → *integral* indefinida [1] con un dominio delimitado: *el cálculo de la integral definida*. **integral indefinida** Resultado que se obtiene al integrar una función: *las constantes es la integral indefinida*. → cálculo integral.

¹⁶³ Cabe observar que a determinação *integral*, que retoma um termo regular no campo da lexicografia hispânica, está profundamente imbuída pelas condições de produção que atravessam esse mesmo campo. De nosso ponto de vista, compreendemos que na especificação *integral* está contida, sempre e necessariamente, uma relação de contraste com outras regiões hispano-falantes; e, além disso, poderíamos dizer que, juntamente com designações como “geral”, implica o funcionamento de uma filosofia espontânea, que não opõe resistência a projeções imaginárias de “integralidade” ou de “generalidade” projetadas com relação a uma língua que poderia ser captada em sua totalidade.

Com base na primeira acepção do verbete acima, pode-se afirmar que um dos efeitos de sentido que o vocábulo *integral* tem no funcionamento do título do DIEA é o de classificá-lo como um dicionário *completo* e que contém *todo lo necesario*.

Quanto aos sentidos do termo *integral* no campo especializado, segundo alguns estudiosos da Lexicografia Hispânica e tal como fomos antecipando no capítulo 1, os dicionários classificados como integrais são aqueles que se dedicam ao léxico de uma determinada região hispano-falante sem que para isso se utilizem métodos contrastivos¹⁶⁴. De acordo com o pesquisador José-Álvaro Porto Dapena (2002, p. 62), o dicionário integral é um tipo de obra dialetal. Em palavras do estudioso, “un diccionario dialectal, como su misma denominación indica, estudia el léxico de un dialecto o variedad especial, y puede ser, a su vez, **contrastivo**, también llamado diferencial, y **no contrastivo o integral**”¹⁶⁵.

Nesse sentido, o pesquisador Günther Haensch¹⁶⁶ (1986, p. 284) afirma que o método integral “consiste en recoger, en la medida en que esto sea posible, todo el léxico de un país o área hispanoamericana” e a partir desse método são reunidas “todas las unidades léxicas usuales en un área sin tener en cuenta si éstas se usan en España o en otras áreas hispanoamericanas”.

Assim, observamos uma espécie de “classificação tipológica” do dicionário enunciada em seu título que pode antecipar a seu possível consulente alguns aspectos dessa obra, colocando-a em um determinado lugar dentre as produções lexicográficas em circulação no espaço da Argentina.

É interessante observar que no *Guía de estilo*¹⁶⁷, documento elaborado para o projeto lexicográfico do DIEA, projetava-se outro título para o dicionário:

¹⁶⁴ Até o momento, encontramos a classificação integral relacionada somente a dicionários hispânicos. Entre outros, cf. SOUTO, M. C. e PASCUAL, J. I. P. *El diccionario y otros productos lexicográficos*. In.: GUERRA, A. M. M. (coord.) *Lexicografía española*. Barcelona: Ariel, 2003.

¹⁶⁵ Ibidem.

¹⁶⁶ Parece-nos relevante salientar que Haensch foi fundador da Associação Alemã de Hispanistas.

¹⁶⁷ O *Guía de estilo del Diccionario de lengua del Español de la Argentina* foi apresentado na Introdução deste estudo.

Sd13: Guía de estilo del Diccionario de lengua del Español de Argentina

Notamos que há uma variação entre o título que aparece no projeto da obra (Sd13) e aquele que efetivamente nomeia o dicionário publicado (Sd11). Como se nota, no projeto do dicionário a designação era *diccionario de lengua* ao passo que o título de fato dado à obra publicada é *diccionario integral*.

Por um lado, no campo da Lexicografia, a noção de *diccionario de lengua* geralmente se contrapõe à noção de dicionários não linguísticos ou “de coisas” (ou enciclopédias)¹⁶⁸. De acordo com Lara (1990, p. 221), a lexicografia contemporânea os distingue da seguinte forma:

Las diferencias entre los diccionarios de lengua y las enciclopedias consisten en lo siguiente: a) La nomenclatura de los diccionarios de lengua se considera como un inventario del léxico *estructurado* de una lengua; en consecuencia, contiene todos los elementos de los llamados "paradigmas cerrados" (pronombres, preposiciones, conjunciones, etc.), elementos estructurales por excelencia, así como el mayor número posible de vocablos pertenecientes a "paradigmas abiertos" (Martinet, 1966: 117), como los verbos y los sustantivos. La nomenclatura de la enciclopedia, en cambio, no se interesa por los vocablos de "paradigmas cerrados", casi no incluye verbos, y de los sustantivos privilegia solamente los nombres propios (de personajes famosos, de lugares) o los comunes que refieren a conceptos importantes para el conocimiento del mundo¹⁶⁹.

Por outro lado, em Sd11, a determinação do dicionário como *integral*, retomando a proposição de Haensch mobilizada acima, contrapõe-se a *diccionario contrastivo*, ou seja, ao que seria o léxico regional ou diferencial, criando uma determinada projeção do recorte de “língua” ao qual o dicionário se dedica. Cabe estabelecer ainda uma diferenciação entre o dicionário do tipo *integral* e as obras ditas *generales*. Com frequência, a noção de *diccionario general*¹⁷⁰ está relacionada a obras que não são contrastivas, ou seja, que, assim como as

¹⁶⁸ Sobre essa distinção, Dapena (2002, p. 43) afirma que “mientras un diccionario lingüístico estudia las palabras, un no lingüístico se ocupa de la realidad representadas por éstas”. Para Souto e Pascual (2003, p. 59), a diferença se estabelece entre “diccionarios de lengua” e “diccionarios de cosas o enciclopedias”.

¹⁶⁹ A referência da obra citada por Lara é Martinet, André (1966): *Eléments de linguistique générale*. A. Colin, Paris.

¹⁷⁰ Segundo Dapena (2002, p. 59), o dicionário *general* é aquele que *estudia el léxico de una lengua en toda su amplitud, esto es, sin limitación alguna*.

integrais, não tomam como referência a comparação entre uma e outra variedade de uma determinada língua; porém, diferentemente dos dicionários integrais, não têm como objeto a língua de uma região específica. Entre os instrumentos que tomamos para a análise, identificamos que o DRAE é um dicionário que se projeta como *general*:

Sd14: Al tratarse de un diccionario general de lengua, [el DRAE] no puede registrar todo el léxico del español, sino que, por fuerza, debe contentarse con acoger una selección de nuestro código verbal. Esta selección, en algunos casos, será lo más completa que los medios a nuestro alcance permitan -especialmente en lo que se refiere al léxico de la lengua culta y común de nuestros días-, mientras que en otros aspectos -dialectalismos españoles, americanos y filipinos, tecnicismos, vulgarismos y coloquialismos, arcaísmos, etc.- se limitará a incorporar una representación de los usos más extendidos o característicos.¹⁷¹

Retomando o título de nosso dicionário, observamos que, em estreita relação com os sentidos aos quais nos remete a determinação *integral* que compõe seu título, está o sintagma preposicional *del español de la Argentina*. A língua aparece vinculada à especificação do espaço geopolítico da Argentina, o que cria, por um lado, um efeito de delimitação em relação a outros espaços. Por outro lado, essa estrutura, *español de la Argentina*, conforma a ilusão de língua una e produz um efeito de homogeneidade para a língua desse território. Corrobora esta ideia o fato de o DIEA não apresentar nenhuma marcação em relação aos usos regionais do espanhol na Argentina, ou seja, não há menção direta à variedade interna da língua.

No que concerne ao campo da Lexicografia, note-se que a menção ao espaço geopolítico da Argentina convoca uma série de sentidos relacionados à produção lexicográfica dessa região. Tal como vimos no primeiro capítulo desta dissertação, até a publicação do DIEA, a lexicografia argentina se dedicou, substancialmente, à produção de dicionários contrastivos. Quando consideramos essa rede de significação historicamente constituída, a partir da qual a

¹⁷¹ Disponível em: www.rae.es > Advertencias para el uso de este diccionario > Características del diccionario. Último acesso em: 07/09/2013.

especificação *español de la Argentina* está intrinsecamente relacionada a *diccionario contrastivo*, podemos compreender a reformulação detectada entre o título do projeto do DIEA – *Diccionario de lengua del Español de Argentina* (Sd13) – e o de sua efetiva publicação – *Diccionario integral del español de la Argentina* (Sd11) – como um gesto de ruptura com a rede de sentidos instalada. De certa forma, especificar esse instrumento linguístico como *integral* é também negar que seja um dicionário de "argentinismos" ou de "vozes argentinas", tal como regulado na memória da tradição lexicográfica desse país.

No funcionamento do título do DIEA, vemos, portanto, que os elementos *integral* e *del español de la Argentina* funcionam como *determinações* (especificações) dos nomes *diccionario* e *español*. No campo dos estudos discursivos, a noção de determinação é entendida como um efeito não garantido somente pela materialidade da língua. Assim, certa determinação linguística pode não produzir o “efeito de determinação”; ou, ao contrário, pode ser que uma aparente indeterminação linguística esteja altamente determinada no campo discursivo¹⁷². Assim, entendemos que a determinação está sujeita à memória; às relações que nela possam ou não produzir o efeito de especificação.

No caso do título do DIEA, consideramos que a “alta” determinação linguística de sua estrutura funciona como um gesto de autoria e o interpretamos como uma tomada de posição que agita a rotina de uma memória vinculada a um forte processo de determinação histórica, política e, portanto, discursiva¹⁷³.

Ao mesmo tempo, identificamos, nesse gesto de autoria, uma vacilação que nos remete a sentidos menos determinados. Detectamos uma diferença entre a nomeação que figura na capa da obra (Sd11)¹⁷⁴ e aquela que aparece registrada em sua ficha catalográfica, que veremos imediatamente:

¹⁷² Cf. Payer, 1995, p. 48.

¹⁷³ Cf. Indursky, 2008; Payer, 1995

¹⁷⁴ Nos casos de análise dos títulos, optamos por repor Sd11 para facilitar a leitura.

Sd15: Diccionario integral del español **en** la Argentina¹⁷⁵

[**Sd11:** Diccionario integral del español **de** la Argentina¹⁷⁶]

A variação entre as preposições *en* e *de* produz, ainda que sutis, diferentes efeitos de leitura dos sintagmas *en la Argentina* e *de la Argentina*. Segundo *La nueva gramática de la lengua española - Manual* (RAE-ASALE, 2010), um dos valores atribuídos à preposição *de* é designar o possuidor de algo, enquanto o emprego mais característico da preposição *en* é expressar a localização, espacial ou temporal, de algo. Dessa forma, em Sd11 se estabelece uma relação de posse entre a língua espanhola e o espaço delimitado como Argentina que poderia ser parafraseada como "a língua espanhola que pertence à Argentina". Esse funcionamento não se verifica em Sd15, estrutura na qual a relação entre a língua e o espaço é outra e nos permite leituras como "o espanhol tal como se dá na Argentina", ou seja, que vincula a ocorrência da língua espanhola ao espaço referido como Argentina (como país ou como nação)¹⁷⁷. Para nós, a vacilação entre os dois títulos, vista à luz do conjunto das análises que desenvolvemos acerca do DIEA, pode ser interpretada como uma marca discursiva deixada por um sujeito do discurso que hesita entre duas maneiras de significar a língua em sua relação com o espaço.

Tal vacilo, bem como outras marcas que iremos analisando, pode resultar da condição na qual se encontram falantes de línguas vinculadas, em um determinado território, a um processo de colonização, inclusive quando tomam posições de autoria. Nesse sentido, gostaríamos de observar que Orlandi (2002, p. 27) introduz a noção de *acontecimento linguístico* para nomear, em especial em casos de colonização, a “relação do lugar enunciativo e a língua (nacional)”, frisando a necessidade de considerar que “toda interpretação de um lugar enunciativo necessita levar em conta a consciência linguística da época considerada” e,

¹⁷⁵ Destaque nosso.

¹⁷⁶ Destaque nosso.

¹⁷⁷ Cabe ressaltar que detectamos uma variação semelhante entre as preposições nos títulos do *Diccionario del español usual en México* (1996), obra que antecede a publicação do *Diccionario del español de México* (2010). Ambas as publicações fazem parte do projeto de Lara apresentado no capítulo 1.

portanto, “a forma como a questão da enunciação” se apresenta em cada momento. Essa relação nos interessa sobremaneira para pensar o lugar a partir do qual se enuncia no DIEA, no marco de um processo de *gramatização* da língua da Argentina, razão pela qual a retomaremos um pouco mais adiante em nossa análise.

1.1.1.2. EM RELAÇÕES DE SENTIDO COM TÍTULOS DE OUTROS DICIONÁRIOS DO UNIVERSO HISPÂNICO

Para refletir acerca do lugar a partir do qual se enuncia no DIEA, é fundamental que observemos também o funcionamento de seu título em relação a outros títulos de obras que compõem o cenário lexicográfico hispânico consideradas pertinentes para pensar as questões das quais nos ocupamos.

Como vimos no capítulo 1, uma das obras contrastivas de maior relevância no atual contexto da produção lexicográfica argentina é a publicação da *Academia Argentina de Letras*, o *Diccionario del habla de los argentinos*, convencionalmente abreviado pela sigla DiHA, cuja primeira edição data do ano de 2005¹⁷⁸. Em Sd16 isolamos a sequência que compõe o título do DiHA e a colocamos em paralelo ao título do DIEA:

Sd16: Diccionario del habla de los argentinos

[**Sd11:** Diccionario integral del español de la Argentina]

Ao observarmos Sd16 em relação com Sd11 vemos que em ambos os casos os sintagmas são encabeçados pelo mesmo nome, *diccionario*, seguido por diferentes determinantes: no primeiro, o determinante é *del habla de los argentinos* e no segundo, *integral de la Argentina*,

¹⁷⁸ Atualmente, como já dissemos no capítulo 1, o DiHA está em sua segunda edição, publicada no ano de 2008. Na ocasião da apresentação da 2ª edição da obra, o então presidente da Academia Argentina de Letras, Pedro Luis Barcia, fez a seguinte afirmação a respeito do DiHA: “es un diccionario contrastivo, es decir, que los casi cinco mil vocabulos que aquí aparecen no son usados en España, de modo que son propiedad nuestra”. No discurso de Barcia, detectamos novamente o funcionamento do imaginário que faz com o sujeito se posicione como falante da língua do outro, a partir do qual se entende que somente o que não pertence ao outro é realmente seu, de sua língua. Entrevista disponível em: <http://www.youtube.com/watch?v=B7kCRf07UDE>. Último acesso em 09/07/2013.

esse último já trabalhado por nós acima. Identifica-se, em Sd16, um genitivo referido a *habla* que tem seu sujeito expresso no fragmento *de los argentinos*. Dito de outra forma, os “argentinos” são os sujeitos da “fala” referida no título. Retomando a antiga dicotomia saussuriana, podemos remeter os sentidos do título do DiHA ao que para Saussure (2001) é relativo à dimensão da fala e do individual; enquanto o título do DIEA se vincularia ao que, para o autor, seria a dimensão da língua, geral e sistemática. Assim, Sd11 cria um efeito de sentido identificado com o que poderia ser a língua de uma comunidade, ao passo que Sd16 evoca a especificidade da produção linguística de indivíduos nessa comunidade.

Se, por um lado, o título do DIEA, tomado como discurso, entra em relação com os sentidos produzidos por obras de caráter diferencial como o DiHA, por outro também nos cabe colocá-lo em relação com obras não diferenciais, especialmente, o DEM e o DRAE – instrumentos linguísticos que fazem parte da série central de nosso *corpus*. Vejamos o funcionamento do título do primeiro dicionário mencionado em relação ao do DIEA:

Sd17: Diccionario del español de México

[Sd11: Diccionario integral del español de la Argentina]

De forma semelhante ao que vimos ocorrer em Sd11, Sd13 e Sd15, em Sd17, o nome *diccionario*, é seguido pelo determinante *del español*, que por sua vez é especificado pelo sintagma nominal preposicionado *de México* – funcionamento semelhante ao detectado na análise de Sd11. No entanto, em Sd17 não se enuncia, na materialidade do título, a tipologia do dicionário. Esse silêncio, isto é, a não especificação de que se trata de um dicionário integral para, inclusive, negar que o dicionário de espanhol do México seja uma obra contrastiva ou diferencial, relaciona-se, a nosso ver, com uma memória discursiva, no caso, vinculada à produção lexicográfica mexicana. Como antecipamos no capítulo 1, o DEM, publicado em 2010, é parte de um grande projeto que lançou anteriormente obras como o *Diccionario fundamental del español de México*, de 1982, e o *Diccionario del español usual en México*,

publicado em 1996. Note-se que em ambos os casos há determinações relacionadas à tipologia do dicionário ou à língua da qual a obra se ocupa. Entendemos que essas publicações instauraram e contribuíram para regularizar uma determinada série de sentidos na memória do dizer¹⁷⁹, o que teria favorecido que no título do DEM não se projete como necessária a inclusão de uma especificação relativa à tipologia da obra.

Identificamos também um funcionamento diferente daquele detectado na nomeação do DIEA na análise do título do conhecido dicionário publicado pela RAE:

Sd18: Diccionario de la lengua española

[**Sd11:** Diccionario integral del español de la Argentina]

Em Sd18, assim como vimos ocorrer nas demais sequências discursivas já analisadas, o título da obra é encabeçado pelo nome *diccionario*, porém notamos que, neste caso, parece não haver necessidade de qualquer especificação relacionada à tipologia ou ao espaço. O sintagma preposicional *de la lengua española* serve, certamente, como um determinante do nome *diccionario*, mas não tem o mesmo funcionamento observado em Sd11 (*Diccionario integral del español de la Argentina*), Sd16 (*Diccionario del habla de los argentinos*) e Sd17 (*Diccionario del español de México*). Em Sd18, não se trata de tipificar o dicionário – enunciar se é geral, contrastivo, etc. – mas de delimitar a língua à qual a obra se dedica, *la lengua española*, sem que, no entanto, seja preciso anunciar qualquer região específica como era o caso de todos os títulos analisados anteriormente.

No título do DRAE (Sd18), detectamos que, com base em reflexões de Payer (1995) e de Indursky (2008), já mobilizadas acima, ainda que sem marcas de determinações linguísticas, funciona aí uma alta determinação discursiva. O título projeta a obra como o “dicionário da língua espanhola”, no sentido mais amplo e geral que esse sintagma possa ter, que sem se limitar

¹⁷⁹ Cf. Achard (2007) e Pêcheux (2007).

a uma região específica, confere a esse instrumento a possibilidade de incluir todos os espaços hispanofalantes.

É importante observar que a sigla "DRAE" se regularizou na memória discursiva como usual para referir-se ao dicionário publicado tradicionalmente pela RAE, sendo que atualmente essa obra é elaborada em coautoria com a ASALE. Observamos que de fato essa sigla não corresponde ao título do dicionário (Sd18), mas a uma estrutura (um genitivo que funciona como sujeito) que explicita a relação desse instrumento linguístico com a instituição à qual é geralmente vinculado.

Sd19: Diccionario de la Real Academia Española

De certa forma, no funcionamento de Sd19, a *Academia Española* corresponde à língua, ocupa seu lugar e dela se faz equivalente. Os efeitos de sentido promovidos por essa estrutura mantêm estreita relação com a política de regulação linguística promovida pela RAE e com a história da lexicografia hispânica, da qual tratamos no capítulo 1. Para desenvolver um movimento de análise que aborde o título da obra publicada pela RAE é imprescindível ter em conta determinados aspectos históricos que envolvem a produção desse instrumento linguístico. Na construção da rede de sentidos sobre a lexicografia hispânica, o DRAE, como já foi antecipado no próprio capítulo 1, sendo um dos primeiros dicionários de língua espanhola publicados, ocupa um lugar de extrema relevância não só na Península, mas também nos diferentes Estados da América que têm essa língua como oficial e que são atravessados por uma memória de colonização. Dessa maneira, obras como o DiHA, DIEA e o DEM, entre outras, parecem ter de determinar-se para diferenciar-se do DRAE.

Com base na observação e análise dos títulos em questão, vemos funcionar, no espaço de enunciação atravessado pela língua espanhola, o jogo de forças que se materializa nos discursos que se inscrevem nesses títulos. Sendo assim, podemos afirmar que no processo de nomeação de Sd11 (*Diccionario integral del español de la Argentina*), Sd13 (*Guía de estilo del*

Diccionario de lengua del Español de Argentina), Sd15 (*Diccionario integral del español en la Argentina*), Sd16 (*Diccionario del habla de los argentinos*) e Sd17 (*Diccionario del español de México*) ficam as marcas das relações desses instrumentos com Sd18 (*Diccionario de la lengua española*) ou Sd19 (*Diccionario de la Real Academia Española*).

1.1.1.3. EM RELAÇÕES DE SENTIDO COM OS DIVERSOS TÍTULOS DE UM PROJETO EDITORIAL

Após o lançamento do DIEA, tal como foi antecipado no capítulo 1, outras obras lexicográficas¹⁸⁰ foram publicadas com base no mesmo *corpus* linguístico configurado para esse dicionário – algumas delas fazem parte do catálogo da marca *Voz activa* e outras levam somente o selo do *Grupo Clarín*. Assim, parece-nos oportuno que observemos também os títulos dessas obras, já elencadas no primeiro capítulo, e os analisemos em relação à nomeação de nosso objeto de estudo.

Primeiramente, os títulos que fazem parte do catálogo da marca *Voz activa*:

Sd20: Diccionario inicial

Sd21: Diccionario estudiantil

Sd22: Diccionario compacto del español actual

Sd23: Diccionario de sinónimos, antónimos y palabras relacionadas

[**Sd11:** Diccionario integral del español de la Argentina]

Observemos que em publicações posteriores ao DIEA, cujos título correspondem a Sd20, Sd21, Sd22 e Sd23, não se faz alusão à delimitação linguística do espanhol nem tampouco ao espaço geográfico argentino, o que pode demonstrar que os sentidos relacionados à língua e ao espaço se ancoram na possibilidade de significação inaugurada por essa obra¹⁸¹.

¹⁸⁰ Catálogo disponível em <http://www.voz-activa.com.ar>

¹⁸¹ Cabe lembrar ainda que as obras veiculadas pela marca *Voz activa* fazem parte do projeto editorial da empresa *Tinta Fresca* que, como vimos no capítulo 1, visa que seus materiais circulem no sistema educativo argentino, um espaço que podemos considerar como "interno" tendo como parâmetro as fronteiras políticas da Argentina.

Ademais, cabe considerar o título das obras publicadas pelo *Grupo Clarín* que mesmo não fazendo parte do catálogo da *Voz activa* são, conforme trabalhado no Capítulo 1, publicações que têm o DIEA como base, tal é o caso do dicionário publicado em fascículos:

Sd24: El gran diccionario de los argentinos

Para nossa análise, consideraremos também o subtítulo dessa obra:

Sd25: El uso del español actual en la Argentina

É notável, como bem assinala Lauria (2012, p. 330) em seu estudo, que a estrutura de Sd24 mantém certo paralelismo com o *slogan* do jornal veiculado pelo mesmo grupo: *Clarín: el gran diario argentino*¹⁸². Ademais, nota-se que nem o título (Sd24) nem o subtítulo (Sd25) do *Gran diccionario de los argentinos* (doravante GDA) mencionam tratar-se de um dicionário *integral*. Para Lauria¹⁸³, a supressão do adjetivo *integral* no título do dicionário se deve ao fato de que, provavelmente, a classificação da obra interessaria mais ao âmbito acadêmico e estaria relacionada à oposição entre os dicionários integrais e os dicionários complementares, enquanto para o grande público, são mais valiosos dados como o uso e a atualidade, presente no subtítulo. Complementarmente ao que afirma a autora, acreditamos haver outros fatores que determinam a nomeação do DIEA e de obras posteriores a ele. E isso tem a ver com o fato de que começamos a compreender a publicação do DIEA, como já antecipamos, como um *acontecimento linguístico*¹⁸⁴ que desestabiliza a rede de sentidos regularizada na produção lexicográfica argentina, o que permite outras possibilidades de significação. Nesse sentido, também reconhecemos dois espaços de enunciação nos quais ressoam, com diversos sentidos, as publicações do *Grupo Clarín*: um nacional, no qual se atinge, de acordo com as características de cada um dos instrumentos produzidos nesse projeto editorial, o “falante argentino”; e outro

¹⁸² Cabe observar que encontramos várias formas para o *slogan* do jornal: *el gran diario argentino* e *el gran diario de los argentinos*.

¹⁸³ Ibidem.

¹⁸⁴ Cf. Orlandi, 2002.

supranacional, onde se projeta uma imagem do espanhol da Argentina para além das fronteiras do país.

Para compreendermos melhor por que falamos em “acontecimento linguístico”, observamos que, de acordo com Pêcheux (2007), é o funcionamento da memória discursiva o que permite, diante de um texto, estabelecer todos os sentidos implícitos (presentes na sua ausência) necessários para sua compreensão. Segundo o autor¹⁸⁵, a memória se estende em “uma dialética da repetição e da regularização”. O processo de determinação detectado na estrutura do título do DIEA mostra uma tomada de posição por parte do sujeito do discurso para abrir e instaurar um lugar para esse dicionário, e para esse dizer, na memória discursiva, que até então permitiria vincular a noção de *dicionário de espanhol da Argentina* somente a obras contrastivas ou diferenciais. O lugar de enunciação –como diria Orlandi (2002) ao falar de *acontecimento linguístico* – está marcado por uma tomada de posição que instaura uma nova série de sentidos, presentes no título, oferecendo resistência à anterior, já instalada e regularizada. Feitos esses esclarecimentos aos quais nos levou a análise de Sd11 (*Diccionario integral del español de la Argentina*) e Sd24 (*Gran diccionario de los argentinos*), retomamos a relação entre o título do DIEA e o de mais uma obra do mesmo projeto editorial

O dicionário GDA, publicado em fascículos, tem, conforme exposto no capítulo 1, uma versão digital, disponível para consulta no *site* do próprio jornal, titulada da seguinte forma:

Sd26: Diccionario Clarín.com

Note-se que no caso de Sd26, tem-se na materialidade do título do dicionário uma vinculação explícita desse instrumento com a empresa *Clarín*, que aqui lhe serve de determinante – funcionando quase como a marca de um produto.

A análise das formas de denominação de obras posteriores à publicação do DIEA permite detectar que o título desse instrumento linguístico – *Diccionario integral del español*

¹⁸⁵ Ibidem. Para construir estas formulações, Pêcheux se baseia nas realizadas por Archard (2007).

de la Argentina (Sd11) – provoca uma mexida, um deslizamento na série de sentidos referente às publicações lexicográficas argentinas regularizadas na memória. Nas palavras de Pêcheux (2008, p. 56)

[...] todo discurso é o índice potencial de uma agitação nas filiações sócio-históricas de identificação, na medida em que ele constitui ao mesmo tempo um efeito dessas filiações e um trabalho (mais ou menos consciente, deliberado, construído ou não, mas de todo modo atravessado pelas determinações inconscientes) de deslocamento no espaço [...]

1.1.2. LETRAS, FORMAS E CORES

Retomando a disposição dos elementos que compõem a capa do DIEA, vemos que o título ocupa o lugar central e que acima dele está a letra *a*, seguida por um hífen, e, abaixo, a letra *z*. O hífen interposto entre a primeira e a última letra do alfabeto espanhol deixa aberto o espaço para todas as demais letras existentes no abecedário, construção metonímica que remete a todas as palavras da língua. Note-se que justamente no espaço entre a primeira e a última letras – espaço simbólico no qual estariam “todas” as palavras que começam com cada uma das letras – é que se dispõe o título da obra. A maneira como esses elementos aparecem ordenados na capa entra em relações de sentido com o determinante *integral* presente no título da obra e parece ratificar esse efeito de totalidade, ao mesmo tempo que corrobora a negação da contrastividade vista anteriormente. Assim, poder-se-ia parafrasear um dos efeitos de leitura da capa da seguinte maneira: o dicionário *integral* contém todas as palavras do espanhol da Argentina, de *a* a *z*.

Se as letras *a* e *z* podem estar relacionadas ao determinante *integral*, as cores empregadas na capa se relacionam com o sintagma *de la Argentina* (como Estado Nacional) ao mobilizar as cores azul, branco e amarelo, todas as que constituem a bandeira dessa nação. No caso do azul, podem ser identificados dois tons: um mais escuro, utilizado como fundo da capa, e outro mais claro, na qual se materializa a letra *a*. As mesmas cores aparecem na lombada do

dicionário, onde se tem o fundo em azul, o título em branco e três pequenos traços de igual tamanho: um azul mais claro, um branco e outro amarelo.

Imagem 7: Lombada do DIEA¹⁸⁶

No canto inferior direito da lombada, notamos que há uma forma circular e branca que parece um balão utilizado para indicar a fala em histórias ilustradas. Essa mesma representação gráfica aparece na cor amarela na capa do dicionário compondo a logomarca da *Voz activa*, o que poderia remeter à forma de um sol. É importante ressaltar que a logomarca que encontramos na capa do dicionário não parece ser a mais usual da marca *Voz Activa*, pois ao analisarmos o catálogo de suas obras¹⁸⁷, pudemos constatar que essa forma é utilizada somente no DIEA¹⁸⁸.

¹⁸⁶ Imagem reproduzida no Anexo II.

¹⁸⁷ Disponível em www.voz-activa.com.ar

¹⁸⁸ As imagens referentes ao catálogo de obras da Voz activa estão disponíveis no Anexo III. Considerando as capas das publicações que constam no catálogo consultado, notamos que somente três, do total de sete obras,

A constatação de que a logomarca amarela e arredondada é utilizada exclusivamente no DIEA reafirma a relação que estabelecemos entre a capa do dicionário e a bandeira nacional argentina. Essa remissão – que, de nossa perspectiva, opera como mais uma marca a favor de um certo orgulho linguístico, no caso nacional, e que entrará em relação com outros sentidos que iremos abordando ao longo da análise – reverbera na parte interna da obra, visto que todas as entradas e subentradas, bem como as letras que indicam o início de cada uma das partes da ordenação alfabética, são destacadas em azul¹⁸⁹ sobre o branco da página.

levam na capa o nome da editora Tinta fresca: o *Diccionario inicial*, o *Diccionario estudiantil* e o *Diccionario de sinónimos, antónimos y palabras relacionadas*; e três têm o nome de *Voz activa* em sua capa: o *Diccionario integral del español de la Argentina*, o *Diccionario compacto del español actual* e *Una gramática para todos*. No entanto, no caso das duas últimas publicações, o símbolo que acompanha o nome *Voz activa* é o mesmo da editora *Tinta fresca*. Há ainda uma obra, a *Enciclopedia mundo actual*, cuja capa não menciona nenhuma das duas marcas anteriores, mas o nome do grupo ao qual pertencem, o *Grupo Clarín*.

¹⁸⁹ A cor azul parece ser um elemento simbólico relacionado à nacionalidade argentina. A força que possui no imaginário pode ser detectada nas contextualizações que acompanham as definições de *azul* e *celeste* no DIEA:

azul 1 m Color como el del cielo o el del mar: *El azul es mi color favorito*.

celeste 1 m Color azul claro, como el del cielo en un día despejado: *El celeste siempre fue su color preferido*.

Em ambos os casos, as contextualizações trazem enunciados nos quais há marcas de um sujeito do discurso identificado com as cores em questão, que manifesta seu “favoritismo” e sua “preferência” pela cor azul e sua variação celeste, ou seja, pelas cores que de alguma maneira remetem ao nacional – e entram em metonímia com o orgulho linguístico de que falamos no corpo do texto e com um tom ufanista, vinculado à formação e funcionamento dos Estados nacionais.

Imagem 8: Página da letra *a* do DIEA¹⁹⁰

É importante ressaltar que as obras que fazem parte do mesmo projeto editorial e que se apresentam como "versões" do DIEA não mantêm as mesmas cores encontradas nesse dicionário. Vejamos o capa do primeiro fascículo do GDA:

¹⁹⁰ Imagem reproduzida no Anexo IV.

Imagem 9: Capa do *El gran diccionario de los argentinos*¹⁹¹

Como se observa, a cor predominante na capa do GDA é um determinado tom de vermelho que pode ser vinculado à cor da logomarca do *Clarín*, como podemos notar na seguinte imagem:

Imagem 10: Logomarca Grupo Clarín

Entretanto, se por um lado o vermelho se relaciona à marca *Clarín*, por outro notamos que o fundo de parte da capa, justamente no espaço no qual figura o título, é azul celeste, representado em um tom muito próximo ao da bandeira argentina. O vermelho também é a cor utilizada na parte interna desse dicionário para destacar as letras e as entradas, como podemos observar na seguinte imagem:

¹⁹¹ Imagem reproduzida no Anexo V.

a¹ Primera letra del alfabeto español.

a² *f* Nombre de la letra *a*.

a³ **1** *prep* Indica el lugar al que se dirige algo o alguien o en el que termina algo: *Este colectivo va a la terminal.* / *Vayan a la plaza.* / *Llegaron a Buenos Aires ayer.* § **2** *prep* Indica el lugar hacia el que se orienta una persona o una cosa o a lo que se expone: *Parate mirando a la izquierda.* / *Mi habitación da a la calle.* / *No tuvo mejor idea que dormir al sol toda la tarde.* § **3** *prep* Indica el lugar o la zona en que se sitúa algo: *Buscalo a tu derecha.* / *Está al oeste.* § **4** *prep* Indica la distancia a la que se encuentra algo: *La casa queda a cuatro kilómetros de la ruta.* / *El subte está a cinco minutos caminando.* § **5** *prep* Indica el momento en el que se desarrolla una acción o sucede un acontecimiento: *Nos encontramos a las nueve.* / *Vimos la película a la noche.* § **6** *prep* Indica la edad que tiene una persona al realizar cierta acción o al alcanzar cierto estado: *A los dieciocho se fue a vivir sola.* / *Se recibió a los veinticuatro.* § **7** *prep* Indica la cantidad de tiempo transcurrido desde un cierto momento tomado como referencia: *Volvieron a verse a los dos años.* / *A la hora, me fui.* § **8** *prep* En correlación con la preposición *de*, indica el punto final de un intervalo, ya sea temporal o espacial: *Trabaja de nueve a diecisiete.* / *Voy de casa al trabajo y del trabajo a casa.* § **9** *prep* Entre dos sustantivos iguales, indica reiteración: *Es increíble la cantidad de novedades que mes a mes fue sacando la editorial.* / *Se pone día a día más maniático.* § **10** *prep* Indica el principio, la fuerza o el combustible por medio del cual se realiza una tarea, o funciona una máquina o mecanismo: *tracción a sangre* / *motor a explo-*

sión / *juguete a pilas* / *estufa a gas.* § **11** *prep* Indica el objeto, el procedimiento o la técnica que se utiliza para hacer algo: *tejido a mano* / *cortado a cuchillo.* § **12** *prep* Indica el nivel alcanzado por algo: *La crecida llegó a los cuatro metros con diez centímetros.* / *Trepó a la punta de la tabla de posiciones.* § **13** *prep* Indica el precio de algo: *tomates a cuatro pesos el kilo* / *cuadernos cuadriculados a dos pesos.* § **14** *prep* Indica distribución o proporción: *una relación uno a uno* / *una solución al cincuenta por ciento.* § **15** *prep* Seguida de ciertos sustantivos en plural, indica cantidad elevada o modo intenso: *Llovió a cántaros.* / *Entraron a montones.* / *El agua salió a borbotones.* § **16** *prep* Seguida de un infinitivo, indica finalidad: *Estamos invitados a tomar el té.* / *Se encontraron a estudiar en la casa de Julia.* / *Vino a hablar con el director.* § **17** *prep* Seguida de un infinitivo, se usa en expresiones que se emplean para dar órdenes o indicar el momento en que debe iniciarse una acción: *¡Todo el mundo a trabajar!* / *¡A callarse que llega el jefe!* § **18** *prep* Precedida de verbos que implican competencia o enfrentamiento, introduce el complemento que especifica el tipo de juego o competencia de que se trata: *jugar al fútbol* / *ganar al ajedrez.* § **19** *prep* Introduce el objeto indirecto de una oración: *Le dimos el regalo a Daniela.* / *A Esteban le encantaban los mariscos.* § **20** *prep* Introduce el objeto directo de una oración cuando este se refiere a una persona: *Vieron a Marcelo en el club.* / *¿Lo escuchaste a Simón cuando tocó el otro día?*

a lo *prep* Se usa con un sustantivo, un adjetivo o una construcción equivalente para indicar que algo se asemeja o sigue el estilo de lo denotado por ese adjetivo,

Imagem 11: Página da letra *a* do *El gran diccionario de los argentinos*¹⁹²

Pode-se detectar um funcionamento semelhante no caso da versão *on-line* do dicionário, o *Diccionario Clarín.com*:

¹⁹² Imagem reproduzida no Anexo VI.

Diccionario Clarín.com

argentinidad

argentínismo

argentino

argento

argentinidad

BUSCAR

☒ sugerencia exacta ☐ guía de uso (contextual) [Ver ayuda](#)

argentinidad *f* Cualidad de lo que es característico de la Argentina o de los argentinos: *Se debe definir la argentinidad sin caer en pintoresquismos.*

UN PRODUCTO **voz activa**® — VOZ ACTIVA ES UNA MARCA DE **tinta.fresca**

Imagem 12: Verbetes do *Diccionario Clarín*

Nesse dicionário, a cor de destaque é o vermelho, claramente vinculada, nesse caso, e como já observamos, à marca *Clarín*. Notemos, ademais, que ao consultar essa obra, o verbete aparece relacionado às marcas *Voz activa* e *Tinta fresca* a partir de um vínculo comercial, posto que é significado como um "produto" dessas empresas.

O último elemento da capa do DIEA que comentaremos é um número indicado no canto superior direito e que se refere ao número de páginas que a obra contém: *1928 páginas*. Esse componente da capa nos coloca em relação com uma série de dados que figuram na quarta capa, cuja análise veremos no próximo item.

1.2. A QUARTA CAPA

Observemos a seguir a quarta capa do DIEA:

Imagem 13: Quarta capa do DIEA¹⁹³

Como podemos notar, há um conjunto de enunciados que aparecem dispostos em duas séries.

Aqui, abordaremos alguns aspectos relativos à primeira delas:

- Sd27:** Más de 40.000 palabras y de 80.000 acepciones actuales, basadas en documentos reales del español hablado en la Argentina.
- Sd28:** Definiciones claras y consistentes.
- Sd29:** Más de 90.000 ejemplos de uso.
- Sd30:** Más de 2.000 notas que resuelven dudas de uso.
- Sd31:** Frases y locuciones.
- Sd32:** Equivalencias con otras variedades del español.
- Sd33:** Sinónimos y antónimos.
- Sd34:** Más de 80 tablas con modelos de conjugación verbal.

Por um lado, essa série de Sd's retoma, de nossa perspectiva, os sentidos instalados pelo título do dicionário e por outros aspectos da capa analisados na seção anterior (item 1.1.2.

¹⁹³ Imagem reproduzida no Anexo VII.

Letras, formas e cores). Ademais, as construções encabeçadas por “más de” ressoam a favor do sentido da integralidade enunciada na capa e, portanto, entram em relação com a produção lexicográfica argentina. Por outro, a série também vincula nosso objeto a um dizer que se orienta no sentido da exaltação da quantidade, relacionada à presença do nome da empresa *Voz activa* tanto na capa quanto na quarta capa, configurando, assim, um enunciado filiado a práticas comerciais, por meio do qual uma empresa vende seu produto evidenciando o “quanto” ele tem a oferecer ao consumidor. Na quarta capa, identificamos, ainda, a antecipação do consulente como um sujeito *pragmático* que, tal como proposto por Pêcheux (2008, p. 52-53), encontra-se preso à necessidade de universos logicamente estabilizados: no caso, uma lista de todas as formas da língua de acordo com a classificação registrada na segunda série:

Sd35: Numerales

Sd36: Verbos

Sd37: Pronombres

Sd38: Prefijos y sufijos

Sd39: Ortografía y puntuación

Sd40: Dudas gramaticales frecuentes

Sd41: Usos discursivos de conectores

Observe-se, nesse sentido, que até a antecipação de resolver dúvidas frequentes aparece dando respostas às “possíveis necessidades” desse sujeito que designamos, de uma perspectiva teórica, como pragmático. Na quarta capa, a logomarca da *Voz activa* aparece no mesmo formato visto anteriormente, mas em azul claro, diferentemente do que se verifica na capa, onde figura, como já apontamos, na cor amarela, e na lombada, onde aparecia em braco. Nota-se, portanto, que o balão que representa a logomarca aparece três vezes, uma em amarelo, uma em azul e uma em branco, reiterando a relação que se estabelece com as cores da bandeira nacional argentina.

Tanto na capa quanto na quarta capa, sobre um fundo azul escuro, há finas linhas na cor azul claro, distribuídas vertical e paralelamente, que parecem representar ondas. As mesmas

linhas são reproduzidas, ainda, nas duas primeiras folhas internas do dicionário. Esse fundo construído pelas linhas, cujo número reforça o sentido de quantidade, por momentos aparenta formar uma espécie de *continuum* que pode representar a língua e se vincular à ideia de integralidade, sentido que, ao menos neste domínio do paratexto, parece ser forte.

2. *PRESENTACIÓN*

Conforme adiantamos na introdução deste capítulo, nesta seção apresentamos uma análise do texto que compõe o item denominado *Presentación*, um dos elementos paratextuais do DIEA, que será aqui colocado em relação com outras partes de nosso objeto de estudo.

A *Presentación* é uma parte do dicionário, disposta imediatamente depois do *Prólogo*, na qual se expõe uma série de questões relativas à concepção e ao desenvolvimento desse projeto lexicográfico. Mesmo sendo, na ordenação em que as partes são apresentadas no DIEA, o *Prólogo* anterior à *Presentación*, pareceu-nos oportuno analisar esta antes daquele devido às relações que nela se estabelecem com a capa e quarta capa da obra.

O texto da *Presentación*¹⁹⁴ é assinado por Andreína Adelstein, como já antecipamos na Introdução, uma das responsáveis pelo projeto lexicográfico do DIEA. Quanto a sua estrutura, a seção se divide em uma breve introdução e quatro partes dedicadas cada uma a um ponto específico:

- (i) lengua de referencia y tipo de diccionario;
- (ii) cómo se hace un diccionario. Cómo se hizo el *DIEA*;
- (iii) qué información ofrece este diccionario y de qué manera; e
- (iv) estructura del diccionario.

Como se depreende da leitura dos subtítulos, essa seção do dicionário tem como objetivo apresentar as concepções que fundamentam o projeto de elaboração do DIEA. Neste item,

¹⁹⁴ O texto completo da *Presentación* é reproduzido no Anexo VIII.

trabalharemos ao redor de como se projetam na materialidade desse texto três antecipações imaginárias, intrinsecamente entrelaçadas: a imagem de língua, de dicionário e de leitor.

Começamos por destacar um fragmento que inicia o texto da *Presentación*:

Sd42: El *Diccionario integral del español de la Argentina (DIEA)* es el **primer diccionario integral**, confeccionado enteramente en **nuestro país**, con nuevas tecnologías y a partir de una metodología de lingüística aplicada y de pautas lexicográficas diseñadas específicamente para su elaboración [grifos nossos].

Em Sd42, a dêixis espacial *nuestro país* se enlaça com sentidos detectados na capa, relacionados às cores da bandeira nacional argentina, e no título do dicionário, no qual já analisamos o sintagma preposicional *de la Argentina*. Ademais, em Sd42, a obra é significada como "o primeiro dicionário do tipo integral", recortando e delimitando um espaço para essa publicação, movimento que é, de certa forma, corroborado pelos fragmentos que afirmam que o dicionário foi confeccionado inteiramente nesse país, com métodos lexicográficos modernos e desenvolvidos especialmente para esse projeto. Essa maneira de se dizer, de se apresentar, permite que pensemos esse discurso como tendo um caráter fundacional que, segundo Celada (1993, p. 90), se define “pelo fato do próprio discurso se apontar como fundador”. Ainda segundo a autora¹⁹⁵, essa dêixis fundacional, no entanto, não lhe “garante efeitos de fundação”.

Ainda em relação à projeção que se faz acerca da língua que esse dicionário instrumentaliza, destacamos o seguinte fragmento:

Sd43: La relevancia de esta propuesta lexicográfica reside en que refleja la toma de conciencia de que la lengua hablada en Argentina **no es un desvío** de una lengua central, **sino que es una variante** de ella y que, como tal, comparte elementos con el español hablado en todas o algunas de las distintas regiones hispanohablantes, pero que tiene rasgos específicos, propios, fruto del desarrollo lingüístico de esta comunidad en particular. En segundo lugar, en que asume que la enseñanza de la lengua materna requiere de obras de referencia que la describan tanto en lo general que comparte con otras variedades del español como en lo que tiene de específico [grifos nossos].

¹⁹⁵ Ibidem.

Notemos que há, nos fragmentos que destacamos em Sd43, um movimento de negação – *no es un desvio* – e de substituição mediante o operador *sino que* – *es una variante*. No funcionamento dessa estrutura, encontram ressonância sentidos vinculados a uma política da língua espanhola – fortemente vinculada a um processo de colonização linguística – que defendeu, historicamente, uma norma monocêntrica e que classificou como desvio aquilo que dela se distanciava. Cabe observar que a tais sentidos não foi oferecida uma clara resistência na formulação da política – mais recente – conhecida como “pan-hispânica” e da qual falamos no primeiro capítulo desta dissertação; de fato, seu funcionamento garante a eles uma certa continuidade. Na SD que analisamos, a negação feita em relação ao desvio a respeito de uma língua central ressoa o “monocentrismo normativo”, ou seja, do que em diversos estudos, no campo do hispanismo, se conhece como a sobreposição da variedade peninsular em relação às demais regiões hispanofalantes¹⁹⁶.

De maneira geral, o texto da *Presentación* aparece marcado, em diferentes momentos, por estruturas negativas, o que nos faz acreditar ser oportuno refletir sobre o funcionamento discursivo da negação. De acordo com Indursky (1997, p. 215) "quando o sujeito do discurso pode e deve dizer o que diz do seu lugar social, ele o faz por uma predicação afirmativa, identificando seu dizer com a FD [formação discursiva] que o afeta". Para a autora¹⁹⁷, a negação se define como:

[...] um dos processos de internalização de enunciados oriundos de outros discursos, podendo indicar a existência de operações diversas no interior do discurso em análise. Em suma, essa construção evidencia a presença do *discurso-outro* [...]

No desenvolvimento de seu estudo, Indursky propõe três modalidades de negação: a *externa*, que nega um discurso proveniente de outra formação discursiva; a *interna*, que indica uma posição diferente dentro de uma mesma formação discursiva; e a *mista*, que aciona, ao

¹⁹⁶ Cf. Lara, 1990, 2009.

¹⁹⁷ Ibidem, p. 213.

mesmo tempo, as duas modalidades anteriores¹⁹⁸. No caso de nosso estudo, interessa-nos especialmente a concepção de *negação interna* proposta pela autora, que é definida em suas palavras como aquela que:

[...] incide sobre sequências discursivas igualmente provenientes do exterior, ou seja, seu escopo ainda são *enunciados preconstituídos*, ou dados como tal em D1 [discurso 1, em contraposição a um discurso 2, D2], que revelam a presença do *outro*. Porém, ao contrário da *negação externa*, ela incide sobre um discurso afetado pela mesma FD [formação discursiva] do discurso que as internaliza. Ou seja, não opõe FD antagônicas, como ocorre com a negação externa, mas *diferentes posicionamentos subjetivos* no interior de um mesmo quadro ideológico¹⁹⁹.

Identificamos no caso de Sd43 um funcionamento que interpretamos como uma *negação interna*, posto que ainda que se negue que a língua falada na Argentina seja um desvio, se reconhece a existência de uma "língua central" da qual ela seria uma "variante", o que inscreve essa enunciação – retomando conceitos mobilizados em nosso Pré-texto – no seio de uma mesma formação discursiva (FD) na qual, por efeitos do funcionamento de uma contradição histórica (PÊCHEUX, 1990), predominam determinados sentidos ou saberes: “unidade da língua”, “norma monocêntrica”, “desvio”, dentre os principais. Na negação que analisamos: “la lengua hablada en Argentina no es un desvío de una lengua central, sino que es una variante **de ella**”, o fragmento que sublinhamos recupera o pré-construído “lengua central”, não rompendo com a forma sujeito dessa FD, pois aí o sujeito do discurso, por um lado, nega certos saberes dessa FD – numa tomada de posição não subjetiva, como diria Indursky (2008) – e, portanto, desliza na direção de romper com certos saberes mas, por outro, os retoma. Opera aí, com base nas formulações da própria autora²⁰⁰, um deslizamento de sentidos que nos permitiriam falar de uma contra-identificação por parte do sujeito do discurso e da instauração de uma nova posição-

¹⁹⁸ Ibidem, 215-216.

¹⁹⁹ Ibidem, p. 229.

²⁰⁰ Ibidem.

sujeito no interior da própria FD. Fazemos questão de ressaltar que esse deslizamento é produzido na contradição constitutiva que identificamos na negação analisada acima.

De nossa perspectiva, detectamos que os sentidos instaurados por essa posição-sujeito ressoam também nos quadros de conjugação verbal apresentados na seção *Apéndices* do DIEA. A seguir, vejamos o paradigma da primeira, da segunda e da terceira conjugações registrados nesse dicionário para o presente do indicativo:

Tablas de conjugación

[AMAR]	[TEMER]	[PARTIR]
[INDICATIVO]		
1 ^{ERA} CONJ.	2 ^{DA} CONJ.	3 ^{ERA} CONJ.
[PRESENTE]		
amo	temo	parto
amás (amas)	temés (temes)	partís (partes)
ama	teme	parte
amamos	tememos	partimos
aman (amáis)	temen (teméis)	parten (partís)
aman	temen	parten

Imagem 14: Paradigma verbal presente do indicativo DIEA²⁰¹

Como se constata a partir da observação do modelo de conjugação verbal registrado pelo DIEA, no espaço relativo à segunda pessoa singular, aparecem duas formas verbais: em primeiro lugar a morfologia correspondente ao *voseo*²⁰² – *vos amás, temés, partís* – e em segundo lugar, entre parênteses, as formas verbais referentes ao *tuteo* – *tú amas, temes, partes*. O mesmo ocorre com as formas de segunda pessoa plural: primeiro aparecem as relativas a *ustedes* – *aman, temen, parten* – e, entre parênteses, são apresentadas as conjugações correspondentes a *vosotros* – *amáis, teméis, partís*. É possível identificar esse funcionamento também na maneira como o dicionário apresenta as formas de imperativo afirmativo:

²⁰¹ DIEA, p. 1884.

²⁰² As formas referentes ao *voseo* podem também ser encontradas em inúmeras contextualizações apresentadas pelo DIEA.

[IMPERATIVO]

1^{ERA} CONJUGACIÓN

amá (ama)
amen (amad)

2^{DA} CONJUGACIÓN

temé (teme)
teman (temed)

3^{ERA} CONJUGACIÓN

partí (parte)
partan (partid)

Imagem 15: Paradigma imperativo afirmativo DIEA²⁰³

Notamos, portanto, que o paradigma de conjugação verbal do presente do indicativo e as formas do imperativo afirmativo apresentados pelo DIEA estão em conformidade com o sistema de tratamento informal de uso regularizado e estandarizado na Argentina: por um lado, o *voseo*, com as formas específicas, mais regulares nesse espaço e, por outro lado, com a morfologia do plural materializadas na conjugação do pronome *ustedes*. Nesse sentido, o registro das formas relativas ao *tuteo* (um fenômeno muito amplo nessa língua, porém não regular na Argentina) e a *vosotros* – esta última não regular nos países hispano-americanos por conta da perda de oposição entre *vosotros* e *ustedes*²⁰⁴ – é justificada pelo fato de que o próprio dicionário se propõe contemplar não apenas a produção mas também a compreensão verbal.

A maneira como no DIEA as formas verbais aparecem dispostas leva-nos a colocá-lo em relação com a forma como no DRAE são apresentados os quadros de conjugação verbal. Na versão “on-line” desse dicionário, a conjugação é apresentada em um “hiperlink” dentro do verbete de cada verbo, o que nos permitiu buscar um dos verbos expostos no quadro do DIEA:

FORMAS NO PERSONALES		
Infinitivo	Participio	Gerundio
amar	amado	amando
INDICATIVO		SUBJUNTIVO
Presente	Futuro simple o Futuro	Presente
amo	amaré	ame
amas / amás	amarás	ames
ama	amará	ame
amamos	amaremos	amemos
amáis / aman	amaréis / amarán	améis / amen
aman	amarán	amen

Imagem 16: Paradigma verbal presente do indicativo DRAE

²⁰³ DIEA, p. 1885.

²⁰⁴ Cf. Fontanella de Weinberg, 1995, p. 119.

Note-se que, nas formas da segunda pessoa do singular, no DRAE as posições são inversas às observadas no DIEA: primeiro se apresentam as formas correspondes a *tú* e, em segundo lugar, separadas por uma barra, as formas relativas a *vos*. Já no caso do plural, aparece primeiro a forma relativa a *vosotros* e, depois da barra, a referida a *ustedes*, produzindo aí uma espécie de apagamento da falta de oposição que ocorre em toda a América. Podemos detectar um funcionamento semelhante também nas formas de imperativo afirmativo apresentadas nesse dicionário:

IMPERATIVO
ama (tú) / amá (vos)
amad (vosotros) / amen (ustedes)

Imagem 17: Paradigma imperativo afirmativo DRAE

A maneira como no DRAE é apresentado o paradigma verbal de conjugação é significativa e nos permite realizar algumas reflexões acerca de como esse instrumento opera no processo de gramatização do espanhol instaurando determinados modos de significar essa língua: de fato, os paradigmas funcionam como meios de “organizar”²⁰⁵ uma parte ou uma região relativa ao funcionamento da mesma, e neles vemos certas formas de ordenamento que, a nosso ver, trabalham o político (GUIMARAES, 2005). Fazemos essa observação, a partir das formas do plural, pois aparece em primeiro lugar o *vosotros*, que é corrente apenas em certas regiões da Espanha. Esse gesto que detectamos no DRAE vai na direção de afirmar a relação com uma norma monocêntrica.

Considerando o paradigma verbal apresentado pelos dois dicionários trabalhados, buscamos observar como no DEM aparece o modelo de conjugação. No caso desse instrumento, há uma seção anterior à nomenclatura denominada *Modelos de conjugación regular*, da qual reproduzimos o paradigma do presente:

²⁰⁵ Cf. Orlandi, 1996.

		AMAR	COMER	SUBIR
		INDICATIVO		
Sing	PRESENTE			
	yo	am-o	com-o	sub-o
	tú	am-as	com-es	sub-es
	usted	am-a	com-e	sub-e
Pl	él, ella	am-a	com-e	sub-e
	nosotros, as	am-amos	com-emos	sub-imos
	ustedes	am-an	com-en	sub-en
	(vosotros, as)	(am-áis)	(com-éis)	(sub-ís)
	ellos, ellas	am-an	com-en	sub-en

Imagem 18: Paradigma verbal presente do indicativo DEM²⁰⁶

Como podemos observar, o DEM é o único instrumento, dentre os três que trabalhamos, que explicita, em uma coluna anterior às formas conjugadas, os pronomes pessoais sujeito a que corresponde cada uma. No caso das formas singulares, notamos que não há registros do pronome *vos* e de suas formas verbais correspondentes, ainda que, de acordo com o estudo de Carricaburo (1995, p. 48), haja ocorrência de “voseo” em determinadas regiões mexicanas, nomeadamente Chiapas e Tabasco²⁰⁷. Tampouco há qualquer referência ao “voseo” na apresentação das formas de imperativo:

		IMPERATIVO	
tú	am-a		
usted	am-e	com-e	sub-e
(vosotros, as)	(am-ad)	com-a	sub-a
ustedes	am-en	(com-ed)	(sub-id)
		com-an	sub-an

Imagem 19: Paradigma imperativo afirmativo DRAE²⁰⁸

Quanto às formas plurais, observamos um funcionamento parecido ao do DIEA: as conjugações relativas a *vosotros*, bem como o próprio pronome nesse caso, são apresentadas entre parênteses. A linha relativa à segunda pessoa plural, é ocupada, conforme as formas de tratamento mais regulares no México, pelo pronome *ustedes*, sendo *vosotros* deslocado para uma linha abaixo dessa, reconhecendo, assim, a existência das duas formas, mas marcando a

²⁰⁶ DEM, p. 58.

²⁰⁷ Consultado sobre essa questão durante a disciplina de pós-graduação *Projeto, teoria semântica e método lexicográfico. O caso do “Diccionario del español de México”*, que ministrou no Programa de Pós-Graduação em língua espanhola e literaturas espanhola e hispano-americana, na Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo, no segundo semestre de 2013 (Aulas disponíveis em: <http://dml.fllch.usp.br/node/1267>) o lexicógrafo afirmou que a não inclusão do *voseo* mexicano no DEM deve-se à falta de estudos que descrevam adequadamente esse fenômeno.

²⁰⁸ DEM, p. 59.

impossibilidade de alternância entre elas no caso do “espanhol mexicano”. Se pensarmos que as formas do *vosotros* são mobilizadas aí por se tratar de um dicionário que garante o trabalho com a compreensão verbal²⁰⁹, e que inclusive aparecem com uma ordem e uma marcação gráfica específica, que inverte o gesto que detectamos no DRAE, concluimos que teria sido possível fazer alguma referência que, também, incluísse o *voseo*.

Os parênteses observados nos quadros de conjugações verbais relativas à forma *vosotros* nos dicionários produzidos em países americanos (imagens 14, 15, 18 e 19) e as barras que separam as conjugações no quadro registrado pelo DRAE (imagens 16 e 17) são significativos para pensar a posição desses instrumentos linguísticos no espaço de enunciação atravessado pela língua espanhola e as políticas linguísticas às quais se filiam. Por um lado, as barras apresentadas entre as formas de segunda pessoa no quadro de conjugação verbal do DRAE estabelecem um efeito de alternância entre elas que pode ser relacionado à política linguística pan-hispânica promovida pela RAE, cujo lema afirma a “unidade na diversidade”²¹⁰. De certa maneira, as conjugações verbais separadas por barras se filiam a uma concepção de *heterogeneidade* que reconhece a existência de uma *diversidade*, mas não deixa de privilegiar determinadas formas – nesse caso, aquela que é apresentada em primeiro lugar nos quadros de conjugação e que coincide com as formas de tratamento mais regulares em certas regiões da Espanha²¹¹.

Por outro lado, os parênteses que observamos nos quadros do DIEA e do DEM podem marcar que se trata de algo externo ao modelo apresentado, que é acrescentado como uma forma que se reconhece como sendo a “do outro” e que não está em relação de equivalência com aquelas que não constam entre parênteses. Detectamos, portanto, uma posição simbólica diferente daquela que observamos no DRAE, posição que, de nossa perspectiva, se filia a um

²⁰⁹ Cf. dem.colmex.mx

²¹⁰ Cf. www.rae.es (Último acesso: 25/11/2013).

²¹¹ Cf. Serrani-Infante (1997).

movimento de legitimação da heterogeneidade da língua espanhola, tomada em suas especificidades, em certas regiões do espaço que designamos, já na Introdução deste trabalho, como atravessado por um processo de (des)colonização linguística. No caso do DIEA, esse gesto entra em relação de sentidos com a negação analisada em Sd43 (*la lengua hablada en Argentina no es un desvío de una lengua central, sino que es una variante de ella*), corroborando a oposição ao monocentrismo normativo.

Entretanto, detectamos, ainda na seção *Apéndices* do DIEA, um gesto que parece funcionar em outra direção. Assim, por um lado, reconhecemos essa tomada de posição em relação à questão normativa, e por outro, também identificamos momentos de vacilação, tal é o caso do quadro de pronomes pessoais que veremos a seguir:

[P/G]	[FUNCIÓN]	[SUJETO]	[O.D.]	[O.I.]	[TÉRMINO DE COMPLEMENTO PREPOSICIONAL O DE CIRC.]	[CIRC. COMP.]
1 ^{ra}	singular	<i>yo</i>	<i>me</i>	<i>me</i>	<i>mí</i>	<i>conmigo</i>
2 ^{da}	singular	<i>tú, vos, usted</i>	<i>te</i>	<i>te</i>	<i>vos, ti</i>	<i>contigo</i>
3 ^{ra}	singular	<i>él, ella</i>	<i>lo, la, se</i>	<i>le, se</i>	<i>él, ella, sí</i>	<i>consigo</i>
1 ^{ra}	plural	<i>nosotros, nosotras</i>	<i>nos</i>	<i>nos</i>	<i>nosotros/as</i>	—
2 ^{da}	plural	<i>vosotros/as, ustedes</i>	<i>os, los, las</i>	<i>os, les</i>	<i>vosotros/as, ustedes</i>	—
3 ^{ra}	plural	<i>ellos, ellas</i>	<i>los, las, se</i>	<i>les, se</i>	<i>ellos, ellas, sí</i>	—

Imagem 20: Quadro de pronomes pessoais DIEA²¹²

Em uma enumeração separada por vírgulas, os pronomes pessoais são dispostos de maneira tal que o pronome *tú* antecede a forma *vos*, assim como o pronome *vosotros* aparece antes da forma *ustedes* no caso da segunda pessoa plural, ordenação inversa à identificada no quadro de paradigma de conjugação verbal. Verificamos, portanto, que essa sequência se aproxima daquela apresentada pelo DRAE (Imagens 16 e 17) e estabelece uma relação de contradição com o paradigma de conjugação verbal analisado acima (Imagens 14 e 15).

O conjunto de considerações elaboradas até aqui nos permitiu, fundamentalmente, detectar e trabalhar de maneira especial a imagem de língua que se projeta no DIEA e tivemos

²¹² DIEA, p. 1899.

ocasião de ver que, entrelaçadas, já surgem aí as imagens de dicionário e de leitor. A partir deste ponto, seguindo essa direção, propomo-nos observar as antecipações que na textualidade da *Presentación* vão sendo projetadas ainda a respeito do dicionário, em especial, com relação a significá-lo como *integral*. Para tanto, começamos por destacar dois fragmentos:

Sd44: Se trata de un diccionario de lengua, y **no de un diccionario enciclopédico**, dado que describe y explica el significado de las palabras y su uso, y no ofrece información acerca de las entidades a las que estas palabras refieren. [grifos nossos]

Sd45: Es, además, un diccionario integral y **no uno contrastivo ni de argentinismos**. Es decir que incorpora voces que se usan en nuestra variedad, al margen de que sean de uso común en las distintas regiones en que se habla el español (*contracción, punible*), que se usen en América pero no en España (*abicharse*), que sean compartidas solo con algunos otros países hispanohablantes (*ablande, palta*) o que sean exclusivas de nuestro país (*abrochadora, sopapa*). [grifos nossos]

Nas duas sequências discursivas acima, ressoam os sentidos relativos ao determinante *integral*, sendo que em Sd45 a negação em relação a obras contrastivas ou diferenciais, detectada por nós em outros momentos desta análise, é explicitada: *un diccionario integral y no uno contrastivo ni de argentinismos*. O movimento de especificação que busca significar o tipo de dicionário, em sua particularidade de *integral*, também pode ser observado nos seguintes fragmentos:

Sd46: Por otra parte, **se trata de un diccionario sincrónico**, ya que las unidades léxicas descriptas están documentadas en una cierta cantidad de ocurrencias en textos producidos a partir de 1981 [grifos nossos].

Sd47: El *DIEA* es, además, **un diccionario de uso** en tanto en las entradas se ofrece información acerca del comportamiento de las palabras, además de la información semántica y categorial que todo diccionario de lengua contiene [grifos nossos].

Sd48: En este sentido, es también **un diccionario orientado a la producción verbal y no solo a la comprensión** [grifos nossos].

Há, portanto, uma série de enunciados que significam o *DIEA* como um determinado tipo de obra lexicográfica. Assim, note-se que, a partir de sua autoria, esse dicionário é afirmado como “sincrônico” e “de uso”, diferenciando-se de publicações como o *DRAE*, que, segundo

Lara (2009, p. 112) foi sempre um dicionário “pancrônico” e “seletivo”²¹³. O fragmento no qual se afirma que a obra é orientada à produção verbal se vincula à seção denominada *Apéndices* (que já citamos ao mobilizar, acima, certos paradigmas) na qual se apresentam, como vimos, uma série de questões relativas ao plano do que Orlandi (1996) – como já tivemos ocasião de ver – designa como organização da língua. Nesse sentido, no dicionário afirma-se que o gesto é de descrição e não de prescrição. No entanto, essa negação é submetida a uma inflexão como podemos observamos na seguinte sequência.

Sd49: Finalmente, se trata de **un diccionario descriptivo** (y **no prescriptivo**), dado que en él se representa el léxico realmente usado en la Argentina, sin prescribir de manera explícita acerca de los usos correctos o incorrectos, aun cuando las mismas definiciones y los ejemplos o las notas de uso adquieran, de hecho, **un carácter normativo**, como en el caso de *eso*. Esto significa, por otra parte, que se incluyen formas y acepciones habitualmente no recogidas en otras obras lexicográficas ni sancionadas por **la Academia**, pero que son usuales y aceptadas en nuestra variedad de español, por ejemplo, *espanglish*. [grifos nossos]

Vemos que opera aí um reconhecimento pois se afirma que, mesmo que se proponha a ser uma obra descritiva todo dicionário de língua terá, em maior ou menor medida, um caráter normativo que lhe é inerente; nesse sentido é dado como exemplo o caso do vocábulo “eso”²¹⁴, cuja definição apresenta uma nota relativa à ortografia e à morfologia que parece funcionar mais como uma descrição que generaliza do que como uma prescrição. A questão da norma aparece

²¹³ Com o termo “seletivo” o autor se refere ao fato de esse dicionário de esse dicionário trabalhar com uma seleção de verbetes que não incluir uma série de vocábulos regularizados em determinadas regiões nas quais o espanhol é língua oficial.

²¹⁴ A entrada *eso* no DIEA tem o seguinte verbete:

eso 1 *pron dem* Señala algo indeterminado que está relativamente cerca de la persona que habla o escribe: *Llévate eso, por favor.* § 2 *pron dem* Indica algo que se mencionó antes: *Bueno, entonces ¿qué conclusiones sacamos de todo eso que nos explicaron?*

a eso de *prep* Indica, de manera aproximada, un punto en el tiempo: *Vinieron a eso de las tres.*

eso es Se usa para indicar asentimiento o aprobación: *Ahora, dóblala a la derecha. Sí, muy bien, eso es.*

por eso *conj* Introduce una oración independiente en la que se expresa una consecuencia: *Me cansé de que me maltraten. Por eso me voy.*

y eso (también y todo eso) Se usa al final de un enunciado para referirse a algo que se supone conocido por o deducible para el interlocutor: *Me voy a dedicar a hacer artesanías y eso.*

y eso que *conj* Introduce una oración independiente en la que se expresa algo que se considera opuesto o contrario a lo dicho previamente: *Ganamos fácil. Y eso que estábamos todos cansados.*

Nota. Nunca se escribe con tilde. No flexiona ni en género ni en número. (DIEA, p. 728)

também em relação ao jogo que estabelece com as demais obras do universo hispânico, especialmente com obras publicadas pela RAE, significada em Sd49 por meio do sintagma "la Academia"²¹⁵.

A propósito da questão da norma em dicionários integrais, Lara (2009, p. 114) afirma que “el diccionario integral por regiones también tiene que cuidar su papel normativo, pues se le pondera con relación a la posición que toma respecto de la Real Academia y con las normas de corrección vigentes en cada región”. Conforme o autor, os dicionários integrais têm uma responsabilidade normativa especificamente em função do posicionamento que assumem em relação à RAE. Vemos aqui um outro efeito do processo de (des)colonização linguística do espaço no qual são elaboradas tais obras e do lugar de peso – já abordado no capítulo 1 e retomado ao longo deste – que essa academia supõe para a produção lexicográfica. De nossa perspectiva – marcada pelos saberes da AD – e a partir das afirmações realizadas por Lara, consideramos que é preciso observar que os dicionários integrais, como instrumentos linguísticos, têm um papel importante nos processos de gramatização da língua espanhola, pelos efeitos de legitimação e, portanto, de padronização que implicam. É justamente nesse sentido que aqui compreendemos essa formulação de Lara.

Dessa forma, parece-nos oportuno observar a definição de *espanglish* no DIEA e no DRAE, posto que esse foi o termo referido pelo sujeito do discurso em Sd49 como exemplar da questão das diferentes perspectivas normativas. No caso do DRAE, a atual edição (vigésima segunda) não registra a entrada *espanglish*. No entanto, está disponível para consulta na página

²¹⁵ Reconhecemos uma certa equivocidade na referência do sintagma “la Academia”, pois poderia referir à Academia Argentina de Letras; porém, a partir de muitos dos sentidos que aqui foram mobilizados para assinalar o lugar de peso que representa a RAE não apenas no campo da produção lexicográfica mas também no espaço de enunciação no qual funciona, pensamos que a “baixa” determinação linguística (apenas um determinante para esse nome) está vinculada a uma alta determinação discursiva (cf. o apresentado com relação a este conceito no capítulo 1) e esse sintagma tem como referência a RAE.

do dicionário na internet o verbete proposto para sua próxima edição, marcado como um *artículo nuevo*. Avance de la vigésima tercera edición²¹⁶.

DIEA	DRAE (avance de la 23ª edición)
Sd50: <i>espanglish</i> <i>m</i> Cada una de las diferentes variantes lingüísticas habladas por hispanohablantes residentes en los Estados Unidos en las que se mezclan elementos léxicos y de morfología de la lengua española y la inglesa: <i>un estudio sobre el espanglish</i> .	Sd51: <i>espanglish</i> . (Del ingl. <i>Spanglish</i> , fusión de <i>Spanish</i> 'español' y <i>English</i> 'inglés'). 1. <i>m</i> . Modalidad del habla de algunos grupos hispanos de los Estados Unidos, en la que se mezclan, deformándolos, elementos léxicos y gramaticales del español y del inglés.

Em ambos os verbetes, notamos que *espanglish* é definido como uma "mistura" entre a língua espanhola e a língua inglesa. No entanto, no enunciado definidor do DRAE (Sd51) é possível identificar marcas de uma posição simbólica identificada com o funcionamento de uma norma (mais) prescritiva, como é o caso do fragmento “deformándolos” que aparece numa parentética, encaixada entre vírgulas, como um discurso que predica sobre o fenômeno descrito e, de fato, o especifica mediante um julgamento que podemos caracterizar como “purista”. Ademais, vemos que no enunciado definidor do DRAE o *espanglish* é definido como uma modalidade da fala enquanto no DIEA (Sd50) como uma variante linguística. Certamente, entender o *espanglish* como uma “variante”, termo oriundo do campo da sociolinguística, é assumi-lo como parte do funcionamento heterogêneo da língua, enquanto que delimitá-lo como uma modalidade da “fala” o reduz a uma forma de manifestação ou de prática linguística.

Como nos mostra a análise do verbete *espanglish*, o “papel normativo” referido por Lara (2009, p. 114) – e que, de nossa perspectiva, se vincula ao poder legitimador que um dicionário integral possa vir a ter no território da língua espanhola – pode ser relacionado a diversos aspectos do DIEA, incluídos o leamário e os verbetes. Nesse sentido, destacamos o seguinte fragmento no qual detectamos uma projeção que se faz na obra acerca da imagem de léxico:

²¹⁶ Trata-se de uma prática comum no DRAE. Os verbetes que apresentam modificações, que serão incluídos ou excluídos na próxima edição ficam disponíveis para consulta no site do dicionário.

Sd52: El léxico es el conjunto de las palabras de una lengua que refleja la experiencia que una comunidad tiene acerca de su entorno y de su pasado. Así, las palabras manifiestan el modo de pensar, de percibir y de organizar la realidad y por medio de ellas accedemos al conocimiento e interactuamos con los demás.

Em Sd52, nota-se que a imagem de léxico projetada no discurso da apresentação do DIEA aparece fortemente relacionada ao sentido da "experiência" de uma "comunidade", projeção que se vincula ao determinante *de la Argentina* analisado no título do dicionário e às cores da capa da obra, marcas que nos remetem ao espaço de enunciação no qual se formula e a partir do qual se constitui esse dicionário. Compreender o léxico como resultado da experiência de uma comunidade é uma concepção que está na base do pensamento lexicográfico de Lara (2006, p. 143):

El léxico se nos manifiesta en primera instancia como un fenómeno de la memoria de cada individuo. Pero en cuanto se va alojando en ella a lo largo de la vida, de manera ilimitada, como parte de la lengua que cada quien recibe de su comunidad lingüística, no es un léxico privado, sino sólo aquella parte del gran acervo de la lengua histórica que se recibe durante el aprendizaje de la lengua y su consecuente educación. Sólo a partir de ese hecho es como podemos, después, poner nuestra atención en ese conjunto de vocablos, en esa clase de signos lingüísticos que son los vocablos, que descubrimos en la lengua compartida por todos los miembros de una comunidad lingüística y que llamamos "léxico de una lengua".

O alinhamento do DIEA às perspectivas teóricas de Lara é explicitado no seguinte fragmento:

Sd53: El diccionario es un tipo de texto que representa una o varias lenguas a partir de describir su léxico y explicar la variada información que este conlleva. Así, el diccionario es un depósito de los contenidos culturales de una comunidad, objetivados en las palabras del léxico que recopila y describe. Todo diccionario cumple siempre una función didáctica dado que los artículos que lo componen constituyen respuestas a preguntas que todo hablante se hace o hace a otra persona: “¿Qué quiere decir tal palabra?”; “¿Cómo se escribe tal otra?”; “¿Cómo es el plural de esta palabra?”. Como señala Luis Fernando Lara, el preguntarse por el funcionamiento del lenguaje es un acto propio de toda comunidad, uno de los actos típicos entre los que tienen sentido para una sociedad y, por ello, el diccionario también cumple una función social.

A filiação do DIEA às propostas de Lara é significativa posto que o lexicógrafo defende veementemente o "pluricentrismo"²¹⁷ da norma e ressalta em seus trabalhos a importância da produção de dicionários integrais em todos os países hispanofalantes²¹⁸. Ademais, o autor²¹⁹ considera ainda que a língua espanhola é, além de "policêntrica", "multipolar":

[...] sin duda Barcelona y Madrid son polos de irradiación [de características lingüísticas y de normas de corrección] contemporánea, gracias a su industrial editorial y al papel político que tienen en España; las ciudades de Buenos Aires, de Bogotá y de México, igualmente.

Observamos que os polos linguísticos reconhecidos por Lara estão parcialmente presentes na delimitação que é realizada no DIEA, como podemos observar nas seguintes sequências:

Sd54: Pero si bien la lengua de referencia es el español estándar de la Argentina, las necesidades de comprensión del destinatario de esta obra determinaron que se incluya también un conjunto limitado de voces de España, México y Colombia, países hispanohablantes con una importante presencia en los bienes culturales que nuestra sociedad consume, ya sea en prensa, en literatura, en traducciones, en obras cinematográficas, en canciones, etc.

Sd55: El *DIEA* describe alrededor de cuarenta mil palabras del español argentino estándar de la actualidad. Así, incluye voces fundamentales (como *importar*, *setecientos*, *abasto*), voces actuales o neologismos de amplia difusión (como *servidor*, *flexibilización*, *reality show*), argentinismos (*carretear*, *lavandina*), términos de las disciplinas objeto de estudio secundario y preuniversitario (*significante*, *derivada*) y algunas voces equivalentes en otras variedades del español, que pueden motivar la búsqueda para su reconocimiento pasivo por parte de un hablante argentino (*frijol*, *güerro*).

Podem ser identificados dois movimentos em Sd54 e Sd55: por um lado, delimita-se o recorte de língua que se faz no DIEA, enunciado como o espanhol padrão da Argentina na atualidade; por outro, diferencia-se o que é próprio dessa região do que lhe é alheio, o que seriam as “voces” de outros. Por meio da projeção da imagem de um leitor “que consome” produções provenientes

²¹⁷ De acordo com Lara (2009, p. 189) "[...] el español actual es [...] 'pluricéntrico', no 'concéntrico' como lo imagina la idea predominante de la lengua; no un español 'general' o 'estándar' centrado en Madrid (con la Academia y los 'manuales de estilo' de la prensa como principales agentes normativos), y rodeado de 'variedades dialectales' españolas e hispanoamericanas [...]".

²¹⁸ Cf. Lara, 1990, 2009.

²¹⁹ Idem, 2009, p. 190.

de outras comunidades hispanofalantes, são nomeadas, nesta ordem, três regiões: Espanha, México e Colômbia. Essas são, portanto, as três marcas referentes à variação diatópica que podem ser encontradas no dicionário ²²⁰, como podemos identificar no verbete de *pachorrudo*²²¹:

Sd56: pachorrudo, -da MÉ coloquial ► pachorriento

Buscamos observar também como essa entrada é definida no DRAE:

Sd57: pachorrudo, da. 1. adj. coloq. Que procede con mucha pachorra.

Observemos que no DIEA (Sd56), o vocábulo *pachorrudo* leva a marcação "MÉ" que nos indica que se trata de uma palavra usual no México. No entanto, essa entrada não faz parte da nomenclatura do DEM e é definida no DRAE sem nenhum tipo de marcação, ou seja, como sendo um vocábulo usual em “toda e qualquer região hispanofalante”, ou, ainda, como parte do que seria o “vocabulário comum”²²². A falta de coincidência entre as marcações e registros observados no caso de *pachorrudo* podem ser entendidas como um indício da atual conjuntura da lexicografia hispânica e da necessidade de elaboração de dicionários integrais sincrônicos que sejam representativos da heterogeneidade linguística das diversas regiões hispânicas e colaborem para a construção de um conhecimento mais efetivo das variedades linguísticas hispânicas.

Ademais da marcação relativa à região, a entrada *pachorrudo* leva também a marca *coloquial* vinculada ao uso do vocábulo. Esse tipo de marcação é referida na *Presentación* da seguinte maneira:

Sd58: [...] la marca FORMAL, que indica el uso restringido a textos escritos no espontáneos, de alto grado de formalidad y de poca frecuencia (*albo, cabe y empero*), la marca COLOQUIAL, que indica los casos de palabras que no se suelen emplear en textos formales de nivel

²²⁰ É importante ressaltar que no *Gran diccionario de los argentinos*, incluem-se marcas de regiões argentinas: NO (Noroeste), NE (Noreste), CENT (Centro), CUYO (Cuyo), RPI (Río de la Plata) e S (Sur) (GDA, p. XVIII).

²²¹ O vocábulo *pachorrudo* é parte da mostra composta pelas cem primeiras entradas da letra -p selecionada neste estudo. Parte dessa seleção será mobilizada nas análises do Capítulo IV.

²²² Observa-se aí um processo de generalização constitutivo da produção desse dicionário e que funciona a favor de produzir um imaginário de “língua comum” e de afirmar os sentidos vinculados a uma política pan-hispânica.

académico o que solo se emplean en el argot o en la oralidad (*campanear* o *calentarse*, en el sentido de enojarse); la de GROSERO, para los significados soeces y claramente descorteses (*garchar*, *ojete*); y la de INFANTIL, para voces como *pipí* o *tutú*. (DIEA, p. 13)

Notamos que o DIEA não se propõe uma valoração do “uso” como o fazem obras com um caráter prescritivo, como no caso do DRAE, dicionário no qual se utilizam marcas como *mal sonante*²²³. Consideramos que a marcação de *grosero* não se vincula, necessariamente, a um gesto prescritivo; a princípio, parece se relacionar mais com uma observação que se refere ao funcionamento da língua em certas práticas sociais. De fato, trata-se de um enunciado mais filiado ao que poderia ser considerado como uma “descrição” de efeitos de sentido que, no entanto, funciona aí para explicitar um termo não ameno e disfórico.²²⁴

O percurso da análise da *Presentación* nos permite constatar um processo de construção discursiva de um objeto “novo”, o *Diccionario integral del español de la Argentina*. Em diversos momentos pudemos detectar um movimento que nega uma série de sentidos já instaurada e relacionada à produção lexicográfica argentina, recorta e delimita um lugar para esse novo instrumento linguístico reafirmando os sentidos de ser um dicionário *integral*. Em outros, esse movimento não parece ser retomado. Nesse sentido, podemos dizer que os nomes da editora *Tinta fresca*, e da marca *Voz ativa*, quando postos em relação com os sentidos aqui detectados, como os produzidos por Sd42 e Sd43, resinificam-se: o primeiro pode ser vinculado àquilo que foi feito há pouco, ao recente, à novidade (Sd42: “primer diccionario”); e o segundo, à uma “conscientização linguística” que possibilita a ativação de uma voz até então inativa (Sd43: “toma de conciencia”).

²²³ No texto *Advertencias para el uso de este diccionario*, afirma-se:

Hay, pues, marcas que corresponden a los distintos **niveles de uso de la lengua** -«vulg.» (‘nivel vulgar’), jerg. (‘jergal’), infant. (‘infantil’), «cult.» (‘nivel especialmente culto’)-, a los registros de habla -«coloq.» (‘registro coloquial’)-, a la **valoración del hecho lingüístico** -«malson.» (‘voz malsonante’), «eufem.» (‘eufemismo’)-, a la **intención del hablante** -«despect.» (‘sentido despectivo’), «irón.» (‘sentido irónico’) ...-, etc. (Disponível em www.rae.es. Último acesso em 16/09/2013).

²²⁴ Reconhecemos que, para concluir algo mais elaborado, deveríamos mobilizar a análise de determinados verbetes.

3. *Prólogo*

Como foi antecipado na introdução deste capítulo, neste item apresentamos a análise de alguns aspectos do *Prólogo* do DIEA, seção que, no dicionário, antecede a *Presentación*. O prólogo é assinado, como fizemos referência no capítulo 1, por José Luis Moure que, apesar de não ser parte da equipe responsável pela produção do DIEA, é convidado a prologar a obra. A assinatura se compõe não somente pelo nome de seu autor, mas também pela referência a três instituições às quais este aparece vinculado: *Universidad de Buenos Aires*, *CONICET* e *Academia Argentina de Letras*. O fato de o prólogo ser escrito por alguém que não participa da elaboração da obra é, para nós, significativo, posto que se trata de um movimento que abre, no dicionário, um espaço para o dizer de um especialista vinculado a lugares sociais de alta potência simbólica, lugares esses explicitados, na assinatura, abaixo de seu nome²²⁵.

Como também já tivemos a oportunidade de antecipar no início deste capítulo, ao analisar o *Prólogo* do DIEA a partir da perspectiva da AD, procuraremos detectar as posições simbólicas ocupadas pelo sujeito do discurso e relacioná-las a outros aspectos do dicionário. Para o desenvolvimento de nossa análise, parece-nos importante retomar algumas observações já realizadas por Lauria (2012) acerca dessa peça do paratexto, ainda que os objetivos de estudo da autora tenham sido diferentes dos nossos. Em seu trabalho, Lauria²²⁶ afirma que a proposta de elaboração do DIEA expressa no *Prólogo* deixa entrever uma ideologia que questiona, segundo a autora, as concepções políticas de nação e, ainda, reconhece no dicionário um movimento que busca definir e legitimar o que denomina como "identidade linguística nacional":

El planteo programático que sustenta la elaboración del primer diccionario integral del español de la Argentina, expresado en el “Prólogo” que acompaña tanto el DIEA como El gran diccionario..., como así también las vacilaciones

²²⁵ Como veremos imediatamente em Sd59, identificamos marcas na materialidade textual do lugar ocupado pelo sujeito do discurso que se posiciona como um “convidado”, como aquele que “vem de fora”.

²²⁶ Ibidem, p. 335.

y las polémicas que genera, muestra más allá de las fundamentaciones lingüísticas y técnico-científicas propias de la práctica lexicográfica un universo ideológico que interroga las concepciones políticas acerca de la nación. A lo largo de la obra, se postula la imperiosa necesidad de definir y legitimar la identidad lingüística nacional y de que esto se lleve a cabo, al menos en el plano lexicográfico, científicamente.

Ademais, a autora afirma que:

Si bien es cierto que hay un corrimiento hacia un polo más claramente científico, procurando un efecto de objetividad y neutralidad en la obra, elidiendo o, al menos, nublando su condición política, es primordial señalar que no dejan de aparecer en el prólogo fragmentos vinculados con la identidad nacional²²⁷.

A estudiosa reconhece, portanto, a “condição política” do texto do *Prólogo* e afirma que alguns de seus fragmentos se vinculam à identidade nacional, chegando a afirmar que “el diccionario se convierte, en ese marco, es un instrumento catalizador en aras del afianzamiento de una “conciencia lingüística nacional”²²⁸.

Nesse sentido, Lauria²²⁹ também observa que no prólogo do DIEA se constrói uma argumentação favorável à concepção pluricêntrica do idioma que se afasta, assim, da ideia de “desvio”, tal como pudemos identificar ao analisar a materialidade textual da *Presentación* vista no item anterior²³⁰, mas ressalta que não se trata de um “nacionalismo linguístico de ruptura”:

El eje del recorrido de la argumentación reside en señalar que los modelos normativos vigentes no se adecuan a la realidad lingüística actual. El texto se mueve sutilmente entre delgadas líneas que van de la atención a la evolución propia de la lengua, distanciándose, así, de la concepción de desvío en relación con una norma centralista y unitaria, pero sin caer en un nacionalismo lingüístico de ruptura; a la defensa de la lengua común. En otras palabras, se esboza la transición efectiva de una concepción monocentrista a una pluricentrista, es decir, a la existencia de distintos centros irradiadores, ajenos al foco tradicional o hegemónico, de una única norma legítima.

As observações de Lauria serão importantes para o desenvolvimento de nosso estudo e entram em relação de sentido com nossas análises, pois nos oferecem subsídios para refletir

²²⁷ Ibidem, p. 340.

²²⁸ Ibidem.

²²⁹ Ibidem, p. 337.

²³⁰ Lembramos que, nessa análise, um movimento detectado na seção *Apéndices* não corroborava totalmente esses sentidos.

sobre os sentidos que instala a publicação do DIEA. Tendo em vista seus apontamentos, buscaremos desenvolver nossa análise de modo a colaborar para a construção de um saber sobre esse dicionário, neste caso, mais especificamente sobre o texto que o prologa.

O prólogo do DIEA está constituído por um texto extenso e não pretendemos, neste momento, analisá-lo em sua totalidade²³¹. Tal como procedemos na análise da *Presentación* vista no item anterior, em nosso percurso analítico, seguindo a proposta de Nunes (2006) exposta no início deste capítulo, destacamos determinados fragmentos com base nos quais buscamos detectar as imagens de dicionário, língua e leitor que aí se projetam, bem como as posições simbólicas ocupadas pelo sujeito do discurso.

Para observar como se materializam na superfície do texto essas antecipações imaginárias, recortamos, primeiramente, o seguinte fragmento:

Sd59: *El Diccionario Integral del español de la Argentina, que estas páginas quieren prologar*, abre en nuestro país un camino novedoso. **No se trata de un repertorio de argentinismos** (nuestra tradición lexicográfica cuenta con varios y la Academia Argentina de Letras continúa ampliando uno que ya ha alcanzado dos ediciones), aunque incluya los más difundidos. Fue concebido con la pretensión de dar cuenta del vocabulario de la lengua común, la que compartimos con el resto de la América hispana y con España (por eso “integral”), la misma de que se ocupa el DRAE, pero tal como lo ha conformado la variedad argentina culta o estándar, seleccionando los elementos que son funcionales a ella y refiriéndolos con las formas propias de esa variedad [grifos nossos].

Em Sd59, destacamos o fragmento entre vírgulas: *que estas páginas quieren prologar*, cujos sentidos se vinculam ao lugar ocupado pelo especialista ou estudioso que – como já antecipamos – é “convidado” a prologar o dicionário, mas que não faz parte de sua elaboração.

Nessa sequência, reconhecemos, também, o funcionamento de certos sentidos que parecem estar regularizados na memória discursiva sobre dicionários na Argentina e que aparecem como pré-construídos que devem ser negados – tais como o de ser “um dicionário de

²³¹ O texto completo do *Prólogo* é apresentado no Anexo IX.

argentinismos” ou “uma recopilação de alguma obra já existente”; assim, o sentido de *integral* não aparece como “dado” (ou, ao menos, não se pressupõe como tal) e, para significar a integralidade do dicionário, é preciso que esse sentido seja construído no intradiscurso, no fio do dizer. Dessa forma, tomando como base reflexões de Pêcheux (2007) e de Achard (2007), estamos diante de um movimento que nega certos implícitos (os de uma série de sentidos já instalada) – e, para tanto, como já dissemos, opera explicitamente algumas negações – e introduz a série de sentidos vinculada ao significante *integral*, não estabilizada na memória. Observamos que este movimento também foi detectado ao analisar a *Presentación* e, em alguma medida, a capa do DIEA, itens nos quais reconhecemos gestos mais ou menos explícitos de significação do determinante *integral*. Vamos, agora, ver mais em detalhe o que aqui acabamos de interpretar num plano mais teórico.

Quanto às imagens projetadas, observamos em Sd59 três movimentos significativos e fortemente relacionados entre si. Por um lado, detectamos a projeção de uma imagem de dicionário, a partir da qual notamos que o título da obra não é suficiente para significá-la, sendo necessárias explicações em relação ao recorte de língua ao qual a obra se dedica e que justificam o termo *integral*. Esse primeiro movimento se vincula a uma determinada imagem de leitor, para o qual um dicionário de espanhol da Argentina significa, de acordo com o que acabamos de observar, em uma rede de sentidos relacionada à produção de obras diferenciais, o que nos permite compreender a negação de que se trate de um “dicionário de argentinismos”. Enlaçada a essas duas projeções, reconhecemos a imagem de língua referida nesse fragmento como uma variedade “cult” ou “estândar” que é colocada em relação com uma outra dimensão: a de língua comum. No entanto, notamos que são necessárias diferentes especificações para fazer referência à língua objeto desse dicionário. Nesse sentido, cabe ressaltar que, em Sd59, para determinar o recorte linguístico que se faz na obra, aparecem as seguintes estruturas:

vocabulario de la lengua común
la [lengua] que compartimos con el resto de América y con España
la misma [lengua] de la que se ocupa el DRAE

Note-se que para apresentar o recorte de língua que se opera no DIEA, constrói-se uma série que coloca em relação de equivalência o que seria o léxico da "língua comum", a "língua compartilhada" com o resto do mundo hispânico e a "língua do DRAE". Assim, identificamos o funcionamento de uma memória a partir da qual a concepção de dicionário "não contrastivo" aparece vinculada diretamente ao DRAE, obra tomada como referência pelo sujeito do discurso que analisamos para significar a língua aí referida como "comum".

A propósito desse aspecto, podemos destacar o fragmento disposto no prólogo imediatamente após o que apresentamos anteriormente:

Sd60: Para decirlo de una manera más sencilla: el equipo de lexicografía de Tinta Fresca **no revisó, recortó y adaptó el DRAE** ni otro diccionario previo de acuerdo con nuestras necesidades (**lo que habría sido una determinación frecuente y legítima**), sino que optó por hacer un diccionario *ab initio*, enteramente nuevo en todos sus componentes.
[grifos nossos]

Observemos que, em Sd60, o sujeito do discurso projeta um leitor não especializado, para o qual os sentidos relacionados ao objeto "dicionário integral" devem ser explicitados de forma "mais simples". É importante notar também que, por um lado, antecipa-se em Sd60 um leitor que tem o DRAE como referência do que seria um dicionário "não contrastivo" e para o qual, como dissemos acima, é necessário negar que o DIEA seja uma "revisão", um "recorte" ou uma "adaptação" dessa obra. De nossa perspectiva, a referência ao DRAE observada em Sd59 e em Sd60 – fragmentos nos quais esse dicionário é tomado como base de comparação para que o leitor do DIEA possa compreender o que seria um dicionário integral – se vincula às especificidades da produção lexicográfica argentina e reafirma a força do lugar ocupado pela publicação da RAE, ambos aspectos tratados no capítulo anterior e que, neste momento, compreendemos numa outra dimensão: como esse dicionário e essa academia funcionam na

memória discursiva de uma formação social²³². Cabe ressaltar que esse lugar é reafirmado por meio da parentética que explicita que a prática de elaboração de dicionários que se baseiam no DRAE, ou em outras obras, é “frequente” e “legítima”.

É importante observar, ainda, que, após determinar a língua mediante a especificação de ser a mesma que recorta o DRAE, há uma mudança na direção do dizer que se materializa no operador adversativo *pero*, que ressalva a afirmação de que o DIEA se ocupe da mesma língua à qual se dedica o DRAE e nomeia, explicitamente, a língua tomada como referência no dicionário: a variedade culta ou estandar do espanhol da Argentina²³³. Salientamos que, de nossa perspectiva, ressoam em Sd60 os efeitos de sentidos do sintagma *Tinta fresca* trabalhados no capítulo 1, especialmente pela negação da possibilidade de que a equipe editorial pudesse haver tomado outro dicionário como base para a elaboração do DIEA. Para nós, a explicitação do tipo de dicionário e a especificação da língua que nele se recorta se relacionam com o gesto de abertura de um lugar significativo para esse instrumento: note-se que na *Presentación* identificamos uma dêixis fundacional – *primer diccionario* (Sd42) – e no *Prólogo*, especificamente em Sd59, poderíamos dizer que há também um certo “ar de fundação” no fragmento *abre en nuestro país un camino novedoso*.

O enunciado do “novo” detectado no discurso do prólogo, bem como nas análises da *Presentación*, está vinculado a questões relativas ao espaço de enunciação a partir do qual significa, espaço no qual, como já afirmamos, a relação dos falantes com as línguas que o habitam está fortemente marcada por dois acontecimentos históricos: a Conquista da América e a Independência das nações hispano-americanas. No prólogo do DIEA, esses dois acontecimentos da história, bem como a série de fatos que deles decorrem, são apresentados

²³² O que queremos dizer é que esse pré-contruído não funciona apenas no campo da produção lexicográfica hispânica, mas também no campo do senso comum e de outras dimensões do funcionamento discursivo em uma sociedade.

²³³ Esse operador, *pero*, trabalha aí uma oposição que, como veremos, funciona em uma contradição histórica no seio de um determinado processo de (des)colonização linguística.

como eixos a partir dos quais se organiza a relação sujeito-língua na América hispânica. Nesse sentido, é interessante observar o fragmento com o qual esse texto se inicia:

Sd61: Se han cumplido **holgadamente** los quinientos años de la **conquista española en América**. Más allá de toda razonable consideración histórica, económica, antropológica o social, ese hecho determinó otro que tiene la contundencia de lo evidente: con las carabelas llegó a la tierra nueva un idioma, que se expandió por ella en boca de los recién llegados y de quienes los sucederían en las siguientes oleadas inmigrantes [grifos nossos].

A primeira referência que se faz no prólogo é, portanto, à Conquista espanhola da América, acontecimento que é vinculado à presença da língua no continente americano. Nesse sentido, destacamos os efeitos produzidos pelo advérbio *holgadamente*, que se por um lado expressa que passou uma quantidade de tempo considerável desde o acontecimento da Conquista, também pode ter um outro efeito de sentido: o de se tratar de um espaço excessivo de tempo. Cabe ressaltar que esse acontecimento histórico também marcava o texto de abertura, denominado *Introducción*, do *Diccionario del español usual en México* (1996), obra que, como vimos no capítulo 1, antecede a publicação do DEM e instaura um lugar para a publicação de dicionários integrais no México:

Sd62: Nos encontramos a finales del siglo XX. México lleva casi doscientos años de vida independiente. Desde los inicios de la Colonia, la lengua en la que se ha venido manifestando la reflexión sobre nosotros mismos y en la que nuestra nación ha llegado a constituirse ha sido el español. En español hemos reflexionado, como pueblo, lo que fue **la gran tragedia de la Conquista** y lo que es ser mexicano, como fruto de la unión de dos grandes linajes: el ibérico y el indio; en español hemos construido nuestras instituciones nacionales, desde las leyes que han hecho de nuestro país un Estado hasta los modernos sistemas de comunicación por radio, televisión y prensa; en español hemos escrito nuestra historia y hemos producido nuestra literatura [grifos nossos].

Considerando Sd61 e Sd62, observamos que a publicação de dicionários não diferenciais em países Hispano-Americanos parece funcionar como um gesto que reafirma o fim do período colonial, estando vinculado, portanto, a um processo de *(des)colonização linguística*. Como afirmamos em nossa Introdução, para nós, a história da colonização pela qual

passaram os países da América hispânica é um gesto que funciona na mesma direção da fundação da RAE: na direção da *colonização linguística*. Nesse sentido, vejamos o seguinte fragmento:

Sd63: Dos largos siglos después [de la conquista española en América], ya bien asentados la ocupación y el dominio político sobre los extensos territorios americanos, la **fundación de la Real Academia de la Lengua** (1713) vendría a consolidar la codificación lingüística y el **imperio de esa norma única** [la norma prestigiosa que emanaba de Toledo (más tarde sería Madrid) [grifos nossos]].

Observamos que em Sd63 se atribui ao funcionamento da RAE a consolidação e o predomínio de uma norma única, metaforizados mediante o significante “império”. Nesse fragmento, ainda que os acontecimentos sejam apresentados como fatos históricos, o sujeito deixa marcas, tal como já observamos anteriormente, de como os interpreta: *largos siglos* ou *imperio de esa norma*. Para nós, na equivocidade que o significante *imperio* instaura, ressoam nesse fragmento os sentidos instalados pelas proposições de Ludmer (2010) mobilizadas no capítulo 1: segundo a autora, a estrutura do império continuaria presente no que ela designa como “o território da língua”.

Entretanto, o funcionamento dessa norma única é relativizado no fragmento seguinte que, na ordenação do prólogo, aparece imediatamente depois do que citamos em Sd63:

Sd64: Pero la historia de toda lengua no es sino el **conflicto**, latente o desembozado, entre lo que las **instituciones** establecen y lo que los **hablantes** terminan haciendo de ella. En verdad, la lengua puede concebirse como un mecanismo en equilibrio inestable, que se va configurando distintamente a lo largo del tiempo y de la geografía [grifos nossos].

O efeito de sentido produzido pelo uso do operador adversativo *pero* muda a direção do dizer em Sd64, fragmento no qual a história da língua é relacionada ao conflito entre as “instituições” – referência que neste ponto claramente retoma a RAE, mencionada um pouco acima na própria textualidade do prólogo – e os falantes. A noção de “heterogeneidade”, referida nessa sequência por meio da afirmação de que as línguas se configuram de maneira diferente ao longo do tempo

e do espaço, vincula-se a outros fragmentos do prólogo nos quais reconhecemos distintos movimentos da posição sujeito.

Apesar de identificarmos que em Sd64 a heterogeneidade linguística é projetada como sendo do registro do real, também detectamos determinados pontos da superfície do texto nos quais o sujeito passa a se posicionar de maneira diferente:

Sd65: Sin embargo, y salvo en las concepciones teóricas más radicales de algunos miembros de la generación de 1837, el espíritu revolucionario que impregnó los movimientos americanistas no abogó por la autonomía lingüística, acaso porque la **sensatez** permitió advertir lo que el filólogo Andrés Bello caracterizó como “las inapreciables ventajas de un lenguaje común”. **Pese a ello**, la independencia política de las naciones dejó abiertas las puertas para una lenta pero creciente toma de conciencia y aceptación de las propias identidades lingüísticas [grifos nossos].

Reconhecemos em Sd65 a tensão entre duas posições que se alternam e que ficam materializadas nos dois operadores que destacamos e no significante “sensatez”, que opera como base para segurar o sentido do dizer. Por um lado, há uma valorização positiva da não defesa da autonomia linguística por parte dos movimentos americanistas pós-independências²³⁴, que permite julgar como “sensata” a posição intelectual de Andrés Bello; e, por outro, detectamos uma marca de uma posição diferente a partir da qual se considera “lento” o processo de legitimação da heterogeneidade linguística sob a forma do que comumente se designa como “variedade” ou “variedades”.

Esse vaivém de sentidos em relação à heterogeneidade linguística do espanhol – vaivém que nos mostra traços de um sujeito indeterminado, vacilante (PAYER, 1995) – pode ser detectada em outros fragmentos que aqui podemos vincular a S65, tais como:

Sd66: Ningún americano distinguirá normalmente en su pronunciación entre *caza* y *casa*, aunque acepte respetar la diferenciada ortografía; y si no es en alocuciones de forzada retórica, tampoco empleará el pronombre *vosotros*, que ha sido sustituido unánimemente por *ustedes*. Hace mucho tiempo que los argentinos **hemos abandonado** el *tú*, aunque lo sigamos memorizando, **como se debe**, en el aprendizaje de la conjugación; en escasos lugares del país se diferenciará la

²³⁴ Para um estudo de como isso aconteceu na Argentina, cf. Serrani (1993).

pronunciación de la primera consonante de *llave* y *yegua*, y un muchacho porteño que lea *falda* pensará seguramente en un trozo de carne para puchero antes que en una pollera, mientras que un contemporáneo madrileño invertirá el orden en que imagina esos referentes [grifos nossos].

Notemos que, em Sd66, é mobilizada uma série de casos que se referem à disjunção entre as formas da língua espanhola em diferentes níveis: fonético (falta de oposição entre a realização sonora das sibilantes dentais e alveolares – *caza* e *casa* – ou entre as palatais, com a falta da realização lateral – *llave* y *yegua*; nível morfossintático (falta de oposição entre *vosotros* e *ustedes*, como já tivemos ocasião de ver no item anterior), lexical (*falda* e *pollera*)²³⁵. Note-se que o sujeito, em um movimento de antecipação de um leitor não especializado e para o qual – como já dissemos – os sentidos de “integral” não estão regularizados, cria uma cena na qual primeiro coloca o falante “americano”, de modo mais geral, e logo o particulariza ao se referir especificamente ao falante “argentino”. Nessa passagem, emerge uma primeira pessoa do plural que, de nossa perspectiva, funciona como um indício de que o sujeito do discurso desliza para uma posição sujeito “falante dessa língua nesse espaço”. Entretanto, detectamos outros deslizamentos a respeito das posições que esse sujeito ocupa, tal como podemos observar no fragmento que, na ordenação do prólogo, segue o recorte que analisamos em Sd66:

Sd67: Ninguna de esas opciones lingüísticas, como tantas otras que en la pronunciación, la gramática o el léxico podrían aducirse, **es incorrecta**, porque cada una responde a una norma propia, detrás de la cual hay una larga historia de vacilaciones, preferencias y determinaciones colectivas [grifos nossos].

No funcionamento de Sd67, por um lado, detectamos uma posição a partir da qual se defende a legitimação da heterogeneidade por meio da negação de que possam ser consideradas incorretas – negação que vinculamos a outros discursos: em um âmbito externo ao dicionário, às políticas de regulação promovidas pela RAE; em um âmbito interno à obra, ao fragmento

²³⁵ Cf. Fontanella de Weinberg, 1995.

analisado na *Presentación*, no qual se afirmava que *la lengua hablada en Argentina no es un desvío de una lengua central, sino que es una variante de ella* (Sd43). Por outro lado, identificamos uma modalidade deôntica que pode ser filiada à defesa da língua comum, posto que aprender as formas verbais correspondentes ao pronome *tú*, não usual na Argentina, é apresentado como um dever (Sd66). Essa tensão entra em relação com os sentidos que detectamos no quadro de pronomes pessoais do DIEA (imagens 14 e 15) e, de modo ainda mais forte, no paradigma de conjugação verbal (imagem 20) mobilizado na análise desenvolvida no item anterior deste estudo: detectamos que havia neles uma vacilação no modo como são apresentadas – nas duas primeiras com relação à última – as formas relativas ao tratamento de segunda pessoa, singular e plural.

Vejamos mais atentamente o exemplo relativo ao léxico mencionado em Sd67, o caso de *falda* e *pollera*, vocábulos retomados em outro fragmento do prólogo que destacamos a seguir:

Sd68: El Diccionario de la Lengua Española elaborado por la Real Academia Española (nos referiremos a él con el tradicional acrónimo DRAE), que a través de sus veintidós ediciones y sus doscientos ochenta años de existencia (su primera publicación data de 1726) ha sobrellevado la **admirable e ímproba tarea** de definir el vocabulario de nuestro idioma, **no podría sin violencia ser infiel a su origen y dejar de responder privilegiadamente a la curiosidad lexicográfica de los peninsulares** y al particular conocimiento de mundo que fundamenta la estructuración de su vocabulario, atendible razón por la cual, en el caso de *falda*, dispone la acepción de prenda femenina en el primer lugar y la alusiva al corte vacuno en el séptimo. Y si buscamos nuestro vocablo *pollera*, encontramos primero su significado de vendedora de pollos, muy ajeno a nuestro uso, y solo en el noveno puesto la referencia a la prenda [grifos nossos].

Considerando os fragmentos destacados em Sd68, identificamos uma posição a partir da qual se defende a validade do trabalho da RAE, posição essa que podemos vincular, de maneira mais ou menos direta, a outros fragmentos do prólogo, tais como Sd60 (na qual se faz referência à frequência e legitimidade da produção de dicionário que tomam o DRAE ou outra obra como

base de elaboração), Sd65 (na qual se fala da sensatez de Bello ao defender as vantagens da “língua comum”) ou, ainda, Sd66 (na qual identificamos a modalidade deôntica, da qual já falamos, que indica ser um dever memorizar as conjugações verbais referentes ao pronome *tú*, ainda que se afirme que os argentinos “abandonaram” essa forma).

Em Sd68, retoma-se a heterogeneidade da língua espanhola mediante o binômio *falda / pollera* para tratar a ordem das acepções oferecidas pelo DRAE que, segundo se afirma nesse fragmento, privilegia a variante peninsular. Nesse sentido, se tomarmos o fragmento no qual se diz que o DRAE *no podría sin violencia ser infiel a su origen y dejar de responder privilegiadamente a la curiosidad lexicográfica de los peninsulares*, podemos compreender que a “curiosidade lexicográfica” de um hispano-falante americano não pode, por princípio, ser atendida por essa obra. Dessa forma, entendemos, com base na análise dos efeitos de sentido da leitura do *Prólogo*, que a referência à ordem das acepções na obra da RAE funciona como um dos argumentos a favor da elaboração de um dicionário integral. Entretanto, cabe ressaltar que ao mesmo tempo que são mencionadas certas limitações no alcance do DRAE, são exaltadas as atividades da RAE, cujo trabalho é qualificado como “admirável” e “improbo”, movimento que marca a oscilação de posições que vimos observando ao longo da textualidade do prólogo e que nos levam a falar, com base em Payer (1995), de um sujeito indeterminado, vacilante.

A partir dessas considerações acerca da ordenação dos significados, buscamos os verbetes de *falda* e *pollera* no DRAE²³⁶:

Sd69: falda. (Quizá del franco **falda*, pliegue; cf. ^a al. ant. *faldan*, plegar).
1. f. Prenda de vestir o parte del vestido de mujer que cae desde la cintura. 2. f. Parte de la ropa talar desde la cintura hacia abajo. U. m. en pl. con el mismo significado que en sing. 3. f. Cada una de las partes de una prenda de vestir que cae suelta sin ceñirse al cuerpo. 4. f. Cobertura con que se viste una mesa camilla y que suele llegar hasta el suelo. U. m. en pl. con el mismo significado que en sing. 5. f. Hierro del guardabrazo, endiente del hombro, que por detrás protegía el omóplato y por delante cubría parte del pecho. 6. f. En

²³⁶ Optamos aqui por um procedimento gráfico que pode auxiliar na leitura dos verbetes.

la armadura, parte que cuelga desde la cintura hacia abajo. 7.f. Carne de la res, que cuelga de las agujas, sin asirse a hueso ni costilla. 8. f. regazo. *Tener en la falda al niño*. 9. f. Ala del sombrero que rodea la copa. 10. f. Parte baja de los montes o sierras. 11. f. *Impr*: Parte de papel que queda sobrante después de doblado el pliego. 12. f. ant. halda (|| arpillera para empacar y envolver). 13. f. pl. coloq. Mujer o mujeres. *Cuestión de faldas. Aficionado a faldas*. ~ **pantalón**. 1. f. Prenda de vestir que parece una falda pero tiene perneras como un pantalón. **pegado a las ~s**. 1. loc. adj. Dicho de un hombre: Que, respecto de las mujeres de su familia, se muestra menos independiente de lo que corresponde a su edad. **poner~s en cinta**. 1. loc. verb. ant. poner haldas en cinta. V. capote de dos faldas, capotillo de dos faldas perrillo de falda

Sd70: pollera. 1. f. V. pollero. **pollero, ra**. (Del lat. *pullariŭs*). 1. m. y f. Persona que tiene por oficio criar y vender pollos. 2. m. y f. *Méx*. Persona que transporta trabajadores indocumentados a los Estados Unidos de mérica. 3. m. Lugar en que se crían pollos. 4. m. *El Salv*. Hombre que transporta trabajadores indocumentados a los Estados Unidos de América. 5. f. pollero (|| lugar en que se crían los pollos). 6. f. Especie de cesto de mimbres o red, angosto de arriba y ancho de abajo, que sirve para criar los pollos y tenerlos guardados. 7. f. Andador en forma de campana, hecho de mimbres, que se pone a los niños para que aprendan a andar sin caerse. 8. f. Falda que las mujeres se ponían sobre el guardainfante y encima de la cual se asentaba la basquiña o la saya. 9. f. *Am*. Falda externa del vestido femenino. 10. f. *Pan*. Traje típico de la mujer panameña, que consta de una blusa y una falda de amplio vuelo, finamente bordadas.

Ao observarmos os verbetes de *falda* e *pollera* do DRAE, vemos que se comprovam as afirmações feitas no prólogo quanto à ordem das acepções: o significado mais usual na Argentina é disposto em nono lugar e leva uma marcação indicando se tratar de uma acepção usual na América. Parece-nos oportuno observar também os verbetes que o DIEA registra para os mesmos vocábulos:

Sd71: falda 1 f Prenda de vestir, utilizada generalmente por mujeres, que consiste en una tela que se ajusta a la cintura y cubre parte o la totalidad de las piernas: *La falda le llegaba a las rodillas*. (≈ pollera). §2 f Parte inferior de una prenda de vestir larga y sin piernas, que cubre desde la cintura hacia abajo: *la falda del vestido*. §3 f Mujer: *Tiene líos de faldas*. / *Anda persiguiendo cuanta falda se le cruza por el camino*. §4 f Zona ahuecada que se forma entre la cintura y las rodillas de una persona cuando está sentada, y que sirve de apoyo: *Estaba sentada y tenía la gata en la falda*. (≈ regazo). §5 f Corte de carne vacuna, sin hueso, que se extrae del vientre del animal. §6 f

Parte baja de la ladera de una montaña, un monte, etc.: *Hacia la tarde alcanzaron la falda del cerro.*

Sd72: pollera *f* Prenda de vestir, utilizada generalmente por mujeres, que consiste en una tela que se ajusta a la cintura y cubre parte o la totalidad de las piernas: *Llevaba puesta una pollera ajustada.* ($\approx$ falda).

pollera pantalón Prenda de vestir femenina que consiste en un pantalón cuyas piernas son muy anchas, lo que hace que parezca una pollera: *una pollera pantalón multicolor.*

Nos verbetes do DIEA, vemos que, no caso do vocábulo *pollera*, o discurso da definição corrobora o que foi enunciado no prólogo e, definindo o termo *pollera* unicamente como *prenda de vestir*, o sujeito lexicográfico ocupa uma posição que reafirma a heterogeneidade da língua. Inclusive, poderíamos lembrar aqui o que diz Orlandi (2002) quando aponta que o “mesmo” significa diferente: a língua do argentino significaria, então, numa filiação de memória outra. Entretanto, o mesmo não se verifica na definição do vocábulo *falda* que, contradizendo o que se havia anunciado no prólogo acerca do “primeiro sentido” que o termo teria para um argentino, oferece como primeira acepção *prenda de vestir*, ou seja, a mesma registrada pelo DRAE e que é no DIEA, inclusive, encabeçada de maneira idêntica. Ademais, notemos que no DIEA o enunciado definidor de ambos os vocábulos, *falda* e *pollera*, é exatamente o mesmo, apresentando variação somente na contextualização. Isso nos permite concluir que os termos são, nessa obra, tratados como equivalentes, efeito que é reafirmado pelas indicações entre parênteses que acompanham cada definição – $\approx$ *pollera* e $\approx$ *falda*.

Para nós, a materialidade do verbete de *falda* e sua equivalência com *pollera* são marcas da vacilação entre posições sujeito antagônicas, de filiação e ruptura em relação ao discurso que faz prevalecer a norma monocêntrica. Significando a partir de um espaço de enunciação marcado, como dissemos anteriormente, por um processo de *(des)colonização linguística*, o sujeito lexicográfico do discurso da definição de *falda* é pego pela forma sujeito da FD que designamos no item anterior: interpelado por ela, ocupa a posição do bom sujeito, que a atende,

que se submete; e não, como em outros momentos, a do sujeito que entra num movimento de contra-identificação (Indursky, 2008). Como resultado desse posicionamento, tem-se a acepção relativa ao corte de carne, de fato a mais regular no espaço argentino, colocada em quinto lugar²³⁷.

Observamos, então, uma tensão que dá lugar a um vaivém entre diferentes posições, numa relação que entendemos que é efeito de uma contradição histórica que, de nossa perspectiva, atravessa o funcionamento da FD que delimitamos. Porém, precisamos dizer que ela não se dá apenas na *Presentación* ou no prólogo assinado por Moure, mas também no interior do dicionário, como acabamos de ver ao abordarmos os dois verbetes (Sd71 e Sd72). Essa mesma tensão entre diferentes posições, que ora faz com que o sujeito se aproxime e ora se afaste de uma série de sentidos vinculada às concepções de “norma monocêntrica” e de “língua comum”, ressoa fortemente na formulação de um fragmento que se apresenta como uma espécie de conclusão elaborada pelo sujeito do discurso do prólogo depois de enunciar as variações e não coincidências entre as acepções apresentadas pelo DRAE e os significados mais regulares na Argentina:

Sd73: Como argentinos no podemos sino suscribir lo que con sencilla elocuencia expresó el lingüista mexicano Luis Fernando Lara cuando se refirió a la “sensación que tienen muchos mexicanos cuando consultan diccionarios elaborados con los puntos de vista y la experiencia de la lengua de la Península, de que hay distinciones nuestras que no se toman en cuenta, y de que hay sentidos y palabras que no

²³⁷ Cabe mencionar que no *Diccionario Clarín.com*, identificamos que a ordem das acepções foi reformulada e *corte de carne vacuna* passou a ser a primeira acepção:

falda 1 f Corte de carne vacuna, sin hueso, que se extrae del vientre del animal § **2 f** Parte baja de la ladera de una montaña, un monte, etc.: Hacia la tarde alcanzaron la falda del cerro. § **3 f** Zona ahuecada que se forma entre la cintura y las rodillas de una persona cuando está sentada, y que sirve de apoyo: Estaba sentada y tenía la gata en la falda. (≈ regazo). § **4 f** Parte inferior de una prenda de vestir larga y sin piernas, que cubre desde la cintura hacia abajo: la falda del vestido. § **5 f** Prenda de vestir, utilizada generalmente por mujeres, que consiste en una tela que se ajusta a la cintura y cubre parte o la totalidad de las piernas: La falda le llegaba a las rodillas. (≈ pollera). § **6 f** COLOQUIAL Mujer: Tiene líos de faldas. / Anda persiguiendo cuanta falda se le cruza por el camino. § **7 f** Trozo de cuero rectangular que forma parte de los bastos de la montura. (Último acceso em: 10/03/2013)

Essa é certamente uma variação (MAZIÈRE e COLLINOT) significativa para as reflexões que estamos desenvolvendo neste trabalho, posto que o movimento que se promove na ordem das acepções, de certa forma, confirma a contradição da qual tratamos.

corresponden a nuestro propio uso de la lengua” [Diccionario del español usual en México, 1996].

Com base na observação da estrutura de Sd73, notamos que a formulação que de fato explicita uma posição mais fortemente contrária à organização de dicionários peninsulares, como o DRAE, é enunciada a partir da voz do outro, neste caso a voz do lexicógrafo mexicano Luis Fernando Lara. Entendemos que, de certa maneira, significar a partir do dizer do outro é um movimento que permite que o sujeito possa não ter ele mesmo de expor uma posição contrária a obras produzidas na Península, evadindo-se de qualquer forma possível de embate. Essa interpretação que esboçamos com base no fato de termos significado esse sujeito como indeterminado e vacilante pode ser colocada em relações de sentido com o seguinte fragmento:

Sd74: Las consideraciones previas **en absoluto** pretenden impugnar el Diccionario de la Lengua Española, repertorio noble en el más entrañable sentido del adjetivo, y que seguramente todos los usuarios del español seguiremos consultando, **sino** ilustrar las insuficiencias que su propia historia y naturaleza le han impuesto, abrumándolo con la responsabilidad no solo de evaluar y seleccionar las formas léxicas empleadas por cuatrocientos millones de habitantes e indicar su distribución espacial, temporal, social, etc. (dependiendo de una formación imperfecta, no siempre suministrada por las instituciones americanas de manera regular), sino de responder a esas desmesuradas exigencias desde una perspectiva peninsular que, habiendo sido alguna vez central, hoy es por fuerza regional [grifos nossos].

A construção de Sd74 – estruturada pela negação *en absoluto* e o operador *sino* – nega a possibilidade de que os argumentos apresentados até esse momento no prólogo, e que vão na direção de justificar a publicação do DIEA, impugnem o DRAE; para tanto apoia-se no argumento de que suas considerações com relação a essa obra só contribuem a demonstrar as limitações da mesma. Mais uma vez o sujeito desse discurso vacila em um vaivém entre enunciar as restrições do DRAE e reconhecer sua admirável e ímproba tarefa, tal como aparecia na Sd68.

Ao longo da análise do *Prólogo*, detectamos diferentes gestos que interpretamos como uma alternância entre diferentes posições sujeito – vaivém que também tivemos ocasião de

observar na textualidade de um verbete – e que se relaciona, como já dissemos, com a contradição histórica que atravessa o funcionamento da FD na qual esse discurso se inscreve.

As análises apresentadas neste capítulo nos permitem tecer algumas considerações que, de certa forma, recolhem as já apontadas ao longo do texto. De modo mais amplo, detectamos, a partir de diferentes aspectos observados nos paratextos do DIEA, uma tomada de posição que desestabiliza uma série de sentidos instaurada na memória relacionada à lexicografia hispânica, a partir da qual um sintagma como “diccionario del español de la Argentina” se vincularia exclusivamente a produções diferenciais e, portanto, há na obra uma tomada de posição, por parte do sujeito do discurso, que trabalha no sentido de abrir um lugar para esse dicionário que se apresenta como novo.

Nessa direção, a análise da capa nos permitiu, por um lado, observar a tensão entre o título do DIEA e a memória relacionada à lexicografia hispânica e, por outro, estabelecer uma relação entre nosso objeto de estudo e o espaço referido como *de la Argentina*. Vinculada de maneira significativa aos sentidos detectados na capa do dicionário, a análise da *Presentación* nos permitiu detectar uma dêixis fundacional relacionada à publicação da obra que se projeta como o “primeiro dicionário integral” produzido e publicado na Argentina. Já as análises da *Presentación* e do prólogo nos permitiram detectar posições sujeito e assinalar que a publicação desse dicionário pode ser interpretada como, nos termos de Orlandi (2002), um *acontecimento lingüístico*.

De fato, ainda de acordo com a autora, poderíamos reconhecer, na forma da enunciação inscrita nesse instrumento, os sentidos que desata “uma consciência lingüística”. Isso se vincularia, por efeito da contradição histórica que atravessa o espaço enunciativo marcado por um processo de (des)colonização lingüística, a uma posição-sujeito que trabalha num movimento de contra-identificação a respeito da forma sujeito da FD na qual esse discurso se

inscreve; desse modo, produz as várias negações que, dentre outros movimentos, materializam esse gesto²³⁸. No entanto, tomado pela contradição, também responde ocupando a posição que a interpelação dessa forma sujeito solicita dele.

Será importante ver, no próximo capítulo, como funciona o sujeito lexicográfico no que se refere à nomenclatura e à microestrutura de nosso objeto nuclear: o DIEA.

²³⁸ Reconhecemos que as negações que aparecem aí e que interrompem os sentidos predominantes nessa FD, de certa forma, são favorecidas por um determinado discurso, ou melhor, estão previstas por algumas reformulações que vêm operando na política linguística encampada pela RAE, especialmente na linha que se designa como "pan-hispanismo".

CAPÍTULO 3

A NOMENCLATURA E A MICROESTRUTURA DO DIEA: UMA AMOSTRAGEM

No terceiro capítulo deste estudo, passamos ao domínio da nomenclatura e da microestrutura do DIEA. Ao longo das próximas páginas, objetivamos analisar, como foi antecipado na Introdução, um determinado conjunto de verbetes que compõe uma mostra do leatório do DIEA, tendo em vista as relações que este estabelece com outras obras lexicográficas, em especial, com as duas que compõem o núcleo central da série com a qual trabalhamos, o DRAE e o DEM que, como vimos, caracterizam-se por ser dicionários não diferenciais. Com o primeiro, por tudo o que expusemos no primeiro capítulo e pelo que a análise realizada no segundo nos permitiu ver, essa relação está marcada histórica e politicamente; com o segundo, a relação parece ser mais de filiação teórica.

Como já tivemos oportunidade de afirmar, acreditamos que com o estudo discursivo, tomando uma mostra da nomenclatura do DIEA e colocando-a em relação com o leatório de outros dicionários, poderemos detectar marcas de como esse instrumento significa o trabalho de separação ou de disjunção obrigada²³⁹ a partir da qual significam as línguas de espaços vinculados a um processo de colonização. Nesse sentido, considerando a injunção à *homogeneidade* sob a qual funciona o espanhol no espaço mais amplo que fazemos coincidir com o mapa dos países nos quais essa língua é oficial, o gesto analítico que empreendemos busca refletir acerca de como se significa a *heterogeneidade* constitutiva do funcionamento dessa língua no espaço de enunciação que nosso instrumento, já em seu título, delimita por meio do sintagma “de la Argentina”.

²³⁹ Cf. Orlandi (2002).

A propósito da análise discursiva de obras lexicográficas, Nunes (2006, p. 11)²⁴⁰ afirma que a nomenclatura – entendida como o conjunto de *palavras-entrada*, *subentradas* e *locuções* que compõem o dicionário – pode variar significativamente de uma obra a outra e sua análise pode ser remetida às *formações discursivas* às quais se relacionam. Ainda de acordo com o pesquisador²⁴¹, o estudo discursivo do verbete – por meio da análise de seus subdomínios como a *palavra-entrada*, o *enunciado definidor*, a *contextualização*, a *etimologia*, a *marcação* e as *locuções* – permite mostrar seu processo de produção, sendo que, entre os subdomínios do verbete, a análise da definição ocupa um lugar central quando se trata de promover uma leitura discursiva do dicionário. Por essa razão, em muitos momentos, ao colocar em relação verbetes retirados dos diversos instrumentos linguísticos de nosso *corpus*, nos deteremos na observação, de acordo com Collinot & Mazière (1987), das “variações formais” dos enunciados definidores.

Segundo demonstra o estudo desses autores²⁴², as variações formais, sintático-enunciativas, detectadas nas definições fazem sentido, são significativas para a construção do discurso lexicográfico, pois produzem diferentes efeitos discursivos. Nunes (2003, p. 20), tendo em vista o funcionamento discursivo da definição, afirma que o resultado da análise desse domínio é um certo modo de relação entre sujeito, língua e história. De acordo com o autor²⁴³:

Para compreender o discurso das definições, leva-se em conta o fato de que sujeito e sentido se constituem ao mesmo tempo. Definir de um certo modo é mostrar-se como sujeito do discurso definidor, com tudo o que isso implica: filiação a certas formações discursivas, relação específica com a língua.

Ainda no que se refere aos subdomínios do verbete, Nunes (2006, p. 40) afirma que a abordagem discursiva da contextualização, considerada em suas várias manifestações, tais como citações, exemplos, colocações, comentários, fornece ferramentas para mostrar sua historicidade, seus processos de formação e de transformação. O autor assinala²⁴⁴, também, que

²⁴⁰ Ibidem, p. 35

²⁴¹ Ibidem, p. 34.

²⁴² Ibidem.

²⁴³ Ibidem.

²⁴⁴ Ibidem.

observar a presença ou ausência de informações etimológicas e abordar os tipos de marcações existentes em cada dicionário pode ser significativo para o estudo discursivo do texto lexicográfico.

Com base no exposto, e considerando as especificidades da lexicografia hispânica tratadas no capítulo 1, acreditamos que um estudo discursivo da nomenclatura do DIEA nos permitirá observar repetições e rupturas em relação a uma série de sentidos instaurada em determinado espaço no qual funciona a memória da regulação imposta pela RAE. Ademais, compreendemos que a análise da nomenclatura e dos verbetes do dicionário, incluídos aí seus diferentes domínios, pode nos dar elementos para refletir sobre o lugar a partir do qual, nesse instrumento linguístico, se significa – lugar que, como já dissemos em vários momentos, consideramos atravessado por um espaço de enunciação marcado por um processo de (des)colonização linguística.

Como vimos no capítulo anterior, na *Presentación* do DIEA, projeta-se que o dicionário “representa el español estándar de la Argentina y contempla el léxico nuclear de la cultura letrada que circula actualmente en el país” (DIEA, p. 10), afirmação que nos abre um questionamento a respeito de como se legitima uma determinada memória do dizer em um *espaço de enunciação*²⁴⁵, neste caso, especificado como Argentina. Acreditamos que a análise da mostra que selecionamos nos trará indícios para compreender como nosso objeto de estudo funciona em relação aos demais na trama de sentidos, no jogo de projeções imaginárias que antecipam como “próprias” certas formas da “mesma língua” (por efeito do processo de colonização) e outras como “alheias”, como sendo “do outro”. E ainda essa análise, poderíamos acrescentar, nos permitirá ver como o funcionamento do DIEA afeta a produção, também imaginária, do espanhol como “língua comum” – um pré-construído de peso no funcionamento dessa língua em seu espaço – mediante tomadas de posição que definem, acreditando na

²⁴⁵ Cf. Guimarães (2005).

necessidade de mobilizar o que se antecipa como específico ou como próprio, as palavras já definidas pelo outro²⁴⁶.

Nesse sentido, nosso estudo também nos dará elementos pensar as relações de línguas no espaço referido como Argentina. Guimarães, na Enciclopédia das Línguas do Brasil (ELB)²⁴⁷, ressalta que no caso do português brasileiro – assim como em outros casos de regiões colonizadas – interessa pensar as relações históricas e políticas entre as línguas, relações de força e de poder. Assim, no marco de um processo de *(des)colonização linguística* caracterizado na Introdução desta dissertação, buscaremos analisar a conformação do que no dicionário que é nosso objeto de estudo se delimita como espanhol “de la Argentina” – pensado por nós em relação à heterogeneidade da língua espanhola – e, também, como nessa delimitação se configura a relação desta com outras línguas.

Para o desenvolvimento deste estudo, dentre as diversas formas possíveis de mobilização do *corpus*, optamos por trabalhar com uma mostra de determinados verbetes da letra *P*²⁴⁸. Para chegar a esse recorte, separamos as cem primeiras entradas que no DIEA compõem o leatório da referida letra²⁴⁹ e as colocamos em relação com o a nomenclatura do DRAE e o DEM. A partir desse cotejo, isolamos os lemas que estão registrados exclusivamente no DIEA e conformamos um conjunto composto por dezesseis vocábulos:

pacará	pacurí	paganini	paisajística
pachorro	pad	pager	paianada
pack	pádel	paginado	pajarón
packaging	pagadiós	pai	pajita

²⁴⁶ Referimo-nos aqui ao recorte não contrastivo que se opera no DIEA a partir do qual, como afirmamos em nossa Introdução, se definem tanto vocábulos “gerais” – como “padre” ou “país” – quanto aqueles que carregam um “sabor local” – como “pibe”, “paianada” ou “pajita”.

²⁴⁷ Disponível em <http://www.labeurb.unicamp.br/elb2/pages/noticias/lerArtigo.lab?categoria=12&id=76>. (Último acesso em 19/07/2013).

²⁴⁸ Segundo Nunes, quando se analisam mostras de verbetes, é produtivo trabalhar com letras avançadas, visto que se supõe que os métodos de construção das definições já estariam estabilizados. Essa reflexão foi feita pelo estudioso ao abordar aspectos metodológicos na disciplina de pós-graduação *Discurso, Gramatização e Relações Internacionais*, ministrada por José Horta Nunes no programa de Pós-Graduação em língua espanhola e literaturas espanhola e hispano-americana, na Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo, no segundo semestre de 2011.

²⁴⁹ No DIEA, a letra *p* está composta por 3.239 entradas.

Esse primeiro agenciamento do *corpus* responde a um questionamento, exposto já na Introdução e ao longo deste capítulo, acerca daquilo que no DIEA se apresenta como “próprio”, ou seja, do que é referido no título do dicionário como “español de la Argentina”. Com base nesse recorte, e levados por um movimento que acompanha as relações que a partir dele estabelecemos, analisaremos uma série de vocábulos que de alguma maneira entram em relação de sentidos com essa seleção. Dessa forma, trabalhamos com entradas de três diferentes modelos: aquelas que podemos considerar como “próprias”, e que compõem o conjunto exposto acima; as que são comumente classificadas como parte da língua “comum”²⁵⁰; e certos vocábulos marcados como “alheios”, ou seja, entradas que, segundo a projeção feita no dicionário, não fariam parte do que se conforma como o espanhol “de la Argentina”. Por conta das relações que estabelecemos entre o DIEA e as outras obras lexicográficas que entram na série de nosso *corpus*, em determinadas análises, mobilizamos também, como antecipamos na Introdução deste estudo, o *Diccionario del habla de los argentinos* (doravante DiHA), o *Gran diccionario de los argentinos* (doravante GDA), o *Diccionario Clarín.com* e o *Diccionario Panhispánico de Dudas* (doravante DPD).

Para a apresentação de nossas análises, dividimos a série de vocábulos que resulta do recorte acima descrito em três subséries. Na primeira, apresentamos as palavras que reconhecemos como derivadas ou compostas a partir de outros vocábulos da língua espanhola: *pachorro*, *pagadiós*, *paganini*, *paginado*, *paisagística*, *paisanada*, *pajarón* e *pajita*. De fato, é possível encontrar entradas com a mesma raiz em outros dicionários de língua espanhola. Na segunda subsérie, agrupamos as entradas cuja grafia remete a outras línguas, especificamente o

²⁵⁰ Lara afirma que atualmente a falta de estudos descritivos do funcionamento da língua espanhola falada em cada região hispânica impede que se possa delimitar o que seria considerado “espanhol comum”. Citamos a disciplina de pós-graduação *Projeto, teoria semântica e método lexicográfico. O caso do “Diccionario del español de México”*, ministrada por Luis Fernando Lara, no Programa de Pós-Graduação em língua espanhola e literaturas espanhola e hispano-americana, na Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo, no segundo semestre de 2013. Disponível em <http://dlim.fflch.usp.br/node/1267> (aula 1, parte 2).

inglês e o português: *pack*, *packagind*, *pad*, *pádel*, *pager* e *pai*. E, por fim, na terceira, trabalhamos dois vocábulos que, como falantes do português do Brasil e, sobretudo, como sujeitos de um espaço de enunciação atravessado por uma história de dominação, reconhecemos como originários de línguas indígenas: *pacará* e *pacuri*²⁵¹.

1. PRIMEIRA SUBSÉRIE: VOCÁBULOS COMPOSTOS OU DERIVADOS

Como acabamos de antecipar, as entradas que compõem este primeiro item são compostas ou derivadas de outras palavras da língua espanhola: *pagadiós*, *paganini*, *paginado*, *paisagística*, *paisanada*, *pajarón* e *pajita*. Aqui, iremos passando pelas definições de todas elas, porque acreditamos que essa observação nos permitirá chegar a uma conclusão relativamente significativa ao encerrar este item. Vejamos o verbete de *pagadiós*:

Sd75: pagadiós 1 m coloquial Acto de retirarse de un lugar sin pagar lo que se consumió, se compró, etc.: *Cuando vio que se había olvidado la billetera, hizo un pagadiós. / Quisieron hacer un pagadiós en el hotel, pero los detuvo la policía.* § **2** m coloquial Deuda que no paga nadie: *La empresa se declaró en quiebra y dejó un pagadiós a sus acreedores y empleados.*

Como se depreende da leitura da definição apresentada para o vocábulo *pagadiós*, entendemos que se trata de uma composição entre o verbo *pagar* e o substantivo *dios*, cujo sentido se relaciona com aquilo que não é pago por ninguém e que, portanto, seria debitado a Deus. Quando consultamos outras obras do mesmo projeto editorial do DIEA, observamos que o vocábulo é registrado sem alterações em relação a Sd75, pelo GDA e pelo *Diccionario Clarín.com*. Entretanto, a entrada não faz parte da nomenclatura do DiHA.

No caso de *paganini*, no DIEA encontramos a seguinte definição, também registrada pelo GDA e pelo *Diccionario Clarín.com*:

²⁵¹ De fato ambos os vocábulos são registrados, ainda que com acepções diferentes das que encontramos no DIEA, em dicionários de língua portuguesa que circulam no espaço brasileiro, tais como Houaiss (disponível em <http://houaiss.uol.com.br>) e Caldas Aulete (disponível em <http://aulete.uol.com.br/>). No dicionário Houaiss, indica-se que se trata de palavras da língua tupi.

Sd76: paganini *m y f coloquial* Persona que habitualmente paga los gastos ajenos: *No necesito un paganini que me mantenga.*

Apesar de ser um vocábulo não registrado na versão digital da 22ª edição do DRAE, a entrada *paganini* está prevista por esse dicionário como um avanço da 23ª edição²⁵², cujo verbete proposto é:

Sd77: paganini. 1. com. coloq. pagano¹.

Assim, prevê-se que na próxima edição do DRAE, a definição de *paganini* será remetida à primeira acepção do vocábulo *pagano*²⁵³:

Sd78: pagano¹. (*De pagar*).**1.** m. coloq. Persona que paga, generalmente por abuso, las cuentas o las culpas ajenas.

Entre os enunciados definidores de *pagano* no DRAE (Sd78) e *paganini* no DIEA (Sd76), identificamos uma semelhança no que se refere à marcação, visto que ambos são classificados como sendo de uso *coloquial*. Observemos também a definição de *pagano* registrada pelo DEM:

Sd79: pagano adj y s 1 Que no cree en el Dios de los judíos, de los cristianos y de los musulmanes; que cree en deidades relacionadas con la naturaleza: pueblos paganos, religiones paganas, “Encarna al dios que los *paganos* llamaban Apolo”, “El mundo *pagano* adora las fuerzas de la naturaleza” 2 (Coloq) Que le toca pagar: “Hoy me toca ser el *pagano*, pero vámonos ya a comer”.

Notamos que a segunda acepção registrada pelo DEM (Sd79) para o vocábulo *pagano* se relaciona aos sentidos de “pagar”, mas não coincide com a definição apresentada no verbete do DRAE (Sd78).

²⁵² Lembramos que no *site* da RAE, conforme vimos no capítulo 1, é possível consultar as propostas de inclusão, exclusão e reformulação dos verbetes para a 23ª edição, cuja publicação está prevista para o ano de 2014.

²⁵³ Cabe ressaltar que no DIEA as acepções registradas para o vocábulo *pagano* se limitam ao âmbito religioso: **pagano, -na 1** *adj* Que profesa o practica una religión diferente del judaísmo, el cristianismo o el islamismo: *los creyentes paganos*. ♦ También es sustantivo: *Pedro entró en casa de un pagano*. § **2** *adj* Del paganismo o relativo a él: *los rituales paganos / las creencias paganas*.

Cabe observar, ainda, que tanto o vocábulo *pagadiós* (Sd75), quanto os vocábulos *paganini* (Sd76 e Sd77) e *pagano* (Sd78 e Sd79), referem-se, fundamentalmente, a determinadas práticas sociais atravessadas por deveres e direitos relacionados à ação de *pagar*. De certa forma, é possível identificar também, no DIEA e no DRAE, uma valoração negativa dos vocábulos. Especificamente, no primeiro, ao analisarmos as contextualizações, vemos que no caso de *pagadiós* (Sd75), coloca-se em cena o peso da punição (*quisieron hacer un pagadiós en el hotel, pero los detuvo la policia*) e em *paganini*, emerge uma estrutura negativa (*no necesito un paganini que me mantenga*). No caso do verbete registrado pelo DRAE (Sd78), observamos uma valoração negativa na própria estrutura da definição por meio do fragmento colocado entre vírgulas *generalmente por abuso*. Um funcionamento diferente é identificado no DEM, posto que não se nota um ajuizamento ou uma valoração em seu verbete.

Cabe observar que os vocábulos abordados até este ponto parecem vinculados a sentidos que atravessam a regulação de determinadas práticas sociais no seio das quais a própria matéria da língua foi sendo submetida a novas formas e derivações. Já o próximo vocábulo nos permitirá observar outro movimento.

O lema *paginado*, derivado do verbo *paginar*, também registrado pelo DIEA, apresenta o seguinte verbete:

Sd80: paginado 1 *m* Numeración de las páginas de un documento: *el paginado de un libro contable*. § 2 *m* División de la memoria virtual en páginas: *el paginado de datos*.

Na versão digital do DRAE, ao se digitar o vocábulo *paginado* na guia de busca, temos como resultado o verbete do verbo *paginar*. Identificamos essa mesma tendência no *Diccionario Clarín.com*, obra que não mantém a entrada que é registrada no DIEA e apresenta o verbete do substantivo – *paginado* – como uma subentrada do particípio verbal de *paginar*:

Sd81: paginado, -da Participio regular del verbo **paginar**: *La presente publicación no fue paginada. / La vida de los hombres no siempre es un libro bien paginado*.

paginado 1 *m* Numeración de las páginas de un documento: *el paginado de un libro contable*. § **2** *m* División de la memoria virtual en páginas: *el paginado de datos*.

Já no GDA, o vocábulo *paginado* não é registrado nem como entrada nem como subentrada; isso nos mostra que – ainda que esse dicionário e o *Diccionario Clarín.com* sejam obras publicadas com base na elaboração do DIEA (e de fato notamos que o verbete da subentrada de *paginado* no *Diccionario Clarín.com* [Sd81] é idêntico ao registrado pelo DIEA [Sd80]) são operadas reformulações entre uma e outra obras, não se tratando, portanto, simplesmente de uma versão *on-line* do dicionário impresso como se poderia crer a partir de declarações do *Grupo Clarín* tratadas no capítulo 1 (Sd8). Variações semelhantes podem ser detectadas também em outros vocábulos da subsérie que ora analisamos.

Claramente derivado do substantivo *paisaje*, a entrada *paisajística* é registrada no DIEA por meio do seguinte verbete:

Sd82: paisajística *f* Conjunto de paisajes de un lugar: *Un lugar donde el turista puede apreciar la paisajística urbana*.

Ao consultarmos os dicionários que, como dissemos, derivam sua publicação do DIEA, observamos que o lema *paisajística* é incluído também na nomenclatura do GDA e do *Diccionario Clarín.com* sem alterações em relação a Sd82. O DEM não inclui esse lema em sua nomenclatura e, apesar de também não incluir a entrada do substantivo *paisajística*, no DRAE encontramos registro do adjetivo *paisajístico*, vocábulo definido de maneira próxima à definição vista em Sd82.

Nesta subsérie, também nos cabe observar a entrada *paisanada*, cujo verbete é apresentado no DIEA da seguinte forma:

Sd83: paisanada 1 *f* Conjunto de paisanos, campesinos o gauchos: *Entre la paisanada se contaban leyendas*. § **2** *f* Conjunto de personas que nacieron en un mismo lugar: *La paisanada de italianos se asentó cerca del puerto*.

Ao consultarmos o GDA e o *Diccionario Clarín.com*, identificamos uma pequena, porém significativa, variação na estrutura desse vocábulo registrado em ambas obras tal como segue:

Sd84: paisanada 1 *f* Conjunto de paisanos, campesinos o gauchos: *Entre la paisanada se contaban leyendas.* (≈ paisanaje). § 2 *f* Conjunto de personas que nacieron en un mismo lugar: *La paisanada de italianos se asentó cerca del puerto.*

Note-se que na edição do GDA e do *Diccionario Clarín.com*, incluiu-se um parêntese que indica uma equivalência entre a primeira acepção oferecida para *paisanada* e o vocábulo *paisanaje*, definido nessas mesmas obras como:

Sd85: paisanaje *m* Conjunto de paisanos, campesinos o gauchos: *Allá el paisanaje se junta para bailar y tocar la guitarra.* (≈ paisanada).

Cabe ressaltar que o DIEA também registra a entrada *paisanaje* e apresenta um verbete praticamente idêntico ao reproduzido acima – a única variação é a falta de marcação por meio do parêntese, que indica a equivalência com *paisanada*. O vocábulo *paisanaje* é registrado também pelo DRAE:

Sd86: paisanaje. 1. *m.* Conjunto de paisanos. 2. *m.* Circunstancia de ser de un mismo país dos o más personas.

Ao colocarmos em relação os enunciados definidores de Sd85 e Sd86, identificamos uma variação de um a outro: no primeiro, amplia-se a abrangência do vocábulo *paisanaje* que, ademais de significar *paisano*, se vincula também aos sentidos de *campesinos* e *gauchos*, figuras identitárias significativas para a história do espaço delimitado como argentino.

Os últimos dois vocábulos que compõem a primeira subsérie com a qual trabalhamos derivam de substantivos comuns da língua espanhola, mas que, no espaço de enunciação especificado como “argentino”, significam de maneira específica: *pajarón*, aumentativo de *pájaro*, e *pajita*, diminutivo de *paja*. No caso do primeiro, o DIEA registra o seguinte verbete:

Sd87: pajarón, -rona *adj* COLOQUIAL Que es tonto o ingenuo: *Explicale dos veces, que es medio pajarón.* ♦ También es sustantivo: *¡Este*

pajarón no se dio cuenta de que le estaban mintiendo! ¡Mirá lo que hacés, pajarona!

Notemos que em Sd87, assim como em todos os verbetes marcados no DIEA por meio do adjetivo *coloquial*, a figura do interlocutor aparece materializada na contextualização mediante um *vos*, fato que podemos vincular aos paradigmas verbais apresentados pelo dicionário, tratados no capítulo anterior²⁵⁴. Com base na mostra que observamos, é possível afirmar que, ao menos nos exemplos, não se identificam marcas da contradição detectada ao analisarmos o quadro de pronomes pessoais²⁵⁵. A propósito das contextualizações, Lara (2006, p. 139) afirma que o exemplo “recupera el vocablo tal como aparece en la práctica social de la lengua”, o que nos permite compreender que em *¡Mirá lo que hacés, pajarona!* (Sd87) emergem as formas que efetivamente estão regularizadas na Argentina, não havendo espaço nessa representação de uma cena informal para o pronome *tú*²⁵⁶.

A entrada *pajarón* também é registrada pelo DiHA, porém nesse caso encontramos uma definição diferente:

Sd88: pajarón, na. adj. coloq. De pocas luces, excesivamente ingenuo.

É notável o tom empregado pelo dicionário da Academia Argentina de Letras que, em lugar do hiperônimo *tonto*, que parece ser um registro mais relacionado a prática orais, define *pajarón* a partir da estrutura eufemística *de pocas luces*.

Por fim, o significante *pajita* é registrado no DIEA mediante o seguinte verbeito:

Sd89: pajita *f* Tubo largo y fino, generalmente de plástico flexible y delgado, que se usa para beber líquidos: *Le gusta tomar la gaseosa de la botella y con una pajita.*

²⁵⁴ Cf. capítulo 2, imagens 14 e 15. Já tínhamos antecipado, inclusive, a presença dessa forma nos exemplos do DIEA.

²⁵⁵ Cf. capítulo 2, imagem 20.

²⁵⁶ Já tínhamos realizado uma observação nesse sentido no próprio capítulo 2.

Como outra forma de diminutivo do vocábulo *paja*, o DRAE registra a entrada *pajilla*, cuja segunda acepção se aproxima à definição de *pajita* que identificamos no DIEA:

Sd90: pajilla. (Del dim. de *paja*). **1. f.** Cigarrillo hecho de una hoja de maíz.
2. f. Caña delgada de avena, centeno u otras plantas gramíneas, o tubo artificial de forma semejante, que sirve para sorber líquidos, especialmente refrescos.

Observemos que a forma *-illa*, que compõe a palavra entrada em Sd90, é um diminutivo mais regular em determinadas regiões da Espanha, ao passo que, de maneira geral, na Argentina, o sufixo *-ita*, visto em Sd89, é mais frequente. Marcas como as que detectamos aqui funcionam, nas palavras de Lara (2009, p. 143), como comprovações da diversidade hispânica:

En los niveles morfológico y sintáctico, las culturas hispanohablantes desarrollan sus propias tendencias de formación de palabras, de procesos de derivación, de cristalización de perífrasis y locuciones, o de complejión sintáctica de los textos, lo cual constituye la más evidente prueba de la diversidad hispánica.

Embora possamos afirmar que o assinalado pelo estudioso acontece em outros casos – em línguas submetidas a processos de expansão colonial e aos movimentos de *transferência* de que fala Orlandi (2001) –, acreditamos que esse apontamento nos permite realizar uma breve reflexão. A observação do primeiro grupo de vocábulos desta subsérie nos mostra que dentre as dezesseis entradas registradas exclusivamente pelo DIEA (de acordo com o recorte que realizamos e descrevemos no início deste capítulo), sete (analisadas neste item) são variações – derivações, composições, flexões – de palavras da língua espanhola que significam, no espaço argentino, de modo específico. Tais ressignificações, por um lado, deixam sua marca em determinados fragmentos dos enunciados definidores – como ficou claro, por exemplo, no caso de *paisanaje* (Sd85), no qual foi possível observar marcas relativas a figuras identitárias “próprias” de um espaço de enunciação; e, por outro, imprimiram sua marca na própria forma linguística, submetendo a matéria da língua – e sua potência de dizer – a uma deriva possível. Citamos, neste último sentido, o caso de *pajarón* (Sd88) e de *pajita* (Sd89).

Assim, as palavras que, nesse movimento de significação e de ressignificação, foram produzidas – pelas próprias características do instrumento linguístico no qual estão incluídas – são legitimadas pelo fato de serem reconhecidas como parte da “língua padrão” – tal como vimos que no paratexto desse dicionário é projetada a língua que ele mesmo define. Passemos, neste ponto, a considerar a segunda subsérie de vocábulos selecionados.

2. SEGUNDA SUBSÉRIE: INSCRIÇÕES DO INGLÊS E DO PORTUGUÊS

A partir do recorte exposto na introdução deste capítulo, abordaremos nesta subsérie um conjunto de vocábulos que reconhecemos, por sua grafia, como marcas da relação que a língua inglesa supõe, no mundo contemporâneo, a respeito de outras línguas, neste caso o espanhol especificado como “de la Argentina”. Assim, passaremos a abordar a seguinte subsérie: *pack*, *packaging*, *pad*, *pádel* e *pager*.

Uma primeira observação da nomenclatura e do estudo dos verbetes do DIEA nos permitiu notar que os vocábulos referidos nesta subsérie mantêm sua grafia original²⁵⁷ e são registrados ao longo do dicionário sem nenhum tipo de marcação – gráfica (como o itálico) ou escrita (como uma indicação etimológica) – na palavra entrada; notamos que esse gesto vai na contramão do que observamos ser uma prática usual no caso de um dicionário monolíngue. No entanto, esses vocábulos são os únicos que apresentam um registro referente à pronúncia, disposto entre parênteses que seguem o lema. Essa tendência que identificamos nos verbetes pode ser vinculada a um fragmento da *Presentación* do dicionário, no qual se afirma que:

Sd91: La **información fonética** se representa únicamente para los casos de préstamos en los que la grafía no ha sido adaptada y cuya pronunciación resulta oscura.

²⁵⁷ Comumente e em determinados campos dos estudos linguísticos, esse tipo de passagem de uma língua a outra é denominada *empréstimo*. Evitamos esse termo pois, a partir de nossa perspectiva de trabalho, e inspirados em Guimarães (2005), entendemos que as línguas não possuem fronteiras delimitadas e fixas, mas se encontram, se atravessam e entram em embate, em espaços de enunciação, que são, por definição, permeados pelo funcionamento do político.

Em Sd91, a imagem do leitor que se projeta é a de um sujeito para o qual os únicos casos que podem apresentar dificuldades fonéticas são os “empréstimos”, ou seja, antecipa-se um leitor conhecedor dos sons da língua espanhola, projeção que se vincula com a que detectamos em Sd4 (*nuestro médio, nuestro tempo, nuestro lectores*) e Sd42 (*nuestro país*) e, de certa forma, a reforça.

Observemos, também, que a negação que se refere à adaptação da grafia, *que la grafía no ha sido adaptada*, entra em relação de sentidos com uma série de discursos normatizadores – e, inclusive, de forte tom prescritivo – a respeito da representação, na escrita, de palavras estrangeiras. Como demonstra o estudo de Brianezi (2010, p. 6), o DPD propõe diversas adaptações gráficas para os chamados “anglicismos”, movimento que pode ser interpretado como um gesto de delimitação que trabalha sobre o repetível e, portanto, sobre a memória do dizer na língua espanhola²⁵⁸. E, também, que trabalha, ainda de acordo com Brianezi²⁵⁹, sobre a memória que do inglês guarda o espanhol, produzindo, de forma geral, um gesto de apagamento dessa memória, pela reformulação gráfica que propõe ou pelas alternativas que oferece para “evitar” tais “anglicismos”.

Observemos como se define no DIEA o vocábulo *préstamo*:

Sd92: préstamo 4 m Elemento que una lengua toma de otra, generalmente una palabra: *En el español de la Argentina, los préstamos del inglés generalmente no cambian su pronunciación.* [itálico do original, negritos nossos]

Originalmente, o verbete do vocábulo *préstamo* registrado no DIEA consta de quatro acepções; acima apresentamos somente o sentido com que aparece no fragmento da apresentação que citamos em Sd91. Notemos que a contextualização presente em Sd92 entra em relação com a afirmação que se faz em Sd91, posto que é justamente por manter a

²⁵⁸ Cf. Payer, 2006.

²⁵⁹ Ibidem. A autora mobiliza conceitos de Payer (2006) para chegar a fazer essas observações.

“pronúncia” do inglês que determinados vocábulos devem ser acompanhados por indicações de pronúncia.

Ademais, é importante observar que o enunciado da contextualização de Sd92 é uma enunciado negativo, precedido por um circunstancial. Como vimos no Capítulo 2, Indursky (1997, p. 213), concebe a negação como uma forma de internalizar enunciados de outros discursos. Desse modo, poderíamos levantar a hipótese de que um enunciado afirmativo, como *los préstamos del inglés cambian su pronunciación en español*, é incorporado no discurso do dicionário, justamente, para ser negado. O enunciado afirmativo aqui forjado se filia, ao colocarmos os sentidos aí negados em relação com o interdiscurso, à série de gestos prescritivos ou normativos que circulam em determinados discursos – predominantes no caso da língua espanhola – em relação à palavras estrangeiras dos quais falamos acima. Ademais, a determinação do nome *español* no circunstancial *en el español de la Argentina*, que aparece na sequência que abordamos, marca a existência de outras possibilidades – espanhol de Cuba, da Colômbia, da Venezuela, etc. – remetendo à heterogeneidade da língua e deixando registro de uma especificação que se contrapõe ao funcionamento regular da injunção à homogeneidade linguística²⁶⁰.

Cabe observar, ainda sobre Sd92, que apesar de se tratar de uma definição referente ao âmbito específico da linguística, a acepção não leva nenhum tipo de marcação que restrinja seu sentido a um campo específico²⁶¹. A respeito das especificações no enunciado da definição, Mazière (2008, p. 50), ao trabalhar discursivamente a definição lexicográfica do dicionário de Antoine Furetière, publicado em 1960, assinala que:

²⁶⁰ Como vimos nos capítulos 1 e 2 essa injunção no caso do espanhol é muito forte.

²⁶¹ Esse funcionamento contrasta com outras definições presentes nesse instrumento, como *parábola*, na qual é incluída uma marcação que restringe a acepção ao campo da matemática:

parábola 1 *f* Narración breve y alegórica mediante la cual se busca transmitir una verdad o una enseñanza moral: *las parábolas de Jesucristo*. § 2 *f* En matemática, curva abierta formada por dos líneas simétricas respecto de un eje: *una parábola que se desplaza hacia abajo sobre su eje*.

Com efeito, ele [Furetière] traz à tona, pela especificação dos domínios e pela designação dos grupos de enunciadores ligados por uma prática discursiva, uma espécie de polifonia lexicográfica. Pela expressão em termos de e pelos circunstanciais (no Palácio, em filosofia, no povo) ele designa os espaços culturais que validam a definição. E com expressões tais como se diz de (em, quando) ele restringe o grupo de enunciadores suscetíveis de significar tal coisa, ao empregar tal palavra: os filósofos antigos, os padres, os maridos, o rei, os soldados... Mas isso não ocorre com todas as palavras! Em muitos casos, o lexicógrafo ocupa uma posição interna a seu enunciado: Se diz tal palavra para constituir tal sentido. Ele é, então o enunciador de um dizer que significa através de normas não setorializadas, em um *discurso de evidência*, onde coincidiriam todos os enunciadores.

As contribuições teóricas de Mazière no que diz respeito à análise dos enunciados definidores são inquestionáveis. Entretanto, neste estudo, optaremos por pensar a posição ocupada pelo enunciador não em termos de *interna* a seu enunciado, como faz a pesquisadora, mas como *identificada* a certos saberes de uma determinada *formação discursiva*. Assim, consideramos que no caso do enunciado definidor de *préstamo* temos um sujeito do discurso que se inscreve em uma FD na qual o sentido de “empréstimo” se vincula a uma certa filosofia espontânea (PÊCHEUX, 2009) e se apresenta como algo dado, como uma evidência que não se submete a saberes teóricos, do campo da Linguística ou do Discurso²⁶².

Considerando o exposto, passemos, neste ponto, a abordar especificamente os vocábulos que compõem a segunda subsérie do recorte que operamos. Vejamos o caso do binómio *pack* e *packaging*:

Sd93: pack (*pak*) *m* Paquete de dos o más unidades o servicios de ciertos productos que se adquieren en conjunto: *un pack de seis pilas / una pack de shampoo y acondicionador / un pack de llamadas locales y banda ancha*. **NOTA.** El plural es *packs* o *pack*: *packs de perfumes y cremas / dos pack de gaseosas*.

Sd94: packaging (*pákaying* o *pákayin*) *m* Envase o envoltorio con diseño característico, que identifica un producto, una marca o una empresa: *La marca cambió el packaging de sus productos para mejorar las ventas*. **NOTA.** El plural es *packagings* o *packaging*: *los packaging de la línea / La empresa presentó sus nuevos packagings*.

²⁶² Entende-se que o efeito de “evidência” resulta do trabalho da ideologia (cf. Althusser, 1985 e Pêcheux, 2009). Poderíamos observar que esse termo, “empréstimo”, circula às vezes no próprio campo dos estudos linguísticos nesse mesmo sentido, sem sofrer deslocamento a respeito de como ele funciona no campo do senso-comum.

Como já afirmamos, ambos os vocábulos não são registrados pelo DRAE, mas podemos encontrar *pack* no DPD²⁶³:

Sd95: pack. Voz inglesa que se usa con frecuencia en español con el sentido de ‘conjunto de artículos iguales o similares que se agrupan, especialmente para su reparto o venta’. **Es anglicismo evitable**, ya que pueden emplearse en su lugar los términos lote, paquete o envase, según el contexto: «Un lote de medicamentos y materiales hospitalarios fue entregado al director» (Abc [Par.] 19.12.96); «Dos cremas en un solo envase: una de día, protectora y otra de noche, reparadora» (Telva [Esp.] 2.98)²⁶⁴ [grifos nossos].

Os efeitos de sentido produzidos em Sd95 se filiam a um trabalho de separação entre a língua inglesa e a língua espanhola, traçando suas fronteiras e explicitando que *pack* é uma palavra do inglês “evitável” em espanhol (cf. BRIANEZI, 2010). Segundo Del Valle (2007), o impulso normatizador da RAE, que busca regulamentar e controlar a língua, reflete preocupações linguísticas e, especialmente, extralinguísticas: em nosso caso, especificamente vinculadas às *relações de línguas* no mundo contemporâneo e, portanto, ao jogo de forças no qual elas se significam. Desse modo, a não inclusão do vocábulo *pack* na nomenclatura do DRAE, assim como a dos outros vocábulos de origem inglesa anteriormente mencionados, pode ser interpretada como resultante de um gesto político que promove um *silenciamento*²⁶⁵ de determinadas formas e, assim, trabalha a inclusão/exclusão mediante a marcação do (im)possível, delimitando a dimensão do que pode ser dito.

As formas de marcação que produzem um efeito de separação entre as línguas são notáveis também no caso do vocábulo *pádel*, registrado no DIEA da seguinte maneira:

Sd96: pádel ► paddle [1]

²⁶³ Cabe ressaltar que o DRAE e o DPD são dicionários entre os quais há uma forte relação que já se manifesta na forma como podem ser consultados no *site* e, dentre outros aspectos mais sutis, nas modalidades mediante as quais um remete ao outro (cf. Brianezi 2010).

²⁶⁴ Disponível em: www.rae.es. (Último acesso em: 23/01/2012).

²⁶⁵ Para a noção de *silenciamento* ver Orlandi (2007, p. 53).

A forma com grafia espanholizada *pádel*, registro que na verdade materializa uma certa pronúncia (provavelmente a regular no funcionamento da língua nesse espaço), é remetida à entrada de *paddle*:

Sd97: paddle (*también pádel*) (*pádel*) *m* Deporte parecido al tenis, pero que se juega con una paleta maciza de mango corto y en una cancha más pequeña, con paredes en cada uno de los fondos y en una parte de cada lateral, unida a ellos: *La próxima semana empieza el torneo local de paddle.*

O vocábulo *paddle* não faz parte de nosso recorte inicial por não estar registrado de modo exclusivo no DIEA, posto que também faz parte da nomenclatura do DRAE:

Sd98: paddle. (Voz ingl.). **1.** m. Juego de pelota entre cuatro paredes, en el que aquella se golpea con una pala de mango corto.

Ao comparar os verbetes de Sd97 e Sd98, nota-se que no DRAE (Sd98) há uma marcação etimológica que, tomando como base inspiradora as reflexões de Authier-Revuz (1990), poderíamos chegar a dizer que “mostra” uma relação de heterogeneidade linguística: no caso, entre línguas, como acontecia com *pack*; assim, traça a fronteira entre o “próprio” e o “alheio”; entre o que pertence ao espanhol e o que provém de outras línguas. Já no DIEA, notamos que a única referência que, como já dissemos, pode indicar que se trata de um significante proveniente de outra língua é a indicação de pronúncia feita entre parênteses.

A propósito dos registros referentes à fonética presentes no DIEA, vejamos o caso do verbe *photoshop*:

Sd99: photoshop [De *Photoshop*, marca comercial registrada] (*fotoyóp*) *m* Programa informático que se utiliza para la manipulación de imágenes digitales para su posterior impresión: *Gracias al photoshop, casi nadie sale mal en las fotos.*

A leitura do registro referente à fonética que se apresenta entre parênteses indica que, em Sd99, considera-se que a pronúncia do grupo ortográfico “*sh*” da palavra inglesa seria equivalente ao som que corresponde à pronúncia da letra “*y*” no espanhol. No entanto, apenas em uma parte

do território da Argentina pode haver uma semelhança entre a realização fonética de “y” do espanhol e do “sh” do inglês. Em determinadas regiões, a grafia y corresponde foneticamente a uma consoante surda, em efeito uma realização próxima ao *sh* da língua inglesa. No entanto, em outras partes do país, a letra y tem uma realização fonética diferente, posto que é pronunciada como uma consoante sonora, realização que se distancia do *sh* inglês. Assim, o falante de um espaço cuja pronúncia regular seja a de realização da grafia “y” como uma consoante sonora, ao ler a transcrição registrada pelo dicionário para a palavra *photoshop* não produziria o som correspondente ao “sh” do inglês. Um funcionamento semelhante é observado no verbete de *pager*.

Sd100: pager (*páiyer*) **1 m** Aparato electrónico pequeño y portátil por medio del cual se pueden enviar y recibir mensajes de texto: *Al doctor le sonó el pager y se tuvo que retirar.* § **2 m** Mensaje enviado o recibido a través de un → **pager [1]:** *Mandé un pager para avisar que llegaba tarde.* § **3 m** Sistema de transmisión de los mensajes de texto que se reciben a través de un → **pager [1]:** *Le mandé un aviso por pager.*

Assim como em *photoshop*, no caso da indicação fonética apresentada para a entrada *pager*, somente em determinadas regiões da Argentina a produção de y corresponderia ao som esperado para a pronúncia do vocábulo em questão. Dessa forma, notamos que as indicações de pronúncia do DIEA parecem privilegiar certas produções dentre o que se configura como espanhol em funcionamento no espaço referido como argentino.

A observação das definições dos outros vocábulos que reconhecemos como sendo inscrições do inglês no espanhol registrados exclusivamente pelo DIEA confirmam a tendência desse dicionário a não marcar a origem desse tipo de entrada. Entretanto, nos casos vistos anteriormente, todas as entradas eram acompanhadas de um parêntese com indicações de pronúncia, diferente do que vemos ocorrer em *pad*:

Sd101: pad *f* Pieza rectangular o redonda, de plástico, goma u otro material, sobre la que se apoya y se desliza un mouse: *Es posible usar el mouse sin pad.* (≈ alfombrilla). [grifos nossos]

Provavelmente, a falta do registro relativo à fonética no caso de *pad* se deve ao fato de, neste caso, haver certa coincidência entre a grafia do termo em inglês e sua pronúncia em espanhol. Observemos que em Sd101, aparecem dois termos do inglês que se relacionam entre si: *pad* e *mouse*. Como afirmamos acima, a contextualização materializa, legitimando, a possibilidade de significar nessa língua, referida como o espanhol da Argentina, mobilizando ditos vocábulos. Devido à indicação entre parênteses que se faz no DIEA, segundo a qual o vocábulo *alfombrilla* está em relação de equivalência com entrada *pad*, buscamos sua definição:

Sd102: *alfombrilla* *f* Pieza rectangular o redonda, de plástico, goma u otro material, sobre la que se apoya y se desliza un mouse: *una alfombrilla para el mouse*. (≈ *pad*).

Note-se que o verbete de *alfombrilla* é composto por um enunciado definidor idêntico ao que define *pad*, encabeçado pelo hiperônimo *pieza*. Ademais, observamos que os vocábulos *pad* e *alfombrilla* são tratados como equivalentes, posto que no verbete de *alfombrilla* o termo *pad* é indicado como sinônimo e no verbete de *pad* o termo *alfombrilla* é colocado, também, em relação de sinonímia. A maneira como, no DIEA, são tratados esses significantes (colocando esses termos em relação de sinonímia e mobilizando os mesmos enunciados para definir ambos os vocábulos) continua trabalhando no sentido de considerar as relações entre línguas na (des)continuidade e não favorecendo ou recomendando a separação, a distinção ou a clara delimitação entre as mesmas²⁶⁶. Nesse sentido, afasta-se dos discursos que trabalham a favor de evitar os “anglicismos” mediante enunciações marcadas por formas como “evitable” (Sd95) e ou uso “innecesario” como veremos mais adiante (Sd106)²⁶⁷.

²⁶⁶ Estamos mobilizando o conceito de *fronteira* tal como formulado por Foucault (2009) e reinterpretado por Celada (2008).

²⁶⁷ Brianezi vem trabalhando a relação que no tratamento dessas formas o DRAE mantém com o DPD em seu projeto de mestrado (em andamento): “Os anglicismos no dicionário da Real Academia Espanhola sob o olhar da análise do discurso francesa”. Início: 2010. Mestrado no Programa de Pós-Graduação em Língua Espanhola e Literaturas Espanhola e Hispano-americana - Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas – Universidade de São Paulo.

Nas contextualizações que acompanham as definições de *pad* e *alfombrilla*, nota-se que emerge o termo *mouse*. Cabe ressaltar que o DIEA registra o vocábulo *mouse* e o define tal como vimos que são definidos outros vocábulos oriundos da língua inglesa: seguindo o lema, um parêntese com informações fonéticas e sem menção à origem da palavra.

Sd103: mouse (*máus*) *m* Dispositivo que se usa para manejar una computadora, que se opera manualmente y mediante el cual se guía el movimiento de un cursor sobre la pantalla y se seleccionan las opciones deseadas: *el botón derecho del mouse / un mouse inalámbrico*. **NOTA.** Las formas más habituales para el plural en la Argentina son *mouse* o *mouses*: *La mayoría de los mouse usan sensores ópticos para deslizarse. / Los mouses ópticos son más económicos y populares.*

Por sua vez, o DRAE não inclui *mouse* na sua nomenclatura, mas, como no caso de *pack*, pudemos encontrar o vocábulo no DPD, que registra a entrada em itálico, faz uma remissão de *mouse* para *ratón*.

Sd104: *mouse*. → *ratón*

No DIEA, identificamos um movimento inverso do que ocorre no DRAE, ou seja, o vocábulo *ratón* é acompanhado pela marcação diatópica *ES* e remetido a *mouse*.

Sd105: **ratón*². ES → *mouse*²⁶⁸

O vocábulo *ratón* é registrado pelo DPD da seguinte maneira:

Sd106: ratón. Calco semántico del término inglés mouse, que se usa, en informática, para designar el pequeño dispositivo mediante el cual se maneja el cursor de la pantalla de la computadora u ordenador: «Basta con tocar una tecla o, mejor aún, mover el ratón, para que el ordenador vuelva a su situación de trabajo» (Mundo [Esp.] 26.1.97). La existencia de este calco hace **innecesario** el uso en español del término inglés.

²⁶⁸ No DIEA, *ratón* é homônimo a, que é registrado como primeira entrada:

ratón, -tona¹ *1 m y f* Mamífero roedor de tamaño pequeño, cola larga, patas cortas y pelo fino, por lo general de color gris. § **2 m y f** COLOQUIAL Que no quiere gastar o dar dinero, o que no quiere compartir con otros aquello que tiene: *No seas tan ratón y dejale más propina al mozo.* (≈ amarrete, avaro, canuto, pijotero, rasca, rata, tacaño). (≠ dadivoso, generoso). *ratones m pl* COLOQUIAL Fantasías sexuales: Se popularizó un foro donde la gente habla de sus ratones. (≈ ratoneo). *hacerle los ratones* (a alguien) COLOQUIAL Fantasías sexuales: *un foro donde la gente habla de sus ratones.* *hacerse los ratones* COLOQUIAL Tener fantasías sexuales con alguien: *Todos se hacen los ratones con esa modelo.* *ratón de biblioteca* COLOQUIAL Persona muy estudiosa que lee mucho: *Se recibió muy joven, es un ratón de biblioteca.* *mesa ratona.* (DIEA, p. 1510)

Sem mencionar diretamente que o termo em inglês é “usado” em espanhol, em Sd106 identificamos uma marca de negação, materializada no prefixo *in-*, que antecipa a necessidade do “uso” do calco (*ratón*) ao invés do termo em inglês (*mouse*).

Sd107: ratón. (De *rato*³). **1.** m. Mamífero roedor, de unos dos decímetros de largo desde el hocico hasta la extremidad de la cola, que tiene la mitad, de pelaje generalmente gris, muy fecundo y ágil y que vive en las casas, donde causa daño por lo que come, roe y destruye. Hay especies que habitan en el campo. **2.** m. *Inform.* Pequeño aparato manual conectado a un ordenador o a un terminal, cuya función es mover el cursor por la pantalla para dar órdenes. **3.** m. *Mar.* Piedra puntiaguda y cortante que está en el fondo del mar y roza los cables. **4.** m. *C. Rica.* bíceps. **5.** m. coloq. *Ven.* resaca. (|| malestar por haber bebido en exceso). **6.** m. pl. coloq. *Ur.* engreimiento. (|| acción y efecto de engréir). [...]

Notemos que a segunda aceção do verbete acima coincide com o sentido de *mouse* encontrado no DIEA. No entanto, no caso do DRAE, a definição leva a marcação que indica tratar-se de um sentido restrito ao campo da informática. Entendemos que essa marcação se relaciona com o fato de que essa aceção faz parte de um verbete maior que de alguma maneira legitima o uso do calco e não do anglicismo, movimento contrário ao que identificamos no DIEA, posto que essa obra trabalha a entrada *mouse* (Sd103) como uma inscrição do inglês na língua que recorta.

Buscamos os verbetes em questão no DEM e verificamos que não há registro do vocábulo *mouse* e a entrada *ratón* é definida da seguinte forma:

Sd108: ratón s m **I 1** Mamífero roedor que pertenece al género *Mus* y a muy diversas especies. Mide unos 20 cm de largo, la mitad de los cuales pertenecen a la cola. Es de color gris ceniciento o café oscuro; tiene cabeza pequeña, ojos muy vivos, hocico largo y puntiagudo, bigotes de pelo fuerte, dientes muy afilados, orejas pequeñas y muy tiesas, y cola con poco pelo. Es muy prolífico, ágil y astuto, pero temeroso. Habita tanto en las ciudades como en el campo: *plaga de ratones*, "*Poníamos queso para atraer a los ratones a la trampa*", "*Marta les tiene miedo a los ratones*" **2** *Ratón campestre de cola bicolor* Roedor que pertenece al género *Reithrodontomys* y a varias especies. Mide 16 cm de largo, la mitad de los cuales corresponden a la cola. Su pelaje es de color café con ciertos matices rojizos, un poco más oscuro en el lomo, y blanco sucio por debajo y en la cola. Habita en casi todo el territorio mexicano **3** *Ratón de pinceles* (*Perognathus penicillatus*) Roedor que mide apenas 5 cm desde el extremo anterior de la cabeza al nacimiento de la cola y ésta, terminada en un mechón de pelo, es mayor que él, pues alcanza 6 cm **4** *Ratón de bolsa* (*Perognathus flavus*) Roedor campestre que tiene cierta semejanza con el tlacuache

por la bolsa de que está dotado **5** *Ratón lavandero* (*Procyon lotor*) Mapache **6** *Ratón tlacuache* o *ratón de monte* (*Didelphys dorsigera*) Tlacuache muy pequeño **7** *Ratón viejo* (*Rural*) Murciélago **II** *Ratón de biblioteca* (*Coloq*) Persona encerrada siempre en la consulta, examen y exploración de los libros de una biblioteca **III** (*Polynemus octonemus*) Pez que habita en aguas tropicales, cuyas aletas ventrales se encuentran formadas por varios radios filamentosos que dan la apariencia de barbillas; tiene dos aletas dorsales, la anterior espiniforme exclusivamente, y es de color gris en el dorso y pálido en el vientre **IV** **Instrumento pequeño de la computadora que se puede deslizar en cualquier dirección sobre una superficie. Sirve para mover y operar analógicamente el cursor de la pantalla del monitor y ejecutar órdenes.** [grifos nossos]

Com base na acepção apresentada em IV, pode-se concluir que o vocábulo *ratón* tem o mesmo sentido de *mouse* (Sd103) também no espanhol do México. Essa indicação não coincide com a marcação diatópica apresentada no DIEA (Sd105) segundo a qual essa acepção estaria restrita ao espanhol da Espanha. Nesse sentido, cabe que observemos que há certa recorrência no desencontro entre as marcações diatópicas e as acepções registradas em um e outro dicionário, tal é o caso dos verbetes do vocábulo *pachorrudo* (Sd56 e Sd57) vistos no capítulo 2 ou do vocábulo *alfombrilla* (Sd109 e Sd110) que veremos imediatamente.

Vimos que o vocábulo *pad* é registrado somente pelo DIEA e em seu verbete o termo *alfombrilla* como é apresentado como um equivalente. Buscamos a entrada *alfombrilla* nos outros dicionários e encontramos no DRAE a seguinte definição:

Sd109: alfombrilla. (De *alfombra*²). **1.** f. *Med.* Erupción cutánea, que se diferencia del sarampión por la falta de los fenómenos catarrales. **2.** f. *Méx.* Nombre genérico de varias hierbas de la familia de las Verbenáceas.

Como se nota, as duas acepções apresentadas para o termo *alfombrilla* levam marcações, a primeira da área médica e a segunda como sendo um sentido usual no México, e não correspondem à acepção registrada pelo DIEA. No DRAE, o termo *alfombrilla* é tratado como

homônimo e se registra uma segunda entrada²⁶⁹ que tampouco corresponde ao sentido registrado pelo DIEA.

Sd110: alfombrilla². 1. f. Alfombra pequeña que se coloca normalmente en el interior de un coche o en los cuartos de baño.

Buscamos o vocábulo também no DEM e, apesar da marcação indicada pelo DRAE, segundo a qual haveria uma acepção desse termo empregada especialmente no México, o dicionário dedicado ao espanhol desse espaço não registra a entrada *alfombrilla*²⁷⁰.

A partir da análise que desenvolvemos até aqui, observamos que há uma divergência clara entre o modo como no DIEA e no DRAE são registrados os vocábulos aqui considerados. Encontramos uma alta expressão dessa divergência na forma como o primeiro trata os casos de *pádel* (Sd96), *paddle* (Sd97) e de *pad* (Sd101), *alfombrilla* (Sd102) como já foi observado oportunamente. De nossa perspectiva, essas formas são antecipadas como fazendo parte do *real* (sempre necessário e inevitável) da língua sem serem submetidas a nenhuma restrição. Não se constroem aí barreiras ou tampouco se levantam fronteiras com relação à língua do outro, gesto que parece ser regular no discurso do DRAE. Compreendendo esses dicionários como instrumentos linguísticos e como objetos discursivos, podemos observar movimentos de filiação e gestos de ruptura a respeito de determinadas rotinas no funcionamento de uma memória discursiva, vinculada, no caso, à produção lexicográfica em língua espanhola.

²⁶⁹ Cabe ressaltar que há em *alfombrilla*² uma indicação de que o verbete será suprimido na próxima edição do DRAE, o que indica que o dicionário contará, portanto, somente com as acepções vistas anteriormente.

²⁷⁰ É importante esclarecer que, no caso do DEM, o cotejo com as cem primeiras entradas do DIEA não incluiu nenhum vocábulo de origem inglesa. Para verificar o funcionamento desse tipo de definição também nesse dicionário, avançamos no leatório e reproduzimos abaixo o verbete de pants registrado no DEM:

pants s m pl (Es ambiguo: puede referirse a uno o varios) **1** Pantalón holgado y cómodo, de algodón, nylon u otra tela ligera, que se usa para hacer ejercicio o para conservar el calor mientras se descansa: ponerse unos pants, andar de pants **2** Traje deportivo que consta de unos pantalones de esta clase y una chaqueta o sudadera de la misma tela. (DEM p. 1227)

Como podemos observar, o DEM, assim como o DIEA, não apresenta nenhum tipo de indicação etimológica ou qualquer marcação que demonstre tratar-se de uma palavra proveniente de outra língua.

Finalmente, nota-se que há, no conjunto de entradas selecionado a partir do *corpus* de análise, composto por vocábulos registrados somente no DIEA, um significante cuja grafia remete à língua portuguesa: *pai*. Seu verbete é registrado tal como segue:

Sd111: pai *m* Título del líder en la religión umbanda: *un pai umbanda / el pai Antonio*.

Assim como as entradas analisadas anteriormente, no verbete *pai* não encontramos nenhuma explicitação de que se trate de uma palavra de origem estrangeira. No entanto, diferentemente da maioria dos casos aqui analisados, exceção feita a *pad* e talvez pelas mesmas razões que mobilizamos ao abordá-lo acima, o vocábulo *pai* não é acompanhado pelos parênteses com indicações fonéticas – algo que, como vimos, é característico dos “empréstimos” nesse dicionário. O verbete do vocábulo *pai* cria, assim, um efeito de indiferenciação entre a língua espanhola e a língua portuguesa – efeito que, de um lado, pode filiar-se ao processo de indistinção a que essas línguas foram submetidas (CELADA, 2002) e, por outro, ao fato de Argentina e Brasil habitarem um espaço atravessado por discursos de integração e por práticas que possibilitam o conhecimento do outro.

A partir da definição de *pai*, buscamos saber como o dicionário registra o vocábulo *umbanda*, significante mobilizado na formulação da definição de *pai* e que também reconhecemos presente no funcionamento da língua portuguesa. Encontramos o registro da seguinte definição:

Sd112: umbanda **1** *adj* De la → **umbanda** [3] o relativo a ella: *una ceremonia umbanda / las prácticas umbandas*. **NOTA:** A veces no concuerda con el sustantivo al que modifica: *los ritos umbanda*. **2** *adj* Que profesa la → **umbanda** [3]: *un pai umbanda*. También es sustantivo: *Los umbandas profesan devoción a los espíritus*. **3** *amb* Religión afro-brasileña que combina ceremonias y ritos africanos con algunos elementos del catolicismo.

O efeito de indiferenciação – que também reconhecemos no caso das palavras que funcionam como marcas da memória que a língua espanhola guarda do inglês²⁷¹ – entre as línguas

²⁷¹ Cf. Brianezi, 2010.

constatado no verbete do vocábulo *pai* também pode ser notado na definição de *umbanda*, que tampouco é acompanhada de qualquer indicação de pronúncia, provavelmente pelo efeito de transparência que supõe sua grafia e pela circulação que esse vocábulo pode ter no espaço “argentino”²⁷². Observamos, no entanto, que embora não haja uma especificação acerca da origem da palavra, na terceira acepção é indicado que se trata de uma religião afro-brasileira. Se, por um lado, os exemplos antecipam um leitor familiarizado com esses sentidos, por outro, também é preciso dizer que nessa sequência há uma mobilização de saberes metalinguísticos que parecem antecipar as “necessidade” do consulente: assim a ele são fornecidas descrições acerca do funcionamento desse vocábulo (*a veces no concuerda con el sustantivo al que modifica*). Esse fato parece antecipar um certo efeito de leitura: o significante *umbanda*, ao menos por sua forma linguística, poderia criar para o consulente uma relação marcada pelo estranhamento ou pela opacidade que supõe a alteridade inscrita na sua matéria linguística. Porém, do ponto de vista do sentido ou do significado, o vocábulo parece estar “integrado” aos sentidos correntes no espaço designado como “de la Argentina”.

Certamente, a proximidade espacial entre Argentina e Brasil favorece a que haja uma circulação compartilhada de objetos e práticas culturais. Esse fato, que é da ordem da história, materializa-se, de certa forma, na nomenclatura do dicionário. Passamos, neste ponto, à última subsérie.

3. TERCEIRA SUBSÉRIE: MARCAS DE UMA COLONIZAÇÃO

Como antecipamos no início deste capítulo, nesta terceira subsérie trabalharemos com vocábulos que reconhecemos como originários de línguas indígenas. Passemos, assim, a observar os verbetes das entradas que compõem esta subsérie: *pacará* e *pacurí*.

²⁷² O fato de serem línguas neolatinas tem um alto impacto sobre o funcionamento que aqui apontamos.

Sd113: pacará 1 m Árbol corpulento, que puede medir entre 8 y 30 m de altura y tener hasta 1 m de diámetro, de copa extendida como una gran sombrilla, corteza color gris claro, flores blanco verdosas y un fruto de color negro parecido a una oreja humana; se encuentra en las zonas subtropicales de la Argentina. § **2 m** Madera del → **pacará [1]**; es blanda y se utiliza en la fabricación de cajones de frutos, utensilios, artesanías, muebles, embarcaciones, etc.

Sd114: pacurí 1 m Árbol de zonas selváticas de América del Sur, de ocho a quince metros de altura, flores de color blanco, y fruto comestible de forma redonda u ovalada, color amarillo, piel gruesa y pulpa agri dulce § **2 m** Fruto comestible del → pacurí [1]: *dulce de pacurí*.

Com o intuito de estabelecer relações de sentido entre Sd113 e Sd114 e o interdiscurso, buscamos o vocábulo DiHA, obra na qual não foi possível encontrar registro de *pacurí*, mas podemos constatar que *pacará* é definido nessa obra sinonimicamente como *timbó*

Sd115: pacará. m. timbó Carrizo, C. *Llama*, 1923, 30: Venían... haciendo estaciones de tarde en tarde a la sombra de solitarios pacarás y algarrobos sitibundos. [...]

Seguindo o movimento da remissão feita pelo DiHA, buscamos a definição do vocábulo *timbó* nesse mesmo dicionário:

Sd116: timbó (Del guaraní). m. Árbol muy corpulento, de la familia de las Leguminosas, que alcanza los 25 m de altura. Su madera se usa en carpintería, y el fruto, subleñoso, negro y con forma de oreja, se emplea, como corteza, en curtiembre y en medicina popular (*Enterolobium contortisiliquum*). Ambrosetti, J. B. *Viaje*, 1895, 87: En este aserradero fabrican tablas, tablones, etc., y entonces se ocupaban de preparar una partida de cajones para bebidas, de madera timbó. [...]

Assim, a partir da definição sinonímica apresentada pelo DiHA, voltamos ao DIEA e procuramos a entrada *timbó*:

Sd117: timbó 1 m Árbol de noreste argentino que puede alcanzar los 30 metros de altura, cuyo tronco puede medir hasta dos metros de diámetro y que tiene corteza gris verdosa, flores blancas y un fruto con forma de oreja humana de color negro; su madera se usa en carpintería. **2 m** Madera del – timbó [1]: *un juego de muebles de timbó*.

Nas definições apresentadas para *pacará* (Sd113) e *timbó* (Sd117) no DIEA, observamos marcas de uma posição que denominamos de “observador”, pois define os elementos a partir, fundamentalmente, da experiência visual: informa sobre a possibilidade do tamanho da árvore – Sd113 (*que puede medir entre 8 y 30 m de altura y tener hasta 1 m de diámetro*) e Sd117

(*puede alcanzar los 30 metros de altura, cuyo tronco puede medir hasta dos metros de diámetro*) – e estabelece comparações com elementos que, segundo a projeção imaginária que aí detectamos, seu interlocutor (consulente) provavelmente conheça – Sd113 (*de copa extendida como una gran sombrilla, un fruto de color negro parecido a una oreja humana*) e Sd117 (*flores blancas y un fruto con forma de oreja humana de color negro*). Considerando os diversos saberes mobilizados no enunciado definidor, como a medida do tronco ou a cor das flores, podemos dizer que as definições de Sd113 e Sd117 têm certo caráter enciclopédico; porém, não mobilizam saberes do campo da ciência, como de fato poderia acontecer²⁷³. A materialidade das sequências que analisamos (Sd113 e Sd117) se aproxima mais da descrição baseada na “experiência” de um falante não especializado do que de uma definição técnica e/ou científica da árvore em questão. Desse modo, também deixa marcas de como prefigura o consulente ou o leitor.

Pela relação que estabelece com *pacará*, e em conformidade com o procedimento que adotamos neste estudo, buscamos o vocábulo *timbó* também no DEM e no DRAE. No primeiro não há registro para *timbó*, e no segundo encontramos a seguinte definição:

Sd118: timbó. (De or. guar.). 1. m. Arg. y Par. Árbol leguminoso muy corpulento, cuya madera se utiliza para hacer canoas.

Lembre-mo-nos que nas definições que encontramos no DIEA, tanto para *pacará* como para *timbó*, havia uma indicação que restringia a existência da árvore ao espaço geográfico argentino. No caso de *pacará*, era enunciado que a árvore pode ser encontrada nas *zonas subtropicales de la Argentina*, enquanto que *timbó* era definido como uma árvore do *noreste argentino*. No entanto, a definição encontrada no DRAE amplia o alcance do termo *timbó* para além das fronteiras do território argentino, incluindo também o Paraguai.

²⁷³ Lembramos que no capítulo 1 já apontamos uma significativa reformulação entre o verbete de *pacará* registrado no DIEA e o que é apresentado no GDA (Sd10), sendo que neste último preponderam sentidos vinculados ao campo da ciência.

Quanto à origem da palavra, constatamos que, tal como vimos ocorrer com vocábulos da subsérie anterior, há no DRAE um movimento que explicita, desta vez, que o termo *timbó* é originário de uma língua indígena, o guarani. No DIEA, não é feita nenhuma explicitação relacionada à origem do vocábulo e, diferentemente das entradas que identificamos como inscrições do inglês na língua espanhola, não há registros de indicação de pronúncia. De certa maneira, há no DIEA um movimento de incorporação plena desse tipo de vocábulo ao que se conforma nesse instrumento como “espanhol estandar da Argentina”.

Voltando ao verbete *timbó* registrado pelo DRAE (Sd118), observemos com mais atenção a segunda parte do enunciado definidor. A oração relativa introduzida pelo pronome *cuya* mostra a utilização da madeira da árvore *timbó* que seria, de acordo com Sd118, *hacer canoas*.

Contrastivamente, o enunciado definidor do DIEA (Sd113), a partir de outro lugar de significação, explicita no verbete *pacará* que a madeira é utilizada na *fabricación de cajones de frutos, utensilios, artesanías, muebles, embarcaciones, etc*; e na definição de *timbó* (Sd117), que sua madeira é usada na *carpintería*, e oferece como contextualização *un juego de muebles de timbó*. Dessa forma, na enunciação do DIEA constrói-se um discurso associado a sentidos contemporâneos: a ação do homem (indígena ou não indígena) de uma sociedade industrializada é colocada no enunciado por meio de sentidos como o de *fabricación* ou de *juego de muebles*. A memória do indígena não é convocada diretamente, nem em relação à origem da palavra nem enquanto às práticas dos sujeitos. Dentre as utilizações mencionadas na definição de *pacará*, encontramos que a madeira serve, ademais de vários outros usos, à fabricação de *embarcaciones*, termo que pode ser relacionado a *canoas*, mas que, por ser a respeito desta um hiperônimo, produz outros efeitos de sentido.

Nesse jogo de comparação que estabelecemos, parece que o discurso da definição do DRAE (Sd118) se inscreve em uma FD segundo a qual o território americano, hoje dividido

em países e estados nacionais, é ainda significado como um espaço não marcado pelo avanço das técnicas de produção e da industrialização, no qual os sujeitos estariam ainda limitados a atividades de outras épocas. De nossa perspectiva, o fragmento “cuya madera se utiliza para hacer canoas” (marcado por uma certa falta de especificação a respeito do verbete registrado no DIEA), especialmente quando relacionada à marcação da origem da palavra “De or. guar.”, produz um efeito de sentido que faz com que essa definição apareça como “parada no tempo”, incapaz de acompanhar o desenvolvimento histórico, industrial e técnico dos povos americanos. Detectamos, assim, uma marca de como nesse dicionário se significa a relação com a alteridade, que parece fixada em um certo estereótipo.

Ademais da variação detectada entre as definições do vocábulo *timbó* no DIEA (Sd117) e do DRAE (Sd118), é interessante observar a falta de coincidência entre o verbete do DRAE (Sd118) e o do DiHA (Sd116), visto que são obras elaboradas por instituições associadas. Essa relação entre as academias é explicitada no DRAE em um tópico sob o título *¿Cómo se revisan los americanismos del Diccionario?*²⁷⁴, item no qual se afirma que:

Sd119: En lo que se refiere al léxico específico de América, y también al de Filipinas, las propuestas realizadas por las Academias correspondientes de la Española con sede en los diferentes países son estudiadas por la Comisión Permanente de la Asociación de Academias de la Lengua Española, integrada por académicos españoles y de las corporaciones hermanas. Las propuestas aprobadas se incorporan directamente al Diccionario.

Se depreende da leitura de Sd3 que as Academias correspondentes à Espanhola são as responsáveis pela inclusão de verbetes referidos nesse fragmento como "o léxico específico da América". No entanto, vimos que no DiHA a definição apresentada para o vocábulo *timbó* indicava que a utilização de sua madeira na fabricação de móveis, diferentemente – como vimos acima – do que ocorre no DRAE²⁷⁵.

²⁷⁴ Disponível em www.rae.es. (Último acesso em 01/09/2013).

²⁷⁵ Cabe destacar que o vocábulo *timbó* foi registrado pela primeira vez no DRAE em sua 15ª edição, no ano de 1925 e desde então não houve nenhuma alteração em seu verbete.

Tendo em vista os efeitos de sentido detectados a partir da análise das definições de *pacará* e *timbó* relacionados ao significante *canoa*, buscamos observar, ainda, de que maneira esse vocábulo é definido pelos diferentes dicionários colocados em relação neste estudo.

Primeiramente, observemos a definição apresentada pelo DIEA:

Sd120: canoa 1 *f* Embarcación de remo pequeña, estrecha y alargada, sin timón y sin diferencia de forma entre la proa y la popa, que suele terminar en punta: *El isleño cruzaba el río en canoa.* § 2 *f* Embarcación pequeña, sin cubierta, de remo o a motor: *una canoa a motor.*

A seguir reproduzimos o verbete registrado pelo DEM:

Sd121: canoa s *f* 1 Embarcación de remo o de pértiga, muy angosta, a veces de madera de una sola pieza; se usa principalmente en los ríos y en la práctica del canotaje 2 (Rural) Especie de cajón o batea, generalmente de madera, que sirve para dar agua o alimento a los animales o como depósito de leche o miel 3 (Rural) Canal angosto de madera que sirve de acueducto, colocado como puente sobre una acequia o zanja; es de una sola pieza y se hace ahuecando el tronco de algún árbol 4 Hacerle o hacersele a alguien agua la canoa (Coloq) Tener aspecto o tendencia homosexual: "¡Como que le hace agua la canoa a ese chavo!".

E, por fim, a definição registrada no DRAE:

Sd122: canoa. (De or. taíno). 1. *f.* Embarcación de remo muy estrecha, ordinariamente de una pieza, sin quilla y sin diferencia de forma entre proa y popa. 2. *f.* Bote muy ligero que llevan algunos buques, generalmente para uso del capitán o comandante. 3. *f.* sombrero de canoa. 4. *f.* Am. Canal de madera u otra materia para conducir el agua. 5. *f.* Chile. Vaina grande y ancha de los coquitos de la palmera. 6. *f.* Chile y C. Rica. Canal del tejado, que generalmente es de cinc. 7. *f.* Chile, Col., Cuba, Hond. y Nic. Especie de artesa o cajón de forma oblonga que sirve para dar de comer a los animales y para otros usos. 8. *f.* Chile. Especie de cubierta de plástico que sirve para cubrir los tubos fluorescentes. ~ trajinera. 1. *f.* Méx. Embarcación utilizada para transportar carga en los lagos del Valle de México. V. punto de canoa

Iniciando nossa análise pelo verbete do DIEA (Sd120), notamos que são apresentadas duas acepções para o significante *canoa*, ambas encabeçadas pelo hiperônimo *embarcación*. Ao colocar sua definição em relação com outras obras lexicográficas, identificamos uma coincidência entre parte do enunciado definidor registrado pelo DIEA e a primeira acepção

apresentada pelo DRAE (Sd122): no DIEA se repete o fragmento "*y sin diferencia de forma entre la proa y la popa*" que também é enunciado no DRAE, apresentando como única variação os artigos que acompanham os substantivos *proa* e *popa*. Nesse caso, vemos que o enunciado definidor do DRAE, como parte das condições de produção do DIEA, ressoa na formulação que o dicionário apresenta para a definição de *canoa*.

A segunda acepção registrada pela mesma obra, na qual se enuncia a possibilidade de que uma canoa possa ter um motor, não tem equivalentes diretos nas definições apresentadas pelo DRAE e pelo DEM²⁷⁶. Esses últimos, ademais das acepções relacionadas à embarcação, registram também a possibilidade de *canoa* significar um tipo de *canal*. Inclusive, a quarta acepção apresentada pelo DRAE leva a marcação *Am* o que sugere que esse significado seria usual nos países da América, contrariamente ao que registra o DIEA.

Observando as acepções apresentadas pelo DEM, podemos ver que tal como nos demais dicionários, nelas se define que o significante *canoa* designa um tipo de "embarcação". No entanto, essa obra indica algo diferente em relação às outras: que a canoa tem um uso específico no presente, mediante o fragmento "*se usa principalmente en los ríos y en la práctica del canotaje*". Essa referência à utilidade da canoa feita com um verbo no presente do indicativo, que assim vincula o enunciado aos dias atuais, relaciona esse tipo de embarcação à prática esportiva da canoagem. É importante observar que essa associação entre “canoa” e “práticas esportivas” – reiterando gestos que observamos na análise de *pacará* (Sd 113) e *timbó* (Sd117) – vincula o vocábulo *canoa* a práticas sociais de um espaço tecnologicamente desenvolvido no qual esse tipo de embarcação é utilizado, sobretudo, na prática esportiva²⁷⁷.

²⁷⁶ A materialidade da definição registrada pelo DRAE em Sd122 não afeta a análise realizada acima com relação à definição de *timbó* (Sd118).

²⁷⁷ Cabe esclarecer que o vocábulo *canotaje* é registrado pelo DEM e pelo DIEA, mas não pelo DRAE. No DIEA, encontramos o seguinte verbete:

canotaje *m* Actividad deportiva o pasatiempo que consiste en navegar en canoa: *Me anoté en la competencia de canotaje del club náutico.*

Já no DEM, registra-se a seguinte definição:

Cabe ressaltar ainda que notamos uma tendência diferente na definição do vocábulo *canoa* registrada no DRAE (Sd122), na qual observamos haver uma série de acepções com marcas diatópicas de países hispano-americanos – inclusive uma acepção que leva a indicação *Méx.* e que não tem correspondência no DEM²⁷⁸. Ademais, vemos que o DRAE, tal como procede em outros casos, indica no parêntese etimológico a procedência do vocábulo *canoa*, explicitando que se trata de um termo de origem *taíno*. De nossa perspectiva, e tendo em conta uma série de observações já realizadas neste capítulo, consideramos que esse movimento converge para a explicitação de um efeito de alteridade e para a demarcação de fronteiras entre as línguas.

Os diferentes efeitos de sentido que identificamos ao longo das análises de vocábulos como *timbó*, *canoa* e *canotaje* podem ser interpretados como marcas de um processo de *(des)colonização linguística* a partir do qual o “mesmo” vocábulo – tal é o caso de *timbó* – significa de maneira específica de acordo com a *historicização* que produz sentidos próprios em cada espaço determinado.

Com base nas análises expostas ao longo deste capítulo, podemos esboçar algumas considerações que apresentamos no sentido de indicar tendências, posto que não é possível considerar o recorte com o qual trabalhamos como uma mostra conclusiva, sobretudo tendo em conta o volume de materialidade textual que implica nosso objeto de estudo.

Primeiramente, baseados em nossa mostra, podemos afirmar que esse movimento que empreendemos (isto é, tomar as cem primeiras entradas da letra *P* do DIEA, colocá-las em

canotaje s m Práctica deportiva de maniobrar canoas en competencia, generalmente para llegar a una meta: *pruebas de canotaje, pista de canotaje*.

Ao analisarmos as contextualizações que acompanham as definições de ambos dicionários, notamos que no caso do DIEA, o esporte de navegação com a canoa pode se dar em um espaço como um clube náutico; e no DEM, vemos que há provas e pistas específicas para a prática de *canotaje*. A presença desses elementos relaciona o sentido de *canotaje*, e consequentemente o de *canoa*, a práticas de sociedades contemporâneas, ou seja, enunciam o lugar que esse tipo de embarcação ocupa nas sociedades hispano-americanas atualmente.

²⁷⁸ Esse seria mais um caso de desencontro em relação às marcações diatópicas do qual falávamos acima (Sd 56, Sd 57, Sd117, Sd118).

relação com outros dicionários da série central com a que trabalhamos e separar as que eram registradas somente nesse dicionário) nos mostrou que as palavras definidas exclusivamente nele não são – como se poderia anteciper a partir de um imaginário constituído, no campo da lexicografia hispânica, por uma prática diferencial – apenas “argentinismos”.

Nesse sentido, a análise das subséries aqui abordadas, permite-nos dizer que alguns dos gestos ou dos movimentos detectados nos verbetes do DIEA dão continuidade à série de sentidos instaurada por aquela posição-sujeito – ou posição simbólica – que detectamos no capítulo 2, ao abordar uma negação significativa na textualidade da *Presentación* desse dicionário. Lembremos que a partir de tal posição era interrompida uma certa série de sentidos dominantes numa determinada FD, sem que essa interrupção supusesse uma ruptura e a instauração de uma nova FD²⁷⁹.

Retomando algo observado por Nunes (2003, p. 20) e que citamos na introdução deste capítulo, “definir palavras” implica, de um certo modo, “mostrar-se como sujeito do discurso definidor” e, inclusive, mostrando, justamente, a relação específica que esse sujeito trava com a língua. Nesse sentido, poderíamos dizer que os enunciados definidores abordados neste capítulo, bem como outros aspectos que fazem parte da estrutura dos verbetes, exibiram marcas da relação do sujeito do discurso do DIEA a respeito do “español de la Argentina”. Assim, dentro de um processo de gramatização que implica, também, a padronização de certas formas de língua, vamos repassar o que cada uma das três subséries abordadas em nossa análise nos possibilitou detectar: na primeira, legitimam-se as formas específicas – *paisajística*, *paisanada*, *pajita*, *pajarón* – às quais um espaço e uma história submetem a matéria linguística, usando e abusando de sua plasticidade, de sua capacidade de inovar na forma de dizer, de trabalhar na contramão do impossível de ser dito. Já na segunda e na terceira subsérie, como fomos expondo

²⁷⁹ Estamos retomando o movimento de contra-identificação por parte desse sujeito, que já apontamos no capítulo 2, com base em formulações de Indursky (2008) que foram apresentadas no Pré-texto.

em diversos momentos de tom conclusivo, legitimam-se os movimentos e os jogos de transferências entre línguas, o que nos permite dizer que estas últimas parecem ser antecipadas no encontro, no embate, no atravessamento e até no entrelaçamento e a mistura que implica o fato de que as mesmas estejam “em relação” num determinado espaço de enunciação. Na segunda, aparecem as marcas da memória do inglês no espanhol e, também, do português; na terceira, as marcas das línguas indígenas: todas elas fazendo parte do *real* do “español de la Argentina”, língua que se antecipa porosa, marcada pelas relações travadas com outras a respeito das quais não precisa levantar fronteiras. Na terceira, apenas fazendo mais uma observação, passamos pelo vocábulo *timbó*, um caso que nos permitiu ver como ficam nas diferentes definições, dos diferentes dicionários, as marcas que deixa um sujeito do discurso e como o “mesmo”, a mesma forma, justamente por ser “material” – como diríamos a partir da AD – significa diferente (em cada espaço)²⁸⁰. Nesse mesmo sentido, em algumas definições, detectamos diferenças significativas entre as formuladas no DIEA (e em certos casos no DEM) e as que registra o DRAE no que diz respeito à forma de se referir às práticas sociais, especialmente de trabalho e de produção, no espaço hispano-americanos.

Todos esses movimentos parecem dar impulso a um gesto que trabalha a favor de uma “descolonização linguística”, na direção dos sentidos instalados pela posição discursiva detectada no capítulo 2. Ao mesmo tempo, aqui, e tal como vimos nesse mesmo capítulo, outros movimentos funcionam em uma outra direção; damos por exemplo o caso de que nas definições do DIEA, por vezes, ressoem formas de significar presentes no DRAE. Esta tendência, para ser conclusiva, deveria ser submetida a novos recortes e mais trabalho de interpretação. Por enquanto, aqui nos limitamos, a passar ao último item desta dissertação, para poder, justamente, esboçar algumas considerações que, como veremos, não são absolutamente finais.

²⁸⁰ Por isso, encabeçamos essa terceira série com um título que a vincula à memória de uma determinada colonização.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

I.

Para abrir esta seção, a última neste trabalho, gostaríamos de explicitar um reconhecimento. A experiência de pesquisa que vimos desenvolvendo ao longo dos últimos anos, e que se materializa na produção desta dissertação, nos atravessou em, pelo menos, três planos: enquanto consulentes de dicionários, instaurando em nós um olhar necessariamente questionador em relação aos sentidos de uma definição; enquanto falantes do português brasileiro, ampliando a reflexão acerca de nossa condição de sujeitos constituídos por um processo de (des)colonização; enquanto analistas do discurso, iniciando nossa formação como pesquisadores.

O estudo apresentado ao longo desta dissertação nos permite esboçar algumas considerações que concebemos como parte de um processo ainda em desenvolvimento, posto que este trabalho é, para nós, uma aproximação de nosso objeto. Assim, abordaremos nesta seção algumas reflexões suscitadas pelas análises de determinados aspectos do DIEA que, em parte, foram sendo construídas em cada um dos capítulos que compõem este trabalho.

Para reconstruir nossa trajetória começemos por retomar o imaginário que os sujeitos da linguagem, de maneira mais regular, projetam sobre o dicionário, a partir do qual essas obras são concebidas como “objetos de consulta”, “detentores da verdade” e “impassíveis a equívocos”. Efetivamente, como observa Lara (2010, p. 18), o efeito de completude produzido pelos dicionários é forte ao ponto de que o consulente, ao não encontrar o registro de um determinado vocábulo, pode afirmar que a palavra “não existe”. No entanto, seguindo os passos de diversos estudiosos que, a partir de diferentes perspectivas teóricas, vêm refletindo sobre o funcionamento de obras lexicográficas, nesta pesquisa pudemos trabalhar na contramão desse

imaginário e compreender os dicionários como objetos simbólicos passíveis de análise e interpretação.

II.

Assim, para o desenvolvimento deste estudo, conforme expusemos em nossa Introdução, apostamos na hipótese de que a abordagem discursiva do DIEA nos daria elementos para identificar aspectos relacionados ao modo como nesse instrumento é significada, nas palavras de Orlandi (2002), a separação ou disjunção específica à qual, em nosso caso, a língua espanhola – dentro de um processo de colonização – foi submetida no espaço que hoje, no título da obra que analisamos, é delimitado como “español de la Argentina”. Assim, apostamos na análise de um dicionário que, em meio a uma produção marcada por obras “contrastivas”, dizia-se *integral* e que, portanto, anunciava romper com as rotinas de uma memória instalada. Chegando ao final deste trabalho, podemos afirmar que a análise se mostrou bastante produtiva, pois a partir dela foi possível identificar uma série de aspectos relevantes acerca de nosso objeto, dos quais neste item final retomaremos os principais.

Para tanto, cabe recordar que, ao nos propormos estudar o DIEA, ancorados na articulação entre a AD e a HIL, concebemos o dicionário como um *instrumento linguístico* e o abordamos como discurso. Mais especificamente, seguindo as proposições teóricas de Aurox (2009), compreendemos nosso objeto de estudo como um instrumento de *endogramatização*: o DIEA serve de instrumento a uma língua no sentido de que a recorta, a descreve e a interpreta num jogo de forças que está marcado por movimentos de inclusão e de exclusão. Assim, entendemos que nosso objeto legitima as formas de dizer da língua no espaço referido como Argentina, sendo parte de um processo de (des)colonização linguística.

Cabe recuperar aqui a ideia, várias vezes retomada nesta dissertação e já anunciada em seu título, de que entendemos o espaço que faz parte das condições de produção do DIEA como um *espaço de enunciação* marcado pela memória da colonização. É importante ressaltar que,

nesse espaço, habitado por uma língua (em cujo território, como lucidamente sintetiza Ludmer [2010], opera – “ainda”, poderíamos dizer – a estrutura do império) –, detectamos uma série de especificidades no que se refere à produção lexicográfica. De maneira geral, vimos no capítulo 1 que tal produção, na Argentina, esteve dedicada somente à elaboração de obras diferenciais, parciais ou especializadas, complementares àquelas produzidas na península, em especial ao DRAE.

O panorama que construímos no capítulo 1 nos permitiu conhecer alguns aspectos relevantes para pensar as condições de produção, das mais mediatas às mais imediatas, de nosso objeto de estudo. E começamos por fazer uma breve reflexão acerca dos primeiros dicionários monolíngues que surgiram vinculados à formação dos Estados nacionais; esse fato nos levou a compreender que esses instrumentos, por serem capazes de contribuir a conformar o imaginário de “unidade nacional” e de “*uma língua*” (a nacional), têm um viés político, sendo capazes de afetar a relação que os falantes mantêm com as línguas. Daí a importância de seu estudo, pelo impacto que sobre sua elaboração pode vir a ter a reflexão teórica.

No caso específico da lexicografia hispânica, a observação das capas e de fragmentos do prólogo do *Diccionario de autoridades* e do compêndio publicado em 1780, permitiram comprovar o vínculo existente entre essas obras e a coroa espanhola. Essa publicação, como vimos, consolida-se na memória do dizer como uma referência para toda a produção de dicionários em língua espanhola, posto que sua nomenclatura serviu de base para a confecção de outras obras “gerais” e “diferenciais”. De maneira ampla, compreendemos que essa especificidade da lexicografia hispânica se vincula ao lugar ocupado pela RAE e a política linguística por ela historicamente promovida que nos permite compreender, novamente, a afirmação de Ludmer (2010) citada acima: a estrutura do império se perpetua no território da língua, fato que entendemos que fomenta a produção de obras diferenciais, haja vista a

publicação do *Diccionario de Americanismos* que conseguimos abordar, embora de modo breve.

Quanto à produção lexicográfica argentina, observamos que, até a publicação do DIEA, foram publicadas no país somente obras diferenciais ou específicas sem que houvesse qualquer gesto nesse espaço no sentido de elaborar um dicionário que se propusesse definir *integralmente* a língua espanhola delimitada no título do DIEA como “de la Argentina” – fato que por si só bastaria para afirmar que essa publicação funciona como um acontecimento em relação à produção de dicionários no espaço argentino. Foi fundamental, ademais, conhecer o projeto editorial no qual o DIEA se insere e compreender que se trata de uma publicação vinculada a um grupo midiático (*Grupo Clarín*), opondo-se, portanto, a publicações ligadas a academias de língua – como o DRAE – ou a instituições públicas de pesquisa – como o DEM. Compreender esse aspecto das condições de produção de nosso objeto de estudo nos permite considerar o lugar ocupado por certas empresas de comunicação no mundo contemporâneo a partir do qual podem assumir o papel daquele que regula e padroniza uma língua, fato que também implica uma relação específica entre Estado e Mercado.

A partir das análises de alguns aspectos do paratexto do DIEA, realizadas no capítulo 2, identificamos o funcionamento da memória discursiva vinculada à produção lexicográfica hispânica na análise do título do DIEA. Por um lado, quando o título de nosso objeto de estudo foi posto em relação com os de determinados dicionários do universo hispânico, vimos que em seu processo de nomeação ficam as marcas das relações que ele mantém com outros títulos, especialmente com o do DRAE. Por outro, ao ser colocado em relação com os títulos das obras que compõem o mesmo projeto editorial responsável pela elaboração desse instrumento, a análise do título do DIEA nos permitiu detectar que essa publicação desestabiliza a rede de sentidos regularizada na produção lexicográfica argentina, o que permite outras possibilidades de significação. Dessa forma, um conceito de Orlandi (2002), também, nos permite pensar a

produção do DIEA como uma *acontecimento linguístico*, ao considerar especialmente o lugar de enunciação (marcado pelo tempo e pela relação com uma memória discursiva e, em nosso caso, marcado ainda pelo fato dessa publicação estar fortemente ligada a um grupo mediático, como acabamos de lembrar) e, portanto, o modo como se enuncia, que a nosso ver está fortemente vinculado a uma *consciência linguística* e aos sentidos que ela desata.

É importante observar, ainda, que dentre outros vários aspectos que foram trabalhados nesse mesmo capítulo, identificamos também – com base em conceitos elaborados no campo da AD – um movimento de contra-identificação por parte do sujeito do discurso que instaura, por efeito de uma tomada de posição, uma nova posição sujeito no interior de uma mesma FD, formação na qual preponderam determinados sentidos ou saberes (“unidade da língua”, “norma monocêntrica”, “desvio”) que, em parte, passam a ser negados pelo sujeito do discurso. Ao mesmo tempo, esse sujeito não parece poder se distanciar de outros sentidos aí também preponderantes, como o de “língua central” ou o de “variante de uma língua central”. De nossa perspectiva, esse deslizamento é produzido por efeito do funcionamento de uma contradição constitutiva nessa FD, retomando Pêcheux (1990), e nos permite falar, nos termos de Indursky (2008), de um *acontecimento enunciativo*, que se materializa no discurso desse instrumento²⁸¹.

Nesse sentido, a análise das entradas do DIEA, mediante uma mostra recortada no capítulo 3, possibilitou a confirmação do vaivém entre posições discursivas dentro de uma FD, porém, de modo atenuado, pois nessa análise prevalecem os movimentos que dão continuidade aos gestos de ruptura. No discurso dos verbetes, parece que a tomada de posição, isso é, o movimento de contra-identificação de que falamos, consolida-se e é capaz de definir, com suas especificidades (e na contramão dos sentidos impostos pela concepção de “língua comum” ou de “língua geral”) uma língua recortada como “estândar” e determinada como sendo “del

²⁸¹ Cabe ressaltar que o fato de se tratar de um acontecimento *enunciativo*, e não um acontecimento *discursivo*, que instaura, portanto, uma nova posição sujeito no interior de uma mesma FD, qualifica o acontecimento pensado como *linguístico* segundo Orlandi (2002).

español de la Argentina”. De maneira geral, identificamos que nesse dicionário, a enunciação oferece determinada resistência à injeção à homogeneidade, tão presente no espanhol que habita esse espaço de enunciação ampliado que designamos como estando atravessado por um processo de (des)colonização linguística. Por um lado, vimos que o DIEA legitima uma realização fonética do espaço argentino, apresentando indicações de pronúncia que correspondem a uma realização linguística dessa região. Entretanto, é importante considerar que foi possível identificar também nesse dicionário o privilégio de uma determinada realização linguística, conforme tivemos a oportunidade de observar, por exemplo, no caso das indicações fonéticas presentes nos verbetes de *photoshop* (Sd99) e *pager* (Sd100)²⁸². Por outro lado, com base na análise de vocábulos como *timbó* e *canoa*, pudemos identificar marcas do processo de (des)colonização linguística a partir do qual o “mesmo” significa de maneira específica de acordo com a *historicização* que produz sentidos próprios em cada espaço determinado, ou seja, pudemos identificar o impacto que o espaço tem na produção dos sentidos, tal como assinalava Orlandi (2002) ao falar em heterogeneidade linguística.

Essa aproximação a nosso objeto de estudo, da qual as reflexões sintetizadas nestas páginas resultam, permite-nos constatar de modo claro algo que afirma Nunes (2007, p. 26), ao refletir sobre o processo de descolonização linguística do português brasileiro; diz o autor: “a descolonização linguística que se opera no domínio dos dicionários não é linear e nem unidirecional. Ela ocorre por meio de diversas trilhas e é permeada de obstáculos, bifurcações, desvios”.

²⁸² Os parênteses com referências fonéticas indicavam, respectivamente, “*fotoyóp*” e “*páiyer*”, materializando o privilégio de uma determinada realização dentre as possíveis existentes no espaço argentino.

III.

Para encerrar esta dissertação, fazemos questão de esboçar um gesto que abra novas reflexões – movimento que de alguma forma materializa o reconhecimento dos limites deste trabalho – e que, sobretudo, permita-nos frisar a importância de pensar a relação que o dicionário, como instrumento linguístico, mantém com o que poderíamos designar, tal como já apareceu em alguns momentos de nosso estudo, como “alteridade”.²⁸³ Este sentido foi nos tomando, como analistas do discurso, ao longo deste trabalho, e passou a nos habitar. Por isso, encerramos estas considerações mobilizando as definições de *taíno* nas obras com as quais vimos trabalhando. Lembramos que esse significante aparecia no DRAE, no verbete *canoa*, como marcação da origem dessa palavra: “De or. Taíno”. Vejamos, primeiro, o verbete do DIEA:

taíno, -na 1 *adj* De un pueblo indígena que vivía en las Antillas **antes de la conquista española** [También es sustantivo cuando se aplica a una persona] § 2 *adj* Relativo a los → taínos [1]: *las leyendas taínas*. § 3 *m* Lengua de los → taínos [1]: *La palabra canoa viene del taíno*. § 4 *adj* Relativo al → taíno [3]: *Muchas palabras taínas entraron al castellano* [grifos nossos].

E, agora, passemos à entrada no DRAE:

taíno, na. (De or. arahuaco)²⁸⁴. 1. *adj.* Se dice del individuo perteneciente a los pueblos amerindios del gran grupo lingüístico arahuaco que estaban establecidos en La Española y también en Cuba y Puerto Rico **cuando se produjo el descubrimiento de América**. U. t. c. s. 2. *adj.* Perteneciente o relativo a los taínos. 3. *m.* Lengua hablada por los taínos [grifos nossos].

Observando as definições dos dois dicionários, detectamos diferenças significativas²⁸⁵.

Primeiramente, note-se que na do DRAE o enunciado definidor é encabeçado pelo sintagma *se dice*, o que, de certa forma, funciona como um caso de heterogeneidade mostrada (cf.

²⁸³ Lembremos, inclusive que Auroux (2009) faz uma firme observação com relação à aparição dos primeiros glossários, que vai nesse sentido.

²⁸⁴ Disponível em www.rae.es. Último acesso em 01/09/2013.

²⁸⁵ Cabe esclarecer que, considerando a série central de dicionários com a que trabalhamos nesta dissertação, encontramos o registro da entrada *taíno* apenas no DIEA e no DRAE, ou seja, esse vocábulo não compõe a nomenclatura do DEM.

AUTHIER REVUZ, 1990), marcando a voz do outro e não atribuindo o sentido referido à voz do sujeito do discurso, como se este não fosse (tão) permeável a essa dimensão que designamos como “alteridade”.

Fica aí, entre outras, a questão de ver como os dicionários são capazes, dentro de um processo de gramatização das línguas, de “lidar” com a alteridade, algo que parece crucial pois teria a ver com a capacidade de a ela se expor, derrubando barreiras com relação à otredade, gesto que implica sempre um certo modo de ir avançando no conhecimento do outrem.

Voltando às definições, observamos que o acontecimento histórico da chegada dos espanhóis à América é enunciado de maneira muito diferente em uma e outra obra: no DRAE, diz-se que o povo estava estabelecido em um determinado território quando se produziu o *descubrimiento* da América; enquanto no DIEA refere-se a um povo que vivia nas Antilhas antes da *conquista* espanhola.

De certa forma, neste fragmento final de nosso trabalho, no qual aparecem significantes como *descubrimiento* e *conquista*, chegamos a um ponto que consideramos próximo daquele do qual partimos em nosso Pré-texto, seção na qual analisávamos a entrada referida a um outro significante: *colonizar*. Essa série (*colonizar*, *descubrimiento*, *conquista*), em alguma medida, atravessou as reflexões que apresentamos nesta dissertação.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

Obras de referência

ACHARD, Pierre. Memória e produção discursiva do sentido. In.: ACHARD...[et al.]. Tradução e introdução de José Horta Nunes – 2ª ed. Campinas: Pontes Editores, 2007.

AUTHIER-REVUZ, Jacqueline. Heterogeneidade(s) enunciativa(s). Cadernos de estudos linguísticos. Campinas: UNICAMP, n. 19: 25-42, jul.; dez. 1990.

ALTHUSSER, Louis. Aparelhos Ideológicos do Estado (AIE) / Louis Althusser; trad. Walter José Evangelista e Maria Laura Viveiros de Castro. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1985, 2ª ed.

AUROUX, Sylvain. A revolução tecnológica da gramatização./ Sylvain Auroux; tradução: Eni Puccinelli Orlandi. - Campinas, SP: Editora da Unicamp, 2009.

_____. *A hiperlíngua e a externalidade da referência*. In.: Gestos de leitura: da história no discurso. Eni P. Orlandi (org.). Campinas, SP: Editora da Unicamp, 2010

ÁVILA, R. ¿El fin de los diccionarios diferenciales? ¿El principio de los diccionarios integrales? Revista de Lexicografía, Universidade da Coruña, vol. X , pp. 7-20, 2003-2004.

BARCIA, Pedro Luis. Los diccionarios del español de la Argentina. Buenos Aires: Academia Argentina de Letras 2004.

BRIANEZI, Daniela Ioná. Propostas de novas grafias para os anglicismos no “Diccionario Panhispánico de dudas” da Real Academia Española e Asociación de Academias de la Lengua Española. 2010. (manuscrito cedido pela autora)

CARRICABURO, Norma. Las fórmulas de tratamiento en el español actual. Madrid: Arco Libros, 1997.

CELADA, María Teresa. O espanhol para o brasileiro: uma língua singularmente estrangeira. Campinas, SP [s.n.], 2002.

_____. (2008) *Frontera discursiva. Desencuentro de sentidos y alteridad*. In: Páginas de Guarda, núm. 6, p. 40-56

COLLINOT, André & MAZIÈRE, Francine. *Un prêt-à-parler: le Dictionnaire Universel d'Antoine Furetière et sa postérité immédiate, le Trévoux. Une lecture du culturel dans le discours lexicographique*. In.: Lexicographica, 3, p. 51-75, 1987.

_____. *Un prêt-à-parler: le dictionnaire*. Collection dirigée par Guy Serbat. Presses Universitaires de France: Paris, 1997.

COURTINE, Jean-Jacques. *Análise do discurso político: o discurso comunista endereçado aos cristãos*. São Carlos: EdUFSCar, 2009.

DEL VALLE, José. (ed.) *La lengua ¿patria común? Ideas e ideologías del español*. Madrid: Iberoamericana/Frankfurt: Vervuert, 2007.

DÍAZ DE LA SERNA, Ignacio. El artículo “América” en la *Enciclopedia* de Diderot y D'Alembert (primera parte). In.: NORTEAMÉRICA. Año 4, número 1, enero-junio de 2009.

DINIZ, Leandro Rogrigues Alves. *Mercado de línguas: a instrumentalização brasileira do português como língua estrangeira*. Campinas, SP : [s.n.], 2008.

FOUCAULT, M. *A arqueologia do saber*. Tradução de Luiz Felipe Baeta Neves – 7ª ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2009.

GADET, Françoise; PÊCHEUX, Michel. *A Língua inatingível*. Campinas, Editora RG, 2ª edição, 2010.

GENETTE, Gérard. *Paratextos editoriais*. Tradução Álvaro Faleiros. Cotia: Ateliê Editorial, 2009.

GERMMINGEN, Barbara Freifrau Von. *Los inicios de la lexicografía española*. In.: Antonia M.ª Medina Guerra (coord.). *Lexicografía española*. Barcelona: Editorial Ariel, 2003.

GUIMARÃES, Eduardo. *Semântica do acontecimento: um estudo enunciativo da designação*. Campinas, SP: Pontes, 2ª edição, 2005.

HAENSCH, Günther. *La situación actual de la lexicografía del español de América*. In.: Revista de Filología Románica, IV. Madrid: Editorial de la Universidad Complutense, 1986 (p. 281-293).

INDURSKY, Freda. *A fala dos quartéis e as outras vozes*. Campinas, SP: Editora da UNICAMP, 1997.

_____. Unicidade, desdobramento, fragmentação: a trajetória da noção de sujeito em Análise do Discurso. In: MITTMANN, Solange; GRIGOLETTO, Evandra; CAZARIN, Ercília (Orgs.). *Práticas Discursivas e identitárias*; Sujeito & Língua. Porto Alegre, Nova Prova, PPG-Letras/UFRGS, 2008. (Col. Ensaios, 22).

LARA, Luis Fernando. *Dimensiones de la lexicografía. A propósito del Diccionario del español de México*. México, D.F.: El Colegio de México, 1990.

_____. *Teoría del diccionario monolingüe*. México, D.F.: El Colegio de México, 1996.

_____. *Curso de lexicología*. México, D.F.: El Colegio de México, 2006.

_____. *Introducción*. In.: *Diccionario del español usual en México*. México, D. F.: El Colegio de México, 2007.

_____. *Lengua histórica y normatividad*. México, D.F.: El Colegio de México, 2009.

_____. *Introducción*. In.: *Diccionario del español de México*. México, D.F.: El Colegio de México, Centro de Estudios Lingüísticos e Literarios, 2010. 2 v.

_____. *El símbolo, el poder y la lengua*. In.: *El dardo en la Academia. Esencia y vigencia de las academias de la lengua española*. SENZ, Silvia & ALBERTE, Montserrat (eds.). Editorial Melusina, 2011.

LAURIA, Daniela. *Análisis del discurso lexicográfico: lengua y nación en los diccionarios de argentinismos (1870-1910)*. Tesis presentada a la Secretaría de Posgrado de la Facultad de Filosofía y Letras de la Universidad de Buenos Aires para la obtención del título en la Maestría en Análisis del Discurso. 2010 (manuscrito fornecido pelo autor).

_____. *Continuidades y discontinuidades de la producción lexicográfica del español de la Argentina. Un análisis glotopolítico de los diccionarios publicados en el marco del Centenario y en el del Bicentenario de la Revolución de Mayo*. Tomo I. Tesis para alcanzar el grado de

Doctor por la Facultad de Filosofía y Letras, Universidad de Buenos Aires Área: Lingüística. 2012 (manuscrito fornecido pelo autor).

LUDMER, Josefina. Aquí América Latina. Una especulación. Buenos Aires: Eterna Cadencia, 2010.

MAZIÈRE, Francine. *O Enunciado Definidor: Discurso e Sintaxe*. In.: História e sentido na linguagem, incluindo texto de Michel Bréal. Eduardo Guimarães (org.). Campinas: Editora RG, 2008.

NUNES, José Horta. Definição lexicográfica e discurso. In.: Línguas e instrumentos linguísticos nº 11. Universidade Estadual de Campinas. Campinas: Pontes Editores, 2003.

_____. Dicionários no Brasil: análise e história. Campinas: Pontes Editores – São Paulo, SP: Fapesp – São José do Rio Preto, SP: Faperp, 2006.

_____. *Uma articulação da análise do discurso com a história das ideias linguísticas*. In.: Língua, Sujeito & História. Amanda Eloina Scherer e Verli Petri (orgs.). Letras / Universidade Federal de Santa Maria. Centro de Artes e Letras. Programa de Pós-Graduação em Letras; [organizadoras] Amanda Eloina Scherer e Verli Petri, - Nº 1 (jan/jul. 1991) Santa Maria, 1991. N.º 37 (Jul – Dez de 2008).

ORLANDI, Eni Puccinelli. Ordem e organização da língua, in: _____. *Interpretação. Autoria, leitura e efeitos do trabalho simbólico*. Petrópolis: Vozes, 1996 (p. 45-62).

_____. Análise do discurso: princípios e procedimentos. Campinas; Pontes, 2000.

_____. História das Idéias Lingüísticas. Construção do Saber Metalingüístico e Constituição da Língua Nacional. Cáceres, MT: Pontes Editores e Unemat Editora, 2001.

_____. Língua e conhecimento linguístico: para uma história das idéias no Brasil. São Paulo: Cortez, 2002.

_____. Análise de Discurso. In: RODRIGUES-LAGAZZI, S.; ORLANDI, E.P. (org). *Introdução às ciências da linguagem: discurso e textualidade*. Campinas: Pontes, 2006.

_____. As formas do silêncio: no movimento dos sentidos. Campinas, SP: Editora da Unicamp, 2007.

_____. Língua brasileira e outras histórias. Discurso sobre a língua e ensino no Brasil. Campinas: Editora RG, 2009.

PAYER, Maria Onice. Educação popular e linguagem. Reprodução, confrontos e deslocamentos de sentidos. Campinas: Editora da Unicamp, 2ª ed., 1995.

_____. Memória da língua: imigração e nacionalidade. São paulo: Escuta, 2006.

PÊCHEUX, Michel. Papel da memória. In.: ACHARD...[et al.]. Tradução e introdução de José Horta Nunes – 2ª ed. Campinas: Pontes Editores, 2007.

_____. O discurso: estrutura ou acontecimento. Trad. Eni P. Orlandi – 5ª ed. Campinas: Pontes Editores, 2008.

_____. *Remontémonos de Foucault a Spinoza* (Trad. Por Miguel Rodríguez). In.: MONTEFORTE TOLEDO, M. El discurso político. México: UNAM/Nueva Imagem, 1990, p. 181-199.

_____. *Análise automática do discurso (AAD-69)*. in.: Por uma análise automática do discurso: uma introdução à obra de Michel Pêcheux (orgs.) Françoise Gadet; Tony Hak; tradução Bethania Mariani ... [et al]. Campinas, SP: Editora da Unicamp, 2010.

PÊCHEUX, Michel & FUCHS, Catherine. *A propósito de uma análise automática do discurso: atualização e perspectivas (1975)*. in.: Por uma análise automática do discurso: uma introdução à obra de Michel Pêcheux. Françoise Gadet & Tony Hak (orgs.). Campinas, SP: Editora da Unicamp, 2010.

PÊCHEUX, Michel. Semântica e discurso: uma crítica a afirmação do óbvio. Campinas, SP: Editora da Unicamp, 2009.

PORTO DAPENA, José-Álvaro. Manual de técnica lexicográfica. Madrid:Arco/Libros, 2002.

RAE, ASALE. Nueva gramática de la lengua española. Manual / Asociación de Academias de la Lengua Española y Real Academia Española – 1ª ed. Buenos Aires: Espasa, 2010.

RUHSTALLER, Stefan. *Las obras lexicográficas de la Academia*. In.: Lexicografía española, Antonia Mª. Medina Guerra (coord.). Barcelona: Editorial Ariel, 2003.

RUIZ, José Ramón Carriazo e DUQUE, Jesús Mancho. *Los comienzos de la lexicografía monolingüe*. In.: *Lexicografía española*, Antonia M.^a Medina Guerra (coord.). Barcelona: Editorial Ariel, 2003.

SAUSSURE, Ferdinand de. Curso de linguística geral. Organizado por Charles Bally e Albert Sechehaye. Com a colaboração de Albert Riedlinger. Prefácio à edição brasileira de Isaac Nicolau Salum. São Paulo: Cultrix, 2001.

SECO, Manuel. *Estudios de lexicografía española*. Madrid: Paraninfo, 1987.

SERRANI, S.M. A linguagem na Pesquisa Sociocultural. Um estudo da repetição na discursividade. Campinas: Unicamp, 1993.

_____. Diversidade e alteridade na enunciação em línguas próximas. *Revista Letras*, Porto Alegre, n. 4, 1997, p. 11-17.

SOUTO, Mar Campos e PASCUAL, José Ignacio Pérez. *El diccionario y otros productos lexicográficos*. In.: Antonia M.^a Medina Guerra (coord.). *Lexicografía española*. Barcelona: Editorial Ariel, 2003.

WEINBERG. M.^a Beatriz Fontanella de. *El español bonaerense. Cuatro siglos de evolución lingüística (1580-1980)*. Buenos Aires: Hachette, 1987.

_____. *El español de América*. Madrid: Editorial Mapfre, 3.^a edição, 1995.

Dicionários

Diccionario de uso del español. María Moliner. Gredos: Madrid, 1990.

Tesoro de la lengua castellana o española. Sebastián de Covarrubias Orozco. Edición de Felipe C. R. Maldonado. Madrid: Editorial Castalia, 1995.

Diccionario Clave. ACEDO, N. A. (Coord.) Diccionario Clave. Madrid: Ediciones S.M., 1999.

Diccionario de hispanoamericanismos no recogidos por la Real Academia – coordinado por Renaud Richard. Cátedra, 2000.

Diccionario de la lengua española. 22a ed. (2001). Edición electrónica. Real Academia Española, 2003. Espasa Calpe, S.A., 2003.

Diccionario del habla de los argentinos. Academia Argentina de Letras. 3a. ed. Buenos Aires: Espasa, 2005.

Diccionario del habla de los argentinos: segunda edición corregida y aumentada. Buenos Aires: Emecé, 2008.

Diccionario integral del español de la Argentina – coordinado por Federico Plager. 1a ed. Buenos Aires: Voz Activa, 2008.

Diccionario del español de México – dirigido por Luis Fernando Lara. 1a ed. México, D.F.: El Colegio de México, Centro de Estudios Lingüísticos e Literarios, 2010. 2 v.

Diccionario de Americanismos. Asociación de Academias de la Lengua Española. Lima: Santillana Ediciones Generales, 2010.

Nuevo Tesoro Lexicográfico de la Lengua Española. Disponível em: www.rae.es <NTLLE.

ANEXO I: CAPA DO DIEA

ANEXO II: LOMBADA DO DIEA

ANEXO III: OUTRAS OBRAS DO CATÁLOGO DA VOZ ACTIVA

- a) Diccionario Inicial Tinta Fresca 1ra.ed. - Buenos Aires : Tinta Fresca - Voz activa, 2009.

- b) Diccionario Estudiantil Tinta Fresca 2da. Ed. – Buenos Aires: Tinta fresca-Voz activa, 2010.

- c) Diccionario compacto del español actual 1da. Ed. – Buenos Aires: Voz activa, 2010.

- d) Diccionario de sinónimos, antónimos y palabras relacionadas Tinta Fresca 1ra.ed. - Buenos Aires, Tinta Fresca - Voz activa, 2010.

- e) Una gramática para todos 2da.ed. - Buenos Aires: Voz activa, 2011.

f) Enciclopedia Mundo actual 1ra. Ed. - Buenos Aires: AGEA, 2011.

ANEXO IV: PÁGINA DA LETRA A DO DIEA

a¹ Primera letra del alfabeto español.

a² f Nombre de la letra *a*.

a³ **1 prep** Indica el lugar al que se dirige algo o alguien o en el que termina algo: *Este colectivo va a la terminal.* / *Llegaron a Buenos Aires ayer.* § **2 prep** Indica el lugar hacia el que se orienta una persona o una cosa o a lo que se expone: *Parate mirando a la izquierda.* / *Mi habitación da a la calle.* / *No tuvo mejor idea que dormir al sol toda la tarde.* § **3 prep** Indica el lugar o zona en que se sitúa algo: *Buscalo a tu derecha.* / *Está al oeste.* § **4 prep** Indica la distancia a la que se encuentra algo: *La casa queda a cuatro kilómetros de la ruta.* / *El subte está a cinco minutos caminando.* § **5 prep** Indica el momento en el que se desarrolla una acción o sucede un acontecimiento: *Nos encontramos a las nueve.* / *Vimos la película a la noche.* § **6 prep** Indica la edad que tiene una persona al realizar cierta acción o alcanzar cierto estado: *A los dieciocho se fue a vivir sola.* / *Se recibió a los veinticuatro.* § **7 prep** Indica la cantidad de tiempo transcurrido desde un cierto momento tomado como referencia: *Volvieron a verse a los dos años.* / *A la hora, me fui.* § **8 prep** En correlación con la preposición *de*, indica el punto final de un intervalo, ya sea temporal o espacial: *Trabaja de nueve a diecisiete.* / *Voy de casa al trabajo y del trabajo a casa.* § **9 prep** Entre dos sustantivos iguales, indica reiteración: *Es increíble la cantidad de novedades que mes a mes fue sacando la editorial.* / *Se pone día a día más maníático.* § **10 prep** Indica el principio, la fuerza o el combustible por medio del cual se realiza una tarea, o funciona una máquina o mecanismo: *tracción a sangre / motor a explosión / estufa a gas.* § **11 prep** Indica el objeto, el procedimiento o la técnica que se utiliza para hacer algo: *tejido a mano / cortado a cuchillo.* § **12 prep** Indica el nivel alcanzado por algo: *La crecida llegó a los cuatro metros con diez centímetros.* / *Trepó a*

la punta de la tabla de posiciones. § **13 prep** Indica el precio de algo: *tomates a cuatro pesos el kilo / cuadernos cuadriculados a dos pesos.* § **14 prep** Indica distribución o proporción: *una relación uno a uno / una solución al cincuenta por ciento.* § **15 prep** Seguida de ciertos sustantivos en plural, indica cantidad elevada o modo intenso: *Llovió a cántaros.* / *Entraron a montones.* § **16 prep** Seguida de un infinitivo, indica finalidad: *Vino a hablar con el director.* § **17 prep** Seguida de un infinitivo, se usa en expresiones que se emplean para dar órdenes o indicar el momento en que debe iniciarse una acción: *¡Todo el mundo a trabajar!* / *¡A callarse que llega el jefe!* § **18 prep** Precedida de verbos que implican competencia o enfrentamiento, introduce el complemento que especifica el tipo de juego o competencia de que se trata: *jugar al fútbol / ganar al ajedrez.* § **19 prep** Introduce el objeto indirecto de una oración: *Le dimos el regalo a Daniela.* § **20 prep** Introduce el objeto directo de una oración cuando este se refiere a una persona: *Vieron a Marcelo en el club.* / *¡Lo escuchaste a Simón cuando tocó el otro día?*

a lo prep Se usa con un sustantivo, un adjetivo o una construcción equivalente para indicar que algo se asemeja o sigue el estilo de lo denotado por ese adjetivo, sustantivo o construcción: *Definió a lo Maradona.* / *Pedaleaba a lo loco para alcanzar el tren.*

a que 1 COLOQUIAL Indica que lo que se afirma es muy probable: *¡A que te tomaste toda la gaseosa!* / *¡A que a la tarde llueve!* § **2** Introduce una oración independiente o subordinada, muchas veces negativa, que expresa un desafío o una apuesta: *A que puedo levantar esa caja.* / *A que nosotros somos capaces de pagar una cena para todos.*

al conj Se usa con infinitivos en expresiones que se emplean para indicar una acción, proceso o estado simultá-

ANEXO V: CAPA GDA

ANEXO VI: PÁGINA DA LETRA A DO GDA

a¹ Primera letra del alfabeto español.

a² fNombre de la letra *a*.

a³ **1 prep** Indica el lugar al que se dirige algo o alguien o en el que termina algo: *Este colectivo va a la terminal.* / *Vayan a la plaza.* / *Llegaron a Buenos Aires ayer.* § **2 prep** Indica el lugar hacia el que se orienta una persona o una cosa o a lo que se expone: *Parate mirando a la izquierda.* / *Mi habitación da a la calle.* / *No tuvo mejor idea que dormir al sol toda la tarde.* § **3 prep** Indica el lugar o la zona en que se sitúa algo: *Buscalo a tu derecha.* / *Está al oeste.* § **4 prep** Indica la distancia a la que se encuentra algo: *La casa queda a cuatro kilómetros de la ruta.* / *El subte está a cinco minutos caminando.* § **5 prep** Indica el momento en el que se desarrolla una acción o sucede un acontecimiento: *Nos encontramos a las nueve.* / *Vimos la película a la noche.* § **6 prep** Indica la edad que tiene una persona al realizar cierta acción o al alcanzar cierto estado: *A los dieciocho se fue a vivir sola.* / *Se recibió a los veinticuatro.* § **7 prep** Indica la cantidad de tiempo transcurrido desde un cierto momento tomado como referencia: *Volvieron a verse a los dos años.* / *A la hora, me fui.* § **8 prep** En correlación con la preposición *de*, indica el punto final de un intervalo, ya sea temporal o espacial: *Trabaja de nueve a diecisiete.* / *Voy de casa al trabajo y del trabajo a casa.* § **9 prep** Entre dos sustantivos iguales, indica reiteración: *Es increíble la cantidad de novedades que mes a mes fue sacando la editorial.* / *Se pone día a día más maniático.* § **10 prep** Indica el principio, la fuerza o el combustible por medio del cual se realiza una tarea, o funciona una máquina o mecanismo: *tracción a sangre* / *motor a explo-*

sión / *juguete a pilas* / *estufa a gas.* § **11 prep** Indica el objeto, el procedimiento o la técnica que se utiliza para hacer algo: *tejido a mano* / *cortado a cuchillo.* § **12 prep** Indica el nivel alcanzado por algo: *La crecida llegó a los cuatro metros con diez centímetros.* / *Trepó a la punta de la tabla de posiciones.* § **13 prep** Indica el precio de algo: *tomates a cuatro pesos el kilo* / *cuadernos cuadriculados a dos pesos.* § **14 prep** Indica distribución o proporción: *una relación uno a uno* / *una solución al cincuenta por ciento.* § **15 prep** Seguida de ciertos sustantivos en plural, indica cantidad elevada o modo intenso: *Llovió a cántaros.* / *Entraron a montones.* / *El agua salió a borbotones.* § **16 prep** Seguida de un infinitivo, indica finalidad: *Estamos invitados a tomar el té.* / *Se encontraron a estudiar en la casa de Julia.* / *Vino a hablar con el director.* § **17 prep** Seguida de un infinitivo, se usa en expresiones que se emplean para dar órdenes o indicar el momento en que debe iniciarse una acción: *¡Todo el mundo a trabajar!* / *¡A callarse que llega el jefe!* § **18 prep** Precedida de verbos que implican competencia o enfrentamiento, introduce el complemento que especifica el tipo de juego o competencia de que se trata: *jugar al fútbol* / *ganar al ajedrez.* § **19 prep** Introduce el objeto indirecto de una oración: *Le dimos el regalo a Daniela.* / *A Esteban le encantaban los mariscos.* § **20 prep** Introduce el objeto directo de una oración cuando este se refiere a una persona: *Vieron a Marcelo en el club.* / *¿Lo escuchaste a Simón cuando tocó el otro día?*

a lo prep Se usa con un sustantivo, un adjetivo o una construcción equivalente para indicar que algo se asemeja o sigue el estilo de lo denotado por ese adjetivo,

ANEXO VII: A QUARTA CAPA DO DIEA

ANEXO VIII – PRESENTACIÓN

Presentación

El *Diccionario integral del español de la Argentina de Voz activa (DIEA)* es el primer diccionario integral, confeccionado enteramente en nuestro país, con nuevas tecnologías y a partir de una metodología de lingüística aplicada y de pautas lexicográficas diseñadas específicamente para su elaboración.

La relevancia de esta propuesta lexicográfica reside en que refleja la toma de conciencia de que la lengua hablada en la Argentina no es un desvío de una lengua central, sino que es una variante de ella y que, como tal, comparte elementos con el español hablado en todas o algunas de las distintas regiones hispanohablantes, pero que tiene rasgos específicos, propios, fruto del desarrollo lingüístico de esta comunidad en particular. En segundo lugar, en que asume que la enseñanza de la lengua materna requiere de obras de referencia que la describan tanto en lo general que comparte con otras variedades del español como en lo que tiene de específico.

[1] – Lengua de referencia y tipo de diccionario

Las palabras denominan objetos, sentimientos y hechos que hacen a la vida de una sociedad. El léxico es el conjunto de las palabras de una lengua que refleja la experiencia que una comunidad tiene acerca de su entorno y de su pasado. Así, las palabras manifiestan el modo de pensar, de percibir y de organizar la realidad y por medio de ellas accedemos al conocimiento e interactuamos con los demás. Son, entonces, indicadoras de pertenencia a una cierta cultura, a un cierto grupo de hablantes o a una determinada región geográfica. Correlativamente, el léxico se modifica de manera constante. Las palabras se crean por distintas necesidades y motivaciones: para denominar fenómenos sociales y culturales nuevos (*corralito*, *cacerolazo*, *cumbia villera*), para expresar una determinada manera de percibir algo (*caldoso*), para denominar avances tecnológicos (*MP3*, *DVD*) y descubrimientos científicos (*genoma*). También hay voces que van cayendo en desuso, que resultan obsoletas o que cambian su significado. De esta manera, el léxico de una lengua en un momento determinado incluye una enorme cantidad de palabras de diversos ámbitos, de distinta frecuencia de uso o de grado de generalidad. Contiene el conjunto de palabras fundamentales, aquellas que todo hablante conoce, y también vocabularios vinculados a las distintas esferas del conocimiento y de la actividad humana, que cada hablante conoce parcialmente y siempre en relación con su propia experiencia.

El diccionario es un tipo de texto que representa una o varias lenguas a partir de describir su léxico y explicar la variada información que este conlleva. Así, el diccionario es un depósito de los contenidos culturales de una comunidad, objetivados en las palabras del léxico que recopila y describe. Todo diccionario cumple siempre una función didáctica dado que los artículos que lo componen constituyen respuestas a preguntas que todo hablante se hace o hace a otra persona: “¿Qué quiere decir tal palabra?”; “¿Cómo se escribe tal otra?”, “¿Cómo es el plural de esta palabra?”. Como señala Luis Fernando Lara²⁸⁶, el preguntarse por el funcionamiento del lenguaje es un acto propio de toda comunidad, uno de los actos típicos entre los que tienen sentido para una sociedad y, por ello, el diccionario también cumple una función social. Al ser el diccionario de naturaleza eminentemente social, existen distintos tipos según cuál sea el destinatario de la representación lingüística, el recorte de la lengua que se quiera hacer y las funciones o finalidades principales que se espera pueda cumplir.

El *DIEA* representa el español estándar de la Argentina y contempla el léxico nuclear de la cultura letrada que circula actualmente en el país. Se trata de un **diccionario de lengua**, y no de un diccionario

²⁸⁶. *Dimensiones de la lexicografía. A propósito del Diccionario de español de México*. México, el Colegio de México, 1990.

enciclopédico, dado que describe y explica el significado de las palabras y su uso, y no ofrece información acerca de las entidades a las que estas palabras refieren. Sin embargo, incluye también términos científicos y técnicos que, por su vinculación con la realidad cotidiana actual, no pueden estar ausentes de la descripción del léxico de nuestra lengua.

Es, además, un **diccionario integral** y no uno contrastivo ni de argentinismos. Es decir que incorpora voces que se usan en nuestra variedad, al margen de que sean de uso común en las distintas regiones en que se habla el español (*contracción*, *punible*), que se usen en América pero no en España (*abicharse*), que sean compartidas solo con algunos otros países hispanohablantes (*ablande*, *palta*) o que sean exclusivas de nuestro país (*abrochadora*, *sopapa*).

Pero si bien la lengua de referencia es el español estándar de la Argentina, las necesidades de comprensión del destinatario de esta obra determinaron que se incluya también un conjunto limitado de voces propias de España, México y Colombia, países hispanohablantes con una importante presencia en los bienes culturales que nuestra sociedad consume, ya sea en prensa, en literatura, en traducciones, en obras cinematográficas, en canciones, etc. De estas variedades, el *DIEA* presenta únicamente voces geosinónimas en algunas de sus acepciones, correspondientes a campos semánticos que muestran diferencias geográficas importantes, como por ejemplo, las prendas de vestir, los artefactos de la vida cotidiana y los alimentos en general. Se trata fundamentalmente de formas sustantivas y verbales que son prácticamente equivalentes de palabras usadas en la Argentina: por ejemplo, *alberca*, que es la voz mexicana para *pileta* (de natación), *jersey* que es la voz española para *pulóver* y *carro* que es la palabra colombiana y de otros países para *auto*.

Por otra parte, se trata de un **diccionario sincrónico**, ya que las unidades léxicas descriptas están documentadas en una cierta cantidad de ocurrencias en textos producidos a partir de 1981.

El *DIEA* es, además, un **diccionario de uso** en tanto en las entradas se ofrece información acerca del comportamiento de las palabras, además de la información semántica y categorial que todo diccionario de lengua contiene. Así, se incluye información gramatical y del empleo de las palabras en contexto, tal como, por ejemplo, el uso de ciertas preposiciones con determinados verbos (*congraciarse con*, *renegar de*). Contiene también diversos tipos de notas explicativas, relaciones de sinonimia y antonimia, incorpora locuciones (*sacar en limpio*, *hacerse el loco*) y abunda en ejemplos que facilitan la comprensión de las propiedades gramaticales y semánticas de las palabras y ayudan a precisar la expresión en la redacción.

En este sentido, es también un **diccionario orientado a la producción verbal** y no solo a la comprensión. Por ello cuenta con múltiples formas de acceder a indicaciones que son de ayuda para la expresión escrita: por remisión a otras entradas, mediante cuadros o anexos y a partir de material intercalado. Por ejemplo, la indicación de la conjugación verbal irregular se ofrece a partir de tablas en el cuerpo del diccionario y también mediante un anexo explicativo al final de este; los complementos preposicionales se señalan en los predicados que las rigen y también en las entradas de las preposiciones mismas:

gusto *m* Sabor que tiene una cosa [...] + **a**:

Tiene gusto a limón [...]

a *prep* [...] **nota**. Introduce con frecuencia los complementos régimen de numerosos verbos, sustantivos o adjetivos: *Se dedica a la docencia / gusto a frutilla [...]*

Las múltiples tipos de notas explicativas funcionan, además, a modo de diccionario de dudas, por ejemplo, véase las siguientes:

el la *det def* [...] **nota**. El plural de **él** es **los**.

Delante de sustantivos femeninos que en singular comienzan con **a** o **ha** tónicas se usa el determinante masculino: *el águila / el hada azul*.

Pospuesto a las preposiciones **a** y **de**, el determinante masculino forma las contracciones **al** y **del**: *al inicio de la jornada / del día*. [...] **eso** [...] **nota**. Nunca se escribe con tilde.

Finalmente, se trata de un **diccionario descriptivo** (y no descriptivo), dado que en él se representa el léxico realmente usado en la Argentina, sin prescribir de manera explícita acerca de los usos correctos o incorrectos, aun cuando las mismas definiciones y los ejemplos o las notas de uso adquieran, de hecho, un carácter normativo, como en el caso de *eso*. Esto significa, por otra parte, que se incluyen formas y acepciones habitualmente no recogidas en otras obras lexicográficas ni sancionadas por la Academia, pero que son usuales y aceptadas en nuestra variedad de español, por ejemplo, *espanglish*.

[2] – Cómo se hace un diccionario. Cómo se hizo el *DIEA*

La lexicografía moderna postula la confección de diccionarios descriptivos a partir del análisis de las unidades léxicas en contextos reales. Para ello, la elaboración de un diccionario requiere de un **corpus** de datos lingüísticos fiable y lo más completo posible, así como también de criterios sistemáticos para la selección de las entradas, la redacción de las definiciones y las explicaciones gramaticales y de uso. Del mismo modo, precisa herramientas informáticas que colaboren a otorgar rigurosidad a la tarea del lexicógrafo.

Un corpus es un conjunto de gran cantidad de textos, escritos y orales, que cubren una variada gama temática, acorde al tipo de lengua que se quiere describir. Para la confección del *DIEA* se diseñó el *Corpus inicial del español argentino (CIEA)*, con el objetivo de identificar con claridad la variedad del español estándar utilizado en nuestro país, y relevar las unidades léxicas más utilizadas en la enseñanza media y superior. Los criterios generales que rigieron el diseño de este corpus fueron la lengua de referencia y el perfil del usuario del *DIEA*.

El *CIEA* proveyó una base objetiva, asociada a la frecuencia de uso, para seleccionar las palabras que se describen en el diccionario. Por otro lado, sirvió para extraer variada información acerca del comportamiento lingüístico de cada unidad: el ámbito de uso, los distintos sentidos, el comportamiento sintáctico y los posibles valores estilísticos.

En su versión original, el corpus contó con algo más de cuatro millones de palabras gráficas. Esta cantidad de ocurrencias se reunió en su mayoría a partir de muestras de textos que promedian las dos mil palabras cada una. El cruce de los siguientes criterios permitió garantizar la representatividad y la fiabilidad del corpus. Desde un punto de vista **cronológico**, se incluyeron únicamente textos publicados a partir de 1981, a excepción de los literarios y religiosos. En cuanto a lo **geográfico**, los textos seleccionados son todos producidos en la Argentina. En cuanto al **medio**, el 90% de los textos es escrito y el 10% es oral.

Además, la selección de textos se orientó en función de áreas temáticas, entre las que se establecieron proporciones de textos según géneros o tipos de textos prototípicos en cada una ellas. Las áreas consideradas fueron las siguientes: ficción; economía; finanzas y comercio; ciencias sociales y política; creencias y religión; ciencias humanas y artes; ciencias exactas y naturales; tecnologías y oficios; ocio; salud; y otras.

El material copiado y digitalizado se procesó con un programa informático que etiqueta y lematiza las palabras de los textos. Es decir, a cada palabra se le asignó un lema (por ejemplo, las formas del verbo salir, como *salgo* o *saldríamos*, se asocian al lema salir) y a cada una de ellas se le otorgó una etiqueta que ofrece información gramatical (por ejemplo, en el caso de las formas verbales, la etiqueta indica la persona, el tiempo, el modo y el aspecto, etc). De esta manera, finalmente, el corpus pudo ser explotado con otro programa informático que permite realizar búsquedas y estadísticas en función de las formas ortográficas, de los lemas y de cada una de las etiquetas estructurales o morfológicas.

Una vez conformado el corpus, es preciso establecer el leuario, es decir, el conjunto de palabras que el diccionario va a describir. El leuario del *DIEA* se confeccionó a partir de un documento inicial que comprendía el listado de las quince mil palabras más frecuentes del *CIEA*, de acuerdo con el número de ocurrencias totales en el corpus (frecuencias absolutas), según los diferentes criterios a partir de los cuales se realizó la selección de textos (frecuencias relativas) y de acuerdo con la distribución de la aparición de cada lema según cada texto (la dispersión). Este listado inicial se completó a partir del cotejo con las nomenclaturas de otras obras de referencia como, por ejemplo, diccionarios y glosarios de argentinismos, diccionarios generales que contemplan el español americano y diccionarios que tienen un destinatario similar al del *DIEA*. En una revisión final, se completaron las series de palabras o paradigmas que en el proceso de compilación no se encontraron representados en su totalidad en el corpus, tales como los gentilicios de las capitales de los países americanos.

Por otra parte, la confección de un diccionario implica el trabajo de análisis lingüístico y de redacción técnica de muchas personas –entre ellas redactores, editores y consultores– y supone previamente la explicitación del modelo de lengua que se va a representar y la perspectiva teórica que se va a seguir. Para dar homogeneidad al trabajo, el *DIEA* contó con un Guía de Estilo en la que se fijaron criterios sistemáticos para organizar la compilación de los artículos y orientar al equipo de redactores acerca de las diversas tareas lexicográficas.

El trabajo lexicográfico basado en corpus sigue distintas fases. La primera fase de compilación del diccionario corresponde a la redacción. En ella, el lexicográfico hace un análisis de la palabra a definir en el que pone en juego una gran cantidad de conocimiento lingüístico. Para ello tiene que observar cómo aparece la palabra en distintas oraciones y en diferentes situaciones, de modo de poder determinar la cantidad de sentidos que tiene. De esa manera, por ejemplo, el análisis de contextos como “*Por la tarde, opciones de sandwichería: de cuadril, de pollo, y de huevo y láminas de parmesano*” o similares permite establecer que la palabra *sandwichería* no solo tiene el sentido de establecimiento comercial sino también el conjunto de sándwiches. A su vez, los lexicógrafos tienen que poder identificar claramente el registro de las voces, o la frecuencia de uso de variantes tales como la de *violoncello* frente a la de *violonchelo*. En segundo lugar, en función de la Guía de Estilo el lexicógrafo debe resolver cómo representar lo que ha analizado y proceder a la compilación del artículo.

Las siguientes fases corresponden a la edición. En el *DIEA*, los lexicógrafos editores identificaron problemas en la división, y en el orden de acepciones, corroboraron la adecuación de los ejemplos y el vocabulario de definición utilizado, propusieron los cambios correspondientes y atendieron a los comentarios de los redactores. Luego, se llevó a cabo la edición del diccionario en su conjunto, en el que se revisaron las series de palabras, las definiciones de términos técnicos, las relaciones léxicas, los envíos y remisiones y las referencias entre las distintas partes del diccionario. Finalmente, se realizó una lectura y corrección completa del diccionario por parte de editores y correctores.

[3] – Qué información ofrece este diccionario y de qué manera.

El *DIEA* describe alrededor de cuarenta mil palabras del español argentino estándar de la actualidad. Así, incluye voces fundamentales (como *importar, setecientos, abasto*), voces actuales o neologismos de amplia difusión (como *servidor, flexibilización, reality show*), argentinismos (*carretear, lavandina*), términos de las disciplinas objeto de estudio secundario y preuniversitario (*significante, derivada*) y algunas voces equivalentes en otras variedades del español, que pueden motivar la búsqueda para su reconocimiento pasivo por parte de un hablante argentino (*frijol, güero*).

El diccionario brinda diferentes maneras de explicar la **información semántica** de las palabras. En primero lugar, a partir de definiciones que aspiran a caracterizarse por su legibilidad y claridad, y que están redactadas en un lenguaje transparente pero que no renuncia a la precisión. Por esta razón, las definiciones del *DIEA* incorporan indicaciones relativas a su alcance. Por ejemplo, respecto de una

acepción de *acreditarse* se señala que su sujeto solo puede ser una cantidad de dinero y del adjetivo *fundido* se precisa que el significado solo se aplica a personas:

Acreditarse *intr.* Referido a una cantidad de dinero, quedar registrada en el haber de una cuenta bancaria.

fundido, -da *adj* Aplicado a una persona, que está muy cansada [...].

Las distintas acepciones manifiestan la distancia semántica entre los sentidos de una palabra, por ejemplo, entre los sentidos literales y los figurados, como se observa en la primera acepción de *encandilar* respecto de las restantes:

encandilar **1** *tr* Proyectar una luz potente y directa sobre los ojos de alguien, encegueciéndolo momentáneamente: *Lo encandilaron las luces del auto. / Me encandiló con una linterna.* § **2** *tr* Hacer que alguien pierda por un momento la capacidad de pensar o ver claro: *Nos encandiló con palabras ampulosas, y no pudimos explicarle lo que queríamos.* § **3** *tr* Producir en alguien admiración extrema: *Su actuación encandila al público todas las noches.* § **4** *tr* Seducir o enamorar a alguien con gestos, palabras, actitudes, pensamientos, etc.: *Su sonrisa encandilaba a las mujeres. / Lo encandiló con su manera de caminar.*

La diferencia de los usos contables y no contables (como ocurre con los sustantivos como *leche*), y los sentidos de proceso y de resultado (como ocurre en *remoción*) también se registran en acepciones diferentes:

leche *f* **1** Sustancia líquida [...] § **3** Un sachet, una botella o una caja de → **leche** **[1]**: *¿Cuántas leches quedan?* [...]

remoción **1** *m* Acto de sacar algo del lugar en el que estaba instalado o fijado: *Un grupo fue asignado para efectuar la remoción de los carteles.* [...] § **2** *m* Resultado de sacar algo instalado en un lugar: *La remoción de los carteles publicitarios de las rutas redujo el número de accidentes.* [...]

Las distintas acepciones pueden expresar a su vez las diferencias entre los posibles referentes colectivos e individuales, como en el caso de *biblioteca*:

biblioteca **1** *f* Edificio en el que se conservan y organizan libros de manera ordenada para su consulta o préstamo [...] § **2** *f* Conjunto de libros que se guardan en una → **biblioteca** [...] § **3** *f* Conjunto de libros relacionados por su tema, su autor o por pertenecer a un mismo dueño [...] § **4** *f* Mueble destinado a guardar libros [...].

Los ejemplos, por su parte, ayudan a especificar aspectos de una acepción. Así, cuando la definición presenta alternativas, suelen ofrecerse ejemplos que cubren cada una de ellas, dispuestos en el orden en que aparecen en la definición:

abarcar [...] § **2** *tr* Extenderse sobre determinado lugar o a largo de determinado tiempo: *El parque nacional abarca territorio de tres provincias. / Las celebraciones abarcarán tres días.*

En cuanto a la **información pragmática**, el diccionario *Voz activa* propone modos claros y transparentes para brindar la referida a las esferas de actividad y los distintos tipos de variación geográfica, de registro y de actitud del hablante. Se pretende evitar la acumulación de abreviaturas y etiquetas que suele oscurecer la lectura de las entradas y, en cambio, explicar en forma de nota o mediante la definición misma las restricciones de uso de las palabras.

columna [...] En periodismo, sección o espacio fijo [...] || En el ámbito militar, conjunto de personas o de vehículos [...]

Las formas equivalentes de otras variedades del español llevan una marca geográfica abreviada y un modo de entrada diferente de manera que se distinguen con facilidad:

* **escuincle** MÉ coloquial ► **niño** **[1]**

La indicación de registro, en cambio, cuenta con unas pocas etiquetas que se expresan en forma no abreviada: la marca FORMAL, que indica el uso restringido a textos escritos no espontáneos, de alto grado de formalidad y de poca frecuencia (*albo, cabe y empero*), la marca COLOQUIAL, que indica los casos de palabras académico o que solo se emplean en argot o en la oralidad (*campanear o calentarse*, en el sentido de enojarse); la de GROSERO, para los significados soeces y claramente descorteses (*garchar, ojete*); y la de INFANTIL, para voces como *pipí* o *tutú*. Por ejemplo:

pinchado, -da *adj* COLOQUIAL Aplicado a una persona, que se siente abatida, cansada y deprimida: *Todos volvimos medio pinchados después de la derrota en la final.*

La actitud del hablante se indica en forma de nota y únicamente en los casos en que resulta pertinente advertir al usuario acerca de una acepción con valor ofensivo que no se infiere directamente de la denotación de la palabra.

En los artículos del diccionario se ofrece **información ortográfica** en los casos en que las palabras presentan variantes gráficas. La alternancia de tildación, como ocurre en palabras como *cardíaco* y *cardiaco* o *cóctel* y *coctel*, se registra en el lema:

cardíaco, -ca (también **cardiaco, -ca**) [...]

cóctel (también **coctel**) *m* [...]

Las variantes gráficas resultantes de adaptación de préstamos se representan en la misma entrada cuando son adyacentes en el orden alfabético, como ocurre con *violoncello* y *violonchello*, o bien en entradas separadas con envío de una a la otra cuando no lo son (como ocurre con *smog* y *esmog*):

violoncello (también **violonchello**) [...] Instrumento musical [...]

esmog (también **smog**) [...]

smog ► **esmog**

La **información fonética** se representa únicamente para los casos de préstamos en los que la grafía no ha sido adaptada y cuya pronunciación resulta oscura:

zoom (*sum*) *m* [...]

El *DIEA* da también el siguiente tipo de **información morfológica**: casos de variantes morfológicas (*rompehielos / rompehielo*), información sobre formas sustantivas invariables en plural (*análisis, atlas*), la invariabilidad de género y/o de número de algunos pronombres como *que*.

rompehielos (también **rompehielo**) *adj*

Aplicado a un barco, que está especialmente diseñado para navegar por mares o ríos cubiertos de hielo: *el naufragio del barco rompehielos*. ♦

También es sustantivo masculino: *las personas que tripulaban el rompehielos*. **nota.** El plural es *rompehielos*: *la fabricación de rompehielos*.

naranja *adj* ... **nota.** A veces no concuerda con el sustantivo al que modifica: *pantalones naranja, tazas naranjas*. [...]

que *pron rel* [...] **nota.** No tiene forma de plural.

El diccionario también señala los casos de participios irregulares y ofrece los modelos de conjugación irregular:

contracto participio irregular del verbo **contraer**.

contradicho participio irregular del verbo **contradecir**.

entronizar [...] Se conjuga como **analizar** (1.1)

El diccionario no describe de manera explícita la formación de las palabras, sin embargo, en los casos en que el sentido del derivado se vincula claramente con la palabra de base, tal relación se expresa en la

definición, como sucede con los sustantivos derivados con los sufijos colectivos *-aje*, *-ada*, *-amen*, *-ería*:

malevaje *m* Grupo de malevos

muchachada *f* Grupo de amigos jóvenes

velamen *m* Conjunto de las velas de una embarcación [...]

cristalería *f* [...] Conjunto de objetos de cristal [...]

Otro aspecto novedoso es la sistematicidad con la que se vincula la definición de los sustantivos derivados de verbos con la de los verbos correspondientes, representando de esa manera la relación semántica entre base y derivado. Siempre que resulta posible en la definición del sustantivo se emplea la nominalización del verbo utilizado en la definición del verbo de base. Por ejemplo:

requisar *tr* Referido a una autoridad, inspeccionar o registrar una cosa o un lugar. [...]

requisa *f* Inspección o registro de una cosa o de un lugar, generalmente por parte de una autoridad: [...]

Los compuestos que se escriben en una sola palabra se ingresan como entradas independientes, mientras que los diferentes tipos de compuestos y locuciones que consisten de más de una palabra gráfica se suelen ingresar como subentradas. No obstante, el usuario puede acceder a esta información por diversas vías. Por ejemplo, los compuestos como *casaquinta*, que pueden escribirse tanto junto como separado, se ingresan como entrada en el caso de una sola palabra gráfica y en su otra grafía como subentrada, en ejemplo abajo *casa*. De todos modos, y dado que la definición se ofrece en la entrada de la forma más frecuente, el diccionario prevé modos de vincular estos diferentes accesos:

casaquinta ver **casa quinta**

casa [...] **casa quinta** (también **casaquinta**) [...]

Los casos de palabras compuestas que han sido reducidas (por ejemplo, *reality* o *narco*, que son reducciones de *reality show* y *narcotraficante*, respectivamente) se presentan en entradas diferentes pero también con un sistema de envíos que facilita la búsqueda por parte del usuario:

reality ver **reality show**

reality show (también **reality**) *m* Programa de televisión [...]

Respecto de otros recursos de formación, por ejemplo, el diccionario ofrece en nota las frases de las que proceden las siglas:

DVD *m* (debedé o dibidí) **1** Soporte [...] **nota.** Sigla de *digital versatile disk*.

En cuanto a la **información sintáctica**, el *DIEA* presenta un tratamiento actualizado y preciso de las clases de palabras en varios aspectos. Uno de ellos es la atribución de marcas de categoría sintáctica. Cabe señalar, en particular, lo referido a los verbos y los determinantes. En el primer caso, el diccionario establece las siguientes subcategorías verbales que permiten eliminar muchas de las inconsistencias que los diccionarios de lengua española suelen presentar: “transitivo”, “intransitivo”, “transitivo/intransitivo” (para los verbos que pueden usarse con o sin la expresión del objeto directo por estar este sobreentendido en el significado verbal, como *cocinar un guiso/cocinar bien*), “auxiliar” (para los verbos que se utilizan sin su significado pleno con otra forma verbal no flexionada como *haber* en *han salido* o *tener* en *le tengo dicho que no llame*), “copulativo” (para los verbos que introducen en forma obligatoria un complemento que concuerda con el sujeto, como *parecer* en *la película parece interesante* y *resultar* en *el tipo resultó simpático*) e “impersonal” (para aquellos verbos que refieren fenómenos climáticos, como *granizar*, o acepciones de verbos que solo usan en tercera persona con un sentido existencial: *falta azúcar*, *hay fruta*).

El diccionario no utiliza la marca “pronominal”, que muchas veces da lugar a clasificaciones poco sistemáticas, sino que ofrece distinto tratamiento de las acepciones según cuál sea el comportamiento

de los pronombres. Así, por ejemplo, cuando la forma es reflexiva o recíproca, el verbo recibe la marca “transitivo” y el uso del pronombre solo se indica con un ejemplo, tal como ocurre con *mirar* en *se miró al espejo*. Para los verbos que pueden alternar entre una acepción en la que hay una causa explícita expresada como sujeto y otra en la que esa causa está ausente, como *romper/romperse* o *abrir/abrirse*, el diccionario propone presentarlas como acepción y subentrada, transitiva e intransitiva, respectivamente:

romper *tr* [...] *Cuidado, no rompas el envase* § **romperse** *intr.* [...] *Se rompió la manija.* [...] **abrir** *tr* [...] *No abras la puerta.* § **abrirse** *intr.* [...] *La puerta se abrió* [...]

También se ingresan como subentrada los casos en que el verbo con la forma pronominal obligatoria implica algún otro cambio de significado, como en *ir/irse* o *perder/perderse*

ir *intr* [...] *¿Fuiste a la fiesta? / Fuimos al cine.* § [...] § **irse** *intr* [...] *A las cinco me voy.*
perder *tr* [...] *Perdí mis llaves, ¿vos no las viste?* [...] § **perderse** *intr* [...] *Nunca vivió lejos del centro, por eso se pierde cuando se va la Capital* [...].

Por su parte, la categoría “determinante” permite explicar de un modo consistente de acuerdo con su comportamiento sintáctico los tradicionales artículos y lo que se solía considerar como pronombres usados como adjetivos. De esa manera se reservan las marcas de los distintos “pronombres” para aquellas palabras que se comportan verdaderamente como tales, es decir como sustitutos del sustantivo o de formas sustantivas. Así, *el, la, los, y las* reciben la marca de “determinante definido”. *Ese, este y aquel* la de “determinante demostrativo” en los usos como *ese día, este período, aquella tarde*; en cambio, llevan la marca de “pronombre demostrativo” en los usos como *ese no sirve, esto no lo quiero, aquella es mi casa*.

En cuanto a los adjetivos, el *DIEA* ofrece a partir de ejemplos las posibilidades de gradación y el uso como predicativos, como se observa en *zarpado* y *tóxico* y en *contento*, respectivamente:

zarpado –*da* *adj* [...] *No le hables que está re zarpado y no te va a entender nada.* [...] **tóxico** –*ca* *adj* [...] *un contaminante muy tóxico* [...] **contento** –*ta* *adj* [...] *Está muy contenta* [...]

En cambio, las diferencias de significado asociadas a la posición del adjetivo respecto del sustantivo se representan en una acepción aparte, seguidas de una nota:

pobre *adj* Aplicado a una persona o un conjunto de personas, que tiene poco dinero o pocos bienes: *una familia pobre* [...] § Aplicado a una persona, que es infeliz o desafortunada: *El pobre hombre se quedó solo.* [...] **nota.** Se usa delante del sustantivo. [...]

Respecto de los adverbios, los usos modalizadores, tanto evaluativos como epistémicos, así como los usos conjuntivos, se representan mediante definiciones funcionales y ejemplos ilustrativos:

seguramente *adv* [...] indica que lo que se afirma se considera muy probable: *Seguramente, muchos se sorprenderán cuando oigan la noticia.*
afortunadamente *adv* [...] Indica que lo que se afirma se considera afortunado: *Afortunadamente, dejó de llover.* [...] **además** *adv* [...] Se usa para agregar información nueva a otra conocida o dicha anteriormente: *Es buen alumno y, además, buen compañero.* [...]

Finalmente, cabe destacar el hecho de que para las diferentes clases de palabras se indica el régimen preposicional, es decir, el uso obligatorio de determinada preposición, o el uso frecuente de determinados complementos preposicionales. De esa manera, tanto para verbos (como *jactarse* y *comenzar* o *adolecer*), como para sustantivos (como *confianza*) y adjetivos (como *dado* y *deudor*), se

indica la obligatoriedad del complemento inmediatamente luego de la definición, y la alta frecuencia u opcionalidad, luego de un ejemplo que no lleva complemento:

jactarse *intr* Mostrarse abiertamente orgulloso de saber algo, tener una cualidad, etc. [...] **+de:** Se jacta de ser el socio más antiguo de la empresa.

Comenzar *intr* Pasar a existir una actividad o un hecho que hasta ese momento no existía: *Comenzaron los disturbios.* [...] § *intr* Realizar una acción en primer término, inmediatamente antes de otras: *Comience separando las yemas. / Ya comenzaron la pared exterior.* **+por:** *Comenzaron por difundir su lucha y tratar de comunicar su deseos de encontrar una pronta solución.* [...]

adolescer **1** *intr* Sufrir cierto defecto o carencia **+ de:** *La mayoría de los ancianos adolece de niveles adecuados de vitamina E.* § **2** *intr* Padecer cierta enfermedad crónica **+ de:** *Da asistencia a personas que adolecen de trastornos psíquicos*

confianza *f* [...] *No hay que perder la confianza.* **+en:** *En estos momentos no podés tener confianza en nadie.* [...]

dado –da *adj* *Que tiene tendencia o inclinación a algo.* **+a:** *un hombre dado al juego.* [...]

deudor –dora *adj* [...] *una compañía deudora / un saldo deudor.* **+de:** *Su obra es deudora de la de su maestro.* [...]

[4] – Estructura del diccionario

El *DIEA* comprende una serie de apéndices y de materiales intercalados que tienen como propósito ampliar la información de uso que ya se ofrece en los artículos. De esa manera, se incluye entre ellos cuadros con las distintas conjugaciones de los verbos modelo que presentan alguna irregularidad. Este tipo de material brinda la ventaja adicional de aligerar el diseño de las páginas y ofrecer una propuesta de lectura opcional para el usuario que simplemente hojee el diccionario. A su vez, facilita el acceso a información que muchas veces queda escondida en los apéndices.

Los apéndices que se adjuntan al final del diccionario desarrollan distintos temas de gramática y de uso que tienen por finalidad ofrecer soluciones prácticas al consultante, tanto para la adecuada interpretación como para la producción de textos. Sus títulos son:

- “La conjugación verbal”
- “La ortografía”
- “Los marcadores del discurso”
- “Los pronombres personales”
- “Los numerales”
- “La formación de palabras”
- “Dudas gramaticales frecuentes”

Estos apéndices intentan presentar los datos de manera clara, con explicaciones sencillas pero exhaustivas, y completar a partir de generalizaciones y sistematizaciones la información gramatical que se ofrece en las entradas del diccionario.

Andreína Adelstein

CONICET

Universidad Nacional de General Sarmiento

ANEXO IX - PRÓLOGO

Prólogo

Se han cumplido holgadamente los quinientos años de la conquista española en América. Más allá de toda razonable consideración histórica, económica, antropológica o social, ese hecho determinó otro que tiene la contundencia de lo evidente: con las carabelas llegó a la tierra nueva un idioma, que se expandió por ella en boca de los recién llegados y de quienes los sucederían en las siguientes oleadas inmigrantes. Proveían de variadas regiones españolas; los había marineros, soldados, clérigos, profesionales, comerciantes y aventureros de toda condición, y aunque poseían las pronunciaciones, los acentos y los vocablos propios de sus lugares de origen, no tenían otro referente lingüístico compartido sino el que alguna vez había sido la lengua de la primitiva Castilla, forzosamente adaptada a las realidades de la geografía ganada en la empresa de la Reconquista a lo largo de siglos, al contacto con dialectos diferentes y a las inevitables interferencias y nivelaciones lingüísticas que conlleva todo proceso de esa índole. Por encima de esa diversidad y poniéndole límites, al menos formales, estaba la norma prestigiosa que emanaba de Toledo (más tarde sería Madrid), y a la que se sometían la gramática, la ortografía y el deseable decir de todos, conformando lo que hoy suele denominarse lengua estándar, es decir la variedad general, prestigiosa y aceptada, la que Nebrija fijó en una gramática, la que se enseñaba e imponía en las escuelas, aquella en la que se escribía y se expresaba la administración, la ciencia y la literatura. Dos largos siglos después, ya bien asentados la ocupación y el dominio político sobre los extensos territorios americanos, la fundación de la Real Academia de la Lengua (1713) vendría a consolidar la codificación lingüística y el imperio de esa norma única.

Pero la historia de toda lengua no es sino el conflicto, latente o desembozado, entre lo que las instituciones establecen y lo que los hablantes terminan haciendo de ella. En verdad, la lengua puede concebirse como un mecanismo en equilibrio inestable, que se va configurando distintamente a lo largo del tiempo y de la geografía. La evidencia histórica enseña también que de manera inexorable cada lengua varía en el tiempo y en el espacio, y que la variación se manifiesta también en un mismo tiempo y lugar diferenciándose al menos según la edad y el estrato social de los hablantes, pero también según el sexo, la profesión u oficio, la situación comunicativa, etc.

El español, extendido por el inmenso continente nuevo, no pudo impedir el cumplimiento de esos condicionamientos incesantes, y circunstancias de muy diverso carácter (distintas geografías, mayor o menor distancia y comunicación con los centros virreinales, donde los usos lingüísticos querían y podían ser más celosamente controlados, diferente grado de contacto y convivencia con las numerosas lenguas indígenas, diversidad de conformación del entramado social, etc.) incrementaron en el idioma aquella heterogeneidad ya propiamente americana, a la que el siglo XIX vino a sumar las irreversibles consecuencias de las luchas independentistas y el nacimiento de una pluralidad de nuevas naciones.

Sin embargo, y salvo en las concepciones teóricas más radicales de algunos miembros de la generación de 1837, el espíritu revolucionario que impregnó los movimientos americanistas no abogó por la autonomía lingüística, acaso porque la sensatez permitió advertir lo que el filólogo Andrés Bello caracterizó como “las inapreciables ventajas de un lenguaje común”. Pese a ello, la independencia política de las naciones dejó abiertas las puertas para una lenta pero creciente toma de conciencia y aceptación de las propias identidades lingüísticas.

La apretada síntesis que hemos intentado exponer en los párrafos precedentes nos pareció necesaria para iluminar otra evidencia. Los dos siglos de vida independiente de los países americanos de lengua española y su desarrollo cultural hicieron inevitable no solo admitir en plenitud la existencia de sus variedades lingüísticas, sino integrarlas a normas diferentes de la que había regido durante el período colonial, es decir la que tenía su centro en la Península. No implicó esto la renuncia a la lengua común, sino la necesaria admisión de que en esa lengua pueden y deben convivir otros modelos normativos establecidos por el uso y la franca aceptación de los hablantes de otros lugares de América. Se trataba simplemente de reconocer la legitimidad de rasgos lingüísticos bien asentados en diferentes comunidades, que no podían seguir ateniéndose a principios de corrección, algunos de ellos devenidos claramente minoritarios, que ya no eran los suyos: habían nacido otros estándares fijados por el largo uso de las mayorías. Ningún americano distinguirá normalmente en su pronunciación entre *caza* y *casa*, aunque acepte respetar la diferenciada ortografía; y si no es en alocuciones de forzada retórica, tampoco empleará el pronombre *vosotros*, que ha sido sustituido unánimemente por *ustedes*. Hace mucho tiempo que los argentinos hemos abandonado el *tú*, aunque lo sigamos memorizando, como se debe, en el aprendizaje de la conjugación; en escasos lugares del país se diferenciará la pronunciación de la primera consonante de *llave* y *yegua*, y un muchacho porteño que lea *falda* pensará seguramente en un trozo de carne para puchero antes que en una pollera, mientras que un contemporáneo madrileño invertirá el orden en que imagina esos referentes. Ninguna de esas opciones lingüísticas, como tantas otras que en la pronunciación, la gramática o el léxico podrían aducirse, es incorrecta, porque cada una responde a una norma propia, detrás de la cual hay una larga historia de vacilaciones, preferencias y determinaciones colectivas.

El diccionario es el instrumento por excelencia de que dispone una lengua estandarizada para codificar las palabras que emplea. De él se espera que las defina adecuadamente, es decir que fije su significado con claridad, exactitud y precisión, condiciones que distan de ser de cumplimiento sencillo. Volvamos por un momento a la palabra que nos sirvió de ejemplo en el párrafo anterior. El Diccionario de la Lengua Española elaborado por la Real Academia Española (nos referiremos a él con el tradicional acrónimo DRAE), que a través de sus veintidós ediciones y sus doscientos ochenta años de existencia (su primera publicación data de 1726) ha sobrellevado la admirable e ímproba tarea de definir el vocabulario de nuestro idioma, no podría sin violencia ser infiel a su origen y dejar de responder privilegiadamente a la curiosidad lexicográfica de los peninsulares y al particular conocimiento de mundo que fundamenta la estructuración de su vocabulario, atendible razón por la cual, en el caso de *falda*, dispone la acepción de prenda femenina en el primer lugar y la alusiva al corte vacuno en el séptimo. Y si buscamos nuestro vocablo *pollera*, encontramos primero su significado de vendedora de pollos, muy ajeno a nuestro uso, y solo en el noveno puesto la referencia a la prenda. Supongamos ahora que un escolar argentino quiere precisar la diferencia que el diccionario establece entre durazno, el prisco y el damasco, tres productos que las fruterías exhiben con abundancia en las estaciones cálidas. El DRAE le dirá que durazno es otro nombre que se da al duraznero y que este es una variedad del melocotonero; de prisco le indicará que es el fruto del alberchiguero, y bajo damasco encontrará que se trata del fruto de una variedad del albaricoquero... En cuanto un alumno español probablemente habría visto satisfecha su búsqueda, a su par argentino, que ignora qué sean el melocotón, el albréchigo y el albaricoque, la ignorancia acaba de triplicársele. Y si acaso tropezase en un texto español con la curiosa expresión *ojo de breque*, el DRAE poco lo ayudará señalándole que se trata de una forma coloquial que alude a un ojo “pitarroso y remellado”. Como argentinos no podemos sino suscribir lo que con sencilla elocuencia expresó el lingüista mexicano Luis Fernando Lara cuando se refirió a la “sensación que tienen muchos mexicanos cuando consultan diccionarios elaborados con los puntos de vista y la experiencia de la

lengua de la Península, de que hay distinciones nuestras que no se toman en cuenta, y de que hay sentidos y palabras que no corresponden a nuestro propio uso de la lengua” (Diccionario del español usual en México, 1996).

Las consideraciones previas en absoluto pretenden impugnar el Diccionario de la Lengua Española, repertorio noble en el más entrañable sentido del adjetivo, y que seguramente todos los usuarios del español seguiremos consultando, sino ilustrar las insuficiencias que su propia historia y naturaleza le han impuesto, abrumándolo con la responsabilidad no solo de evaluar y seleccionar las formas léxicas empleadas por cuatrocientos millones de habitantes e indicar su distribución espacial, temporal, social, etc. (dependiendo de una formación imperfecta, no siempre suministrada por las instituciones americanas de manera regular), sino de responder a esas desmesuradas exigencias desde una perspectiva peninsular que, habiendo sido alguna vez central, hoy es por fuerza regional.

Alguna vez deslizó Borges, comentando la caótica clasificación propuesta por una imaginaria enciclopedia china, que “hacer un catálogo del universo no es tarea baladí”. Todo diccionario general de un idioma abriga de alguna manera un proyecto ambicioso, cual es el de registrar los elementos léxicos de que una comunidad realmente se sirve para mentar los seres y objetos de su mundo, para denotar sus acciones y pasiones, para cuantificarlos, determinarlos y calificarlos, y aun para definir los mecanismos gramaticales de que se vale.

El *Diccionario Integral del español de la Argentina*, que estas páginas quieren prologar, abre en nuestro país un camino novedoso. No se trata de un repertorio de argentinismos (nuestra tradición lexicográfica cuenta con varios y la Academia Argentina de Letras continúa ampliando uno que ya ha alcanzado dos ediciones), aunque incluya los más difundidos. Fue concebido con la pretensión de dar cuenta del vocabulario de la lengua común, la que compartimos con el resto de la América hispana y con España (por eso “integral”), la misma de que se ocupa el DRAE, pero tal como lo ha conformado la variedad argentina culta o estándar, seleccionando los elementos que son funcionales a ella y refiriéndolos con las formas propias de esa variedad. Para decirlo de una manera más sencilla: el equipo de lexicografía de Tinta Fresca no revisó, recortó y adaptó el DRAE ni otro diccionario previo de acuerdo con nuestras necesidades (lo que habría sido una determinación frecuente y legítima), sino que optó por hacer un diccionario *ab initio*, enteramente nuevo en todos sus componentes.

Naturalmente, esa decisión inicial implicó cuestiones lexicográficas y lexicológicas inmediatas a las que hubo que atender. No es este el lugar para detallarlas, porque la descripción técnica y la guía de uso que siguen lo harán con mayor precisión. Pero queremos apuntar al menos dos, que no son sino respuestas a desafíos lexicográficos de envergadura: a) la selección y conformación del corpus textual (es decir la materia prima verbal de la cual se extraen las voces que deben incluirse), que atendió a lograr una muestra equilibrada del español usado en nuestro país, y que se integró con textos de circulación social, literarios y no literarios de distinta naturaleza y soporte –libros, periódicos, páginas de Internet, etc.– producidos por argentinos, mayormente a partir de 1981, provenientes de los canales escrito y oral en las proporciones adecuadas y procurando cubrir una variada gama de situaciones comunicativas; b) la elaboración, con la asistencia de herramientas informáticas especialmente adaptadas y respetando las exigencias de la lexicografía moderna, de una planta (el conjunto y disposición de los campos de información que el lector encuentra detrás de cada entrada), en la cual, aparte de las acepciones, el Diccionario indica marcas de registro o de frecuencia (“coloquial”, “formal”, “infantil”, “grosero”, “infrecuente”) y brinda información gramatical que, más allá de las usuales de clases de palabra, género y transitividad, en el caso de los verbos, por ejemplo, proporciona la indicación y ejemplificación de los

regímenes preposicionales y la remisión a una conjugación paradigmática tipo incluida en un apartado especial.

A pesar de sus más de 40.000 entradas y 85.000 acepciones, en el Diccionario integral se advierte la voluntad de que el conjunto posea coherencia y trabazón interna (lo muestran las remisiones temáticas) y que responda a la intención primaria de que el léxico ilustre y refleje, con ejemplos de uso efectivo extraídos del corpus, distintas dimensiones de la compleja realidad argentina de hoy, que puede abarcar desde expresiones del derecho (abandono de hogar) hasta términos de la llamada medicina alternativa (aromaterapia).

Las posibilidades gráficas y variedad de tipos y símbolos que ofrecen los modernos sistemas de impresión han sido aprovechados en beneficio de la claridad, que hace la consulta amable y de fácil acceso. No es virtud menor de una obra que apunta a ser usada por un lector no necesariamente erudito, al que, por esa razón, también se le proporcionan indicaciones normativas –gramaticales y de uso–y, en el caso de referentes comunes cuyas formas “argentinas” son minoritarias en el mundo hispanohablante, las necesarias equivalencias con otras variedades.

Detrás de Diccionario integral hay tres años de labor altamente especializada realizada por un equipo de expertos argentinos. El afán de exhaustividad que toda empresa lexicográfica abraza es siempre quimérico y está constreñido por condicionamientos materiales previsibles. En cuanto a los defectos y omisiones, son consustanciales a toda tarea humana, si bien la que nos ocupa cuenta con la ventaja de que los que hoy se adviertan podrán ser corregidos en ediciones sucesivas.

Este prólogo no pretende ser publicitario. Sí cree justo saludar la primicia de un trabajo minucioso y de un largo esfuerzo, que contribuirán, acaso sin saberlo, al afianzamiento de una conciencia lingüística nacional aportando un instrumento indispensable. Nos atrevemos a anticipar que se trata de un hito en la historia del español en la Argentina.

José Luis Moure

Universidad de Buenos Aires

CONICET

Academia Argentina de Letras